

**Anexo A – Relatório PPS I – Relação Entre o Desenho e o  
Desenvolvimento Infantil Em Contexto De Creche**



**Relação entre o desenho e o desenvolvimento  
infantil em contexto de creche**

**Vera Cruz Silva**

(Nº2015194)

Relatório da Prática Profissional Supervisionada I  
Mestrado em Educação Pré-Escolar

**Junho 2016**



**Relação entre o desenho e o desenvolvimento  
infantil em contexto de creche**

**Vera Cruz Silva**

(Nº2015194)

**Sob a orientação da Mestre Marina Fuertes**

Relatório da Prática Profissional Supervisionada I  
Mestrado em Educação Pré-Escolar

**Junho 2016**



## **AGRADECIMENTOS**

A conclusão deste relatório e o percurso feito até então na Escola Superior de Educação de Lisboa (ESELx) não seria possível sem o apoio de um grupo de pessoas muito especiais. A elas, às “minhas” pessoas, e a todas as outras que acabaram por fazer parte da minha vida, deixo aqui os meus mais sinceros agradecimentos:

... aos meus filhos, que há quatro anos me têm com o tempo contado e que fazem com que cada minuto prevaleça por todos os outros que não passámos juntos.

... ao Luís, por nunca me deixar desistir, por ser o meu porto de abrigo e por ter cedido tanto de nós para um sonho meu.

... à minha avózinha por me ter ensinado a acreditar e a lutar pelos meus sonhos.

... aos meus sogros, Luísa e Faustino, por toda a ajuda prestada e por serem a âncora do meu navio.

... ao meu irmão Bruno, por acreditar sempre em mim e me fazer sentir responsável por ser um exemplo.

... aos meus pais,

... à Isabel, a grande responsável por todo este percurso, por insistir que arriscasse quando tudo não passava de um sonho longínquo.

... à Magda, por estar sempre presente, nos bons e nos maus momentos com um ombro disponível para mim.

... à Vanessa, por toda a paciência para os meus desabafos, ideias tresloucadas e emails tardios e urgentes.

... a todos(as) colegas e professores(as) da ESELx com quem tive a oportunidade de trabalhar e de realizar sempre novas aprendizagens.

... à orientadora cooperante, por todos os ensinamentos que me transmitiu ao longo da prática profissional supervisionada.

... à minha supervisora institucional, Professora Marina Fuertes, pelos conselhos e orientação dados.

... às crianças da sala Colmeia, por me fazerem crescer tanto em quatro meses.

A todos vós, um muito obrigado!

## **Resumo**

No decorrer da minha prática profissional supervisionada em contexto de creche tive a oportunidade de vivenciar as rotinas vividas numa sala de 2,3 anos. Foi possível observar o envolvimento das famílias na rotina diária da instituição e o empenhamento das crianças nas atividades propostas pelos adultos, tanto pela educadora, como pelos professores de música e de ginástica. O presente relatório tem como objetivo a descrição crítica, refletida e fundamentada da minha prática, bem como das aprendizagens vividas. No decorrer da prática houve uma questão que se destacou depois de um momento de interação com o grupo e a qual suscitou o meu interesse. Com o intuito de perceber melhor a relação entre o desenho e o desenvolvimento infantil em contexto de creche, proporcionei vários momentos nos quais as crianças tiveram oportunidade de se expressar através do desenho. O estudo deste tema revela-se importante devido à ligação que existe entre o desenho e o desenvolvimento infantil. Nesse sentido realizei uma investigação-ação oferecendo material e proporcionando os momentos necessários para que as crianças realizassem produções livres. Foram analisados os desenhos de treze crianças, oito com idades compreendidas entre os 36 e os 40 meses e cinco com idades entre os 32 e os 35 meses. Foram analisados três desenhos de cada criança tendo em conta o nível de desenho em que se encontravam e o tipo de narrativa atribuída a cada produção. Após a realização desta investigação posso afirmar que as crianças mais velhas, em todas as suas produções mostraram evidências de se encontrar na fase de desenho da pré-figura humana e revelaram a capacidade de estabelecer uma relação entre os elementos e o desenho, já as crianças mais novas, na sua maioria realizaram garatujas simples e revelaram alguma dificuldade em identificar mais do que um elemento do desenho.

Palavras-Chave: Criança; Creche; Desenho infantil; Relação.

## **ABSTRACT**

In the course of my supervised professional of childcare, I had the opportunity to experience the routines experienced of a 2/3 years old classroom. It was possible to observe the involvement of the families in the daily routine of the institution and the engagement of children in activities proposed by adults, both the educator, as the music teacher and gymnastics. This report aims to critical description, reflected and reasoned in my practice as well as the experienced learning. During the practice there was an issue that stood out after a moment of interaction with the group and which prompted my interest. In order to better understand the relationship between drawing and child development, I provided several moments in which children had the opportunity to express themselves through drawings. The study of this subject is revealed important because of the link between the drawings and child development. So I carried out a research-action offering materials and providing the necessary moments for children to create free productions. Thirteen drawings were analyzed, eight from ages between 36 and 40 months and five from ages between 32 to 35 months. Three pictures of each child were analyzed taking into account the design level they were in and the kind of narrative assigned to each production. After conducting this research I can say that the older children, in all its productions showed evidence is in the design phase of human pre-figure and showed the ability to establish a relationship between the elements and the design. The youngest children mostly made simple scratching's and showed some difficulty in identifying more than one drawing element.

Keywords: Children; Day care; Childish drawing; Relationship.



## ÍNDICE

INTRODUÇÃO .....	57
CAPÍTULO 1 - CARATERIZAÇÃO PARA A AÇÃO.....	59
<b>1.1. Contextualização do meio</b> .....	59
<b>1.2. Contexto socioeducativo</b> .....	60
<b>1.3. Equipa educativa</b> .....	60
<b>1.4. Caraterização das famílias</b> .....	61
<b>1.5. Caraterização do grupo</b> .....	62
<b>1.6. Avaliação do grupo de crianças</b> .....	64
<b>1.7. Análise reflexiva sobre as intenções educativas, os princípios orientadores, os espaços físicos</b> .....	64
CAPÍTULO 2 - ANÁLISE REFLEXIVA DA INTERVENÇÃO.....	68
<b>2.1. Intenções para a ação</b> .....	68
<b>2.2. Planificação semanal e diária</b> .....	72
CAPÍTULO 3 - IDENTIFICAÇÃO DA PROBLEMÁTICA .....	78
3.1. Revisão da literatura .....	78
<b>3.2. Metodologia</b> .....	82
3.3. Plano de ação e recolha e análise de dados.....	84
CAPÍTULO 4 - PROCESSOS DE AVALIAÇÃO .....	94
4.1. Autoavaliação .....	94
4.2. Avaliação da criança.....	95
4.3. Avaliação das intenções.....	96
CAPÍTULO 5 - CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	98
REFERÊNCIAS.....	101
ANEXOS.....	105

## Índice de figuras

Figura 1: Realização de massagens .....	73
Figura 2: Escorredores de legumes com escovilhões para fazer enfiamentos....	74
Figura 3: Piscina com bolas e imagens magnéticas para formar conjuntos .....	74
Figura 4: Caixas de ovos com cartões para associar as peças de lego às cores..	74
Figura 5: Mapa de presenças .....	75
Figura 6: Minnie - o animal de estimação da sala Colmeia.....	76
Figura 7: Mapa de cuidados da Minnie .....	76
Figura 8: Bichos da seda.....	76
Figura 9: Desenhos realizados pelas crianças no dia 11 de maio .....	87
Figura 10: Desenhos realizados pelas crianças no dia 23 de maio .....	87
Figura 11: Desenhos realizados pelas crianças no dia 25 de maio .....	88

## **Índice de tabelas**

Tabela 1. Dia tipo da sala Colmeia .....	67
Tabela 2. Intenções para a ação .....	68
Tabela 3 Análise dos desenhos do dia 11 de maio .....	88
Tabela 4 Análise dos desenhos do dia 23 de maio .....	89
Tabela 5 Análise dos desenhos do da 25 de maio .....	89
Tabela 6 Comparação das produções das crianças nos diversos momentos de recolha de dados .....	91
Tabela 7 Análise das narrativas das crianças.....	92

## **Índice de anexos**

Anexo A- Organograma da instituição cooperante .....	48
Anexo B - Caracterização das famílias .....	49
Anexo C - Portefólio da Prática Profissional Supervisionada em Creche .....	51
Anexo D - Escalas do envolvimento e do bem-estar .....	241
Anexo E - Portefólio do Papagaio .....	243
Anexo F - Planta da sala Colmeia .....	266
Anexo G - Princípios éticos, deontológicos e profissionais .....	267

## Lista de abreviaturas

AAE	Ajudante de Ação Educativa
ESELx	Escola Superior de Educação de Lisboa
JI	Jardim de Infância
OC	Orientadora Cooperante
PP	Projeto Pedagógico
PPS I	Prática Profissional Supervisionada Módulo 1
RI	Regulamento Interno
SCMO	Santa Casa da Misericórdia de Oeiras



## INTRODUÇÃO

O presente relatório tem como finalidade ilustrar a Prática Profissional Supervisionada Módulo I (PPS I) realizada em contexto de creche, através de uma reflexão aprofundada e fundamentada. A par desta reflexão é, também, objetivo expor a investigação por mim desenvolvida acerca da **Relação entre o desenho e o desenvolvimento infantil em contexto de creche**. A temática da investigação surgiu da interação com um grupo de crianças de uma sala de 2, 3 anos, e da identificação das suas potencialidades, fragilidades e interesses. A questão de partida suscitou em mim a necessidade de refletir e de aprofundar o tema, procurando respostas que me ajudassem a construir a minha profissionalidade.

Assim, o objetivo principal deste relatório é a caracterização do trabalho desenvolvido ao longo de 16 semanas de prática, refletindo criticamente sobre os resultados obtidos. Serve esta reflexão para me ajudar a construir as bases do meu futuro enquanto educadora de infância, sendo este traçado desde o início do percurso académico.

A PPS I decorreu entre o dia 10 de fevereiro e o dia 1 de junho numa sala de 2, 3 anos, e para a realização deste relatório tornou-se indispensável a consulta dos documentos oficiais do estabelecimento, como o Projeto Pedagógico (PP) e o Regulamento Interno (RI). A PPS I teve o seu início com a observação naturalista do grupo de crianças, seguida de observação participante, sendo estas duas das técnicas de recolha de dados utilizadas para a elaboração deste relatório, a par destas técnicas foram realizados inquéritos aos atores educativos. Os instrumentos usados foram o diário de campo, as reflexões semanais, os inquéritos colocados à Orientadora Cooperante (OC), à Ajudante de Ação Educativa (AAE) e à família da criança escolhida para a elaboração do portefólio individual.

A minha ação pedagógica foi baseada em princípios éticos e deontológicos que defendo como essenciais na prática educativa. Deste modo, foi minha intenção durante toda a prática respeitar a confidencialidade dos atores educativos, codificando os nomes da instituição, da sala e das crianças, bem como desfocando todas as fotografias das crianças. Para a utilização das produções das crianças na investigação, procurei informá-las qual o objetivo da recolha obtendo o seu assentimento (Ferreira, 2010), também para a realização do portefólio da criança foi elaborado um protocolo de consentimento informado, de forma a que todos os envolvidos tivessem conhecimento para que seriam usados os dados cedidos.

Para uma apresentação organizada e de fácil consulta ao leitor, o relatório encontra-se estruturado em cinco capítulos.

Assim, no primeiro capítulo - Caracterização para a ação - será apresentada uma contextualização do meio, do contexto socioeducativo, da equipa educativa, das famílias e do grupo de crianças. Será, também, efetuada uma avaliação do grupo de crianças e uma análise reflexiva sobre as intenções educativas.

No segundo capítulo - Análise Reflexiva da Intervenção - serão identificadas e fundamentadas as intenções para a prática educativa, bem como uma reflexão acerca do trabalho desenvolvido no contexto a partir das planificações efetuadas.

No terceiro capítulo - Identificação da problemática - será efetuada uma revisão da literatura relativa à temática da investigação, seguida da metodologia utilizada e posterior plano de ação que contempla a recolha e análise de dados.

No quarto capítulo - Processos de avaliação - será realizada uma autoavaliação, a avaliação da criança e uma avaliação reflexiva das intenções.

Por fim, no capítulo cinco - Considerações finais - será feita a reflexão de todo o processo e o impacto que a PPS I teve no desenvolvimento da minha profissionalidade.

## CAPÍTULO 1 - CARATERIZAÇÃO PARA A AÇÃO

A caracterização do contexto socioeducativo decorrente da observação efetuada, pretende dar a entender ao leitor a dinâmica existente na instituição, tal como identificar fragilidades e potencialidades do grupo de crianças da sala Colmeia<sup>1</sup>. Do contexto educativo fazem parte diversos atores, como as crianças, as famílias, a equipa educativa, as rotinas e o espaço físico e a comunidade na qual está inserida a instituição. De acordo com Parente (2012), e pela experiência vivida até então, é de extrema importância para o/a educador/a observar a criança de forma a proporcionar cuidados e rotinas apropriados, pois segundo Formosinho, Spodek, Brown, Lino e Niza, (1998) “ não há acção [sic] educativa mais adequada do que aquela que tenha a observação da criança como base para a planificação educativa” (p.61).

### 1.1. Contextualização do meio

O Jardim de Infância “Pirilampo”<sup>2</sup> (JI) onde está a decorrer a Prática Profissional Supervisionada - Módulo I (PPS I) está situado numa freguesia do concelho de Oeiras e serve a população residente ou que exerça atividade profissional no concelho. Esta freguesia, segundo o Censos 2011 contém cerca de 10 000 habitantes, correspondendo a 3 373 famílias tradicionais. A maioria da construção é constituída por moradias e prédios verticais de dois ou três andares. Na zona abrangente à instituição encontra-se uma zona de comércio de rua e diversos serviços, nomeadamente, um Jardim de Infância, uma esquadra da PSP, um posto dos CTT, diversas sucursais bancárias e farmácias. Segundo o site da Junta de Freguesia, a localidade comporta um agrupamento de escolas que detém várias valências, entre estas uma EB 2/3, duas EB 1 e três EB1/ JI.

---

<sup>1</sup> Nome fictício por razões éticas

<sup>2</sup> Nome da instituição fictício por razões éticas (salvaguarda da instituição cooperante).

## **1.2. Contexto socioeducativo**

O JI Pirilampo, atualmente pertence à Santa Casa da Misericórdia de Oeiras (SCMO), e é dirigido por uma Coordenadora pedagógica, sendo o seu órgão máximo o Provedor. O Pirilampo teve a sua inauguração no ano de 1984 e de acordo com o Projeto Pedagógico (PP) (2015/2016), surgiu devido ao encerramento de uma creche da freguesia vizinha, crianças e equipa passaram, então, a ocupar as novas instalações pertencentes à Câmara Municipal e cedidas na altura à Junta de Freguesia. Na altura, apenas o edifício principal fazia parte do JI, decorrendo o ensino primário no pavilhão ao lado, no ano de 1994, esse pavilhão foi cedido pela Câmara Municipal, e desde 1995 aqui passaram a funcionar duas salas de educação pré-escolar. O JI Pirilampo dá resposta a cerca de 150 crianças, segundo o PP, distribuídas pelas valências de creche e jardim de infância. A instituição dispõe de um regulamento interno para a valência de creche e um regulamento interno para a valência de educação pré-escolar. A gestão da equipa educativa é da responsabilidade da SCMO, sendo que se encontram funcionárias destacadas pela Junta de Freguesia nesta instituição.

## **1.3. Equipa educativa**

A equipa educativa da instituição é composta por uma coordenadora pedagógica, licenciada em Educação de Infância; sete educadoras de infância com o grau de licenciatura; onze ajudantes de ação educativa (AAE) com habilitações entre o 3º ciclo do ensino básico e o grau de licenciatura; cinco trabalhadoras de serviços gerais com habilitações entre o 1º e o 3º ciclo de ensino básico; uma cozinheira com habilitação ao nível do 3º ciclo; três ajudantes de cozinha com habilitações entre o 1º ciclo do ensino básico e o ensino secundário; uma psicóloga com grau de licenciatura e uma administrativa (cf. Anexo A). As atividades de música, ginástica e inglês (pré-escolar) são dinamizadas por empresas exteriores com as quais a SCMO detém contrato de prestador de serviços.

A equipa da sala Colmeia é composta por uma educadora de infância e uma AAE. A educadora, licenciada desde 2004<sup>3</sup>, exerce funções de educadora de infância no Pirlampo desde a mesma data. A educadora cooperante realizou a sua formação em regime pós-laboral, tendo exercido funções de auxiliar de educação durante o período de formação. Não adotou nenhum modelo pedagógico em concreto na sua prática profissional, no entanto, baseia-se em modelos como **High/scope e Montessori (PP, 2015)**. As intenções educativas nas quais sustenta a sua prática são o espelho desta fundamentação: promover a autonomia, respeitar cada criança como o ser individual que é, promover a relação família-escola e promover a relação afetiva.

A AAE acompanha parte do grupo da sala Colmeia desde o berçário, sendo a imagem de referência para algumas crianças. A relação da equipa da sala é uma relação de parceria e de complementação, sendo visível o nível de confiança entre as profissionais. A prática dos anos de trabalho com crianças é notória, havendo uma verdadeira sintonia na prática das rotinas da sala.

#### **1.4. Caraterização das famílias**

A recolha de informação relativa às famílias das crianças da sala Colmeia foi efetuada através da consulta das fichas individuais das crianças e de conversas informais com a OC e a AAE. De acordo com a equipa educativa, a maioria das crianças vive com os pais, sendo que apenas uma criança vive com um dos progenitores, tendo guarda partilhada. Os pais encontram-se na faixa etária dos 26 aos 47 anos, e as mães entre os 28 e os 46 anos. Há treze famílias que têm dois ou mais filhos, uma que está a aguardar o nascimento de um segundo filho e quatro com uma criança apenas. A maioria dos progenitores é de nacionalidade portuguesa, sendo nove de nacionalidade estrangeira, nomeadamente do Brasil, Alemanha, Inglaterra, Ucrânia e Roménia. De acordo com os dados recolhidos, nove dos/as pais/mães encontram-se desempregados, não foi possível obter dados acerca de cinco e os restantes trabalham no sector terciário (cf. Anexo B). A parceria entre o JI e as famílias foi visível durante a PPS I, verificando a existência de confiança das famílias na equipa educativa e o respeito pelas rotinas e regras da sala nos

---

<sup>3</sup> Informação recolhida junto da educadora da sala Colmeia, por meio de uma conversa informal.

momentos de transição, tendo os pais o cuidado de cumprir com o horário definido pelo regulamento interno da instituição, avisando sempre que não lhes é possível chegar dentro da hora de entrada pré-estabelecida. Relativamente ao horário de saída, as crianças, cujos pais não exerçam atividade profissional têm uma hora de saída, pude constatar que, salvo raras exceções, esta regra é cumprida por todos. A participação das famílias nas atividades organizadas na sala é bastante positiva, no início da PPS I levei para a sala uma tartaruga, com o objetivo de envolver as famílias nas atividades da sala sugeri que cada criança levasse aos fins de semana, a tartaruga para casa. A S. e a N. explicaram aos pais o novo projeto da sala e as respostas dos pais surpreenderam-me, uma vez que houve total abertura para receberem a Minnie (nome da tartaruga) em suas casas, tal como se pode ver no excerto apresentado:

“Durante a manhã, em conversa com a S. e com a N. fiquei a saber que as famílias aderiram muito bem a levar a Minnie para casa no fim de semana. Dado que pelo menos 3 famílias pediram para levar já no próximo fim de semana, houve a necessidade de fazer uma tabela para organizar os fins de semana, de modo a que todos saibam quando poderão levar a Minnie.”

(Excerto de diário de campo, 24 de fevereiro, sala Colmeia)

## **1.5. Caraterização do grupo**

O grupo de crianças da sala Colmeia é composto por 18 crianças, sendo 11 do sexo masculino e 7 do sexo feminino, com idades compreendidas entre os 32 e os 39 meses. Do grupo, 5 crianças já frequentam o JI Pirilampo desde a sala do berçário, 6 ingressaram na sala de um ano, 6 frequentam desde setembro e 1 criança entrou em abril. No que diz respeito à autonomia, 15 crianças já controlam os esfíncteres diurnos e as restantes prevê-se iniciarem o treino durante o próximo mês de junho, este tem sido

um percurso realizado desde o início da PPS I (cf. Nota de campo do dia 16 de fevereiro).

- Vera já fiz! Fiz cocó na sanita. (Gafanhoto)
- Boa, muito bem. Estás um menino muito crescido.
- Pois estou. (Gafanhoto)
- Agora queres vir sempre à sanita quando tiveres vontade?
- Sim. (Gafanhoto)

(Nota de campo, 16 de fevereiro de 2016, casa de banho)

O grupo revela ser afetuoso entre si, sendo a relação entre pares bastante positiva, não tendo observado situações de conflitos, a nota de campo abaixo apresentada indica uma situação em que esta relação é visível.

- Vera, eu a Coruja agora somos namorados. – Gafanhoto
- Ai são? E quando é que decidiram isso? – Vera
- Foi agora mesmo. – Gafanhoto

Durante toda a sessão andaram de mãos dadas e o que um fazia o outro fazia também, tive mesmo de pedir que largassem as mãos para que pudessem fazer os exercícios que o professor dizia.

(Nota de campo, 30 de maio de 2016, sala de atividades)

É um grupo que, no geral, cumpre as regras da sala e detém uma capacidade de concentração bastante elevada nos momentos das atividades, revelando-se atento e interessado na realização das mesmas.

Em relação aos seus interesses, o grupo demonstra preferência pela área da casa, da garagem e pelos jogos tipo legos. Outra área pela qual demonstram bastante interesse, é a modelagem, a plasticina foi introduzida na sala pouco depois do início da PPS I, sendo visível o interesse das crianças pela sua exploração pelo número de vezes que pedem para “fazer” plasticina. O espaço exterior revela ser um espaço apreciado pelas crianças, aqui estas demonstram a sua preferência em andar em triciclos e

carrinhos, também o escorrega é um brinquedo muito solicitado por todos (cf. Excerto do diário de campo do dia 1 de março).

No espaço exterior as crianças espalharam-se e brincaram com os triciclos e carrinhos, as meninas juntaram-se dentro das casinhas e por vezes quiseram levar os carros lá para dentro. Expliquei que não se pode levar carros para dentro das casas e elas tiraram, mas deixaram à porta.

(Excerto de diário de campo, 1 de março, exterior)

Relativamente à interação adulto-criança, considera-se que esta é *positiva*, sendo visível o respeito existente entre ambos. O grupo demonstra ter bastante confiança na educadora e na AAE, sendo que as *sentem* como um apoio ao qual recorrem sempre que necessário.

## **1.6. Avaliação do grupo de crianças**

A avaliação do grupo de crianças da sala Colmeia foi efetuada ao longo da PPS I, utilizando para tal a observação participante e grelhas de observação elaboradas no decorrer das atividades planificadas (cf. Anexo C). As planificações levadas a cabo com as crianças permitiram-me desenvolver atividades em grande e pequeno grupo, sendo visível a evolução do desenvolvimento de regras sociais, tais como o aguardar pela sua vez e o respeito pelo outro. Foram, também, aplicadas as escalas de envolvimento e de bem-estar da criança, a duas crianças da sala Colmeia (cf. Anexo D). Para além destes instrumentos foi realizado um portefólio individual com a participação da equipa educativa e da família de uma criança do grupo. (cf. Anexo E portefólio)

## **1.7. Análise reflexiva sobre as intenções educativas, os princípios orientadores, os espaços físicos**

A OC não se rege por um único modelo pedagógico, sendo que se baseia em vários princípios decorrentes de mais do que um modelo. Segundo as palavras da OC, esta tem por base princípios do modelo High/Scope e o método Montessori.

Os princípios definidos pela OC permitem-lhe estabelecer as intencionalidades, não só com as crianças, mas também com todos os atores envolvidos, ou seja, as famílias e toda a equipa educativa. É de extrema importância a construção de uma relação privilegiada entre a creche e as famílias, pois, segundo Portugal (1998) “trabalhar com os pais parece ser a melhor estratégia para a promoção do bem-estar e desenvolvimento da criança . . .” (p.127).

São intenções definidas pela orientadora com as crianças, a construção de uma relação afetiva de confiança, de respeito e de amizade, assentes num ambiente seguro e saudável. Relativamente às intenções com as famílias, a OC prima pela colaboração das famílias no processo educativo, tendo em conta os pressupostos definidos pela instituição. Respeitando os espaços de cada interveniente na educação das crianças, é sua intenção envolver as famílias no dia a dia da instituição praticando uma parceria.

Existe uma forte relação de confiança estabelecida entre as famílias e a orientadora, sendo comum a troca de informação entre ambas e os conselhos pedidos relativamente a situações que se desencadeiam na educação das crianças.

Relativamente às intenções para com a equipa educativa a OC define como objetivos a partilha de informação e de poder de decisão, bem como a articulação dos princípios vividos por cada elemento da equipa. Há que construir uma verdadeira equipa para que juntos, contribuam para o desenvolvimento global e harmonioso das crianças. É elaborado um plano mensal, que a OC desenvolve com as crianças e que adapta consoante a articulação com o meio e com a rotina diária da sala de atividades.

Os espaços físicos da instituição são adequados a crianças pequenas, sendo o mobiliário de dimensões que permitem o fácil acesso aos materiais, fomentando a autonomia das crianças. Os princípios defendidos pela OC são visíveis na gestão do grupo e na organização da sala de atividades. Durante o tempo da PPS I, pude verificar que a sala é organizada de forma a que as crianças possam fazer as suas escolhas relativamente à área em que demonstram mais interesse. Sendo uma sala de dimensões médias, esta encontra-se dividida nas seguintes áreas: área da casa; área do tapete; área

da biblioteca; área da garagem e área dos jogos, sendo esta comum à realização de trabalhos orientados, originando, assim, “um ambiente bem pensado [que] promove o progresso das crianças em termos de desenvolvimento físico, comunicação, competências cognitivas e interações sociais” (Post & Hohmann, 2000, p. 101) (cf. Anexo F). No que diz respeito aos materiais, a OC procura utilizar materiais diversificados de qualidade, de modo a proporcionar experiências significativas para as crianças. O material reciclado é muitas vezes utilizado para dar corpo a atividades elaboradas com as crianças. Na sala Colmeia estão dispostos jogos didáticos que permitem a exploração das crianças, como puzzles, jogos de encaixe, jogos de enfiamento e materiais de construções, tais como legos e blocos de madeira. No que concerne ao espaço exterior, as crianças podem usufruir de um espaço reservado apenas à creche, tendo o JI um espaço exterior para os grupos de pré-escolar. O espaço exterior da creche é amplo, dispõe de árvores que formam sombras na maior parte do dia e o chão é revestido de um tapete de relva sintética. Neste espaço existem brinquedos de exterior, tais como casas de plástico, triciclos, carros a pedais, bolas e carros de empurrar.

De acordo com Formosinho J. O. (2006) para que uma rotina seja considerada educacional, é necessário que as atividades atribuídas para cada tempo sejam providas de intencionalidade, e que essa intencionalidade proporcione momentos nos quais as crianças efetuem

diversas aprendizagens. A rotina da sala Colmeia está definida de acordo com as necessidades das crianças, sendo contemplados momentos de atividades livres e orientadas, seja em pequeno ou em grande grupo, momentos de alimentação e momentos de repouso, em todos estes tempos é privilegiada a interação adulto-criança (cf. Tabela 1).

*Tabela 1*

*Dia tipo da sala Colmeia*

<b>DIA TIPO SALA COLMEIA</b>	
<b>Acolhimento</b>	7h30m - 9h30m
<b>Atividades orientadas</b>	
<b>Reforço da manhã</b>	
<b>Sessão de música/ginástica</b>	
<b>Recreio/atividades livres</b>	
<b>Almoço</b>	
<b>Repouso</b>	
<b>Lanche</b>	
<b>Recreio/atividades livres - saída</b>	16h - 19h30m

*Nota.* Elaboração própria

A tabela acima apresentada reflete uma rotina que funciona como “uma estrutura para os acontecimentos do dia” (Formosinho J. O., 2006, p. 60), na tabela apenas defini os horário de acolhimento e de saída, uma vez que na instituição são estipulados os horários das refeições, das atividades extras e do repouso. Cabe a cada educadora gerir esta rotina da forma que considere mais pertinente para o seu grupo, flexibilizando esta rotina ao ponto de potenciar aprendizagens significativas ao longo do dia.

## CAPÍTULO 2 - ANÁLISE REFLEXIVA DA INTERVENÇÃO

### 2.1. Intenções para a ação

Após a caracterização do contexto educativo, é fundamental estabelecer intenções para a ação educativa, possibilitando uma intervenção coerente e apropriada ao grupo em questão. No início da PPS I, uma das minhas preocupações foi adaptar-me à forma como a equipa educativa trabalhava, de modo a não ser intrusiva no grupo, evitando o desconforto das crianças pela minha presença.

Apresento na Tabela 2 as intenções por mim definidas relativamente às crianças, às famílias e à equipa educativa, que passarei a especificar de que forma as transformei em vivências.

Tabela 2. *Intenções para a ação*

Intenções específicas	
Crianças	<ul style="list-style-type: none"><li>• Estabelecer uma relação afetiva;</li><li>• Respeitar o ritmo individual de cada criança;</li><li>• Fomentar a autonomia;</li><li>• Promover competências sociais.</li></ul>
Famílias	<ul style="list-style-type: none"><li>• Envolver as famílias no desenvolvimento e aprendizagem das crianças;</li><li>• Desenvolver uma relação de cooperação e confiança.</li></ul>
Equipa educativa	<ul style="list-style-type: none"><li>• Construir uma relação de parceria com base na confiança e na partilha;</li></ul>

*Nota.* Elaboração própria

**Estabelecer uma relação afetiva** de qualidade com as crianças foi a primeira das minhas intenções, pois defendo que a criação de laços afetivos proporciona um ambiente de segurança permitindo à criança a descontração necessária para a exploração autónoma do espaço. Um exemplo desta situação durante a prática foi quando a

Tartaruginha iniciou as sessões de ginástica e se recusava a fazer qualquer exercício no qual eu não a ajudasse, evitando o contacto com o professor da modalidade, demonstrando assim, a confiança depositada em mim, com o tempo foi deixando de precisar do meu apoio, realizando os exercícios autonomamente<sup>4</sup>. Tal como defendem Brazelton e Greenspan (2006) “as emoções relacionais afectivas são as bases primárias mais importantes para o desenvolvimento intelectual e social” (p.28). Deste modo as relações estabelecidas com as crianças que se baseiam no “apoio, carinho e afecto [*sic*]” (p.27) são os alicerces para a criação de relações com outras crianças e adultos. Ao longo da PPS I fui sentido o desenvolvimento destas relações, sendo que para algumas crianças a criação de laços afetivos comigo foi mais fácil do que para outras, tendo a consciência de que esta relação deve surgir da vontade das crianças, nunca forcei qualquer tipo de interação. De acordo com os autores acima citados as crianças que têm “relações sólidas, simpáticas e afectivas [*sic*]” revelam ser carinhosas e transmitem mais facilmente os seus sentimentos. A nota de campo do dia 18 de maio ilustra uma situação vivida na PPS I, no decorrer de uma sessão de ginástica em que é notória a relação de afetividade existente.

- Vera, hoje não te dei um abraço. – Coruja

- Então e queres me dar o abraço agora? Em cima da mesa? – Vera

- Sim, eu quero porque eu esqueci-me – Coruja

(Nota de campo, 18 de maio de 2016, sala de atividades)

Através da observação participante foi-me permitido “compreender melhor as características das crianças e adequar o processo educativo às suas necessidades” (Ministério da Educação, 1997, p. 25), para deste modo poder **respeitar o ritmo individual de cada criança**. É importante reconhecer que cada criança tem as suas próprias características e ritmo de aprendizagem e adaptar a prática educativa a cada caso

---

<sup>4</sup> Durante as últimas sessões de ginástica, a Tartaruginha mostrou-se muito confiante ao fazer os exercícios, e por diversas vezes quando termina, congratula-se por o ter conseguido: “Consegui Vera!” (excerto do diário de campo do dia 18 de maio de 2016)

individual, foi com base nestas intenções que dinamizei as atividades propostas ao grupo. Como cada criança é diferente tive sempre a preocupação de adequar as atividades a cada uma delas, tentando que o nível de dificuldade não fosse nem demasiado fácil nem demasiado difícil, trabalhando na zona de desenvolvimento próximo (ZDP) de Vygotsky (Hauser-Cram, Nugent, Thies, & Travers, 2014). Através das atividades em pequenos grupos apoiei a colocação de “andaimes” (Hauser-Cram, Nugent, Thies, & Travers, 2014), sendo as crianças as impulsionadoras do sucesso do grupo, ajudando-se mutuamente, tornando-se menos dependentes do adulto. Tendo em consideração que “aos 2 anos, a criança continua a afirmar a sua autonomia e a atribuir significado ao mundo que descobre” (Portugal, 2011, p. 10), uma das minhas intenções para com o grupo de crianças foi a **promoção da autonomia**. A competência mais visível no que concerne à autonomia durante o tempo da prática, prendeu-se com o controlo dos esfíncteres, tendo 8 crianças alcançado este objetivo, revelando isto “um passo importante no sentido da autonomia e do auto-controlo” (Papalia, Olds, & Feldman, 2001, p. 258). Ao longo da PPS I as crianças foram desenvolvendo a sua autonomia, aumentando o seu vocabulário, sendo a linguagem, de acordo com Portugal (2011), uma ferramenta fundamental para o desenvolvimento da autonomia, que “também se conquista pela ligação com os pares” (Piaget citado por Formosinho, Spodek, Brown, Lino, & Niza, 1998, p.67). O facto de existir uma rotina estabelecida pela instituição, permite que as crianças se sintam capazes de controlar os seus tempos e as suas atividades, embora sejam reguladas pelo adulto, as crianças tomam decisões e envolvem-se em situações de cooperação que lhes permitem o desenvolvimento da autorregulação (Formosinho, Spodek, Brown, Lino, & Niza, 1998). Como tal, saliento a importância da **Promoção de competências sociais**, pois citando Papalia, Olds e Feldman (2001) “algumas crianças internalizam as regras mais rapidamente do que outras” (p.262), sendo necessário a promoção de momentos e espaços para que essas regras sejam adquiridas. É de realçar que as crianças estão a desenvolver a sua capacidade de comunicar, de dar a vez, de cooperar com o próximo e de se exprimir e que estas capacidades revelam um ponto decisivo na “interacção social” (Katz & McClellan, 2006, p. 13). Algumas crianças da sala Colmeia revelavam alguma

dificuldade em ceder a vez na realização das atividades, querendo ser sempre os primeiros, este facto foi-se alterando, tal como se pode verificar no exemplo a seguir:

- Vera, posso falar contigo, posso? - Gafanhoto
  - Sim, diz... - Vera
  - Não, podes vir aqui ao pé de mim? - Vera
  - Pronto, diz lá. - Vera
  - Eu acho que hoje me portei muito bem e que por isso mereço dar comer à tartaruga, não achas? - Gafanhoto
  - Eu concordo que tu te portaste bem, mas hoje será a Formiga a dar comida à Minnie, também ela se portou muito bem e comeu a sopa toda muito rápido, o que não costuma acontecer. Não achas que ela merece? - Vera
  - Sim, pode ser ela a dar. Noutra dia sou eu, está bem? - Gafanhoto
- (Nota de campo, sala de atividades, 20 de maio de 2016)

**O envolvimento das famílias no desenvolvimento e aprendizagem das crianças e desenvolver uma relação de cooperação e confiança** foi uma prioridade para mim, tendo em conta que a “construção de parcerias com os pais . . . [é] percebida como altamente benéfica para um ajustamento favorável da criança aos dois contextos” (Araújo, 2013, p. 70). Ademais “o educador, ao dar conhecimento aos pais e a outros membros da comunidade do processo e produtos realizados pelas crianças a partir das suas contribuições, favorece um clima de comunicação, de troca e procura de saberes entre crianças e adultos” (Ministério da Educação, 1997, p. 45). A comunicação com as famílias efetuada diariamente nos momentos de chegada e de saída das crianças permitiu-me criar uma relação com cada família, desenvolvendo um clima de confiança. A introdução de um animal de estimação na sala e a posterior ida para casa de cada criança a cada fim de semana, foi uma das estratégias para envolver as famílias nos projetos da sala, esta ação foi recebida com bastante entusiasmo pelas famílias. Este percurso não teria sido possível sem **uma relação de parceria com a equipa educativa**

**baseada na confiança e na partilha**, o estabelecimento desta relação foi, para mim uma prioridade dado que o trabalho de equipa representa uma mais-valia para as crianças, pois a colaboração existente entre os elementos da equipa permite-lhes construir práticas educativas a partir do conhecimento de todos (Hohmann & Weikart, 1997). Tal como referem Hohmann e Weikart (1997) “o trabalho em equipa é um processo de aprendizagem pela acção que implica um clima de apoio e de respeito mútuo” (p.130). Desta forma todo o trabalho por mim elaborado, nomeadamente as planificações, foram sempre discutidas em equipa e todos os elementos foram envolvidos na sua dinamização, contando com o *feedback* da OC como contributo para a minha autoavaliação, tal como indica o excerto a seguir:

Hoje durante o dormitório, reuni com a N. para planificarmos as próximas semanas, desta forma, conseguimos interligar as nossas ideias complementando os trabalhos.

(Excerto do diário de campo, 4 de março de 2016)

## **2.2. Planificação semanal e diária**

Considerando as intenções definidas, farei uma análise reflexiva do trabalho desenvolvido com o grupo da sala Colmeia, tendo em conta a gestão do espaço e do tempo e a abordagem às várias áreas de desenvolvimento.

Na elaboração da planificação foram utilizadas grelhas<sup>5</sup> que contemplavam a temática da atividade, os objetivos a atingir, o tempo para a sua realização, os recursos utilizados, os intervenientes, os materiais, a dinâmica e a descrição pormenorizada da atividade. Estes instrumentos continham, ainda, uma grelha de observação onde eram verificados os objetivos propostos, um espaço para a avaliação e outro para fotografias tiradas ao longo da atividade. Sendo “a observação um instrumento básico da avaliação em instituições de educação infantil” (Garms & Santos, 2012, p. 139), este foi o instrumento mais utilizado na PPS I. A grande maioria das atividades foram

---

<sup>5</sup> Estas grelhas encontram-se em anexo no portefólio da prática profissional supervisionada, módulo I (Anexo C).

planificadas e avaliadas segundo este instrumento, no entanto, por vezes surgiram interesses por parte das crianças. Aos quais tive a oportunidade de responder no momento, sem que para tal fosse necessário realizar uma planificação.

A figura seguinte ilustra um final de tarde em que as crianças não demonstraram interesse em realizar um desenho e preferiram fazer massagens a dois, após a minha sugestão. Momentos como este potenciam o toque, e o prazer de proporcionar bons momentos ao outro, desenvolvendo a relação entre pares.



*Figura 1: realização de massagens*

O espaço constitui um fator determinante ao desenvolvimento das crianças, sendo que deve proporcionar oportunidades de exploração e de aprendizagem. A exploração sensório-motora, característica presente nas crianças pequenas, é potenciada através de um ambiente flexível ao ponto de acompanhar o crescimento e os interesses das crianças. Este aspeto relaciona-se com o que referem Post Hohmann (2000), como um espaço “bem pensado [que] promove o progresso das crianças em termos de desenvolvimento físico, comunicação, competências cognitivas e interações sociais” (p.101). A organização do espaço em áreas definidas possibilita à criança a oportunidade de fazer escolhas e de se tornar autónoma nas suas decisões. Por um lado a disposição e escolha dos materiais é, também, uma condição importante para a autonomia do grupo (Ministério da Educação, 1997).

Por outro lado a gestão do tempo educativo, deverá contemplar a organização do espaço, pois a “utilização do tempo depende das experiências e oportunidades educativas proporcionadas pelos espaços” (Ministério da Educação, 1997, p. 40). Assim, a rotina diária envolve equilibradamente momentos diferentes de interação, sendo contemplados tempos individuais, de pequeno grupo e de grande grupo. Segundo Formosinho (2006), ao proporcionar uma rotina diária na qual as atividades proporcionem “aprendizagens significativas para cada criança” (p. 60), é oferecida a

oportunidade de as crianças definirem, ainda que apoiadas pelo adulto, a sua “agenda educacional” (p.61).

No contexto observado, pude verificar que a gestão do tempo e do espaço era operacionalizada de acordo com os interesses e o desenvolvimento das crianças. Estando em prática, como referido no capítulo 1, uma rotina institucional que, apesar de responder a tempos de carácter geral, como o das refeições e o tempo de repouso, era flexível o suficiente para que as crianças realizassem as suas escolhas. Ao longo da minha prática pude desenvolver atividades que, pela sua natureza e pela constituição dos materiais contribuíram para um enriquecimento do espaço e da sala de atividades.

Relativamente aos materiais decorrentes das atividades desenvolvidas, foram deixados à disposição das crianças na sala Colmeia, como é o caso dos exemplos a seguir expostos nas figuras 2, 3 e 4. Ao realizar algumas atividades foi possível dar uso algum material que não se encontrava a uso, como é o caso da piscina de bolas (cf.Figura 3).



*Figura 3:* Escorredores de legumes com escovilhões para fazer enfiamentos



*Figura 2:* Piscina com bolas e imagens magnéticas para formar conjuntos



*Figura 4:* Caixas de ovos com cartões para associar as peças de lego às cores

No que concerne à percepção do tempo, as crianças passaram a utilizar o mapa de presenças diariamente, ganhando consciência de que os dias da semana são cíclicos e que há dois dias em que ninguém vem para a creche (cf. Figura 5).



Figura 5: Mapa de presenças

Além das noções matemáticas adquiridas pela sua utilização diária, este instrumento permitiu que as crianças desenvolvessem interações sociais entre si, como é o exemplo da nota de campo apresentada:

Quando o Grilo veio buscar a fotografia, propositadamente tirei uma de uma criança que não estava presente, a reação foi a de olhar para a fotografia e logo de seguida para mim. Perguntei o que se passava e ele disse, este é o Coelho e não está cá. Tirei uma fotografia de uma criança presente e ele dirigiu-se à mesma e deu um abraço.

(Nota de campo, 21 de março de 2016, tapete)

Como forma de assinalar a chegada da primavera foram semeadas sementes num vaso, esta foi uma atividade muito sensorial uma vez que as crianças tiveram a oportunidade de explorar a terra com as mãos. Todos os dias as crianças regavam o seu vaso com um regador e quando surgiu a planta, o vaso pôde ser levado para casa para que continuassem a cuidar da sua planta.

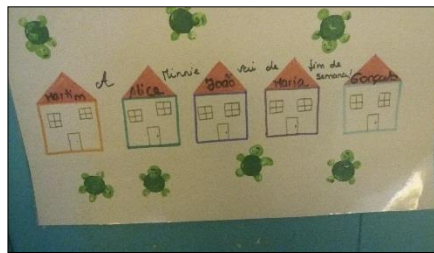
Todas as atividades foram planeadas de modo a corresponder aos interesses e características das crianças, contemplando a planificação da OC, dando continuidade à mesma ou complementando-a.

Uma temática muito desenvolvida na sala Colmeia foi a dos animais, uma vez que, a partir desta temática foi possível desenvolver competências cognitivas, motoras, de linguagem, de autonomia e sociais.

A introdução de um animal de estimação na sala, permitiu, também, o envolvimento das famílias, uma vez que a cada fim de semana, uma criança levava a Minnie para casa (cf. Figura 6), sendo que apenas uma família se negou a fazê-lo. Foi, também, utilizado um instrumento que permitiu às crianças e às famílias a regulação em relação aos cuidados a prestar à Minnie (cf. Figura 7), visto que o mapa se encontrava exposto ao lado do aquário da tartaruga, sendo possível consultá-lo sempre que fosse pertinente.



*Figura 6:* Minnie - o animal de estimação da sala Colmeia



*Figura 7:* Mapa de cuidados da Minnie

Ao longo de um longo período da PPS I houve, também, a oportunidade de observar o processo de metamorfose dos bichos da seda (cf. Figura 8), este processo foi bastante acompanhado pelas crianças, demonstrando verdadeiro interesse na sua evolução, como se pode verificar na nota de campo do dia 17 de maio:



*Figura 8:* Bichos da seda

Estas borboletas estavam dentro do casulo. – Gafanhoto

- Olha o buraco ali ...– Papagaio

- Pois é, elas fizeram muita força e saíram. – Gafanhoto

- Dá-me a caixa, deixa-me ver... aqueles que estão ali. – Gafanhoto

(Nota de campo, 17 de maio de 2016, sala de atividades)

As atividades desenvolvidas tiveram em todo o seu decurso a participação de toda a equipa da sala, tendo existido a preocupação de realizar sempre uma verdadeira partilha de conhecimentos e de opiniões. A importância de um verdadeiro trabalho de equipa manifesta-se no interesse demonstrado pelas crianças, sendo os adultos da sala o modelo pelo qual as crianças se guiam, é de esperar que a relação observada sirva de exemplo para as relações estabelecidas entre as crianças.

## CAPÍTULO 3 - IDENTIFICAÇÃO DA PROBLEMÁTICA

### 3.1. Revisão da literatura

Nas primeiras semanas de prática debruçei-me na importância da participação das famílias na rotina da sala, no entanto, com o passar do tempo, surgiu um novo tema que considerei mais pertinente, e é sobre este que decidi incidir a minha investigação.

Na parte da tarde, a seguir ao lanche, propus que fizéssemos um desenho, ao que as crianças aderiram muito bem, mas rapidamente se dispersaram, tendo algumas feito um ou dois traços na folha.

(excerto do diário de campo de dia 23 de março de 2016)

**A relação entre o desenho e o desenvolvimento infantil em contexto de creche** foi o título escolhido para este relatório, e surgiu da problemática identificada no contexto. A pouca regularidade com que as crianças realizaram desenhos ao longo da PPS I, levou-me a questionar se tal implica uma influência nas fases de desenvolvimento do desenho. Depois da situação acima relatada, questionei-me se os resultados das produções das crianças seriam diferentes havendo uma maior oferta de materiais e de momentos para o desenho livre. Este tópico implica uma reflexão da oferta de espaços e materiais para as crianças poderem realizar desenhos livremente.

A dúvida relativa a esta questão foi discutida com a OC, explicitando as minhas intenções de oferta de material e posterior recolha de dados. O apoio dado pela OC deu-me o impulso necessário para a realização deste estudo e de imediato começámos a desenvolver a investigação.

De seguida farei a apresentação da metodologia utilizada, sucedida de revisão de literatura sobre a temática, apresentação do plano de ação e recolha e análise dos dados.

“O desenho é como uma linguagem que se utiliza, prioritariamente, para a criança dialogar consigo própria . . . e com os colegas que partilham a prática comum do desenho” (Sarmiento, 2006, p. 16)

Para perceber em que fase do desenho se encontravam as crianças da sala Colmeia, procedi à consulta de literatura de forma a poder estipular as diferentes fases do desenho.

Assim, passo a citar as fases defendidas por diferentes autores, sendo por fim adotada uma terminologia que servirá de base para esta investigação.

Malchiodi (1998: 68-98) citada por Sarmiento (2006), baseia-se em autores como Piaget (1978), Lowenfeld (1968[1947]), Kellog (1970) e Gardner (1980) para nos indicar seis estádios do desenvolvimento do desenho infantil:

1º - A fase da garatuja que se estende dos 18 meses aos três anos, nesta fase a criança realiza um traço espontâneo, “não aprendido, ainda que intencional” (Sarmiento, 2006, p. 5) ;

2º - Entre os três e os quatro anos a criança encontra-se na fase das formas básicas, nesta fase a criança nomeia e inicia a representação de formas mais difíceis, desenhando formas geométricas e mandalas;

3º - O início da esquematização e da representação da figura humana, desde a sua forma mais rudimentar, como o girino, até às formas realistas, sendo notório o uso da cor nesta fase. A criança estabelece uma relação entre as suas representações e a realidade, embora a distribuição no papel possa ser aleatória, no entanto, para as crianças esta distribuição poderá ter a sua lógica.

4º - Entre os seis e os nove anos, a criança representa objetos do ambiente através de símbolos e esquemas, a cor é utilizada de forma rígida e regular, é dada especial atenção aos pormenores e é estabelecida uma relação entre os objetos.

5º - O realismo surge entre os nove e os doze anos e a cor é utilizada de forma realista, é incorporada a perspetiva e é desenvolvido o “sentido esquemático do desenho” (Sarmiento, 2006, p. 6), é nesta fase que a criança complexifica o desenho. A preocupação com a perfeição chega a desencorajar as crianças sendo comum o abandono do desenho por esta idade.

6º - Por último, a investigadora considera a adolescência como a fase em que o desenho é utilizado como forma de expressão crítica, sendo normal a procura de um estilo pessoal que represente os sentimentos e ideias do adolescente.

Luquet citado por Quintela e Valadares (1997) distingue em níveis o desenvolvimento do desenho infantil:

- Realismo Fortuito - ocorre entre os dois e os três anos;
- Realismo Falhado - entre os três e os cinco anos;
- Realismo Intelectual - entre os cinco e os sete anos;
- Realismo visual.

O primeiro nível - Realismo Fortuito divide-se em dois momentos, o **momento involuntário** que se caracteriza por uma representação de traços sem intenção, ou seja, a criança desenha sem intenção de representar nenhum objeto. O segundo momento, **momento voluntário** é caracterizado pela iniciação da criança na intencionalidade de representação de objetos, ainda que, a sua interpretação não coincida com o que a criança intencionava representar.

O Realismo Falhado é o segundo nível definido pelo autor, caracterizando-se pela associação da importância que o objeto tem para a criança, a partir desta associação a criança pode exagerar ou omitir partes do objeto.

O nível seguinte é o Realismo Intelectual, no qual a criança recorre à transparência como técnica de representação do objeto, sendo comum quando desenha uma casa, os objetos presentes no seu interior serem vivíveis no desenho. Segundo o autor, as crianças adquirem, neste nível as primeiras noções de distâncias.

Apesar de existirem fases comuns aos vários autores que se debruçaram no estudo do desenvolvimento do desenho infantil Sarmiento considera que “o desenho infantil é interpretado no interior de uma perspectiva que . . . ignora a condição social e cultural de inserção das crianças, promovendo uma visão abstrata e essencialista da infância” (Sarmiento, 2006, p. 6). Deste modo o autor atenta que o desenho infantil é

representativo do contexto social e cultural em que as crianças se encontram. Logo, cada desenho representa aquela criança em concreto, não podendo ser analisado sem um enquadramento das “regras e valores de inserção da criança” (Sarmiento, 2006, p. 7). Deste modo, é necessário ter em conta a representação que os povos e as culturas atribuem aos grafismos. Para que se estabeleça uma análise sociológica do desenho infantil há que ter em atenção as rotinas, os meios disponíveis e as relações sociais que se estabelecem aquando a realização do desenho, sendo estes aspetos inscritos no trabalho plástico das crianças.

O autor remete a análise do desenho infantil para outro ponto, o de que as imagens de desenhos animados e de programas televisivos constituem um universo visual a que as crianças têm acesso e acabam por incluir nos seus trabalhos de expressão plástica, sendo este conceito definido de “kindercultura” (Steinberg e Kinchloe, citados por Sarmiento, 2006).

Tal conceito pode ser verificado pela narrativa do desenho feito pelo Tigre no dia 11 de maio, após lhe ter perguntado o que havia desenhado, este respondeu-me:

“- Um Gargamel, olha azul.” - Tigre

Esta situação é um indicio de que as crianças incluem muito do que vivenciam nos seus desenhos.

Do mesmo modo, embora não seja determinante, os meios disponibilizados, a disponibilidade dos adultos, a motivação e atenção que é dedicada, as oportunidades oferecidas, as habilitações dos pais, a tipologia familiar, são aspetos que condicionam as produções das crianças. Tal como a questão do género é um fator pertinente no desenho da criança, verificando-se transformações gráficas distintas ao longo do desenvolvimento infantil, em conformidade com os papéis de género atribuídos pela cultura.

### 3.2. Metodologia

No decorrer da PPS I apercebi-me da pouca frequência com que as crianças realizavam desenhos. Com o intuito de perceber se através do desenho é visível o desenvolvimento das crianças, enveredei por uma investigação de natureza qualitativa, uma vez que a recolha de dados foi efetuada no ambiente natural ou seja, na sala de atividades, sendo o investigador considerado o instrumento principal, ao planear e organizar dinâmicas que envolvam a problemática observada (Bodgan & Biklen citados por Tomás, 2011). De acordo com Coutinho, Sousa, Dias, Bessa Ferreira e Vieira (2009), a investigação-ação, método pelo qual optei para a realização desta investigação, resulta da reflexão efetuada pelo docente perante a sua ação, procurando resolver o problema encontrado através da reconstrução da sua planificação, reciclando, assim, a sua prática. Tratando-se de uma metodologia de investigação-ação o investigador desenvolve uma ação participante que o auxilia a encontrar alternativas para clarificar a sua problemática. Recorrer à observação como técnica de recolha de dados, possibilitou-me identificar as potencialidades e fragilidades do grupo de crianças na problemática em questão através “das actividades, [sic] das brincadeiras, das relações entre os actores [sic]” (Tomás, 2011, p. 149). Outra técnica utilizada, foi, também, o registo fotográfico das crianças e das suas produções. Assim, os instrumentos que me permitiram sustentar as técnicas acima mencionadas foram o diário de campo e a máquina fotográfica (telemóvel). As conversas informais realizadas com a educadora da sala, foram mais uma técnica de recolha de dados, embora não tenha sido feito em forma de questionário ou entrevista serviu para conhecer o ponto de vista da educadora quanto à problemática encontrada. Segundo Máximo- Esteves ( 2008), após a recolha dos dados através das notas de campo e dos diários é importante organizá-los, sintetizando a informação, por forma a classificá-los de acordo com a sua tipologia. As fotografias dos desenhos realizados serão acompanhadas da respetiva descrição recolhida através das narrativas das crianças.

Em Educação de Infância é importante ter em conta alguns princípios éticos e deontológicos que permitem uma abordagem cuidada, respeitando os direitos de todos os intervenientes, nomeadamente das crianças, famílias, equipa educativa e a própria instituição cooperante. Assim, durante a PPS I, procurei articular os compromissos

previstos na Carta de Princípios para uma Ética Profissional da autoria da Associação de Profissionais de Educação de Infância (APEI, s.d.) com os princípios éticos e deontológicos presentes no “roteiro ético” (Soares, citado por Tomás, 2011), (cf. Anexo G).

Comecei por informar todos os intervenientes, através de conversas informais, quais os meus “objetivos do trabalho” (Tomás, 2011, p. 160) para com o grupo de crianças da sala Colmeia. Relativamente aos “custos e benefícios” (Tomás, 2011, p.160) para as crianças, estando num contexto de creche, com crianças tão pequenas, tive em consideração a rotina existente na sala e na instituição de modo a não provocar custos às crianças. O “respeito pela privacidade e confidencialidade” defendido por Tomás (2011, p.161) foi sempre considerado, desta forma, e visto existir uma autorização das famílias, por escrito, para que as crianças pudessem ser fotografadas na instituição, não senti a necessidade de efetuar novo pedido. No entanto, as famílias foram informadas de que os registos fotográficos seriam sempre apresentados desfocados e os nomes das crianças e restantes intervenientes, bem como o nome da instituição, codificados, evitando assim, a sua identificação. Para a realização do portefólio individual da criança foi elaborado um “protocolo de consentimento informado” (Tomás, 2011, p. 162) (cf. Anexo H) com os pais, por escrito e com a criança escolhida, oralmente, ou tal como defende Ferreira (2010) no caso da(s) criança(s), foi recolhido o seu assentimento, uma vez que por se tratar de crianças pequenas “aceitação pode significar «pelo menos não recusar»”(p.163). A seleção das crianças para a investigação em curso foi realizada com o apoio da OC e dado o intervalo de tempo reduzido para a sua realização, optou-se pela escolha das crianças mais assíduas, tendo sido excluída da investigação, mas não das atividades, a criança que ingressou no grupo no mês de abril, devido à dificuldade de expressão oral. Concluída esta seleção, treze é o número de crianças participantes na investigação, no entanto, salvaguarda-se que as crianças são livres de realizar ou não o que lhes é pedido durante a investigação, podendo não participar na investigação. Com o fim de recolher as produções das crianças para este estudo, teve lugar uma conversa

informal com o grupo<sup>6</sup>, na qual lhes peço permissão para utilizar as suas produções na minha escola, respeitando a sua opinião. A consciência da importância que os resultados representam para as crianças, levaram-me a partilhar com estas, toda a recolha que fiz durante a PPS I, havendo “um processo de devolução ao longo do trabalho” (Tomás, 2011, p. 166), indo ao encontro do oitavo princípio defendido por Tomás (2011) – “uso e relato das conclusões” – (p.166). As produções das crianças e os registos fotográficos efetuados na instituição, são frequentemente expostos nos placards da sala e as próprias crianças pedem para ver no telemóvel quando lhes tiro fotografias, mostrando interesse no que veem. No âmbito da investigação são consideradas as possíveis descobertas que esta trará às crianças, uma vez que são oferecidos novos materiais e oportunidades variadas de explorar o desenho livremente. Os materiais construídos para e com as crianças são deixados à sua disposição, permitindo a sua exploração sempre que for evidenciado interesse por parte das crianças.

### **3.3. Plano de ação e recolha e análise de dados**

O plano de ação para esta investigação passou por uma oferta frequente de material e de espaço para as crianças poderem desenhar livremente. Segundo Quintela e Valadares (1997) o desenho livre é aquele que não tem qualquer diretiva por parte do educador, sendo da total autoria da imaginação e vontade da criança. Este tipo de desenho é potenciado pela oferta de materiais, sendo que a diversidade de materiais é um incentivo às novas experiências. Antes de qualquer decisão tomada acerca das estratégias adotadas, a OC foi consultada e envolvida em toda a ação. Na sala de atividades certos materiais não se encontravam disponíveis às crianças, no entanto, se surgisse interesse por parte do grupo o material era disponibilizado pela OC. Este aspeto contraria Post e Hohmann (2000), que defendem que “os materiais de arte que as crianças utilizam no seu dia-a-dia devem ficar guardados num local onde estas os possam ver e alcançar” (p.154), por outro lado Quintela e Valadares (1997) defendem

---

<sup>6</sup> “Posso levar os vossos desenhos para os professores da minha escola verem? Lembram-se da professora M. que veio cá brincar connosco? Ela gostaria muito de ver os vossos desenhos (...).” – Excerto do diário de campo de dia 11 de maio de 2016

que a quantidade de material disponibilizado deverá ser equilibrada, uma vez que se este for em excesso poderá diminuir a capacidade de escolha das crianças.

Para que as crianças pudessem escolher livremente o material disponível na realização do desenho, comecei por mostrar os diferentes materiais existentes na sala, colocando-os em cima do móvel à vista de todos. Tendo como objetivo a elaboração de um desenho livre em folhas de papel A4, propus ao grupo a utilização de lápis de cera e lápis de cor, uma vez que a utilização de canetas poderia rasgar o papel. A organização do material foi sempre a mesma nos três momentos, sendo os lápis dispostos em copos e colocados em cima das mesas, isto pressupunha que as crianças tivessem de partilhar e assim ficou estipulada uma regra para a realização desta atividade, as crianças sabiam que apenas poderiam utilizar um lápis de cada vez, possibilitando que outras crianças utilizassem os lápis. As regras sociais foram bastante trabalhadas durante este processo, uma vez que em várias ocasiões as crianças tiveram de esperar que o lápis da cor pretendida ficasse disponível para o utilizarem. Em todos os momentos de oferta de espaço e materiais para a realização do desenho livre optei por me manter apenas como observadora, apenas intervindo caso fosse necessário, permitindo que as crianças desenvolvessem a capacidade de resolução de conflitos interpessoais. Assim, mantive-me como observadora, mas disponível, aguardando que as crianças solicitassem a minha ajuda para registar o que desenharam. De acordo com Davis e Gardner (2002), as crianças nesta idade quando indicam o objeto que desenharam podem estar a “romancear” ou seja, é uma indicação de que se encontram no “realismo fortuito” (p.440).

O processo foi sempre o mesmo, as folhas foram distribuídas e o material de escrita disposto pelas mesas, as crianças tinham de desenhar o que quisessem, fazendo uma narrativa oral no final do desenho. Em todas as ocasiões pedi que desenhassem o que quisessem, sem indicar qualquer tipo de objeto, apenas oferecendo os copos com lápis e as regras de esperar pela sua vez quando algum amigo tivesse o lápis que queriam usar.

Sendo o desenho uma atividade presente na vida da criança, que se vai aperfeiçoando ao longo do seu desenvolvimento, foi proposta a realização de três

desenhos livres, pretendendo com isso a expressão livre da criança. As crianças já tinham efetuado um desenho, que sendo orientado pela OC, revelou que as crianças realizavam a pré-figura humana sem dificuldades. Sendo o desenho da figura humana o tema mais representado na educação infantil, é comum as crianças fazerem uma representação estereotipada (Quintela & Valadares, 1997).

A recolha de dados foi efetuada em três momentos distintos, tendo sido selecionadas treze crianças para participar neste estudo. Devido a faltas presenciais nos dias em que foram realizados os desenhos, houve crianças que realizaram um dos três desenhos propostos, mas que não fizeram parte do estudo. Cada desenho foi fotografado e legendado após a narrativa da criança, sendo a máquina fotográfica (telemóvel) um instrumento de investigação utilizado regularmente e que se insere na rotina da sala, não sendo, de acordo com Máximo-Esteves (2008), considerado “um recurso intrusivo” (p.91).

A partir desta recolha, os dados foram analisados segundo quatro critérios no que respeita ao desenho e em cinco níveis relativamente à narrativa. As imagens seguintes representam os desenhos recolhidos nos três momentos acompanhados da respetiva narrativa das crianças, correspondendo respetivamente à ordem cronológica da recolha (cf. Figuras 9, 10 e 11).



Figura 9: Desenhos realizados pelas crianças no dia 11 de maio



Figura 10: Desenhos realizados pelas crianças no dia 23 de maio



Figura 11: Desenhos realizados pelas crianças no dia 25 de maio

Os dados recolhidos foram analisados e apresentados em tabela, que passarei a exibir nas tabelas 3, 4 e 5.

Tabela 3

Análise dos desenhos do dia 11 de maio

ANÁLISE DO DESENHO				
Desenho livre 1 – 11 de maio de 2016				
Crianças	Garatuja simples	Estrutura de cores	Desenho intencional	Pré-figura humana ou elementos
Tigre				X
Gafanhoto		X		
Periquito				X
Borboleta			X	
Formiga				X
Raposa	X			
Coruja				X
Peixe				
Coelho				X
Elefante		X		
Grilo		X		
Gato	X			
Tartaruguinha	X			

Nota. Elaboração própria

Tabela 4

*Análise dos desenhos do dia 23 de maio*

ANÁLISE DO DESENHO				
Desenho livre 2 – 23 de maio de 2016				
Crianças	Garatuja simples	Estrutura de cores	Desenho intencional	Pré-figura humana ou elementos
Tigre				
Gafanhoto		X		
Periquito				
Borboleta				X
Formiga			X	
Raposa	X			
Coruja		X		
Peixe	X			
Coelho				X
Elefante		X		
Grilo		X		
Gato	X			
Tartaruginha	X			

*Nota.* Elaboração própria

Tabela 5

*Análise dos desenhos do dia 25 de maio*

ANÁLISE DO DESENHO				
Desenho livre 3 – 25 de maio de 2016				
Crianças	Garatuja simples	Estrutura de cores	Desenho intencional	Pré-figura humana ou elementos
Tigre				X
Gafanhoto		X		
Periquito				X
Borboleta				X
Formiga				X
Raposa			X	
Coruja				X
Peixe	X			
Coelho				X
Elefante				X
Grilo			X	
Gato	X			
Tartaruginha	X			

*Nota.* Elaboração própria

Como podemos verificar nas tabelas acima, as produções das crianças foram classificadas em quatro critérios no que respeita à análise do desenho:

- Garatuja simples;
- Estrutura de cores;
- Desenho intencional,
- Pré-figura humana ou elementos.

Para facilitar a leitura dos dados recolhidos, decidi dividir o grupo no que concerne à idade, assim, podemos aferir que cinco crianças tinham, à altura da realização dos desenhos, entre os 32 e os 35 meses e oito entre os 36 e os 40 meses de idade.

Ao observar as produções das crianças pode constatar-se que, na primeira recolha de dados, correspondente ao dia 11 de maio, três das crianças mais novas produziram garatuja simples e uma realizou uma estrutura de cores. Relativamente às crianças mais velhas, podemos aferir que cinco produziram a imagem da pré-figura humana, uma realizou um desenho intencional e duas apresentaram uma estrutura de cores nas suas produções.

Relativamente às produções das crianças realizadas no dia 23 de maio, apenas duas das crianças mais velhas realizaram a pré-figura humana nos seus desenhos, três realizaram estruturas de cores e uma fez um desenho intencional, neste dia duas crianças com idades compreendidas entre os 36 e os 40 meses, faltaram, não tendo realizado a atividade. No grupo de crianças com idades entre os 32 e os 35 meses, quatro fizeram garatuja simples e uma apresentou uma estrutura de cores.

No dia 25 de maio procedi a mais um momento de desenho livre, desta vez, o espaço onde foi realizada a atividade foi diferente, no entanto, não verifiquei que isto influenciasse o envolvimento das crianças na tarefa.

Seis das crianças mais velhas realizaram a pré-figura humana ou elementos, uma criança apresentou uma estrutura de cores e foi realizado um desenho intencional. Já no grupo de crianças mais novas, três efetuaram garatuja simples, uma criança fez um desenho intencional e uma desenhou a pré-figura humana ou elementos.

A tabela 6 ilustra claramente a evolução das crianças ao longo da investigação.

Tabela 6

*Comparação das produções das crianças nos diversos momentos de recolha de dados*

		<b>Garatuja simples</b>	<b>Estrutura de cores</b>	<b>Desenho intencional</b>	<b>Pré-figura humana ou elementos</b>
<i>11 de maio</i>	32 - 35 meses	3	1	0	0
	36 - 40 meses	0	2	1	5
<i>23 de maio</i>	32 - 35 meses	4	1	0	0
	36 - 40 meses	0	3	1	2
<i>25 de maio</i>	32 - 35 meses	3	0	1	1
	36 - 40 meses	0	1	1	6

*Nota.* Elaboração própria

Como se pode verificar na tabela 6, em nenhum dos momentos as crianças mais velhas realizaram garatuja simples, sendo mais comum a produção da pré-figura humana ou de elementos. Por outro lado, no grupo de crianças mais novas, a garatuja simples foi o desenho mais apresentado, podendo observar-se que na última recolha de dados, uma criança fez um desenho intencional e outra a pré-figura humana ou elementos.

A par da análise das fases do desenho, foi também analisada a narrativa das crianças relativa às suas produções.

Foram definidos cinco níveis que passo a apresentar:

1. Não identifica elementos/ não é capaz de expressar;
2. Identifica um elemento do desenho;
3. Identifica vários elementos do desenho;
4. Estabelece relação entre o desenho e o elemento;
5. Estabelece uma narrativa a partir do desenho.

No que diz respeito à narrativa indicada pelas crianças relativamente às suas produções, aferi que no dia 11 de maio, as crianças mais novas se situavam nos níveis 1, 2 e 3. Três das crianças mais velhas estabeleceram uma narrativa a partir do desenho, três estabeleceram relação entre o desenho e o elemento, uma identificou um elemento do desenho e uma identificou vários elementos do desenho.

No dia 23 de maio, três das crianças mais novas não se expressaram em relação às suas produções, uma identificou um elemento do desenho e outra identificou vários elementos do desenho. Do grupo de criança mais velhas, quatro identificaram vários elementos do desenho, tendo três delas estabelecido relação entre o desenho e o elemento. Duas crianças identificaram um elemento do desenho, sendo que uma das crianças estabeleceu relação entre o desenho e o elemento e, também, uma narrativa a partir do desenho.

Por fim, no dia 25 de maio, as crianças mais velhas identificaram vários elementos do desenho, tendo estabelecido relação entre os elementos e o desenho. Do grupo de crianças mais novas, uma das crianças que não se tinha expressado anteriormente, identificou um elemento do desenho e outra criança identificou vários elementos tendo estabelecido relação entre estes e o desenho. Uma continuou sem se expressar relativamente à sua composição e outra identificou vários elementos do desenho, sem, no entanto, estabelecer qualquer relação.

A tabela 7 resume esquematicamente as evidências acima explanadas.

Tabela 7

*Análise das narrativas das crianças*

	1			2			3			4			5		
	11/05	23/05	25/05	11/05	23/05	25/05	11/05	23/05	25/05	11/05	23/05	25/05	11/05	23/05	25/05
Tigre									X			X	X		X
Formiga					X				X	X	X	X		X	X
Gafanhoto									X	X	X	X		X	X
Coelho							X	X	X			X			
Grilo				X	X				X			X			
Coruja								X	X		X	X	X		X
Borboleta								X	X	X	X	X		X	X
Periquito									X			X	X		X
Peixe		X				X									
Tartaruginha							X	X	X						

Gato	X	X	X												
Elefante		X					X		X			X			
Raposa				X	X	X						X			

*Nota.* Elaboração própria

## **CAPÍTULO 4 - PROCESSOS DE AVALIAÇÃO**

### **4.1. Autoavaliação**

Ao longo da minha prática procurei realizar atividades de autoavaliação a partir do diário de campo que se tornaram em instrumentos de reflexão sobre a minha prática diária.

Na prática educativa que acarreta intencionalidade é visível uma relação entre o planeamento e a avaliação (Silva, 2012) que se transforma num ciclo, sendo este o reflexo da autoavaliação por mim realizada. Ao longo da PPS I foram elaboradas reflexões semanais que me permitiram parar e pensar profundamente acerca de diversas situações que sucediam no dia a dia. Estas reflexões formaram o meu suporte para a planificação seguinte, tendo sempre a intenção de responder às potencialidades e fragilidades do grupo. A consulta teórica a que tive de recorrer semanalmente por forma a sustentar as minhas reflexões contribuiu significativamente para o meu enriquecimento enquanto futura educadora. Reconheço que, por vezes, me foi difícil gerir algumas situações que surgiram no decorrer da minha intervenção, sinto, por isso, que o facto de ter tido a oportunidade de refletir sobre as mesmas me potenciou a capacidade de agir. Ao rever o diário de campo para a elaboração deste relatório, dou-me conta do crescimento que efetuei, notando que me tornei mais reflexiva da minha prática, procurando alterá-la de acordo com as observações que fiz diariamente. O processo de autoavaliação representa a capacidade de me colocar no lugar do outro e conseguir ver de que forma a minha ação influencia o bem-estar de cada um, tive, por esta razão, o cuidado de tentar colocar-me no lugar de cada criança e perceber de que forma a minha ação diária influenciava a vida das crianças. Esta capacidade permitiu-me, por vezes refrear o meu entusiasmo em querer fazer mais, procurando por outro lado fazer melhor.

## 4.2. Avaliação da criança

A utilização de um portefólio individual foi o instrumento de avaliação utilizado, sendo este um “processo contínuo e interpretativo, voltado mais para os processos de aprendizagem das crianças do que nos resultados destes” (Cardona & Guimarães, 2012, p. 17) . Ao efetuar este portefólio foi possível compreender a criança de uma forma geral, observando as suas conquistas e evolução.

Desta forma, a escolha da criança para a elaboração deste portefólio teve em consideração o seu desenvolvimento global. Atentando que a criança se encontrava numa fase de transição, nomeadamente ao nível da autonomia, no que se refere ao controlo dos esfíncteres e na autonomia nos momentos da refeição, considerou-se pertinente a construção deste portefólio. Na altura da decisão da escolha da criança, a família aguardava o nascimento de um segundo filho, sendo, também, esta uma razão pela qual a criança foi escolhida. O portefólio foi realizado em equipa, sendo que desta equipa fizeram parte, a criança, os pais, a OC, a AAE e eu. Para a elaboração deste portefólio foi efetuado um questionário à família e à equipa educativa, ao qual também eu respondi. Este questionário teve como objetivo perceber as características da criança. A participação da criança no que diz respeito ao preenchimento do questionário não foi possível de realizar, dado que a determinada altura a criança interrompeu a sua frequência da creche devido ao nascimento do irmão. Para além do questionário colocado, foram utilizadas fotografias de momentos de interação da criança com os pares, de atividades realizadas e de momentos de escolha livre.

O portefólio encontra-se dividido em três áreas do desenvolvimento:

- Desenvolvimento;
- Comportamentos sociais e relação com os pares;
- Autonomia.

Por sua vez, cada área subdivide-se proporcionando uma avaliação pormenorizada do desenvolvimento global da criança, desta forma a área do desenvolvimento subdivide-se em desenvolvimento da linguagem; desenvolvimento cognitivo e desenvolvimento motor. A área dos comportamentos sociais subdivide-se

nos gostos da criança e nas amizades realizadas. Por fim a autonomia reflete as competências alcançadas nesta área, nomeadamente no que diz respeito à alimentação e ao controlo dos esfíncteres.

A família é ator neste processo de avaliação por portefólio, dado que, além de o contruir em conjunto com a criança e com a equipa educativa “é fundamental delinear a percepção formada pelos pais sobre as aprendizagens e desenvolvimento de seus filhos, quando contemplarem e analisarem os seus portefólios” (Raizer & Souza, 2012, p. 321). Neste caso, não foi possível até à data a entrega do portefólio à família, uma vez que esta se encontra em licença de maternidade e a criança não tem frequentado a instituição, assim que a criança regressar, será marcado um momento com a família para a entrega do portefólio. A OC esteve sempre presente no decorrer da realização deste portefólio e considera-o um trabalho bem estruturado, apelativo visualmente e com a vertente lúdica presente de forma a envolver a criança na sua apresentação.

### **4.3. Avaliação das intenções**

No ponto 2.1. defini as minhas intenções para com as crianças, a equipa educativa e as famílias. Depois de ter efetuado este percurso com as crianças da sala Colmeia, as respetivas famílias e a equipa educativa do JI Pirilampo, é necessário avaliar todo este processo, assim, recorrendo ao diário de campo, notas de campo e às avaliações das atividades realizadas procederei à avaliação de cada uma das intenções por mim definidas.

No decorrer da PPS I a relação estabelecida com a equipa educativa representou para mim um alicerce muito significativo, foi com base na entreatuda existente que me foi possível desenvolver um conjunto de atividades com o grupo e que assim proporcionei momentos divertidos e de interesse para cada uma das crianças. Considerando esta uma intenção de carácter muito importante, chego ao final da intervenção com a sensação de fazer parte da equipa educativa do JI Pirilampo. A partir desta relação, todas as intenções que defini foram viáveis de cumprir, dado que o apoio

e a confiança da OC e da AAE me permitiram agir de acordo com os meus ideais com as crianças e com as famílias. O envolvimento da OC nas minhas planificações e atividades, as sugestões e todas as críticas construtivas que me foram dadas neste percurso serviram para me fortalecer e para ganhar confiança nas minhas convicções. Uma das dúvidas que senti inicialmente estava relacionada com a promoção da autonomia no grupo, à qual faço referência no diário de campo, uma vez que a minha primeira reação quando as crianças me pediam ajuda para vestir ou para calçar, era a de ajudar sem antes insistir para que tentassem sozinhos. Depois de observar a OC e a AAE agir com as crianças nessa situação percebi que devo sempre persuadir as crianças a tentarem sozinhas antes de ajudar, desta forma contribuo para a sua autonomia. Situações como esta fizeram-me aprender a ser mais observadora no contexto, ajustando-me ao funcionamento da sala e à prática da OC. No início da prática sentia-me um pouco relutante quanto a tomar a iniciativa nas situações, no entanto, depois de ganhar confiança com a equipa educativa este estado de espírito foi-se alterando e fui percebendo como devia agir de acordo com os meus princípios, indo ao encontro dos defendidos pela OC.

Tive a oportunidade de contactar diretamente com as famílias, sendo comum realizar o acolhimento e a entrega das crianças, sendo assim facilitado o desenvolvimento de uma relação de cooperação e confiança entre mim e as famílias, não sendo considerada como uma intrusa na sala Colmeia. Foi fácil contactar com as crianças que desde o início procuraram a minha ajuda e de todas as propostas feitas, só houve uma situação na qual as crianças demonstraram algum desinteresse, sendo a partir desta situação que surgiu a problemática estabelecida para a investigação.

A prática reflexiva com o grupo de crianças permitiu-me conhecer o grupo como um todo, e também cada criança individualmente, contribuindo assim para uma intervenção centrada na criança e nos seus interesses, potenciando momentos de variadas oportunidades de aprendizagem para as crianças e para mim.

## **CAPÍTULO 5 - CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Terminando este relatório reflito agora sobre a importância que a intervenção educativa em contexto de creche teve na construção da minha identidade profissional. Esta prática significou para mim o virar de uma página, pois durante 12 anos desempenhei funções de AAE em contexto de creche, sendo que para mim as situações vividas não foram encaradas como novidades, mas sim vividas sob outra perspectiva. A mudança de estabelecimento para a realização da PPS I permitiu-me conhecer novas realidades e acima de tudo colocou-me em pé de igualdade com as minhas colegas do mestrado em educação pré-escolar (MEPE), sendo como um começo para mim também.

Neste processo de conhecimento pessoal importa referir a importância vital de todas as reflexões, dúvidas, questões e definição dos princípios em que acredito, pois são eles que me farão reconhecer como educadora de infância.

Esta minha construção pessoal teve a influência direta da equipa educativa da sala Colmeia e do grupo de crianças, desta forma eu pude moldar os princípios que defendo enquanto futura educadora de infância às características de cada um e do grupo. Foi a partir do traçar de intenções para a ação que me foi possível promover uma prática pedagógica adequada.

No decorrer da prática surgiram algumas dificuldades, nomeadamente no que respeita aos tempos destinados a atividades orientadas, uma vez que na instituição decorriam as sessões de música e de ginástica durante as manhãs. Por vezes houve a necessidade de alterar os dias das atividades dado o tempo de ação ser tão curto, sendo necessário que as atividades em pequenos grupos fossem dinamizadas ao longo da semana. Foi minha opção realizar as atividades deste modo, de forma a permitir que cada criança tivesse oportunidade de usufruir das tarefas propostas ao seu ritmo. Nas primeiras semanas de PPS I introduzi um elemento novo na sala - o saquinho das surpresas - tinha como intenção utilizá-lo todas as sextas feiras como introdução à atividade do dia, no entanto, não foi possível desenvolver esta ideia, uma vez que, tal como referi, as planificações deixaram de ser diárias passando a ser semanais. A utilização do saquinho das surpresas passou a ser esporádica e revelou-se sempre um entusiasmo para as crianças, dado o fator suspense que acarretava.

Outra dificuldade sentida diz respeito ao comportamento de uma criança, esta situação fez-me questionar se as alterações observadas se deveriam à minha presença. Contando com o apoio da OC, e refletindo sobre o sucedido pude constatar que a situação não sucedia só comigo, embora comigo fosse mais marcante. Esta situação permitiu-me vivenciar um caso de cooperação entre a família e a creche, sendo que ambas se uniram para tentar perceber a razão dos comportamentos observados e descobrir em conjunto uma solução.

Devido ao comportamento da Raposa, a N. agendou uma reunião com a mãe, deste modo pôde expor as suas preocupações e tentar encontrar uma estratégia conjunta para ultrapassar esta situação que se tem vindo a observar.

(Excerto do diário de campo de dia 3 de março)

Isto remete para a dimensão das relações com as crianças, que considero a mais importante na prática educativa e na construção da minha profissionalidade, foi, portanto a área em que investi mais de mim, tendo em conta que “as relações e interações que o educador estabelece com cada criança e com o grupo, a forma como apoia as relações e interações entre crianças no grupo, são o suporte dessa educação” (Ministério da Educação, 1997, p. 52). Com algumas crianças a construção de uma relação afetiva demorou mais algum tempo, mas no geral em pouco tempo senti que fazia parte do grupo e era sempre recebida com sorrisos, abraços e beijinhos.

Após dois dias de ausência devido a problemas familiares, regresssei na sexta feira ao JI e as crianças receberam-me da mesma maneira, dando a entender que já me entendem como elemento da equipa.

(Excerto do diário de campo de dia 19 de fevereiro)

Esta relação afetiva com o grupo permitiu que as crianças se sentissem seguras comigo e participassem nas atividades propostas sem receios, alcançando assim novas conquistas.

A Prática profissional em contexto de creche contemplou, ainda uma vertente investigativa. Esta investigação, de carácter qualitativo, relativa a “A relação entre o desenho e o desenvolvimento infantil em contexto de creche” pretendia dar a entender se o desenvolvimento infantil se refletia nas produções livres das crianças de uma sala de 2,3 anos. Ao pôr em prática o plano de ação, que passava por disponibilizar materiais e momentos para a realização de desenhos livres de orientação, esperava obter resultados idênticos dentro do grupo. Dado as idades das crianças serem bastante próximas não contava com a diferença obtida nos resultados das produções das mesmas. Após a recolha e análise de três produções de cada uma das treze crianças envolvidas na investigação, pude constatar que as crianças mais velhas se encontram num nível de desenho superior às crianças mais novas. O mesmo se passa relativamente ao nível da narrativa efetuada pelas crianças, no qual as crianças mais velhas identificaram um ou mais elementos do desenho, mas não estabeleceram relação entre os mesmos. As crianças mais velhas estabeleceram relação entre os elementos e o desenho e algumas estabeleceram uma narrativa a partir do desenho, demonstrando assim uma maior competência nesta área.

Refletindo sobre toda minha prática, considero que foi um percurso bem estruturado e que me trouxe imensas aprendizagens sobre as quais passarei a refletir ao longo da minha profissão, pois é partir do percurso académico que construirei a minha identidade profissional.

Das respostas que obtive do grupo de crianças, havia propostas de atividades que gostaria de lhes ter feito, mas que devido à gestão do tempo não me foi possível, no entanto, julgo que seriam uma mais valia para o grupo.

Com o decorrer desta prática, fica ciente para mim que os princípios que defendo cada vez mais me fazem sentido e serão eles a base do meu futuro enquanto educadora de infância.

## REFERÊNCIAS

- Araújo, S. B. (2013). Dimensões da pedagogia em creche: princípios e práticas ancorados em perspectivas de natureza participativa. Em J. Oliveira-Formosinho, *Educação em Creche: Participação e diversidade* (pp. 31-74). Porto: Porto Editora.
- Associação de Profissionais de Educação de Infância (s.d.). Carta de princípios para uma ética profissional. Consultado em <http://apei.pt/associacao/carta-etica.pdf>.
- Brazelton, B., & Greenspan, S. (2006). *A criança e o seu mundo*. Lisboa: Editorial presença.
- Cardona, M. J., & Guimarães, C. M. (2012). *Avaliação na educação de infância*. Porto: Porto Editora.
- Coutinho, C., Sousa, A., Dias, A., Bessa, F., Ferreira, M. J., & Vieira, S. (2009). Investigação-ação: Metodologia Preferencial Nas Práticas Educativas. *Psicologia Educação e Cultura*, (pp. 455-479).
- Davis, J., & Gardner, H. (2002). As artes e a educação de infância: um retrato cognitivo-desenvolvimental da criança como artista. Em B. Spodek, *Manual de investigação em educação de infância* (pp. 427 - 460). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Ferreira, M. (2010). "Ela é nossa prisioneira!" Questões teóricas, epistemológicas e ético-metodológicas a propósito dos processos de obtenção da permissão das crianças pequenas numa perspectiva etnográfica. *Reflexão e Ação*, pp. 18 (2), (151-182).

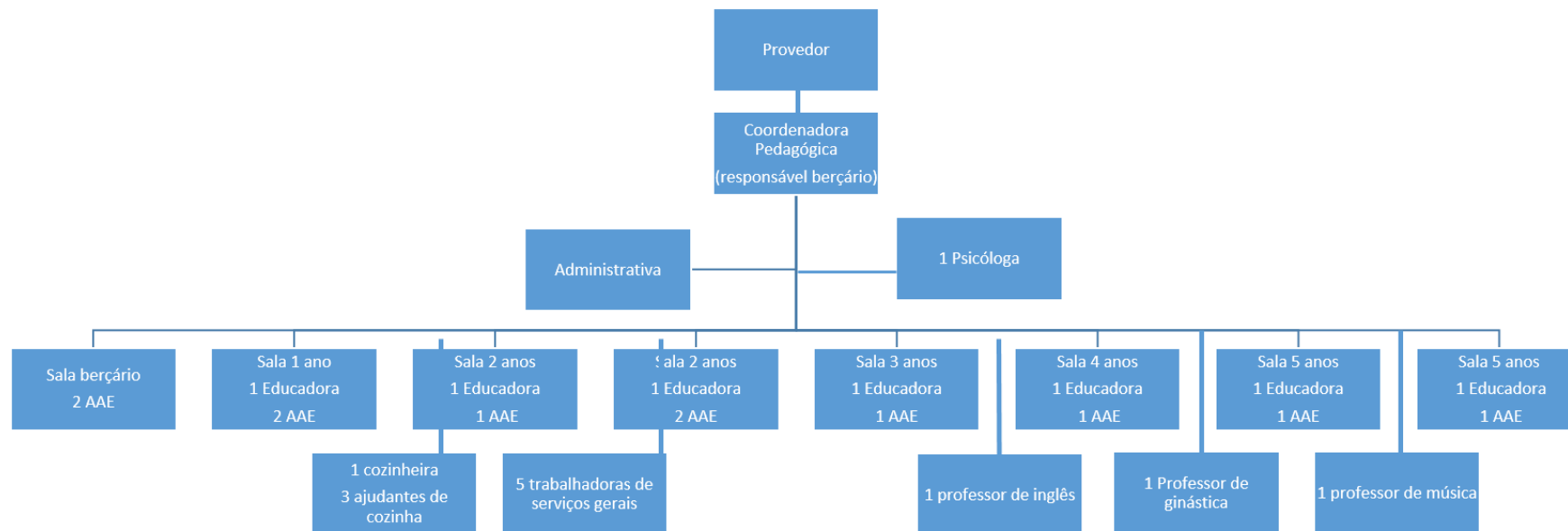
- Formosinho, J. O. (2006). O Contributo do Projecto Infância na sua Contextualização do Modelo High/Scope. Em J. Formosinho, L. Katz, D. McClellan, & D. Lino *Educação Pré-Escolar - A construção social da moralidade* (pp. 51-74). Lisboa: Texto Editores.
- Formosinho, J. O., Spodek, B., Brown, P. C., Lino, D., & Niza, S. (1998). *Modelos Curriculares para a Educação de Infância*. Porto: Porto Editora.
- Garms, G., & Santos, M. (2012). Conceções e práticas de avaliação na educação infantil brasileira. Em M. J. Cardona, & C. M. Guimarães, *Avaliação na educação de infância* (pp. 133-149). Viseu: Psicosoma.
- Hauser-Cram, P., Nugent, J. K., Thies, K. M., & Travers, J. F. (2014). *The development of children and adolescents*. United States of America: Wiley.
- Hohmann, M., & Weikart, D. P. (1997). *Educar a Criança*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Hohmann, M., Banet, B., & Weikart, D. P. (1979). *A Criança em Acção*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Katz, L., & McClellan, D. (2006). O papel do professor no desenvolvimento social das crianças. Em *Educação Pré-Escolar - A Construção Social da Moralidade* (pp. 11-48). Lisboa: Texto Editores.
- Máximo- Esteves, L. (2008). *Visão panorâmica da investigação-acção*. Porto: Porto Editora.
- Ministério da Educação. (1997). *Orientações Curriculares para Educação Pré-Escolar*. Lisboa: Ministério da Educação.

- Papalia, D. E., Olds, S. W., & Feldman, R. D. (2001). *O Mundo da Criança*. Lisboa: McGraw-Hill de Portugal, Lda.
- Parente, C. (2012). *Observar e escutar na creche: para aprender sobre a criança*. Casa de Trabalho.
- Portugal, G. (2011). *Finalidades e práticas educativas em creche: das relações, actividades e organização dos espaços ao currículo na creche*. Casa de trabalho.
- Post, J., & Hohmann, M. (2000). *Educação de bebés em Infantários. Cuidados e Primeiras Aprendizagens*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Quintela, H., & Valadares, A. (1997). Expressão Plástica. Em S. S. Cerezo, *Enciclopédia de Educação Infantil - Recursos para o desenvolvimento do currículo escolar* (pp. 1109 - 1148). Rio de Mouro: Nova Presença.
- Raizer, C. M., & Souza, N. A. (2012). O portfólio sob o olhar da criança. Em M. J. Cardona, & C. M. Guimarães, *Avaliação na educação de infância* (pp. 320-332). Viseu: Psicosoma.
- Sarmiento, M. (2006). *Conhecer a infância: Os desenhos das crianças como produções simbólicas*. Braga: IEC, UMINHO.
- Silva, I. L. (2012). Dilemas e possibilidades da avaliação nas primeiras idades. Em M. J. Cardona, & C. M. Guimarães, *Avaliação na educação de infância* (pp. 151-171). Viseu: Psicosoma.
- Tomás, C. (2011). *"Há muitos mundos no mundo" Cosmopolitismo, participação e direitos da criança*. Porto: Edições Afrontamento.



## **ANEXOS**

## Anexo A - Organograma da instituição cooperante





## Anexo B - Caracterização das famílias

Tabela B 1 *Caraterização das famílias da sala Colmeia*

Caraterização das famílias da sala Colmeia					
Crianças	Irmãos	Mães		Pais	
		Idade	Profissão	Idade	Profissão
<b>Formiga</b>	3 irmãos mais velhos	40	Gerente de loja	40	Professor de educação física
<b>Coelho</b>	Não tem	33	Educadora de infância	35	Técnico de frio
<b>Borboleta</b>	2 irmãs, 1 mais velha e 1 mais nova	SD	Desempregada	SD	Padeiro
<b>Tigre</b>	1 irmão mais velho	34	Desempregada	29	Desempregado
<b>Gato</b>	1 irmã mais velha	36	Sem dados (SD)	39	SD
<b>Periquito</b>	2 irmãs mais velhas	41	Administrativa	47	Arquiteto
<b>Peixe</b>	2 irmãs mais velhas	41	Assistente técnica hospitalar	41	Gestor imobiliário

<b>Tartaruginha</b>	1 irmã mais nova	38	Contabilista	43	SD
<b>Sapo</b>	1 irmã mais velha	SD	Administrativa	SD	Administrativo
<b>Raposa</b>	1 irmã mais velha	28	Desempregada	34	Cozinheiro
<b>Coruja</b>	Não tem	28	Produtora de cinema	28	Realizador de cinema
<b>Elefante</b>	Não tem	SD	Caixa de supermercado	SD	SD
<b>Gafanhoto</b>	1 irmão mais velho	46	Comercial disp. médicos	26	Desempregado
<b>Papagaio</b>	1 irmão mais novo	29	SD	34	SD
<b>Leão</b>	Não tem	SD	Desempregada	SD	Desempregado
<b>Grilo</b>	1 irmã mais velha	34	Gestora de clientes	35	Gestor de clientes
<b>Abelha</b>	Não tem	SD	Desempregada	SD	Construtor civil
<b>Girafa</b>	1 irmão mais novo	SD	Desempregada	SD	SD

## **Anexo C- Portefólio da prática profissional supervisionada**



**PORTEFÓLIO DA PRÁTICA  
PROFISSIONAL SUPERVISIONADA EM CRECHE**

**Vera Cruz Silva**  
(Nº 2015194)

**Supervisora institucional**  
Marina Fuertes

**2016**

## Índice

1. OBSERVAÇÃO NATURALISTA.....	113
2. PLANIFICAÇÕES.....	123
3. REFLEXÕES SEMANAIS.....	194
4. DIÁRIO DE CAMPO .....	224

## **OBSERVAÇÃO NATURALISTA**

DIA	10 de fevereiro de 2016
Hora	Descrição pormenorizada
9h	<p>A educadora N. entra na sala e as crianças encontram-se sentadas à mesa, juntamente com outras crianças das salas de 3 e 4 anos. Quando as educadoras das outras salas se encaminham para as salas, juntamente com os seus grupos, a educadora N. diz ao seu grupo para continuar a brincar com os jogos que têm em cima das mesas, enquanto esperam pelos restantes amigos. As crianças chegam, na sua maioria com a mãe ou com o pai, a educadora, dirige-se sempre à porta para falar com quem entrega a criança. Existe uma folha de registo de entradas e saídas, nesta folha constam o nome do funcionário que recebe e/ou entrega a criança, a hora, o grau de parentesco da pessoa que entrega e/ou recebe a criança e a sua assinatura. Existe também uma coluna onde poderá ser registado qualquer tipo de informação adicional para o bom funcionamento do dia de cada criança, por exemplo se tem algum medicamento a tomar, ou se irá sair num horário diferente do habitual.</p>
9h30m	<p>A educadora fecha a porta da sala e pede às crianças que se sentem no tapete, pedindo a duas que arrumem os jogos nas respetivas caixas, colocando-as em cima das mesas.</p>
10h30m – 11h	<p>Uma vez no tapete, a educadora conversa com cada criança sobre o carnaval, o que fizeram e de que se mascararam no dia anterior. De seguida a educadora relembra as crianças de que é dia de ginástica e que devem dirigir-se às mesas para efetuar o reforço da manhã (fruta).</p>
11h –	<p>À medida que vão terminando de comer, tiram-se os bibes e as crianças realizam a atividade de ginástica com o professor B.</p> <p>As crianças que não realizam a atividade saem da sala com a estagiária para um espaço comum, neste espaço ficam a brincar com legos. Nas paredes estão expostos trabalhos de outra sala, as crianças observam e a L. identifica</p>

11h30m	o trabalho da sua irmã que frequenta a sala dos 4 anos.
11h30m – 12h	<p>O grupo reúne-se no local externo à sala, uma vez que o outro grupo de dois anos utiliza a sala para a realização da atividade de ginástica. Aqui, vestem-se os bibes novamente e as crianças dirigem-se à casa de banho para a realização da higiene que antecede a refeição. A educadora, a ajudante de ação educativa (AAE) e a estagiária colocam babetes e dirigem-se ao refeitório com o grupo para o almoço. Na parede exterior da sala encontram-se expostos trabalhos sobre o inverno, realizados pelas famílias das crianças, algumas crianças mostram-me o seu trabalho e dizem como o fizeram.</p> <p>As crianças sentam-se, e colocam os babetes em cima da mesa, onde são colocadas as tigelas da sopa e todos iniciam a refeição. Conforme terminam a sopa é servido o prato principal e no final a água. As crianças são autónomas neste momento, fazendo toda a refeição sozinhas. A educadora e a AAE vão falando com as crianças, incentivando a que comam sozinhas.</p>
12h – 12h30m	<p>A educadora dirige as crianças até à casa de banho, onde fazem as suas necessidades (as que controlam os esfíncteres) e lavam mãos e boca. Na sala, as crianças entram e sentam-se à mesa, esperando que as chamem para colocar fraldas para a sesta. Quem controla os esfíncteres na sesta, dirige-se para a cama e descalça-se, arrumando os sapatos debaixo da cama. As crianças esperam que um dos adultos as tape e adormecem sozinhas.</p>
12h30m – 15h	<p>Durante este período as crianças dormem, apesar de algumas acordarem, mantêm-se na cama em silêncio, não incomodando as que dormem durante mais tempo.</p> <p>A educadora vai dizendo às crianças para se calçarem conforme acordam e depois dirigem-se à bancada para trocar a fralda e outras vão à casa de banho. O R. pede ajuda para calçar os sapatos e a educadora diz-lhe que tente sozinho pois os sapatos que tem são fáceis de calçar.</p>
15h – 15h20m	
15h20m – 15h45m	

<b>DIA</b>	<b>11 de fevereiro de 2016</b>
<b>Hora</b>	<b>Descrição pormenorizada</b>
16h	<p>Quando estão todos prontos, encaminham-se para o refeitório para lanchar. Nesta refeição, apenas duas das crianças utilizam babete, sendo que as restantes já fazem a refeição sem se sujarem. No final do lanche regressam à sala onde brincam livremente.</p> <p>As crianças começam a sair com os familiares. A partir desta hora o grupo fica com a AAE.</p>

9h	A educadora chega e as crianças estão sentadas à mesa, com os outros dois grupos, quando as educadoras recebem os recados da parte da funcionária que fez o acolhimento seguem para as suas salas. O grupo mantém-se sentado a brincar com os brinquedos que têm nas mesas. A educadora recebe as crianças que vão chegando com as mães ou com os pais.
9h30m	A educadora pede às crianças que se sentem no tapete, pedindo à M.A. e ao M. para arrumar os brinquedos que estão nas mesas. No fim juntam-se ao grupo. A educadora começa por falar com as crianças sobre o dia dos namorados, que se celebrará no próximo domingo. Ao perguntar às crianças se têm namorado, algumas respondem que sim Ed.: “R. tens namorada? R.: Sim Ed.: Quem é a tua namorada? R.: É a mãe.” (Nota de campo, 11 de fevereiro de 2016, tapete). Esta conversa sucede-se com todas as crianças e quase todas respondem que têm namorado/a e que é ou o pai ou a mãe. A Ed. explica às crianças que respondem que os pais ou mães são seus namorados/as que os pais e as mães são namorados um do outro, tendo o cuidado de não o dizer a crianças cujos pais não tenham uma relação conjugal. A educadora explica que no dia dos namorados podemos celebrar as amizades que temos e pergunta a cada menino/a com que amigo/a é que gostam mais de brincar na sala. De seguida diz aos/às meninos/as que irão fazer um coração para colocar no placard da sala com o nome do/ amigo/a que disseram. A educadora foi registando os nomes numa folha para depois escrever nos corações decorados.
9h45m	
10h	Enquanto a educadora prepara o material, fico com o grupo no tapete e vamos cantando umas canções. Começo a ensinar a canção <i>Eu tenho um amigo</i> , eu começo e peço que repitam depois de mim. Algumas crianças ficam irrequietas quando sou eu a assumir o grupo. A L. não colabora nas canções e interfere com os colegas, quando a chamo à atenção. Ignora e brinca com a língua, colocando-a de fora e fazendo barulhos. Tenho de interromper para que possa chamar a atenção à L. e ao M., de seguida

10h25m	<p>prossigo e todos participam.</p> <p>Com as duas mesas organizadas com diferentes atividades a educadora distribui as crianças pelas mesmas, numa mesa à parte estão dois pratos com tinta, vermelha e cor-de-rosa e duas canetas de feltro grossas. A educadora começa a chamar as crianças 2 a 2 e pede que a ajude a fazer os corações, pergunto então a cada criança qual a cor que querem utilizar para decorar os coração e após a escolha exemplifico molhando a parte de trás da caneta na tinta e “carimbando” o coração. Posiciono-me lateralmente de modo a ver as duas mesas onde decorrem as atividades e auxilio as crianças que estão a carimbar, sendo necessário, por vezes segurar nas suas mãos para endireitar a caneta.</p>
10h45m	
11h15m – 12h	<p>A educadora interrompe a atividade na hora de comer a fruta e depois de todos terem comido retomamos a atividade terminando com quem ainda não tinha feito.</p> <p>Terminada a atividade, arrumo o material e colocam-se os trabalhos a secar. A educadora distribui o grupo pelas áreas, ficando 4 crianças na área da casa, 4 crianças na área da garagem e outras 4 crianças na mesa a fazer construções de legos. O G. tenta passar da garagem para a casa e a educadora alerta-o de que ainda não trocaram de áreas, devendo, portanto manter-se a brincar na garagem. Passado algum tempo a educadora sugere que troquem de áreas e pede-me que oriente a troca. Tendo em atenção que o grupo que estava na garagem é que demonstrou mais interesse para ir para a casa, faço rodar o grupo nas suas atividades e todos aceitam bem a troca.</p> <p>As crianças arrumam os brinquedos e os jogos a pedido da educadora e sentam-se no tapete, fazem um comboio com a educadora e dirigem-se à casa</p>
12h – 12h30m	
13h – 15h	<p>de banho, encostam-se à parede exterior e vão entrando em grupos de 4 para lavar as mãos, eu vou auxiliando dentro da casa de banho. Conforme saem a AAE coloca-lhes babetes e voltam a encosta-se à parede. Quando estão todos</p>

<p>15h30m – 16h</p>	<p>prontos, fazem comboio até ao refeitório. Já no refeitório sentam-se e colocam os babetes em cima das mesas. A L. provoca alguma agitação para se sentar, andando para trás e para a frente, passando pelos/as amigos/as. A refeição decorre dentro da normalidade, havendo uma ou outra criança que demora um pouco mais a comer. Nesta situação a educadora insiste com estas crianças e quando todos estão prontos, pede a outras educadoras que estão no refeitório que acompanhem a criança até esta terminar e encaminha o grupo para a casa de banho onde lavam as mãos e a boca.</p> <p>Higiene e preparação para a sesta. Depois de realizarem a higiene na casa de banho as crianças dirigem-se à sala e as que não controlam os esfíncteres na sesta, sentam-se nas cadeiras e aguardam que sejam chamadas para trocar a fralda. As restantes crianças vão se descalçando e deitam-se, ficam à espera que a AAE ou a educadora os tapem e lhes entreguem a chucha. As crianças mantêm-se em silêncio e adormecem sozinhas. A L. e o M. precisam que se fique por perto, só par se acalmarem, mas não é necessário embalar, simplesmente precisam que alguém se sente perto do catre para se manterem em silêncio até que acabam por adormecer.</p> <p>Durante a sesta as crianças dormem tranquilas, o Mi. acorda mais cedo mas fica em silêncio na cama, a seguir a ele começam outras crianças a acordar mas ficam em silêncio, sem ser necessário interceder.</p> <p>A educadora diz às crianças que estão acordadas que podem calçar-se e levantar, estas acedem e as que não usam fralda dirigem-se à casa de banho e voltam para a sala, sentando-se nas cadeiras em volta da mesa. As que usam fralda vão até à bancada e a estagiária e a AAE fazem a troca da fralda.</p> <p>Quando estão todos prontos, a educador apede que façam um comboio à porta e encaminham-separa o refeitório onde lancham. O J. tem o iogurte diferente e o pão vem embrulhado à parte, devido às suas alergias alimentares. Todos comem bem e sozinhos. Algumas crianças demoram mais a comer o pão e levam-no para a sala onde terminam à mesa, enquanto os outros vão brincar. Algumas das crianças começam a sair com os familiares.</p>
-------------------------	--

--	--

<b>DIA</b>	<b>12 de fevereiro de 2016</b>
<b>Hora</b>	<b>Descrição pormenorizada</b>
9h	As crianças encontram-se sentadas à mesa com brinquedos, quando a educadora chega a AAE transmite os recados existentes e a educadora continua a receber as crianças, conversando com os pais sempre que necessário. As crianças que chegam juntam-se às outras nas mesas e partilham os brinquedos.
9h30m	A educadora pede-me que feche a porta e aos meninos e meninas que se sentem no tapete e arruma os brinquedos nas caixas. Começa a conversa de tapete e explica que no dia anterior três dos meninos/as não fizeram o trabalho alusivo ao dia dos namorados. Explica, então a essas crianças o que fizeram no dia anterior e pergunta a cada um com que amigo mais gostam de brincar, explicando que depois de carimbarem o coração irá escrever o nome desse amigo e depois colocará todos os trabalhos no placard da sala. A educadora diz, também, que irá fazer um coração grande para colocar no meio do placard.
9h40m	Terminada a explicação, a educação a distribui as crianças pelas duas mesas e dá-lhes um jogo de encaixe que pertence a uma das salas do pré-escolar. As crianças mostram-se entusiasmadas pois já haviam jogado anteriormente e gostaram bastante.
10h10m	As três crianças que não fizeram o coração fazem-no sob a minha orientação. Na mesa branca que está na área da casa, disponho os materiais e pergunto cada um de que cor quer pintar o coração. Quando escrevo o nome leio-o em voz alta e pausadamente dando significado à escrita. Quando terminam juntam-se aos amigos nas mesas de jogo.
10h30m	As crianças arrumam e comem a fruta. Há duas crianças que demoram mais tempo a comer a fruta, sendo necessário insistir para que comam.
10h40m	As crianças sentam-se no tapete em roda à espera do professor de música, que está ligeiramente atrasado. As educadoras das duas salas de dois anos
11h15m	
11h30m	
– 12h	
12h30m	

<p>– 15h</p>	<p>decidem juntar os grupos para a sessão de música, uma vez que se fizerem separados vai atrasar o almoço.</p> <p>Quando o professor chega, encaminho as crianças que não têm música para a sala verde onde brincam livremente nas áreas da sala.</p> <p>Terminada a música, junta-se o grupo e dirigem-se à casa de banho onde</p>
<p>15h30m</p>	<p>fazem a higiene e seguem para o refeitório.</p> <p>A s crianças comem sozinhas, colocando os babetes em cima da mesa para que não e sujem. Terminada a sopa comem o prato e há seis crianças que repetem a dose. O H. volta a demorar a comer a sopa e quando todos terminam a AAE pede à educador da outra sala que o deixe ficar na sua mesa a comer e que o encaminhe para a sala quando terminar.</p> <p>Todas as crianças vão à casa de banho lavar as mãos e a boca. As que já não usam fralda fazem as necessidades e dirigem-se para a sala. Depois de preparadas para a sesta deitam-se e esperam que que uma das adultas as tapem.</p> <p>As crianças dormem tranquilas e começam a acordar por volta das 14h30m, (M.A., M., V., D.) no entanto mantêm-se em silêncio na cama até que a educadora ou a AAE lhes diz que se podem calçar e ir à casa de banho. As adultas vestem-lhes as batas e sentam-se à mesa até estarem todos prontos.</p> <p>Hoje as crianças lancham na sala, às sextas-feiras a rotina do lanche é alterada devido à atividade de ginástica do pré-escolar ser realizada no refeitório. As auxiliares de serviços gerais levam para a sala os tabuleiros com o lanche das crianças. Todas comem autonomamente e apenas duas usam babete.</p> <p>Terminado o lanche, as crianças brincam livremente na sala sob a observação da AAE. A partir das 16h começam a sair com familiares.</p>

## **PLANIFICAÇÕES**

**Semana 2 - 15 a 19 de fevereiro**  
**Atividade: Elaboração de um mapa de presenças**

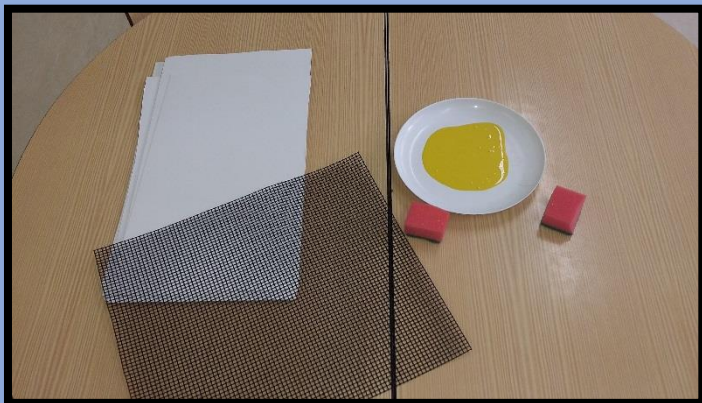
<b>Tema da atividade:</b>	<b>Datas:</b>	<b>Duração aproximada:</b>	<b>Participantes:</b>
Sentido do Eu	15 a 19 de fevereiro	Cerca de 15 minutos/criança	Crianças, educadora, AAE e estagiária.
<b>Área de desenvolvimento:</b>	<b>Objetivos Pedagógicos:</b>		
Psicomotricidade: motricidade fina; Pessoal-Social.	- Promover a motricidade fina; - Identificar a cor amarela; - Associar a sequência de atividades ao mapa de presenças.		
<b>Materiais:</b>	<b>Estratégias</b>		
	<b>Organização do espaço e dinâmica:</b>	<b>Implementação das propostas:</b>	
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Cartolinas brancas</li> <li>• Tinta amarela</li> <li>• Pratos</li> <li>• Esponja</li> <li>• Rede quadriculada</li> <li>• Máquina fotográfica</li> </ul>	Trabalho a realizar dois a dois, com o restante grupo distribuído pelas mesas organizadas com jogos. Com o grupo dividido em duas mesas a estagiária faz com duas crianças de cada vez e vai conversando com as que estão a observar.	Conversa inicial de tapete com o intuito de explicar o que é um mapa de presenças e de que forma o podemos construir. A estagiária explica ao grande grupo o trabalho a fazer e mostra os materiais que irão utilizar. Distribuição das crianças pelas duas mesas redondas, uma das mesas já se encontra preparada com o material necessário para a atividade, na outra mesa serão disponibilizados jogos à escolha das crianças. A estagiária inicia a atividade com duas crianças, colocando o avental para proteger a roupa e exemplifica numa cartolina como se faz.	
<b>Descrição da atividade:</b>			
Colocar a cartolina e a rede por cima e pedir à criança para molhar a esponja no prato da tinta amarela e esponjar a cartolina por cima da rede, marcando os quadrados na cartolina. Incentivar as crianças a fazer sozinhas e auxiliar quando necessário. Durante a realização vai falando com as crianças sobre o que estão a fazer. Por exemplo: “Estamos a usar a cor amarela”, “é a cor da sala”, “quando chegamos à escola vamos colocar a nossa presença”, “quem é que veio à escola hoje?”, “e quem não está cá hoje?”. As fotografias serão tiradas noutro momento, depois de todos terem feito a atividade de pintura das cartolinas.			
<b>Avaliação / Reflexão:</b>			

A maioria das crianças necessitou de ajuda para colorir os cantos da cartolina, uma vez que tinham de fazer um pouco de força com a esponja. A maioria das crianças identificou a cor amarela, sendo esta uma cor muito comum na sala, foi visível o contacto com a palavra amarelo e a associação da cor a diversos objetos da sala. Ao longo do processo fui dizendo às crianças para que serve o mapa de presenças, com a intencionalidade de interligar as atividades de pintura e as fotografias com o mesmo. A trabalhar com crianças tão pequenas, é importante ir relembrando a razão da atividade, se esta não for visível logo no momento. Quando comecei a tirar as fotografias fui perguntando se sabiam para o que eram e a grande maioria respondeu que sim, que eram para marcar as presenças. As crianças que não se recordavam para que serviriam as fotografias, foram relembradas do seu propósito. De futuro, devo procurar desenvolver atividades que se concluam num menor espaço de tempo, de forma a que as crianças não percam o raciocínio.

**Observações:**

As atividades foram repartidas em diversos momentos, uma vez que devido às sessões de música e de ginástica, as manhãs são bastante ocupadas.

**Fotografias:**



Atividade: Elaboração do mapa de presenças		
Crianças	Indicadores de avaliação	
	Identifica a cor amarela	Associa a tarefa à construção do mapa
Formiga	●	●
Coelho	●	●
Borboleta	●	●
Tigre	X	X
Gato	●	●
Periquito	●	●
Peixe	●	●
Tartaruginha	●	●
Sapo	X	X
Raposa	●	●
Coruja	●	●
Elefante	●	●
Papagaio	●	●
Leão	●	●
Gribo	●	●
Abelha	●	●
Gafanhoto	●	●

Legenda



Sim



Não



Sim, com ajuda

X- Faltou/ não realizou

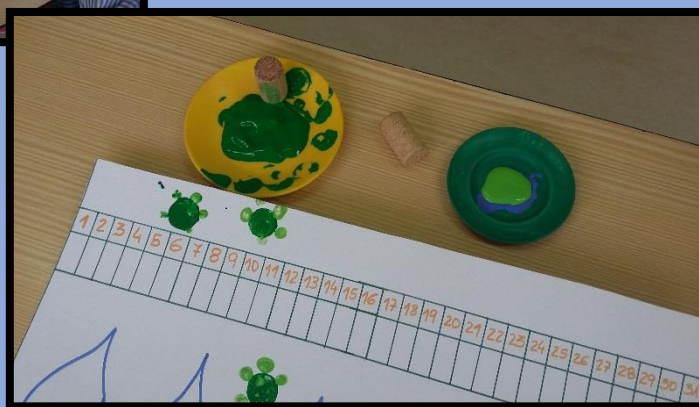
<b>Semana 3 - 22 a 26 de fevereiro</b> <b>Atividade: Apresentação da Minnie</b> <b>Elaboração de um mapa de cuidados</b>			
<b>Tema da atividade:</b>	<b>Datas:</b>	<b>Duração aproximada:</b>	<b>Participantes:</b>
Os animais de estimação	22 a 26 de fevereiro	Uma hora	Crianças, educadora, AAE estagiária e famílias.
<b>Área de desenvolvimento:</b>	<b>Objetivos Pedagógicos:</b>		
Pessoal-Social; Psicomotricidade: motricidade fina.	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Segurar a rolha na vertical;</li> <li>- Carimbar a cartolina com rolha de cortiça;</li> <li>- Pintar com o dedo.</li> </ul>		
<b>Materiais:</b>	<b>Estratégias</b>		
	<b>Organização do espaço e dinâmica:</b>	<b>Implementação das propostas:</b>	
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Aquário com tartaruga;</li> <li>• Alimentação para tartarugas;</li> <li>• Cartolina;</li> <li>• Rolhas de cortiça;</li> <li>• Tinta verde.</li> </ul>	<p>O grupo encontra-se disposto em roda no tapete para a apresentação da tartaruga.</p> <p>Pintura a dois, com o restante grupo a realizar atividades em paralelo com a educadora.</p>	<p>Conversa sobre tartarugas, o que comem e como devemos tratar delas. Observação direta do corpo da tartaruga: a cor, a carapaça, as patas.</p> <p>Escolha do local onde vai ficar o aquário com a tartaruga.</p>	
<b>Descrição da atividade:</b>			
<p>Apresentar a Minnie ao grupo, dentro do aquário e ir passando pelas crianças de forma a que todas observem a tartaruga. Informar as crianças do tipo de comida que as tartarugas comem e deixar ver e cheirar.</p> <p>Após a construção das tabelas organizativas de alimentação, higiene e fins de semana da Minnie, fazer com as crianças tartarugas através da técnica de carimbagem e pintura de dedo. Molhar a rolha na tinta verde e carimbar a folha com a rolha na vertical, fazendo a carapaça da tartaruga, pintar com o dedo as patas e cabeça.</p>			
<b>Avaliação / Reflexão:</b>			
<p>Na apresentação da Minnie como o novo animal de estimação da sala Colmeia, o grupo mostrou-se entusiasmado e interessado em participar nos cuidados diários da Tartaruga. Todos identificaram o animal, e souberam nomear as suas partes do corpo, a carapaça, as patas e a cabeça. As crianças revelaram alguma dificuldade em segurar a rolha na vertical para carimbar, tendo sido preciso o meu auxílio nesta parte da atividade. As crianças identificaram os dois tons de verde como verde claro e verde escuro. Relativamente à pintura com o dedo, todas a realizaram sem necessidade de ajuda.</p>			

**Observações:**

As atividades são planejadas para a semana de forma a existir uma complementaridade com as atividades da educadora. Devido ao pouco tempo livre durante as manhãs, estas são realizadas em vários momentos durante a semana.

Paralelamente à atividade de pintura das tartarugas, a educadora desenvolveu uma atividade de pintura com lápis de cor, em que as crianças diferenciavam o verde escuro do verde claro, perante esta atividade, introduzi, também esta particularidade na atividade planeada. Assim, as crianças puderam verificar que existem várias tonalidades de verde, nos variados materiais manipulados por elas.

**Fotografias:**



Atividade: pintura com rolha e dedos			
Crianças	Indicadores de avaliação		
	Segura a rolha na vertical	Carimba a folha com a base da rolha	Molha o dedo na tinta para pintar
Formiga	X	X	X
Coelho	●	●	●
● Borboleta	●	●	●
Tigre	●	●	●
Gato	●	●	●
Periquito	●	●	●
Peixe	●	●	●
Tartaruginha	●	●	●
Sapo	X	X	X
Raposa	●	●	●
Coruja	X	X	X
Elefante	●	●	●
Papagaio	●	●	●
Leão	●	●	●
Grilo	●	●	●
Abelha	●	●	●
Gafanhoto	●	●	●

Legenda



Sim



Não



Sim, com ajuda

X- Faltou/ não realizou

<b>Semana 4 - 29 de fevereiro a 4 de março</b> <b>Atividade: Leitura e dinamização de histórias</b>			
<b>Tema da atividade:</b>	<b>Datas:</b>	<b>Duração aproximada:</b>	<b>Participantes:</b>
Dia do Pai	29 de fevereiro a 4 de março	15 minutos por história	Crianças, estagiária, educadora e AAE
<b>Área de desenvolvimento:</b>	<b>Objetivos Pedagógicos:</b>		
Linguagem; Pessoal-Social.	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Desenvolver a capacidade de concentração e de atenção;</li> <li>- Identificar as personagens presentes nas histórias;</li> <li>- Fomentar hábitos de leitura.</li> </ul>		
<b>Materiais:</b>	<b>Estratégias</b>		
	<b>Organização do espaço e dinâmica:</b>	<b>Implementação das propostas:</b>	
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Livro:</li> <li>• Peluches</li> <li>• fantoches</li> </ul>	O espaço da sala mantém-se inalterado. As crianças dispostas em roda no tapete.	Leitura das histórias com dinamização através dos fantoches e peluches.	
<b>Descrição da atividade:</b>			
Com as crianças sentadas em roda no tapete, iniciar a leitura da história recorrendo ao peluche/ fantoche correspondente à personagem presente na história. Fazer uma leitura expressiva e interagir com as crianças fazendo perguntas acerca da história e fazer corresponder à realidade.			
<b>Avaliação / Reflexão:</b>			
<p>As crianças demonstraram interesse no conjunto de histórias contado ao longo da semana, sendo que foi visível a evolução do grupo no que diz respeito à atenção despendida nestes momentos. Durante a dinamização, no primeiro dia, em que o grupo se encontrava sentado em roda e eu sentada com eles no chão, a concentração não era muita pois algumas crianças não estavam a conseguir ver bem as imagens. Depois de conversar com a educadora, no dia seguinte a disposição do grupo não foi em roda, mas sim tipo xadrez, e eu sentei-me numa cadeira em frente. Desta forma, todos conseguiram ver as imagens ao mesmo tempo e mantiveram-se mais concentrados. Há três elementos do grupo que demonstram dificuldade em se concentrarem no momento da história, tendo eu por vezes de interromper e pedir que se sentassem ou cruzassem as pernas, pois estavam a incomodar os/as amigos/as. Relativamente à identificação dos personagens da história, todas as crianças identificaram as personagens presentes e associaram o peluche/fantoche como uma das personagens da história.</p> <p>Com esta atividade percebi que há organizações do grupo que não resultam com todas as crianças, pois este grupo, ao ter por hábito sentar-se em xadrez, revelou muita dificuldade em sentar-se em roda e manter-se atento à história. No dia seguinte, resolvi adotar a estratégia utilizada pela educadora e os resultados foram diferentes, no entanto, as crianças que revelaram dificuldade de atenção na história mantiveram o mesmo comportamento.</p>			

### Observações

O facto de ter escolhido histórias pequenas veio facilitar esta tarefa, pois a seguir à marcação das presenças e antes do momento do reforço da manhã, e posterior atividade de ginástica/música, o tempo útil não é muito, sendo que assim, esta foi uma atividade que decorreu no tempo devido sem existir interrupções.

Atividade: Histórias		
Crianças	Indicadores de avaliação	
	Identifica as personagens da história	Manteve a concentração durante a história
Formiga	●	●
Coelho	X	X
Borboleta	●	●
Tigre	●	●
Gato	●	●
Periquito	●	●
Peixe	●	●
Tartaruguinha	●	●
Sapo	X	X
Raposa	●	●
Coruja	●	●
Elefante	X	X
Papagaio	●	●
Leão	●	●
Grilo	●	●
Abelha	●	●
Gafanhoto	●	●

Legenda

● Sim    ● Não    ● Sim, com ajuda    X- Faltou/ não realizou

<b>Semana 5 - 7 a 11 de março</b> <b>Atividade: Pintura com berlindes</b>			
<b>Tema da atividade:</b>	<b>Datas:</b>	<b>Duração aproximada:</b>	<b>Participantes:</b>
Exploração de materiais	7 a 11 de março	Cerca de 5 minutos para cada criança	Crianças, educadora, AAE e estagiária.
<b>Área de desenvolvimento:</b>	<b>Objetivos Pedagógicos:</b>		

Pessoal-Social; Psicomotricidade: motricidade fina.	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Desenvolver a motricidade fina – pintar com berlindes;</li> <li>- Desenvolver o sentido estético;</li> <li>- Identificar as três cores utilizadas;</li> <li>- Aguardar a sua vez de realizar a atividade.</li> </ul>	
<b>Materiais:</b>	<b>Estratégias</b>	
	<b>Organização do espaço e dinâmica:</b>	<b>Implementação das propostas:</b>
<ul style="list-style-type: none"> <li>- 1 caixa de cartão;</li> <li>- 3 berlindes;</li> <li>- Cartolina;</li> <li>-Tintas de cores diferentes (amarelo, azul e cor de laranja).</li> </ul>	Atividade realizada nas mesas, em pequenos grupos de 3. As restantes crianças ficam distribuídas pelas mesas a modelar plasticina, com o apoio da educadora e da AAE.	Durante o momento de tapete, explicar a atividade a realizar e mostrar os materiais que vamos utilizar. Questionar as crianças sobre o seu conhecimento dos materiais e exemplificar como fazer.
<b>Descrição da atividade:</b>		
Colocar uma cartolina, com o nome da criança escrito atrás, dentro da caixa e pedir à criança que escolha a cor que quer colocar primeiro na folha. Pedir que pegue no pincel e que salpique a folha com a tinta de modo a deixar gotas de tinta, realizar o mesmo procedimento para as três cores disponíveis, permitindo a escolha da ordem com utiliza as tintas. Ao longo do processo ir perguntando se reconhece as cores. De seguida pedir à criança que balance a caixa de forma a que os berlindes espalhem a tinta existente na cartolina. Dar feedback positivo à criança durante o processo e no final mostrar o resultado e perguntar se está bonito.		
<b>Avaliação / Reflexão:</b>		
Ao realizar esta atividade percebi que as crianças possuem um sentido de justiça, pois enquanto faziam a tarefa, estavam atentas à ordem estabelecida e quando terminaram, o Periquito disse: “agora é a Coruja” mostrando ter percebido que a ordem com que chamava as crianças era a ordem com que realizavam a tarefa. A maioria das crianças identificou as cores utilizadas e mostrou-se satisfeita com o resultado obtido. O Gafanhoto não salpicou a tinta na folha, preferindo ter pintado com o pincel e depois espalhado com os berlindes. A Coruja não balançou muito a caixa, no entanto, mostrou-se satisfeita com o resultado do seu trabalho.		
<b>Observações:</b> Esta atividade prolongou-se até segunda-feira, uma vez que devido a ter havido falta de pessoal na sexta-feira não foi possível terminar a atividade.		

**Fotografias:**



<b>Atividade: Pintura com berlindes</b>						
<b>Crianças</b>	<b>Indicadores de avaliação</b>					
	Identifica as três cores utilizadas			Espera a sua vez para a realização da tarefa	Balança a caixa de modo a pintar a cartolina com os berlindes	Observa criticamente o seu trabalho após terminado
	amarelo	azul	Cor de laranja			
<b>Formiga</b>	●	●	●	●	●	●
<b>Coelho</b>	●	●	●	●	●	●
<b>Borboleta</b>	●	●	●	●	●	●
<b>Tigre</b>	●	●	●	●	●	●
<b>Gato</b>	X	X	X	X	X	X
<b>Periquito</b>	●	●	●	●	●	●
<b>Peixe</b>	●	●	●	●	●	●
<b>Tartaruginha</b>	●	●	●	●	●	●
<b>Sapo</b>	X	X	X	X	X	X
<b>Raposa</b>	X	X	X	X	X	X
<b>Coruja</b>	●	●	●	●	●	●
<b>Elefante</b>	●	●	●	●	●	●
<b>Papagaio</b>	●	●	●	●	●	●
<b>Leão</b>	●	●	●	●	●	●
<b>Grilo</b>	●	●	●	●	●	●
<b>Abelha</b>	●	●	●	●	●	●
<b>Gafanhoto</b>	●	●	●	●	●	●

Legenda

● Sim    ● Não    ● Sim com ajuda

X Faltou/ não realizou

**Semana 6 - 14 a 18 de março**  
**Atividade: Pintura com balão e com garfo de plástico**

<b>Tema da atividade:</b>	<b>Datas:</b>	<b>Duração aproximada:</b>	<b>Participantes:</b>
Dia do pai	14 a 18 de março	20 minutos /criança	Crianças, estagiária, educadora, AAE
<b>Área de desenvolvimento:</b>	<b>Objetivos Pedagógicos:</b>		
Psicomotricidade: motricidade fina; Pessoal-social.	- Estimular a criatividade (pintar um sol); - Manipular diferentes materiais; - Desenvolver a motricidade fina;		
<b>Materiais:</b>	<b>Estratégias</b>		
	<b>Organização do espaço e dinâmica:</b>	<b>Implementação das propostas:</b>	
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Papel;</li> <li>• Tinta amarela e cor de laranja;</li> <li>• Garfos de plástico;</li> <li>• Balões.</li> </ul>	Trabalho a realizar com pequenos grupos, na mesa redonda.	Com o grupo sentado no tapete, no momento da manhã, após a marcação das presenças, mostrar o saco das surpresas com os materiais lá dentro. Fazer um pouco de suspense sobre o que estará dentro do saco e pedir a duas ou três crianças que tirem os objetos lá de dentro. Desenvolver a conversa em torno dos objetos e questionar as crianças sobre o que poderemos fazer com eles.	
<b>Descrição da atividade:</b>			
Encher os balões com um pouco de água, de forma a que formem uma base redonda. Colocar tinta cor de laranja e amarela em pratos de plástico e molhar o balão na tinta amarela e pintar uma bola numa folha, depois molhar o garfo na tinta cor de laranja e pintar à volta da bola amarela de modo a formar os raios de sol.			
<b>Avaliação / Reflexão:</b>			
Durante a atividade, notei que as crianças gostariam de experimentar a pintura com o balão livremente. O facto de a intenção ser a de formar um sol, não permitiu que esta exploração fosse feita pelas crianças, tendo sido esta atividade bastante orientada. Tendo em conta que a minha intenção era a de pintar um sol, utilizando utensílios do dia-a-dia, demonstrando que através de materiais presentes em nossas casas é possível criar, esta atividade foi bem-sucedida mas deixou-me pouco satisfeita. É certo que a maioria das crianças demonstrou manusear corretamente estes materiais para a atividade que fora proposta, no entanto, senti que foi uma ação forçada para o fim que eu pretendia e não para o que as crianças necessitavam. O final deu origem a uma bonita mensagem para o dia do Pai, mas ficou em falta o tempo de exploração livre dos materiais.			

### Observações

Esta atividade surge no seguimento da pintura com a técnica do berlinde, após secagem será colado o coração recortado da cartolina pintada com a técnica supra mencionada.

### Fotografias:



<b>Atividade: Pintura com balão e garfo de plástico</b>		
<b>Crianças</b>	<b>Indicadores de avaliação</b>	
	<b>Mostra interesse na atividade</b>	<b>Manipula o material para o efeito pretendido</b>
<b>Formiga</b>	●	●
<b>Coelho</b>	●	●
<b>Borboleta</b>	●	●
<b>Tigre</b>	●	●
<b>Gato</b>	●	●
<b>Periquito</b>	●	●
<b>Peixe</b>	●	●
<b>Tartaruginha</b>	●	●
<b>Sapo</b>	X	X
<b>Raposa</b>	●	●
<b>Coruja</b>	●	●
<b>Elefante</b>	●	●
<b>Papagaio</b>	●	●
<b>Leão</b>	●	●
<b>Grilo</b>	●	●
<b>Abelha</b>	●	●
<b>Gafanhoto</b>	●	●

Legenda

● Sim

● Não

● Sim, com ajuda

X- Faltou/ não realizou

<b>Semana 7 - 21 a 24 de março</b> <b>Atividade: Vamos fazer ovos de gelatina</b>			
<b>Tema da atividade:</b>	<b>Datas:</b>	<b>Duração aproximada:</b>	<b>Participantes:</b>
Páscoa	22 de março	30 minutos	Crianças, estagiária, Educadora, AAE
<b>Área de desenvolvimento:</b>	<b>Objetivos Pedagógicos:</b>		
Psicomotricidade: motricidade fina; Pessoal-social;	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Encher um copo de líquido (água);</li> <li>• Vazar um copo de líquido para outro recipiente (água);</li> <li>• Descascar o ovo de gelatina.</li> </ul>		
<b>Materiais:</b>	<b>Estratégias</b>		
	<b>Organização do espaço e dinâmica:</b>	<b>Implementação das propostas:</b>	
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Um pacote de gelatina;</li> <li>• Uma taça grande;</li> <li>• Um copo medidor;</li> <li>• Um jarro elétrico;</li> <li>• Uma caneca pequena;</li> <li>• Uma leiteira pequena;</li> <li>• Uma colher;</li> <li>• Água.</li> </ul>	Atividade a realizar em grande grupo, com o grupo disposto em roda sentado nas cadeiras com as mesas no centro.	Mostrar as cascas de ovos às crianças e perguntar se sabem o que são. Explicar que além dos ovos de chocolate que se costumam comer na Páscoa, desta vez vamos comer também ovos de gelatina.	
<b>Descrição da atividade:</b>			
<p>Confecionar gelatina com a participação das crianças. Abrir dois pacotes de gelatina e pedir a duas crianças que despejem o pó para uma taça grande. Colocar 500 ml de água a ferver num local que as crianças não tenham acesso e num copo medidor colocar 200 ml de água fria. Juntar a água quente ao preparado em pó e mexer, pedir ajuda a uma criança. De seguida a pedir às crianças que retirem do copo medidor água fria, com a ajuda de uma caneca, e despejem para a taça grande mexendo de seguida com a colher, repetir este processo para cada criança. Depois da gelatina feita encher a leiteira para verter o líquido para encher as cascas de ovos.</p> <p>No dia seguinte, retirar os ovos do frigorífico e mostrar ao grupo, depois dar cada criança um ovo e pedir que o descasquem para poderem comer a gelatina.</p>			
<b>Avaliação / Reflexão:</b>			
<p>Durante a atividade apercebi-me de que, excluindo o Gato, todas as crianças tiveram facilidade em encher a caneca e despejar a água para a taça onde estava o preparado para a gelatina. Não consegui identificar se o Gato não consegue mesmo fazer o movimento de encher a caneca ou se, dado ser bastante introvertido, se tenha sentido observado por todos e por isso não o tenha feito. Talvez possa trazer uma caixa de plástico grande com areia e recipientes, permitindo a exploração livre para observar</p>			

esta situação com maior pormenor. O processo de enchimento dos ovos teve de ser realizado com o meu apoio, dado que o orifício para onde verter o líquido era pequeno e ao permitir que as crianças fizessem sozinhas, estas iriam entornar a gelatina. No entanto, todas as crianças conseguiram encher os ovos, sendo visível a dificuldade de parar quando o ovo já estava cheio. A perceção de profundidade do recipiente, neste caso o ovo, não está ainda presente para a maioria das crianças. No dia 23, a seguir ao almoço mostrei os ovos saídos do frigorífico e dei um a cada criança, informando que teriam de bater com o ovo para rachar a casca e depois retirar a mesma para comerem a gelatina.

### Observações

Esta atividade só estará concluída depois de as crianças descascarem o seu ovo de gelatina, o que acontecerá no dia seguinte. A gelatina tem de repousar no frigorífico (na cozinha) para que solidifique.

### Fotografias:





<b>Atividade: Ovos de gelatina</b>			
<b>Crianças</b>	<b>Indicadores de avaliação</b>		
	Enche um copo de água sem entornar	Despeja um copo de água para outro recipiente	Retira a casca de um ovo de gelatina
<b>Formiga</b>	●	●	●
<b>Coelho</b>	X	X	●
<b>Borboleta</b>	●	●	●
<b>Tigre</b>	X	X	X
<b>Gato</b>	●	●	●
<b>Periquito</b>	●	●	●
<b>Peixe</b>	●	●	●
<b>Tartaruginha</b>	●	●	X*
<b>Sapo</b>	X	X	X

<b>Raposa</b>	●	●	●
<b>Coruja</b>	●	●	X*
<b>Elefante</b>	●	●	●
<b>Papagaio</b>	●	●	●
<b>Leão</b>	●	●	●
<b>Grilo</b>	●	●	●
<b>Abelha</b>	●	●	●
<b>Gafanhoto</b>	●	●	●

Legenda

● Sim      ● Não      ● Sim, com ajuda

**X**- Faltou/ não realizou

\* No momento de retirar a casca do ovo, estas duas crianças recusaram fazê-lo por não gostarem de gelatina.

**Semana 8 - 4 a 8 de abril**

**Atividade:**

1. **Leitura da história *A lagartinha muito comilona***
2. **Vamos semear relva**
3. **Os novos amigos da sala: bichos da seda.**

<b>Tema da atividade:</b>	<b>Datas:</b>	<b>Duração aproximada:</b>	<b>Participantes:</b>
Primavera	4 a 8 de abril	1. 20 minutos 2. 1 hora 3. 20 minutos (observar o processo de metamorfose)	Crianças, estagiária, educadora e AAE.
<b>Área de desenvolvimento:</b>	<b>Objetivos Pedagógicos:</b>		
Linguagem; Pessoal-social; Psicomotricidade.	<ol style="list-style-type: none"><li>1.<ul style="list-style-type: none"><li>▪ Ampliar o vocabulário;</li><li>▪ Desenvolver a capacidade de concentração durante a audição de uma história;</li><li>▪ Identificar as diferenças ocorridas pela lagartinha ao longo da história.</li></ul></li><li>2.<ul style="list-style-type: none"><li>▪ Desenvolver a curiosidade para com as plantas;</li><li>▪ Estimular a exploração de novos materiais;</li><li>▪ Promover a quantificação de materiais sólidos;</li><li>▪ Promover o gosto por atividades ao ar livre.</li></ul></li><li>3.<ul style="list-style-type: none"><li>▪ Fomentar o respeito e o cuidado pelos animais;</li><li>▪ Reconhecer as diferentes fases do processo da metamorfose.</li></ul></li></ol>		
<b>Materiais:</b>	<b>Estratégias</b>		
	<b>Organização do espaço e dinâmica:</b>	<b>Implementação das propostas:</b>	
<ol style="list-style-type: none"><li>1. Livro: <i>A lagartinha muito comilona</i> de Eric Carle.</li><li>2. Copos de plástico; Terra; Sementes de relva; Água.</li><li>3. Bichinhos da seda.</li></ol>	<ol style="list-style-type: none"><li>1. Atividade de grande grupo: em xadrez, disposto no tapete da sala de atividades;</li><li>2. Atividade de grande grupo: grupo em roda no espaço exterior da instituição;</li><li>3. Atividade em grade grupo:</li></ol>	<ol style="list-style-type: none"><li>1. Com o grupo disposto no tapete, após a marcação das presenças, mostrar a capa do livro e questionar o que está na ilustração. Iniciar a leitura da história fomentando a participação das crianças na leitura das ilustrações.</li><li>2. Na conversa de tapete, explicar às crianças que iremos realizar uma atividade no exterior. Apresentar em formato digital a história <i>Ainda nada!</i> como introdução à atividade. Mostrar os materiais a utilizar, os copos,</li></ol>	

	Grupo disposto em xadrez no tapete da sala de atividades.	as sementes e a terra, pedir ajuda a quatro ou cinco elementos que ajudem a levar o material para a rua. Já na rua sentar as crianças em e roda e sugerir a observação das árvores e plantas existentes no local. 3. Relembrar a história <i>d'A Lagartinha muito comilona</i> e perguntar se gostariam de ter uma lagartinha idêntica na sala. Retirar a caixa com os bichos de seda de dentro do saquinho das surpresas.
<b>Descrição da atividade:</b>		
<ol style="list-style-type: none"> <li>1. Com as crianças sentadas no tapete da sala de atividades, a estagiária senta-se numa cadeira à sua frente e começa por mostrar a capa do livro questionando as crianças sobre que animal é o que está na capa. Iniciar a leitura da história de forma expressiva e entusiasta, procurando interagir com as crianças ao longo da mesma.</li> <li>2. Depois de mostrar os materiais com que irão trabalhar, a estagiária encaminha o grupo, juntamente com a educadora, para o recreio, onde convidará as crianças a observar as árvores presentes no espaço. Será benéfico para atividade, também observar a pequena horta que as crianças do pré-escolar têm junto à rede que separa os dois espaços. Assim, depois de observarem estas duas situações, o grupo sentar-se-á em roda e no meio ficarão os materiais necessários. Cada criança terá na mão o recipiente (copo) que irá encher de terra, para tal a estagiária chama uma criança de cada vez que se dirige à caixa de terra e retira, com as mãos, a quantidade de terra necessária para encher o seu copo. Este procedimento repetir-se-á até todos terem o seu copo com terra, depois a estagiária distribuirá as sementes a cada criança e exemplificará como devem colocá-las na terra. De seguida passará por cada criança um pequeno regador com água e cada uma irá regar a sua terra. Durante este processo, a estagiária vai explicando às crianças que terão de regar todos os dias as sementes para que estas germinem e se transformem em relva e fará a comparação com as duas situações que observaram anteriormente, indicando que também, um dia já foram apenas sementes na terra e depois de regados e de serem aquecidos pela luz solar se transformaram em árvores e em legumes (favas). As crianças, posteriormente, irão desenhar uma faixa de papel com lápis de cera para identificarem o seu copo, a estagiária ajudará a colar as faixas nos copos e escreverá os nomes das crianças nos mesmos.</li> <li>3. Depois da marcação das presenças e com as crianças sentadas no tapete, a estagiária iniciará uma breve conversa acerca da história <i>A lagartinha muito comilona</i> fazendo uma revisão do percurso feito pela lagartinha, com o auxílio das ilustrações da história. Incitará o grupo a mostrar interesse na observação direta de um percurso idêntico, nomeadamente dos bichos da seda. Depois de fomentar a curiosidade das crianças retirará do saco das surpresas uma caixa com bichos da seda e explicará às crianças que estes passam pelo mesmo processo de transformação que a lagartinha da história, mas que a comida destes é especial, é de uma árvore chamada <i>Amoreira</i> e que quando se transformam em borboletas não têm tantas cores como a da história.</li> </ol>		
<b>Avaliação / Reflexão:</b>		
<ol style="list-style-type: none"> <li>1. A leitura da história <i>A lagartinha muito comilona</i> foi, inicialmente, dinamizada pela educadora.</li> </ol>		

Assisti a esta dinamização sentada ao lado da educadora, e assim pude observar o comportamento do grupo, neste momento duas crianças ainda não tinham chegado ao JI. Pude verificar que o Gato e o Peixe não se mantiveram concentrados durante a leitura da história, mostrando-se inquietos e com falta de atenção. Após a ginástica, dado que ficamos com cerca de 20 minutos livres e como duas crianças não tinham assistido ao momento da história e uma assistiu apenas a metade, perguntei ao grupo, se gostaria de ouvir mais uma vez, os que já tinham ouvido disseram logo que sim, revelando bastante *entusiasmo*. Comecei por mostrar a capa e perguntar se alguém se lembrava do título, o Gafanhoto disse-mo corretamente. Dei início à leitura percorrendo o livro enquanto mostrava as ilustrações às crianças. Nas páginas referentes ao que a lagartinha comeu, achei pertinente perguntar o nome dos frutos às crianças, a maior parte das crianças respondeu corretamente, embora quanto às ameixas tenham demonstrado dúvidas. Quando terminei de contar a história, a tartaruginha pediu que contasse outra vez, questionei o grupo se gostaria de ouvir mais uma vez e todos disseram que sim. No entanto, decidi pedir a colaboração de todos de forma a que fossem eles a contar a história em conjunto. O Peixe e o Gato não responderam a nenhuma das questões que eu coloquei sobre o processo de metamorfose (só utilizei esta palavra no segundo dia, quando relembremos a história e todo o processo, explicando que existe uma palavra que resume todos os passos por que a lagarta passou até se transformar em borboleta) observado. A Girafa, sendo o segundo dia dela na creche, não esteve atenta à história, sendo necessário interromper algumas vezes para que se sentasse e deixasse o restante grupo ver as imagens, no entanto, quando viu a página que tinha laranjas ilustradas, disse “laranjas”. O Gafanhoto foi capaz de dizer algo sobre cada página, o Periquito identificou todas as fases por que a lagarta passou até se transformar em borboleta.

2. Como introdução à atividade, dinamizei a história *Ainda nada!* através de projeção na parede, por ser uma novidade, o grupo aderiu muito bem e manteve-se bastante concentrado durante toda a história. Quando terminou a história perguntei se gostariam de semear uma semente para, também, a verem crescer, tal como o Sr. Luís – personagem da história, o grupo mostrou-se bastante entusiasmado e expliquei que teríamos de ir para a rua pois íamos mexer na terra. A Natália encaminhou o grupo para o exterior, onde fizeram uma roda e eu levei os materiais para o centro da roda. Como estávamos sentados ao lado de uma árvore, expliquei que um dia, aquela árvore já tinha sido uma sementinha que foi regada muitas vezes até crescer e ficar uma grande árvore. Comecei por chamar cada criança ao centro, onde tiravam terra da caixa com uma pequena pá de plástico e enchiam o vaso, como queria que os vasos ficassem com cerca de  $\frac{3}{4}$  de terra, ia dizendo às crianças se tinha de pôr mais ou menos terra para atingir aquela quantidade. A Girafa, quando regressou ao seu lugar despejou a terra para o chão, expliquei que não podia fazer isso porque íamos pôr uma semente para crescer relva, a diferença da língua representa uma dificuldade na perceção das atividades de grupo. O Elefante encheu demasiado o vaso e disse-me que tinha muita, acabei por ajudá-lo a tirar um pouco de terra. Depois de estarem sentados na roda e enquanto esperavam que os restantes elementos fossem enchendo os seus vasos de terra, o Leão, o Periquito, a Tartaruginha e a Formiga entornaram a terra no chão, expliquei que não havia problema, mas que era melhor apanhar e voltar a colocar no vaso. Todos apanharam a terra com as mãos e mesmo os que não entornaram foram mexendo na terra, explorando a textura. Enquanto a Borboleta estava a encher o seu vaso, vi que havia crianças a mexer na terra e perguntei se esta era igual à areia da praia. A Coruja disse rapidamente que não, perguntei se a areia da praia era da mesma cor que esta ou se era mais clara ou mais escura, o Gafanhoto disse que era mais clara. Quando perguntei o que faziam com a areia da praia, a Coruja disse que fazia castelos muito grandes, continuei a conversa e perguntei se sabiam o que se faz com esta terra com que estamos a trabalhar, o Periquito disse que se põe sementes, expliquei, então que nesta terra colocam-se as sementes de flores ou de alimentos, como alface, e couves que depois

podemos comer. Apesar de ter oferecido a pá para colocar a terra nos vasos, as crianças exploraram a terra, já nos seus vasos e no lugar, desta forma foi mais fácil organizar o enchimento dos vasos. Durante toda a atividade foi relembrando o que tínhamos aprendido na história *Ainda nada!* e fui estabelecendo a ligação entre as nossas ações e as do Sr. Luís – personagem da história. A identificação dos vasos acabou por ser feita de outra maneira, que não a planeada. Quando terminámos de semear a alpista, tirámos uma fotografia a cada criança e posteriormente a AAE e a educadora recortaram e plastificaram, colocando numa palhinha que foi colocada no vaso da respetiva criança. Desta forma quando as crianças regarem os vasos não se correrá o risco de estragar o desenho que seria feito em cartolina.

3. A atividade que implicava a introdução dos bichos de seda na sala, foi dinamizada a partir do saquinho das surpresas. Depois de dar umas pistas às crianças propus que tentassem adivinhar o que estaria dentro do saco: “aqui dentro está uma coisa que se arrasta, tem olhos, nasceu de um ovo, e gosta de comer folhas verdes” Coruja: “e tem muitas patinhas”. Todas as crianças presentes conseguiram identificar os animais como lagartas, mesmo a Girafa, apesar de não ter dito o nome lagarta, mas sim bicho. A seguir a este processo de adivinhação, comecei por mostrar os bichos da seda a algumas crianças fazendo suspense para as restantes, este foi um momento que cativou o grupo, fazendo com que a sua curiosidade aumentasse. Ao mostrar a todos os bichos da seda fui falando sobre o que aprendemos na história *A lagartinha muito comilona*, sobre as folhas verdes que as lagartas têm de comer para ficarem grandes e puderem fazer o seu casulo e do tempo que teremos de esperar até que surjam as borboletas. Expliquei que os bichos da seda gostam de comer umas folhas especiais de uma árvore que se chama amoreira e que teremos de apanhar folhas com alguma frequência para que eles possam comer todos os dias. Por sugestão da educadora decidiu-se que, a seguir à sessão de música, iríamos com o grupo todo apanhar as folhas, visto existir uma árvore a cerca de 200 metros da instituição. As crianças ficaram bastante entusiasmadas com a situação, e este foi um momento de aprendizagem para todos, visto ter sido a primeira vez que saíram à rua em grupo. Antes de se realizar o reforço da manhã, mostrei as imagens que selecionei para que as crianças identificassem todo o processo de metamorfose – ovo – lagarta pequena – lagarta grande – casulo – borboleta. Estas imagens foram agrupadas ordenadamente e colocadas junto da caixa onde estão os bichos que, por sugestão das crianças, ficará no mesmo móvel onde se encontra a Minnie. A avaliação desta atividade será prolongada por quanto tempo que demorar o processo de metamorfose, uma vez que pretendo observar se as crianças identificam os vários estados por que passam as lagartas.

#### Observações

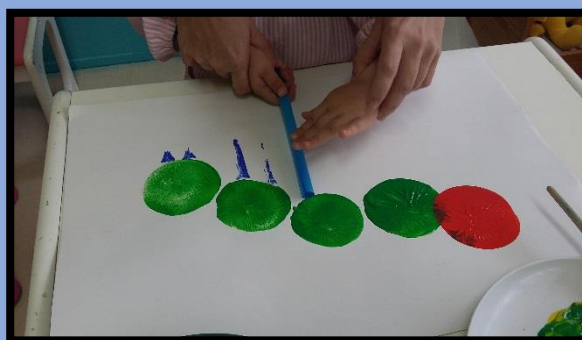
A atividade 1, será desenvolvida nos dias 4 e 5 de abril, sendo que terá como componente a elaboração de uma lagartinha com a técnica do balão, dinamizada pela educadora. Durante estes momentos em que a atividade é realizada individualmente o restante grupo, estará distribuído pelas mesas de atividades a desenhar com lápis de cera.

A atividade 2 está programada para o dia 7 de abril, por ser uma quinta-feira e as crianças não terem nenhuma atividade extra agendada, deste modo terão mais tempo para a exploração dos materiais.

A atividade 3 será realizada na sexta-feira, dia 8, e fará parte do momento do saquinho das surpresas.

Fotografias:

1.



2.





3.



<b>Atividade: Os novos amigos da sala: os bichos da seda</b>					
<b>Crianças</b>	<b>Indicadores de avaliação</b>				
	Demonstra respeito pelos animais 8/04/2016	Identifica os casulos 26/04/2016	Identifica a lagarta 8/04/2016	Identifica os ovos das borboletas 24/05/2016	Identifica a borboleta 17/5/2016
<b>Formiga</b>	●	●	●	●	●
<b>Coelho</b>	●	●	●	●	●
<b>Borboleta</b>	●	●	●	●	●
<b>Tigre</b>	●	●	X	●	●
<b>Gato</b>	●	●	●	●	●
<b>Periquito</b>	●	●	●	●	●
<b>Peixe</b>	●	●	●	●	●
<b>Tartaruguinha</b>	●	●	●	●	●
<b>Sapo</b>	X	●*	X	●	●
<b>Raposa</b>	●	●	X	●	●
<b>Coruja</b>	●	●	●	●	●
<b>Elefante</b>	●	●	●	●	●
<b>Papagaio</b>	●	●	X	●	●
<b>Leão</b>	●	●	●	●	●
<b>Grilo</b>	●	●	●	●	●
<b>Abelha</b>	●	●	●	●	●
<b>Gafanhoto</b>	●	●	●	●	●
<b>Girafa</b>	●	●	●	●	●

Legenda

● Sim      ● Não      ● Sim, com ajuda

X- Faltou/ não realizou

\* Identificou os casulos em data diferente por ter estado ausente.

**Semana 9 - 11 a 15 de abril**

**Atividade:**

1. Leitura da história *A Aranha e eu*
2. Enfiamentos
3. A nossa teia
4. Explorando a teia de aranha

<b>Tema da atividade:</b>	<b>Datas:</b>	<b>Duração aproximada:</b>	<b>Participantes:</b>
A Aranha	11 a 15 de abril	1. 20 minutos 2. 25 minutos 3. 25 minutos 4. 1 hora	Crianças, estagiária, educadora e AAE.
<b>Área de desenvolvimento:</b>	<b>Objetivos Pedagógicos:</b>		
Expressão e comunicação: <ul style="list-style-type: none"><li>▪ Linguagem;</li><li>▪ Matemática</li><li>▪ Motricidade</li><li>▪ Expressão plástica</li></ul> Pessoal-social;	<ol style="list-style-type: none"><li>1.<ul style="list-style-type: none"><li>▪ Identificar as diferentes partes do corpo;</li><li>▪ Desenvolver a capacidade de concentração;</li><li>▪ Fomentar hábitos de leitura.</li></ul></li><li>2.<ul style="list-style-type: none"><li>▪ Desenvolver a motricidade fina;</li><li>▪ Ampliar a coordenação oculomotora.</li></ul></li><li>3.<ul style="list-style-type: none"><li>▪ Desenvolver a motricidade fina;</li><li>▪ Ampliar a coordenação oculomotora;</li><li>▪ Explorar diferentes materiais na expressão plástica.</li></ul></li><li>4.<ul style="list-style-type: none"><li>▪ Desenvolver a motricidade global;</li><li>▪ Desenvolver conceitos espaciais:<ul style="list-style-type: none"><li>→ por cima/por baixo;</li><li>→ à frente/atrás.</li></ul></li><li>▪ Realizar deslocamentos com diferentes movimentos.</li></ul></li></ol>		
<b>Materiais:</b>	<b>Estratégias</b>		
	<b>Organização do espaço e dinâmica:</b>	<b>Implementação das propostas:</b>	
<ol style="list-style-type: none"><li>1. História <i>A aranha e eu</i></li><li>2. Material de enfiamento: cordéis e peças; Escorredor de legumes; Escovilhões coloridos.</li><li>3. Pratos de papel perfurados; Trapilho colorido; Tinta castanha.</li></ol>	<ol style="list-style-type: none"><li>1. Atividade a realizar em grande grupo – disposto em xadrez no tapete.</li><li>2. Trabalho a desenvolver em pequenos grupos de 2 ou 3 elementos;</li><li>3. Atividade a</li></ol>	<ol style="list-style-type: none"><li>1. Com o grupo disposto em xadrez, após a marcação das presenças, mostrar a capa do livro. Fazer passar pelas mãos das crianças e começar a contar a história, pedindo às crianças que identifiquem no seu corpo as partes que vão aparecendo no livro.</li><li>2. Distribuir o material de enfiamento, bem como os escorredores e os escovilhões pelas mesas e deixar as crianças explorar</li></ol>	

<p>4. Cadeira; Fita de tecido.</p>	<p>desenvolver em paralelo com a atividade dois, alternando as crianças entre uma e outra atividade. Grupos dispersos pelas mesas de trabalho.</p> <p>4. Grupo disperso pela sala, mesas retiradas do local e cadeiras dispersas ligadas com fita de tecido.</p>	<p>livremente.</p> <p>3. No momento da conversa de tapete lembrar a história <i>A aranha e eu</i> e fazer a associação apresentando a atividade.</p> <p>4. Motivar as crianças a moverem-se como uma aranha, de seguida sugerir a construção de uma teia de aranha gigante na sala, para que a possam transpor segundo a minhas indicações.</p>
--	--	---

**Descrição da atividade:**

1. Com o grupo disposto em xadrez no tapete mostrar a capa do livro às crianças e perguntar se sabem do que se trata a história. Começar a contar a história com o livro virado para as crianças de forma a que todos consigam ver as ilustrações. À medida que vão surgindo as diferentes partes do corpo na história, pedir às crianças que as identifiquem oralmente e que as indiquem no seu próprio corpo.
2. Mostrar as peças de enfiamento e exemplificar como se enfiam as peças nos cordéis, de seguida distribuir pelas crianças o material existente. Posteriormente mostrar os escorredores e os escovilhões, fazer novamente uma exemplificação do que se pretende que se faça, enfiando a ponta do escovilhão num buraco do escorredor e continuar a fazer enfiamentos, por cima e por baixo, virando o escorredor.
3. Com um tom entusiasta lembrar a história *A aranha e eu*, perguntando ao grupo se se lembra por que partes do corpo a aranha andou a passear. Após a identificação de todas as partes do corpo, perguntar se se lembram o que a aranha fez no final da história – a teia – explicar, então que iremos construir uma teia de aranha no prato com o trapilho. Mostrar como devem fazer e sugerir que façamos uma aranha com o dedo.
4. Pedir às crianças que se movimentem como aranhas, fazendo o paralelismo com a sessão de ginástica, (o professor utiliza o jogo dos animais como aquecimento), mas de repente, para tudo e perguntar se não falta algo na sala. Dar pistas sobre a aranha se mover numa teia por ela construída. Desmontar a sala com a ajuda das crianças, pedindo-lhes que afastem as cadeiras do centro da sala e fazer uma teia com uma fita de tecido, unindo a fita às cadeiras e móveis da sala. Com a teia montada pedir a duas crianças de cada vez que passem por cima, por baixo e que andem para frente e para trás.

### **Avaliação / Reflexão:**

1. Durante a leitura da história, o grupo manteve-se concentrado, apesar de ser uma história que envolveu bastante interação pela natureza da história. Houve algumas crianças que tiveram de ser chamadas à atenção várias vezes, pela dificuldade que apresentaram em voltar a concentrar-se na minha leitura da história após as perguntas que ia fazendo acerca das partes do corpo. O facto de terem de identificar as diferentes partes do corpo levou a que algumas crianças - Grilo, Gato, Elefante, Peixe, Girafa, Leão e Tigre - revelassem dificuldade em voltar à calma, ficavam tão entusiasmadas que lhes era complicado retomar a postura pedida para o momento da história. A partir deste momento consegui aperceber-me que as crianças identificam as suas partes do corpo, seja oralmente, seja apontando e indicando em si próprio. A única parte do corpo em que foi observada mais dificuldade em identificar foi os tornozelos, tendo sido necessário que eu e a Educadora indicássemos em nós onde se situam. No dia da realização da terceira atividade, voltei a falar da história *A aranha e eu* como uma introdução e voltei a perguntar as partes do corpo de que se lembravam. Fizemos a reconstrução da viagem da aranha pelo corpo da criança e no final, o Papagaio até me corrigiu pois eu disse que a aranha saltava dos olhos para o cabelo e ele lembrou que primeiro passava pela testa, o que me confirmou que no dia da história, a maioria das crianças reteve o que se contou e mostrou.
2. Durante a semana fomos fazendo enfiamentos, sempre que possível, alternando entre o material de enfiamentos e os escorredores com os escovilhões. Pude verificar que, ao início, e talvez por se tratar de material novo, logo, sujeito a uma exploração mais demorada por parte das crianças, estas demoraram algum tempo a fazer o que eu pretendia que fizessem – enfiar as peças nos cordéis. Juntavam as peças junto a si, de modo a que as outras crianças não mexessem, ou colocavam o cordel em cima da mesa e as peças a acompanhar o seu comprimento, outras empilhavam as peças umas nas outras. Após estes momentos de exploração as crianças começaram a realizar os enfiamentos, revelando alguma dificuldade no momento de puxar o cordel para que a peça não voltasse a sair. Fui ajudando as crianças que demonstravam mais dificuldade neste momento, segurando na ponta do cordel de forma a que quando a criança largasse de um lado este não desenfiasse da peça.
3. A atividade de construção de uma teia a partir do prato de papel, implicava que as crianças fizessem, através da pintura de dedos, uma aranha. Esta parte da atividade, foi realizada autonomamente pelas crianças, após a minha explicação. Ao introduzir a atividade, expliquei que só se podia fazer uma bolinha pequenina com o dedo porque as aranhas também são pequeninas e que a seguir a isso eu desenharia as patas e depois de seco eles colariam os olhos da aranha. Comecei por distribuir os pratos e um lenço de papel, explicando que como iam fazer o trabalho sozinhos, no final também teriam de limpar o dedo que ficasse sujo de tinta. O Coelho, o Periquito, o Peixe, o Elefante, o Leão e a Girafa não pintaram apenas uma bola com o dedo, mas espalharam a tinta com o dedo como se estivessem a pintar com pincel, fazendo bolas irregulares muito grandes. O Coelho quando viu que tinha feito diferente de quem estava ao seu lado, disse que queria uma aranha grande. O Gafanhoto fez três pintas e quando eu perguntei porque é que tinha feito assim respondeu que queria muitas aranhas. A Girafa necessitou de ajuda para fazer esta tarefa, talvez esta tenha sido a sua primeira vez na pintura de dedos, revela-se muito entusiasmada na realização das atividades, mas não consegue seguir as regras da sala, tendo tendência a abandonar as atividades a meio. É uma

situação na qual temos vindo a insistir, ajudando a Girafa a manter-se na atividade até ao fim e explicando que só quando se termina se pode mudar. Na escolha do tamanho dos olhos, a maioria das crianças optou por escolher os olhos de acordo com o tamanho da aranha que pintou. Tendo o Gafanhoto escolhido dois pares pequenos e um grande, visto ter três aranhas pintadas. Apesar de não estar planeada inicialmente, comecei a ensinar uma canção sobre a aranha às crianças, como cantei uma vez e houve crianças a repetir, fui cantando por partes e pedindo às crianças para irem repetindo a seguir a mim, de forma a memorizarem a canção. Em conversa com o grupo combinou-se que quando todos expusermos o trabalho no placar da sala, iremos também colocar a canção da *Dona aranha*.

4. O jogo da teia gigante foi bastante facilitador para me aperceber das dificuldades que as crianças têm no que diz respeito a conceitos espaciais. Foi uma atividade muito bem conseguida, o grupo estava muito motivado para a realizar o que ajudou a manter a concentração enquanto cada criança efetuava o percurso segundo as minhas orientações. Apesar de, inicialmente, ter planeado fazer a atividade com duas crianças de cada vez, após a montagem da teia, verifiquei que seria complicado dar indicações a duas crianças ao mesmo tempo, e mesmo em questões de segurança, com duas a realizar o trajeto, poderiam magoarse. Assim, optei por fazer individualmente, tendo o grupo sentado em frente ao trajeto a realizar. Pude verificar que as crianças revelam alguma dificuldade na noção de à/para a frente e para trás, tendo sido nesta situação que mais crianças pararam e olharam para mim para tentar perceber o que estava a pedir. Nestas situações ajudei dizendo que a barriga fica na parte da frente e as costas ficam atrás, assim, andar para a frente é para onde está barriga e para trás é para onde estão as costas. Para a Girafa foi muito difícil fazer esta atividade, embora ela se tenha mostrado divertida a fazer, não o fez segundo as minhas indicações, pois a diferença de língua revelou-se um entrave. Ao aperceber-me que a Girafa não entendia o que queria que fizesse, fui para dentro da teia e acompanhei-a a fazer o percurso, dizendo oralmente as indicações e mostrando fazendo os gestos que pretendia que ela fizesse. O peixe revelou bastantes dificuldades em realizar as indicações que lhe dei, fez o percurso, mas sem seguir nenhuma das minhas orientações. Mesmo comigo a ajudar através de gestos e explicando como devia passar por baixo e por cima, ou andar para a frente e para trás, este não foi capaz de fazer o percurso como lhe foi pedido. Não cheguei a uma conclusão relativamente ao Peixe distinguir as noções espaciais de que falamos hoje, pois por vezes, este recusa-se a participar connosco, fazendo apenas o que quer e mantendo-se indiferente quanto ao que lhe pedimos para fazer. Cinco das crianças necessitaram de ajuda para realizar a ordem de andar para trás e para a frente, sendo apenas preciso relembrar onde se encontra a barriga e as costas.

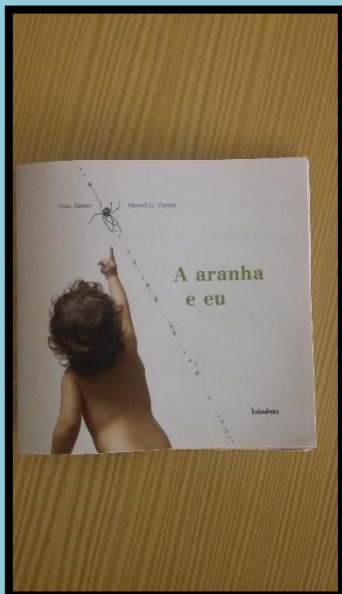
#### **Observações**

A atividade 2 será desenvolvida sempre que as crianças demonstrem interesse nos jogos propostos, o material ficará á disponibilidade das crianças no móvel da sala.

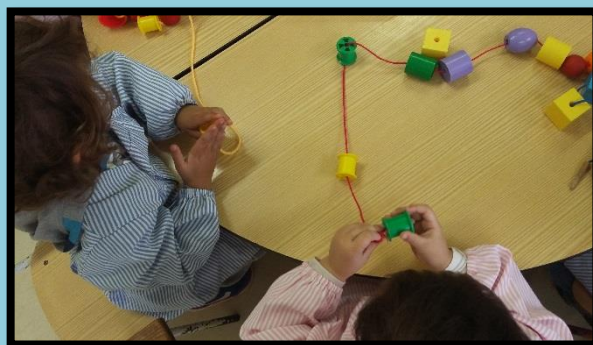
A atividade 3 foi desenvolvida em vários momentos, pois além de ter de existir um tempo de secagem da tinta e da cola, o tempo útil diário é reduzido, tendo, portanto, de se ajustar as atividades consoante a disponibilidade do grupo.

**Fotografias:**

**1.**



**2.**





3.





4.





Atividade: <i>A aranha e eu</i>																
Crianças	Indicadores de avaliação															
	Mantém-se concentrada durante a história	Identifica as partes do corpo														
		Dedq do pé	Tornozelos	Pernas	Joelho	Nádegas	Umbigo	Costas	Maminha	Pescoço	Queixo	Boca	Nariz	Olhos	Testa	Cabelos
Formiga	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●
Coelho	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●
Borboleta	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●
Tigre	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●
Gato	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●
Periquito	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●
Peixe	●															
Tartaruguinha	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●
Sapo	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
Raposa	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●
Coruja	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●
Elefante	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●
Papagaio	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●
Leão	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●
Grilo	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●
Abelha	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●
Gafanhoto	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●
Girafa	●	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X

Legenda

● Sim

○ Não

● Sim, com ajuda

X- Faltou/ não realizou

<b>Atividade: Enfiamentos</b>		
<b>Crianças</b>	<b>Indicadores de avaliação</b>	
	Enfia o cordel nas peças e puxa até ficar segura	Enfia o escovilhão nos buracos do escorredor
<b>Formiga</b>	●	●
<b>Coelho</b>	●	●
<b>Borboleta</b>	●	●
<b>Tigre</b>	●	●
<b>Gato</b>	●	●
<b>Periquito</b>	●	●
<b>Peixe</b>	●	●
<b>Tartaruguinha</b>	●	●
<b>Sapo</b>	X	X
<b>Raposa</b>	●	●
<b>Coruja</b>	●	●
<b>Elefante</b>	●	●
<b>Papagaio</b>	●	●
<b>Leão</b>	●	●
<b>Grilo</b>	●	●
<b>Abelha</b>	●	●
<b>Gafanhoto</b>	●	●
<b>Girafa</b>	●	●

Legenda

● Sim    ● Não    ● Sim, com ajuda

X- Faltou/ não realizou

<b>Atividade: A nossa teia</b>			
<b>Crianças</b>	<b>Indicadores de avaliação</b>		
	Pinta uma bola com o dedo	Enfia o trapilho no buraco do prato e puxa	Cola os olhos na "aranha"
<b>Formiga</b>	●	●	●
<b>Coelho</b>	●	●	●
<b>Borboleta</b>	●	●	●
<b>Tigre</b>	●	●	●
<b>Gato</b>	●	●	●
<b>Periquito</b>	●	●	●
<b>Peixe</b>	●	●	●
<b>Tartaruginha</b>	●	●	●
<b>Sapo</b>	X	X	X
<b>Raposa</b>	●	●	●
<b>Coruja</b>	●	●	●
<b>Elefante</b>	●	●	●
<b>Papagaio</b>	●	●	●
<b>Leão</b>	●	●	●
<b>Grilo</b>	●	●	●
<b>Abelha</b>	●	●	●
<b>Gafanhoto</b>	●	●	●
<b>Girafa</b>	●	X	●

Legenda

● Sim      ● Não      ● Sim, com ajuda

X- Faltou/ não realizou

<b>Atividade: A teia</b>				
<b>Crianças</b>	Indicadores de avaliação			
	À ordem oral:			
	Anda para a frente	Anda para trás	Passa por cima	Passa por baixo
<b>Formiga</b>	●	●	●	●
<b>Coelho</b>	●	●	●	●
<b>Borboleta</b>	●	●	●	●
<b>Tigre</b>	●	●	●	●
<b>Gato</b>	●	●	●	●
<b>Periquito</b>	●	●	●	●
<b>Peixe</b>	●	●	●	●
<b>Tartaruginha</b>	●	●	●	●
<b>Sapo</b>	X	X	X	X
<b>Raposa</b>	●	●	●	●
<b>Coruja</b>	●	●	●	●
<b>Elefante</b>	X	X	X	X
<b>Papagaio</b>	●	●	●	●
<b>Leão</b>	●	●	●	●
<b>Grilo</b>	●	●	●	●
<b>Abelha</b>	●	●	●	●
<b>Gafanhoto</b>	●	●	●	●
<b>Girafa</b>	●	●	●	●

Legenda

● Sim      ● Não      ● Sim, com ajuda

X- Faltou/ não realizou

<b>Semana 10 - 18 a 22 de abril</b>			
<b>Atividade: Mover o corpo através da música</b>			
<b>Tema da atividade:</b>	<b>Datas:</b>	<b>Duração aproximada:</b>	<b>Participantes:</b>
Música e movimento	18 a 22 de abril	Períodos de 8/10 minutos	Crianças, educadora, AAE e estagiária.
<b>Área de desenvolvimento:</b>		<b>Objetivos Pedagógicos:</b>	
Psicomotor; Linguagem; Pessoal e social.		<ul style="list-style-type: none"> <li>• Explorar as propriedades sonoras do corpo;</li> <li>• Experimentar movimentos corporais como forma de expressão;</li> <li>• Aprender a canção: <i>Oh que linda borboleta</i></li> </ul>	
<b>Materiais:</b>	<b>Estratégias</b>		
	<b>Organização do espaço e dinâmica:</b>	<b>Implementação das propostas:</b>	
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Músicas de diversos tipos: clássica, tradicional, embalar...</li> <li>• Equipamento de reprodução(rádio).</li> </ul>	Grupo disperso pela sala, de forma descontraída permitindo a livre expressão de cada criança.	<p>Começar uma conversa com as crianças sobre a vontade de dançar e sugerir a audição de algumas músicas.</p> <p>Ao falar das partes do corpo, sendo um tema que temos vindo a explorar nos últimos dias, começar a cantar e alternar as partes do corpo em que a borboleta pausa.</p>	
<b>Descrição da atividade:</b>			
<p>Com o grupo disperso pela sala sugerir a audição de uma música e pedir às crianças que, inicialmente, oiçam a música, após uns momentos de escuta, as crianças deverão expressar-se livremente através do movimento corporal. O adulto não deve intervir, a menos que seja extremamente necessário. As músicas devem ser colocadas a tocar sem que exista nenhuma introdução à sua tipologia. O papel do adulto nesta atividade é de observador.</p> <p>Para ensinar a canção às crianças, primeiro, é preciso envolvê-las e para tal, começar por cantar a canção inteira e alterar as partes do corpo onde a borboleta irá pousar. Numa segunda fase dividir as partes da canção e pedir às crianças que repitam em simultâneo. Ir acrescentando as partes da canção até que todos consigam cantar tudo. Por fim, pedir que as crianças sugiram locais onde a borboleta pode pousar.</p>			
<p>Oh que linda borboleta            Suas asinhas            Cor de violeta            Na primavera sempre a voar            No meu (nariz, joelho, cabelo...)            Ela veio pousar</p>			

### **Avaliação / Reflexão:**

Na primeira atividade, que foi desenvolvida ao longo da semana e sempre que possível, pude observar a evolução das crianças em relação à timidez com que se expressaram no primeiro dia em que coloquei música e disse que podiam ouvir ou dançar, como quisessem. O primeiro momento em que observei as crianças a dançar foi em pequeno grupo, e pude verificar que foi seguida uma hierarquia, naquele grupo de três crianças, o Gafanhoto guiava o Periquito e a Borboleta nos movimentos a realizar. Quando ouvimos Strauss o Gafanhoto começou a dançar em bicos de pés e a realizar movimentos amplos e mais lentos, dando a entender uma dança mais clássica. O segundo momento de audição de músicas gravadas, realizou-se no exterior e estando o grande grupo envolvido foi mais complicado observar cada criança individualmente, mas consegui perceber que no início todos se aproximaram da coluna e ficaram a ouvir a música. Quando compreenderam que a música ia continuar as crianças começaram a dançar, a princípio sozinhas, depois juntaram-se e formaram pares ou grupos de 3 ou 4, fazendo rodas. Este foi um momento de exploração de movimento corporal e do espaço completamente livre, tendo algumas crianças continuado a brincar com os materiais presentes no recreio, no entanto, a Raposa, a Abelha e a Tartaruginha mantiveram-se sempre no mesmo local a dançar. A Raposa esteve sempre envolvida na atividade e constantemente a encostar-se a mim para que eu dançasse com ela, sempre que eu entrava na roda feita pelas crianças esta dirigia-se a mim e vinha segurar na minha mão. Devo salientar que a minha participação nas danças só ocorreu quando as crianças me solicitaram para tal, tendo mantido a distância ao início. Quando alterei o estilo de música, tendo começado por músicas do Cd “O segredo da floresta”, e passando para Strauss, reparei que as crianças pararam e ficaram a escutar, neste momento dispersaram pelo espaço, voltando à sua brincadeira. Quando retomei a música “infantil”, como as músicas do Panda, sendo mais familiares as crianças voltaram a juntar-se ao pequeno grupo que se manteve no local. As crianças tiveram oportunidade de escolher dançar ou brincar livremente no recreio, uma vez que o espaço é aberto, após alguma dispersão (associada à mudança de música), a maioria do grupo voltou para o local onde estava a coluna e integrou-se nas danças realizadas por quem já lá estava. Considero que esta atividade foi positiva para as crianças, visto que estas demonstraram capacidade de relacionar-se com os seus pares e com os adultos sem que tenha existido uma indicação para tal. A livre expressão corporal também foi bastante evidente, tendo-se verificado um pouco de individualismo ao início para, posteriormente, se formarem pequenos grupos.

Relativamente à aprendizagem da canção *Oh que linda borboleta*, pode considerar-se um sucesso, as crianças aprenderam o texto da canção muito facilmente e todas queriam sugerir o próximo local onde a borboleta pousaria. Nos dias seguintes à primeira abordagem da canção, pude verificar que o Papagaio, o Gafanhoto, a Coruja, o Coelho, o Periquito, a Borboleta e a Abelha acompanhavam-me a cantar a canção toda. Com esta canção pude reforçar a localização do tornozelo, tendo sido esta a parte do corpo que as crianças revelaram mais dificuldade em identificar na atividade realizada na semana anterior.

### **Observações:**

A exploração das diferentes músicas será realizada em momentos em que as crianças não se encontrem a realizar a prenda do dia da mãe. Serão momentos de exploração livre, sem a intervenção do adulto.

**Semana 11 - 26 a 29 de abril**

**Atividade:**

**1. Pintura do postal para a mãe**

**2. História: *A minha mãe***

<b>Tema da atividade:</b>	<b>Datas:</b>	<b>Duração aproximada:</b>	<b>Participantes:</b>
Dia da mãe	26 a 29 de abril	1. 5 minutos/criança 2. 30 minutos	Crianças, educadora, AAE e estagiária.
<b>Área de desenvolvimento:</b>		<b>Objetivos Pedagógicos:</b>	
Cognitivo: Linguagem; Psicomotor: motricidade fina Pessoal e social: interação entre crianças; interação adulto/criança.		1. <ul style="list-style-type: none"><li>Desenvolver a criatividade;</li><li>Explorar novas técnicas de expressão plástica.</li></ul> 2. <ul style="list-style-type: none"><li>Desenvolver a capacidade de concentração;</li><li>Fomentar hábitos de leitura.</li></ul>	
<b>Materiais:</b>	<b>Estratégias</b>		
	<b>Organização do espaço e dinâmica:</b>	<b>Implementação das propostas:</b>	
1. <ul style="list-style-type: none"><li>Tinta 3D;</li><li>Cartolina;</li><li>Micro-ondas.</li></ul> 2. <ul style="list-style-type: none"><li>História em cartões manipuláveis: <i>A minha mãe</i> de Anthony Browne.</li></ul>	Para a primeira atividade o espaço utilizado será o refeitório, pela necessidade de os postais precisarem de secar no micro-ondas. As crianças serão divididas em dois grupos, sendo que farão este trabalho repartido. Metade do grupo realizará a tarefa com a educadora e/ou a estagiária no refeitório e a outra metade ficará com a ajudante de ação educativa na sala. Num segundo momento trocarão,	1. Preparar a tinta em 3 D com a ajuda das crianças, mostrando os ingredientes necessários: farinha, sal, água e corante alimentar. Mostrar entusiasmo quanto ao que irá acontecer com esta tinta “mágica”, fomentando a curiosidade das crianças quanto ao resultado a esperar. 2. Distribuir os cartões com a história pelas crianças e questionar sobre o tema da história. Sugerir que alguma criança conte a história ao restante grupo fomentando, assim, o desenvolvimento da sua imaginação e a capacidade de ler imagens.	

	<p>de modo a que todos realizem a atividade. Para a segunda atividade o grupo será disposto em xadrez no tapete da sala, permitindo uma boa visualização da história a todas as crianças.</p>	
--	---	--

**Descrição da atividade:**

1. Preparar as tintas 3D: juntar uma colher de sopa de farinha fermentada com uma colher de sopa de sal, corante alimentar da cor pretendida, mexer e juntar água até obter uma mistura homogénea e com a consistência necessária para pintar. Recortar a cartolina com o tamanho e o formato pretendido para o postal e distribuir pelas crianças, colocar um pouco de tinta de cada cor num prato ou num recipiente baixo de forma a que as crianças consigam molhar o dedo na tinta sem entornar. Dar oportunidade às crianças de escolher as cores que querem utilizar na pintura. Ajudar as crianças a pintar uma flor no postal, formando as pétalas com a pintura das pontas dos dedos. De seguida colocar o postal pintado no micro-ondas durante 20 segundos e esperar que se faça “magia”, mostrar o resultado às crianças realçando o aspeto tridimensional que a tinta adota após a secagem.
2. Com as crianças sentadas no tapete de atividades, distribuir o conjunto de cartões e pedir que observem as imagens, trocando os cartões com os/as amigos/as. Perguntar se sabem que história será aquela e se alguém a quer contar ao restante grupo. Após a leitura das imagens por parte de uma criança, iniciar a leitura da história de forma entusiasta, dando ênfase às características referentes à personagem mãe. Desenvolver um diálogo com as crianças após a leitura da história com o objetivo de atribuírem um título para a história acabada de ouvir, no final revelar o título original e expor a história no placard alusivo ao dia da mãe. Para a exposição colocar uma corda e prender os cartões com molas, como se se tratasse de um estendal da roupa.

**Avaliação / Reflexão:**

1. As crianças revelaram bastante curiosidade aquando a preparação das tintas, questionando o que estávamos a fazer. Quando nos dirigimos ao refeitório para fazer a pintura e colocar no micro-ondas o Periquito, o Papagaio e o Leão perguntaram se só íamos fazer isto (Vera, é só isto? – Periquito, 27 de abril de 2016, refeitório). A escolha de se fazer uma flor no postal prendeu-se com o facto e termos feito um bouquet de flores para o placard e ao questionar se gostariam de oferecer flores às mães, as crianças assentiram e decidiu-se realizar esta técnica. Esta foi uma atividade que teve a orientação dos adultos, para que no postal ficassem feitas flores, no entanto, está planificada para a semana seguinte a utilização da mesma técnica numa tarefa mais livre, dando a autonomia às crianças na exploração das tintas. Senti que foi uma atividade com pouco tempo de exploração, o que me levou a planificar um outro momento em que as crianças possam experimentar as tintas à sua vontade.

2. Quando ofereci os cartões às crianças, no tapete, fui perguntando o que cada um tinha, a Abelha disse logo que era a mãe, a partir daí todas as crianças a quem eu perguntava me respondia que era a mãe.

Quando perguntava a uma das crianças o que estava no seu cartão, esta respondia “é a mãe”, muitas vezes com cartões que não tinham nenhuma imagem que representasse alguém do género feminino. Optei por modificar a estratégia e fui recolhendo os cartões, um a um e mostrando a todo o grupo, perguntando o que continha, assim, em conjunto fomos decifrando todas as imagens, sem nunca ter lido o texto presente em alguns dos cartões. Quando recolhi todos os cartões, perguntei se gostariam de me ajudar a construir um “estendal” na sala para podermos pendurar a história, depois de eu a contar. Neste momento, a N. sugeriu que fizéssemos, para já, esse estendal por baixo do placard onde estão expostos os trabalhos das crianças para o dia da mãe, assim todas as mães poderão ver a história que ouvimos hoje. Já no corredor, com os cartões ordenados distribuí-os pelas crianças e fui chamando as crianças para me ajudarem a pendurar a nossa história. Apesar desta história ter sido dinamizada de uma forma diferente, uma vez que as crianças tiveram com os cartões na mão antes de eu a ter contado, na altura em que juntei os cartões e li o texto, passando os cartões e mostrando as imagens, o grupo mostrou-se interessado e esteve concentrado no que estávamos a fazer. Houve uma criança, o Gafanhoto que esteve um pouco agitado, tanto no momento da leitura da história, como quando fomos fazer o estendal no corredor. Dado que todas as crianças disseram que tinham a mãe nos seus cartões, não avancei com a ideia inicialmente planificada, a de ser uma criança a contar a história, no entanto, quando perguntei ao grupo como pensava que se chamava a história, várias crianças disseram: “ A mãe”.

**Observações:**

No dia 27, quando realizámos a primeira atividade, só estavam presentes onze crianças, de forma que não houve necessidade de dividir o grupo e fomos todos juntos para o refeitório. No dia seguinte as crianças que haviam faltado realizaram a atividade com a educadora seguindo a mesma dinâmica.

**Fotografias:**

1.



2.



<b>Semana 12 - 2 a 6 de maio</b>			
<b>Atividade:</b>			
<b>1. Associação de cores/peças</b>			
<b>2. Pintura 3D</b>			
<b>Tema da atividade:</b>	<b>Datas:</b>	<b>Duração aproximada:</b>	<b>Participantes:</b>
Lógico matemática	2 a 6 de maio 9 a 13 de maio	10 minutos/ criança	Crianças, educadora, AAE e estagiária.
<b>Área de desenvolvimento:</b>	<b>Objetivos Pedagógicos:</b>		
Cognitivo: Lógico matemática; Psicomotor: Motricidade fina.	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. <ul style="list-style-type: none"> <li>• Associar as peças coloridas ao local indicado no cartão;</li> <li>• Estabelecer a relação espacial observada nos cartões.</li> </ul> </li> <li>2. <ul style="list-style-type: none"> <li>• Explorar tintas 3D</li> <li>• Desenvolver a criatividade.</li> </ul> </li> </ol>		
<b>Materiais:</b>	<b>Estratégias</b>		
	<b>Organização do espaço e dinâmica:</b>	<b>Implementação das propostas:</b>	
<ol style="list-style-type: none"> <li>1. <ul style="list-style-type: none"> <li>• Caixas de ovos de seis e doze unidades;</li> <li>• Cartões com seis e doze divisórias pintados com as cores das peças de lego.</li> </ul> </li> <li>2. <ul style="list-style-type: none"> <li>• Tinta 3D;</li> <li>• Pinceis;</li> <li>• Borboletas em cartolina;</li> <li>• Aventais de pintura;</li> <li>• Micro-ondas.</li> </ul> </li> </ol>	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. Sala organizada da maneira habitual, com as cadeiras dispostas em volta das mesas.</li> <li>2. Separar as mesas em meias luas de modo a trabalhar com pequenos grupos de três, nesta atividade e nas restantes mesas desenvolver outras atividades.</li> </ol>	<p>No tapete, mostrar as caixas de ovos e os respetivos cartões às crianças. Questionar o grupo sobre o que iremos fazer, perante as respostas conduzir as crianças à atividade pretendida.</p> <p>Relembrar as crianças do postal que fizemos para o dia da mãe e de como fizemos a tinta crescer no micro-ondas. Mostrar as borboletas em cartolina branca e explicar que preciso da ajuda deles para torná-las mais coloridas. Explicar que a tinta está feita, mas que sozinha não consigo fazer tudo e perguntar quem quer pintar uma borboleta para que fique bem colorida.</p>	
<b>Descrição da atividade:</b>			

1. A criança deve explorar os cartões coloridos colocados nas caixas de ovos e as peças, distribuídas em igual número de cor a associar. A estagiária deve proceder à exemplificação de um cartão, oferecendo outro para a criança fazer. Deve manter-se como observador e registrar as estratégias pelas quais a criança opta para fazer corresponder o local das peças de lego aos locais indicados no cartão.
2. Com borboletas recortadas em cartolinas brancas a criança deve colori-las/decorá-las, escolhendo as cores de entre as tintas disponíveis. De seguida e com o auxílio da estagiária colocar a cartolina no micro-ondas e observar o resultado.

### **Avaliação / Reflexão:**

Quando expliquei a atividade 1., mostrando as caixas e respetivos cartões, a Borboleta respondeu corretamente às questões colocadas e disse que as peças deviam ser colocadas em cima dos cartões, fazendo corresponder a cor da peça à cor pintada no cartão. Perante isto, quando chegou a sua vez de realizar a atividade, coloquei o cartão de doze peças para que esta o resolvesse. O cartão mais simples é dividido em três cores, ou seja, um quadrado de peças azuis, um vermelho e um verde, na parte das peças azuis e vermelhas, a Borboleta colocou corretamente as peças na caixa, quando chegou à parte verde, colocou peças de todas as cores, não fazendo corresponder ao cartão. Talvez seja melhor fazer a proposta inicialmente com a caixa pequena, que contém apenas seis peças e depois aumentar o nível de dificuldade. A Raposa, começou, igualmente, com a caixa de doze peças, e preencheu dois cartões, aumentando o grau de dificuldade. Foi bastante visível a sua concentração na tarefa, parando e observando o cartão antes de pegar nas peças que se encontravam em cima da mesa. O Tigre, com caixa de seis peças, começou por colocar todas as peças em cima do cartão, quando lhe perguntei se precisava de ajuda, disse-me que não, recolheu as peças e construiu uma torre com todas as peças que tinha em cima da mesa.

O Periquito começou por fazer a correspondência para o cartão um da caixa de seis peças, e conseguiu colocar as peças corretamente, quanto ao segundo cartão, não fez a correspondência correta. Este cartão foi o que mais dificuldade representou para as crianças, verifiquei que a grande maioria das crianças colocava as peças como se estivessem seguidas e não alternadas. A Tartaruginha começou por fazer o cartão um, de seis peças, e o seu raciocínio foi preencher primeiro uma linha e só depois a seguinte, não tive oportunidade de lhe oferecer outro cartão porque se aproximava a hora de almoço e tínhamos de prosseguir com a rotina.

Enquanto eu realizava a atividade com duas crianças, houve momentos em que outras crianças se aproximavam da mesa e pediam para fazer, como só haviam duas caixas, ao início disse-lhes que teriam de esperar, no entanto, depois da raposa ter colocado o cartão em cima da mesa e ter feito a correspondência diretamente ali, permiti que mais crianças fizessem a atividade, embora não fosse como planeei inicialmente.

### **Observações:**

Para a atividade um, foram criados dois cartões para a caixa de seis peças, aumentando o nível de dificuldade.

Para a caixa de doze peças, existem quatro cartões aumentando o nível de dificuldade entre cada um deles.

- **Cartões da caixa de seis peças:**

- 1 três cores, uma coluna azul, uma vermelha e uma amarela.

- 2 duas cores, dispostas em xadrez.

- **Cartões da caixa de doze peças:**

- 1 três cores, dispostas em três colunas de dois quadrados cada.

- 2 três cores, uma coluna de azul, duas de vermelho, uma de azul e duas de verde.

- 3 quatro cores, duas colunas de azul, uma de verde, uma de amarelo e duas de vermelho.

- 4 quatro cores, uma coluna de azul, uma de vermelho, uma de verde, uma de vermelho, uma de azul e uma de amarelo.

Devido ao facto de termos tido a presença de uma equipa de fotógrafos na sala durante a semana, não foi possível realizar todas as atividades que haviam sido planeadas, sendo que a atividade dois será

desenvolvida com as crianças na próxima semana.

**Fotografias:**

1.





Atividade: Associação de cores/peças		
Crianças	Indicadores de avaliação	
	Associa as peças segundo a cor	Estabelece a relação espacial presente no cartão
Formiga	●	●
Coelho	●	●
Borboleta	●	●
Tigre	●	●
Gato	●	●
Periquito	●	●
Peixe	●	●
Tartaruginha	●	●
Sapo	●	●

Raposa	●	●
Coruja	●	●
Elefante	●	●
Papagaio	●	●
Leão	●	●
Grilo	●	●
Abelha	●	●
Gafanhoto	●	●
Girafa	●	●

Legenda

● Sim    ● Não    ● Sim, com ajuda

X- Faltou/ não realizou

<b>Semana 13 - 9 a 13 de maio</b>			
<b>Atividade:</b>			
<b>1. Desenho livre</b>			
<b>2. Pintura 3D</b>			
<b>Tema da atividade:</b>	<b>Datas:</b>	<b>Duração aproximada:</b>	<b>Participantes:</b>
Desenho	10, 11 de maio 12 de maio	15 minutos/criança	Crianças, educadora, AAE e estagiária.
<b>Área de desenvolvimento:</b>	<b>Objetivos Pedagógicos:</b>		
<p>Expressão e comunicação:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• abordagem à escrita,</li> <li>• linguagem oral;</li> <li>• expressão plástica;</li> </ul> <p>Pessoal e Social:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• regras de relacionamento;</li> </ul>	<p>1.</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Fazer a prensão do lápis corretamente;</li> <li>• Utilizar mais do que uma cor de lápis.</li> </ul> <p>2.</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Explorar a pintura com pincel;</li> <li>• Desenvolver a criatividade;</li> <li>• Partilhar os materiais com os colegas.</li> </ul>		
<b>Materiais:</b>	<b>Estratégias</b>		
	<b>Organização do espaço e dinâmica:</b>	<b>Implementação das propostas:</b>	
<p>1. Lápis de cor; Lápis de cera; Folhas lisas A4.</p> <p>2. Tintas 3 D; Pincéis; Cartolinas em forma de borboletas; Micro-ondas.</p>	<p>1. Grupo distribuído pelas mesas de trabalho e a trabalhar em simultâneo.</p> <p>2. Separar as mesas em meias luas de modo a trabalhar com pequenos grupos de três, nesta atividade e nas restantes mesas desenvolver outras atividades.</p>	<p>No tapete perguntar ao grupo se gostam de desenhar e se gostariam de fazer um desenho numa folha para a estagiária mostrar à sua professora.</p> <p>Relembrar as crianças do postal que fizemos para o dia da mãe e de como fizemos a tinta crescer no micro-ondas. Mostrar as borboletas em cartolina branca e explicar que preciso da ajuda deles para torná-las mais coloridas. Explicar que a tinta está feita, mas que sozinha não consigo fazer tudo e perguntar quem quer pintar uma borboleta para que fique bem colorida.</p>	

### **Descrição da atividade:**

1. Distribuir as folhas A4 pelas crianças e colocar o nome em cada uma, oferecer lápis de cor e lápis de cera e deixar que explorem o traço, desenhando o que querem, sem qualquer indicação do adulto. No final das produções, perguntar às crianças o que desenharam e fazer o registo numa folha à parte.
2. Com borboletas recortadas em cartolinas brancas a criança deve colori-las/decorá-las, escolhendo as cores de entre as tintas disponíveis. De seguida e com o auxílio da estagiária colocar a cartolina no micro-ondas e observar o resultado.

### **Avaliação / Reflexão:**

1. As crianças revelaram bastante vontade em fazer o desenho, quando lhes perguntei no tapete se gostariam de o fazer, houve crianças a levantarem-se logo para se sentarem à mesa. As crianças fazem a apreensão do lápis corretamente, embora o Gato ainda revele alguma dificuldade e o Periquito não tenha definido a sua lateralidade. Observei que, em oposição com o desenho orientado pela educadora, no dia anterior, as crianças não demonstraram controlo no risco, cobrindo apenas a folha com cor. O Periquito fez algo semelhante a um círculo e disse que tinha desenhado o pai, também o Coelho desenhou vários círculos, mas depois pintou por cima, quando lhe perguntei se já tinha terminado começou a pintar por cima do que já tinha feito. A Formiga também referiu que desenhou o irmão, fazendo vários círculos e pintando-os de várias cores. A Abelha pintou a folha toda aleatoriamente e quando lhe perguntei o que desenhou respondeu-me: “um sol” e a um canto da folha desenhou um sol com o lápis amarelo. A Raposa e o Gafanhoto, embora já tivessem a folha bastante pintada, após me terem dito o que desenharam, continuaram a pintar por cima. A Borboleta fez uns pequenos círculos com uns riscos dentro dos mesmos, tudo muito minucioso, tal como no dia anterior tinha desenhado a sua família, este desenho também foi realizado meticulosamente.
2. As reações à pintura 3D foram muito positivas, tendo os materiais dispostos em cima da mesa, eu apenas ajudei as crianças a colocar o avental, as crianças foram perguntando se podiam utilizar uma ou outra tinta. Durante a pintura, esperavam que o/a amigo/a terminasse de usar a tinta pretendida e pediam para usar. Foi visível o respeito pelo espaço do outro na realização desta atividade, as crianças souberam esperar pela sua vez e partilhar os materiais sem existirem conflitos entre elas. Algumas crianças precisaram de um apoio na exploração da tinta, tendo eu informada que poderiam pintar com várias cores ou só com uma e que podiam espalhar a tinta ou deixá-la em forma de gota, a partir daí começaram a dar largas à sua imaginação. A seguir à pintura, perguntei ao grupo onde é que gostariam de colocar as borboletas de modo a que as pudessemos ver, uma vez que estavam tão bonitas. Ficou decidido expor no placard dentro da sala.

Fotografias:

1.



2.





<b>Atividade: Desenho livre</b>		
<b>Crianças</b>	<b>Indicadores de avaliação</b>	
	<b>Faz a preensão do lápis</b>	<b>Utiliza mais do que uma cor na sua composição</b>
<b>Formiga</b>	●	●
<b>Coelho</b>	●	●
<b>Borboleta</b>	●	●
<b>Tigre</b>	●	●
<b>Gato</b>	●	●
<b>Periquito</b>	●	●
<b>Peixe</b>	X	X
<b>Tartaruginha</b>	●	●
<b>Sapo</b>	●	●
<b>Raposa</b>	●	●
<b>Coruja</b>	●	●
<b>Elefante</b>	●	●
<b>Papagaio</b>	X	X
<b>Leão</b>	X	X
<b>Grilo</b>	●	●
<b>Abelha</b>	●	●
<b>Gafanhoto</b>	●	●
<b>Girafa</b>	●	●

Legenda

● Sim      ● Não      ● Sim, com ajuda

X- Faltou/ não realizou

<b>Atividade: pintura 3D</b>			
<b>Crianças</b>	<b>Indicadores de avaliação</b>		
	Explora a pintura com o pincel	Partilha materiais com colegas	Foi criativa/o na sua produção
<b>Formiga</b>	●	●	●
<b>Coelho</b>	●	●	●
<b>Borboleta</b>	X	X	X
<b>Tigre</b>	●	●	●
<b>Gato</b>	●	●	●
<b>Periquito</b>	●	●	●
<b>Peixe</b>	X	X	X
<b>Tartaruginha</b>	X	X	X
<b>Sapo</b>	●	●	●
<b>Raposa</b>	●	●	●
<b>Coruja</b>	●	●	●
<b>Elefante</b>	●	●	●
<b>Papagaio</b>	X	X	X
<b>Leão</b>	X	X	X
<b>Grilo</b>	●	●	●
<b>Abelha</b>	●	●	●
<b>Gafanhoto</b>	●	●	●
<b>Girafa</b>	●	●	●

Legenda

● Sim      ● Não      ● Sim, com ajuda

X- Faltou/ não realizou

<b>Semana 14 - 16 a 20 de maio</b>			
<b>Atividade: Vamos à pesca</b>			
<b>Tema da atividade:</b>	<b>Datas:</b>	<b>Duração aproximada:</b>	<b>Participantes:</b>
Conjuntos	19 de maio	Uma manhã	Crianças, educadora, AAE e estagiária.
<b>Área de desenvolvimento:</b>		<b>Objetivos Pedagógicos:</b>	
Expressão e comunicação: <ul style="list-style-type: none"> <li>• lógico matemática;</li> <li>• Motricidade.</li> </ul> Pessoal e social.		<ul style="list-style-type: none"> <li>• Formar conjuntos de imagens pelas suas características.</li> </ul>	
<b>Materiais:</b>	<b>Estratégias</b>		
	<b>Organização do espaço e dinâmica:</b>	<b>Implementação das propostas:</b>	
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Canas de pesca com íman;</li> <li>• Imagens magnéticas;</li> <li>• Piscina com bolas.</li> </ul>	Colocar a piscina de bolas afastada da parede. Atividade a desenvolver em grupos de dois. O resto do grupo irá explorar massa de cor, sob a orientação da educadora e da AAE.	Contar uma história que envolva a atividade de pescar e as imagens que fazem parte dos conjuntos, envolver as crianças na história e pedir ajuda para recuperar as imagens.	
<b>Descrição da atividade:</b>			
<p>Improvisar uma história sobre a ida à praia, e os acessórios que é preciso levar: o chapéu de sol, a toalha, o fato de banho, os chinelos e os óculos, mostrar a imagem do bebé e continuara a história incluindo as imagens do conjunto do bebé: o biberão, a chucha, o urso e o carrinho, mas para praia também devemos levar alguma comida e nada melhor do que fruta fresquinha para combater o calor: mostrar as imagens da fruta.</p> <p>Colocar os 3 conjuntos de imagens dentro da piscina das bolas, preparar as canas co os imanes e chamar duas crianças de cada vez para “pescar” as imagens. Alertar que cada criança deve forma um conjunto, sendo que se “pescar” uma imagem que não pertence ao seu conjunto deve voltar a colocá-la dentro da piscina. Cada criança deve completar um conjunto de imagens.</p>			

<b>Avaliação / Reflexão:</b>
A atividade decorreu muito bem, com as crianças a completar os conjuntos que escolhiam individualmente e o terceiro em conjunto com o par que se encontrava à pesca

simultaneamente. Quando chegou a vez do Leão e do Papagaio, estes, apesar de terem escolhido um conjunto, ao apanhar as imagens da piscina, apanhavam sem ter em conta a que conjunto pertenciam, fazendo a seleção já depois de apanharem as peças. O Gafanhoto e o Coelho executaram a atividade tal como tinha sido explicada, escolheram um conjunto e focaram-se nessas imagens para pescar, quando apanhavam alguma pertencente a outro conjunto voltavam a atirá-la para dentro da piscina para que o responsável por esse conjunto a pudesse apanhar.

A Formiga e o Tigre demonstraram alguma dificuldade em associar as imagens a cada conjunto, tendo o tigre dispersado a sua atenção ao longo da atividade. Reparei, também, que a Formiga revelou alguma dificuldade a nível motor, no manuseamento da cana de pesca.

### **Observações:**

As crianças que ainda não realizaram a atividade irão fazê-lo durante a próxima semana.

A grelha de observação será apresentada na planificação da próxima semana.

### **Fotografias:**





<b>Atividade: Vamos à pesca</b>		
<b>Crianças</b>	<b>Indicadores de avaliação</b>	
	Identifica as imagens dos conjuntos	Completa os conjuntos
<b>Formiga</b>	●	●
<b>Coelho</b>	●	●
<b>Borboleta</b>	X	X
<b>Tigre</b>	●	●
<b>Gato</b>		
<b>Periquito</b>	●	●
<b>Peixe</b>		
<b>Tartaruginha</b>	X	X
<b>Sapo</b>	X	X
<b>Raposa</b>	X	X
<b>Coruja</b>		
<b>Elefante</b>		
<b>Papagaio</b>	●	●
<b>Leão</b>	●	●
<b>Grilo</b>		
<b>Abelha</b>	X	X
<b>Gafanhoto</b>	●	●
<b>Girafa</b>	X	X

Legenda

● Sim    ● Não    ● Sim, com ajuda

X- Faltou/ não realizou

**Semana 15 - 23 a 27 de maio**

**Atividade:**

**1. Vamos à pesca**

**2. Desenho livre**

<b>Tema da atividade:</b>	<b>Datas:</b>	<b>Duração aproximada:</b>	<b>Participantes:</b>
Conjuntos	1. 26 e 27 maio 2. 23 e 25 maio	1. 20 minutos/par 2. 25 minutos/desenho	Crianças, educadora, AAE e estagiária.
<b>Área de desenvolvimento:</b>	<b>Objetivos Pedagógicos:</b>		
Expressão e comunicação: • lógico matemática; • Motricidade; • Abordagem à escrita Pessoal e social.	1. • Formar conjuntos de imagens pelas suas características. 2. • Realizar um desenho intencional; • Identificar um ou mais elementos no desenho; • Estabelecer relação entre os elementos e o desenho.		
<b>Materiais:</b>	<b>Estratégias</b>		
	<b>Organização do espaço e dinâmica:</b>	<b>Implementação das propostas:</b>	
1. • Piscina com bolas; • Canas de pesca com íman; • Imagens magnéticas. 2. • Folhas; • Lápis de cor.	1. Colocar a piscina de bolas afastada da parede. Atividade a desenvolver em grupos de dois. O resto do grupo estará no exterior com a AAE. 2. Dividir as mesas de forma a realizar a atividade individualmente, mas em simultâneo.	Na continuação da atividade “Vamos à pesca”, perguntar ao grupo quem é que ainda não desenvolveu a atividade e fazer pares de trabalho. Para a realização dos desenhos, perguntar ao grupo se quer voltar a desenhar para que eu possa mostrar à professora M., lembrar que cada um desenha o que quer e não precisam fazer o mesmo que o/a amigo/a do lado está a fazer.	
<b>Descrição da atividade:</b>			
1. Colocar os 3 conjuntos de imagens dentro da piscina das bolas, preparar as canas com os ímanes e chamar duas crianças de cada vez para “pescar” as imagens. Alertar que cada criança deve formar um conjunto, sendo que se “pescar” uma imagem que não pertence ao seu conjunto deve voltar a colocá-la dentro da piscina. Cada criança deve completar um conjunto de imagens. 2. Distribuir o material necessário para a realização do desenho: folhas e lápis. Permitir que as crianças realizem a sua produção no tempo que necessitarem, sem as apressar. Ir perguntando uma a uma o que estão a desenhar e anotar se identificam e associam o elemento ao desenho ou não.			


### **Avaliação / Reflexão:**

1. A criança que demonstrou mais dificuldade na realização desta atividade, foi o peixe, uma vez que não comunica comigo verbalmente, sendo muito rara a vez em que me responde a uma pergunta direta, só através de gestos me foi possível perceber se este identificava as imagens presentes nos 3 conjuntos. Quando apanhava uma peça correspondente ao conjunto escolhido, eu indicava que deveria coloca-la junto à imagem, mas apesar disso, o peixe voltava a atirá-la para dentro da piscina, sendo comum apanhar várias vezes a mesma peça. As restantes crianças escolheram o conjunto que pretendiam pescar e procuravam pescar somente as peças correspondentes, tenho o cuidado de voltar a colocar na piscina as que não correspondiam. Reparei novamente que algumas crianças não manejavam corretamente a cana de pesca, segurando no fio e lançando o íman na direção da peça pretendida. Pós a minha explicação, o Gato e o Grilo passaram manusear corretamente, tendo por vezes alguns descuidos, talvez por ser mais fácil acertar na peça pretendida.
2. No primeiro momento de desenho livre, as crianças realizaram-no na sala de atividades e estavam distribuídas pelas mesas, não havendo contacto entre mesas. As crianças estavam mais concentradas no que estavam a fazer, existindo conversas apenas entre 3 ou 4 crianças em cada mesa, relativamente aos lápis a utilizar. No segundo momento, resolvemos realizar a atividade no refeitório, onde a mesa é comprida, e as crianças se conseguem ver todas umas às outras. Ao haver a possibilidade de se verem todos, houve também, crianças mais desconcentradas, a olhar para o lado e a espreitar para o fundo da mesa a ver o que se passava. Depois de dar um tempo para desenharem comecei a questionar os que via que já estavam mais avançados na sua composição e foi perceptível a diferença entre os desenhos anteriores, não porque o número de elementos seja superior, mas porque a maioria das crianças conseguiu associar um ou mais elementos ao desenho. Quando começo a fazer a recolha das narrativas das crianças relativamente aos desenhos, há sempre um grupinho (Coruja, Gafanhoto, Tigre, Formiga) que quer continuar a desenhar, apesar de já ter informado os adultos que já tinha terminado.

### **Fotografias:**



<b>Atividade: vamos à pesca</b>		
<b>Crianças</b>	<b>Indicadores de avaliação</b>	
	Identifica as imagens dos conjuntos	Completa os conjuntos
<b>Formiga</b>	●	●
<b>Coelho</b>	●	●
<b>Borboleta</b>	X	X
<b>Tigre</b>	●	●
<b>Gato</b>	●	●
<b>Periquito</b>	●	●
<b>Peixe</b>	●	●
<b>Tartaruguinha</b>	X	X
<b>Sapo</b>	X	X
<b>Raposa</b>	X	X
<b>Coruja</b>	●	●
<b>Elefante</b>	●	●
<b>Papagaio</b>	●	●
<b>Leão</b>	●	●
<b>Grilo</b>	●	●
<b>Abelha</b>	X	X
<b>Gafanhoto</b>	●	●
<b>Girafa</b>	X	X

As linhas sombreadas a  representam as crianças que realizaram esta atividade durante a semana de 23 a 27 de maio.

Legenda

● Sim      ● Não      ● Sim, com ajuda

X- Faltou/ não realizou

<b>Atividade: Desenho livre</b>				
<b>Crianças</b>	<b>Indicadores de avaliação</b>			
	<b>Identifica um ou mais elementos no desenho</b>		<b>Estabelece relação entre os elementos e o desenho</b>	
	<b>23 maio</b>	<b>25 maio</b>	<b>23 maio</b>	<b>25 maio</b>
<b>Formiga</b>	●	●	●	●
<b>Coelho</b>	●	●	●	
<b>Borboleta</b>	●		●	
<b>Tigre</b>	●	●	●	●
<b>Gato</b>	●		●	
<b>Periquito</b>	X		X	
<b>Peixe</b>	●		●	
<b>Tartaruginha</b>				
<b>Sapo</b>	X	X	X	X
<b>Raposa</b>	●			
<b>Coruja</b>	●	●	●	●
<b>Elefante</b>				
<b>Papagaio</b>	●	X	●	X
<b>Leão</b>	●		●	
<b>Grilo</b>	●		●	
<b>Abelha</b>	X	X	X	X
<b>Gafanhoto</b>	●	●	●	●
<b>Girafa</b>	X	X	X	X

Legenda

● Sim      ● Não      ● Sim, com ajuda

X- Faltou/ não realizou

<b>Atividade: Construir com blocos de madeira</b>			
<b>Tema da atividade:</b>	<b>Datas:</b>	<b>Duração aproximada:</b>	<b>Participantes:</b>
Construções	31 de maio	30 minutos	Crianças, Educadora, AAE e Estagiária
<b>Área de desenvolvimento:</b>	<b>Objetivos Pedagógicos:</b>		
Expressão e comunicação: • Motricidade;	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Identificar duas figuras geométricas;</li> <li>• Empilhar mais de três peças.</li> </ul>		
<b>Materiais:</b>	<b>Estratégias</b>		
Blocos de madeira	<b>Organização do espaço e dinâmica:</b>	<b>Implementação das propostas:</b>	
	Atividade a realizar em grande grupo, nas mesas de atividade antes das sessões de ginástica e música.	Colocar a caixa dentro do saco das surpresas e fazer algum suspense antes de mostrar o que lá está. Como já tinha sido falada a inclusão deste material na sala, falar um pouco sobre as suas possibilidades.	
<b>Descrição da atividade:</b>			
<p>Mostrar às crianças todas as peças diferentes que existem e explicar que podem construir várias coisas com elas. Apesar de não terem nenhum um encaixe, estas peças colocam-se por cima umas das outras e mantêm-se empilhadas. Permitir que as crianças brinquem livremente com as peças, colocando em cima da mesa um conjunto de várias peças.</p>			
<b>Avaliação / Reflexão:</b>			
<p>As crianças deram início às construções, umas na vertical, outras na horizontal, havendo torres, pistas e casas por entre as construções feitas. Ao início, a maioria das crianças identificou o quadrado (cubo) e o triângulo (pirâmide) e disseram que o triângulo era o telhado, sendo necessário ajudar a Abelha e a Girafa, relativamente à língua e o Peixe, que mais uma vez não se expressou oralmente, mas após as outras crianças dizerem o nome das figuras este acenou com a cabeça dando a entender que as identificava.</p> <p>O Gafanhoto construiu por diversas vezes uma torre com muitas peças, mantendo-se muito concentrado no que fazia. A Coruja e o elefante juntaram as peças que tinham e trabalharam em conjunto, tal como o Coelho e o Grilo. O Coelho antes de juntar as peças com o Grilo, construiu casas, fazendo seleção de peças pela sua cor. A Raposa originou alguma confusão, pois estava constantemente a tirar as peças aos colegas que se encontravam ao seu lado.</p> <p>Todas as crianças empilharam as peças, sendo que a quantidade menor a ser utilizada foi de quatro peças e a maior, pelo Gafanhoto foi de doze peças.</p>			
<b>Observações:</b>			

**Fotografias:**







Atividade: blocos de madeira			
Crianças	Indicadores de avaliação		
	Identifica duas figuras geométricas:		Empilha peças mantendo o equilíbrio das mesmas
	Triângulo	Quadrado	
Formiga	●	●	●
Coelho	●	●	●
Borboleta	X	X	X
Tigre	X	X	X
Gato	●	●	●
Periquito	X	X	X
Peixe	●	●	●
Tartaruguinha	●	●	●
Sapo	●	●	●
Raposa	●	●	●
Coruja	●	●	●
Elefante	●	●	●
Papagaio	X	X	X
Leão	●	●	●
Griolo	●	●	●
Abelha	●	●	●
Gafanhoto	●	●	●
Girafa	●	●	●

Legenda

● Sim      ● Não      ● Sim, com ajuda

X- Faltou/ não realizou

## **REFLEXÕES SEMANAIS**

### **Semana 1 – 10 a 12 de fevereiro**

A primeira semana de PPS I foi na realidade, a segunda para mim, embora apenas tenha iniciado os registos de notas de campo e de observação nesta semana, já tinha tido contacto com as crianças e com a equipa da instituição.

Atento que esta semana foi uma semana de adaptação às crianças e às rotinas da instituição, considerando que os horários e rotinas representam para as crianças pequenas uma ancora face ao adulto cuidador (Hohmann & Weikart, 1997). Como já referi nas minhas reflexões diárias a semana anterior dá-me um pouco de vantagem em relação às minhas colegas do MEPE B, uma vez que, sendo eu funcionária desta instituição, tendo sido transferida no dia 1 de fevereiro, obtive mais tempo de adaptação a toda esta mudança. Relativamente ao facto de ser funcionária e paralelamente estagiária, é uma situação que ainda me desorienta um pouco. Além de estar a estagiar e de ter um leque de documentos para elaborar, atividades para planear e reflexões em que me posso rever como educadora, cumpro com as minhas funções de ajudante de ação educativa. É de salientar que o horário que realizo enquanto ajudante de ação educativa é o de abertura do estabelecimento, o que me permite contactar com todas as crianças do jardim de infância bem como com as restantes salas de creche. À hora de entrada da educadora, regresso à sala e aí permaneço durante o dia, já como estagiária. Este sistema acaba por me organizar as funções, dado que existe aquele momento inicial da manhã em que me desloco para a sala de um ano com os grupos da sala rosa (berçário) e da sala azul (1 ano) e depois ao regressar à sala amarela assumo a responsabilidade como estagiária.

Quanto ao acolhimento, sinto que fui bem-recebida por todas as colegas da instituição. Sendo eu funcionária houve a necessidade de alterar os horários da equipa para que eu possa frequentar as aulas e permanecer na instituição acompanhada da educadora cooperante. Assim, assumindo a abertura da instituição é possível ajustar o meu horário (7h30m – 16h30m) ao horário da educadora (9h – 16h).

O que me causou maior impacto nestas primeiras semanas foi a autonomia do grupo, pois apesar de ser um grupo com dois anos de idade, a verdade é que demonstra

muitas competências na área da autonomia. As crianças da sala amarela revelam uma integração das rotinas e das regras da sala conseguindo prever e realizar muitas tarefas provenientes das suas escolhas, segundo Hohmann & Weikart (1997) ao oferecer as circunstâncias ideais as crianças pequenas “agem com crescente autonomia e independência” (p.28). Ao questionar a educadora sobre estas competências, a educadora informou que apenas trabalha com este grupo desde setembro, sendo que tem tido uma grande perseverança quanto ao cumprimento de regras. O que de facto me suscitou interesse nesta matéria, foi o tempo de concentração do grupo no momento de tapete, sendo que se mantêm focados na conversa ou na atividade durante largos minutos. O cumprimento das regras da sala começa logo no início do dia, uma vez que quando a educadora pede que se dirijam ao tapete, as crianças têm de arrumar os brinquedos que estão em cima da mesa, bem como as cadeiras em que estavam sentadas. A educadora começa sempre as atividades às 9h30m com o grupo sentado no tapete. Neste momento a educadora conversa com as crianças sobre o que se vai passar durante o dia, se têm atividades extra e se há algum trabalho a desenvolver. Neste momento de grande grupo os adultos responsáveis ouvem as crianças incentivando a que se expressem oralmente, de acordo com Hohmann & Weikart (1997) as crianças tornam-se melhores interlocutores se forem apoiados nas suas comunicações precoces. Há uma grande intencionalidade da educadora no desenvolvimento do respeito pelo outro, uma vez que quando a educadora conversa com alguma criança e alguém interrompe, é-lhe dito que espere pela sua vez de falar pois está a interromper o/ a amigo/a. No caso de alguma criança prejudicar este momento surge o aviso por parte da educadora ou da ajudante de ação educativa, caso a criança continue a destabilizar o momento de partilha é pedido que se sente numa cadeira afastada do grupo. Esta estratégia parece resultar com o grupo em questão, pois sendo um grupo que demonstra bastante interesse nas atividades a desenvolver, não gostam de estar afastados do foco de interesse, o que acaba por ser um incentivo ao bom comportamento no tapete.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

Hohmann, M., & Weikart, D. P. (1997). *Educar a Criança*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

## **Semana 2 – 15 a 19 de fevereiro**

Durante esta semana tive a oportunidade de realizar com as crianças uma pequena atividade de expressão plástica que servirá para a construção de um mapa de presenças para a sala. Embora estas primeiras semanas sejam cruciais para que o grupo se adapte a mim, senti que esta podia ser uma oportunidade de nos ficarmos a conhecer melhor, tendo em conta que o “conhecimento individualizado das crianças molda, não só as interações [sic] que os educadores de infância têm com as crianças e os pais” (Post & Hohmann, 2000, p. 15), como a integração de horários e rotinas na sala. Assim, em conversa com a educadora ficou acordado iniciar esta atividade na segunda feira de manhã antes da atividade de ginástica.

As planificações de atividades na sala amarela devem contemplar o tempo das atividades extra, uma vez que estas se desenrolam no período da manhã (10h30m – 11h) em quatro dias da semana. Respeitando a rotina da sala, procurei organizar o material e o grupo de forma a que fosse possível desenvolver a atividade com duas crianças de cada vez. Ao organizar o grupo em duas mesas, houve a possibilidade de quem estava na mesa de trabalho poder observar os amigos a trabalhar e os materiais que estavam a ser utilizados. Ao explicar ao grupo o que íamos fazer a educadora sugeriu que tivesse uma atividade paralela, pois desta forma todo o grupo se encontraria ocupado. Assim, dado que a educadora tinha as capas dos trabalhos para terminar com algumas crianças foi possível desenvolver as duas situações em paralelo. Nesta organização foi bastante importante contar com o apoio e experiência da educadora cooperante, pois seguindo o conselho dado todas as crianças se encontravam concentradas numa atividade evitando que houvesse destabilização por parte das crianças que teriam de aguardar pela sua vez. A participação da ajudante de ação educativa também se revelou bastante importante nestas atividades, pois como as crianças tinham de pintar com esponja numa mesa e

noutra pintar com as mãos, ao estar disponível para lavar as mãos às crianças permitiu que o trabalho fluísse naturalmente sem existirem interrupções.

Esta atividade foi realizada em dois dias, sendo que no segundo dia houve, também, o momento de tirar fotografias para depois colocar no mapa de presenças. Aqui, surgiu uma situação que referi no diário de campo do dia 16 de fevereiro que me fez refletir sobre a importância de conversar com as crianças e perceber até que ponto a mensagem transmitida foi compreendida. Ao dizer a uma das crianças que ia tirar-lhe uma fotografia, esta disse-me que não queria, neste momento senti a necessidade de expor à criança a razão para lhe ter feito tal pedido, sendo que após a explicação deixei uma opção, permitindo que a criança pudesse optar por ser a próxima a tirar a fotografia ou deixar que todos tirassem ficando para o final (Post & Hohmann, 2000). Talvez no momento da explicação da atividade, esta criança não tivesse entendido que iríamos tirar fotografias, ou para que estas servissem. Por fim, depois de explicar o porquê de tirar a fotografia e onde a iríamos usar, a criança aceitou a tirar a fotografia, que depois lhe mostrei no visor. Depois de plastificados os cartões com as fotografias de cada criança, e num momento de tapete mostrei-os às crianças para que todo o grupo tivesse conhecimento da utilidade da cartolina que haviam espongado nos dias anteriores. Todos se mostraram entusiasmados e identificaram-se a si próprios e aos amigos nas fotografias.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

Post, J., & Hohmann, M. (2000). Educação de bebés em Infantários. Cuidados e Primeiras Aprendizagens. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

### **Semana 3 – 22 a 26 de fevereiro**

No decorrer da semana houve uma situação que se destacou dos restantes dias, a chegada da tartaruga Minnie à sala amarela. As crianças revelaram-se muito

entusiasmadas com a nova mascote da sala, logo no momento de apresentação, houve algum alvoroço relativamente a quem lhe daria comida pela primeira vez, sendo que ficou definido pelas adultas responsáveis que o/a menino/a que se portasse melhor no momento do almoço seria quem lhe dava comida. Esta decisão pode ser encarada como um incentivo para as crianças que demoram algum tempo a almoçar, tendo em conta que no grupo há duas ou três situações.

Após a Suzete ter efetuado contacto com as famílias sobre a possibilidade das crianças levarem a Minnie para casa aos fins de semana, surgiu o problema de que todas as famílias gostariam de a levar no primeiro fim de semana dado o ânimo das crianças. Surgiu, assim a necessidade de tabelar os cuidados de que a Minnie precisa e para que fosse mais justo fez-se um sorteio com os nomes de todas as crianças para afixar quem iria levar a Minnie n primeiro fim de semana. Aqui deparei-me com uma situação que me fez refletir sobre o assunto. Antes de se fazer o sorteio a Natália explicou o procedimento e disse que o nome que estivesse no papel seria a criança que levaria a Minnie no primeiro fim de semana. Todos aceitaram e perceberam, no entanto, o Gafanhoto, depois de se ter anunciado o Gato para levar a Minnie, reagiu com uma atitude de negação, demonstrando frustração face ao sucedido. Recordo que no primeiro dia, o Gafanhoto foi o primeiro a dar comida à Minnie, devido ao seu entusiasmo pela chegada da Minnie à sala. (Diário de campo, 23/02/2016)

Esta situação revela a fase de egocentrismo típica nas crianças de dois anos, que, segundo a teoria de Piaget se desenvolve no estágio pré-operatório, decorrendo entre os dois e os sete anos, a criança é considerada egocêntrica e muito centrada em si própria, revelando dificuldades em se colocar no lugar do outro. Com a realização do sorteio, o Gafanhoto demonstrou essa mesma dificuldade, uma vez que quando se apercebeu que poderia não ser ele a levar a Minnie para casa, mostrou-se abalado e demonstrou esse sentimento com uma expressão triste, quase de choro.

A dificuldade em lidar com o sentimento de negação deve ser trabalhada pelo/a educador/a, uma vez que nesta fase as crianças não são capazes de se por no lugar do outro. Cabe ao responsável promover situações em que a criança consiga compreender como se sentiria se fosse o outro. Na situação observada, a solução encontrada e levada a cabo foi a de ajudar o gafanhoto a identificar a sua emoção e lembrar que já tinha

dado comida à Minnie e que outros meninos ainda não. Explicou-se, também, e novamente a todo o grupo que todos teriam a oportunidade de levar a Minnie para casa num determinado fim de semana. Desta forma todos perceberam que, apesar de poderem sentir-se tristes perante uma situação, os outros também podem sentir-se assim, e os atos de cada um provocam sentimentos nos outros.

De acordo com Portugal (2000), o/a educador/a deve ser verdadeiro com as crianças e não comunicar apenas o que sabe que a criança quer ouvir, neste caso, o Gafanhoto gostaria de ter ouvido que seria ele a levar a Minnie, mas isso não o iria ajudar a aceitar a realidade da situação. Para que a criança desenvolva uma socialização correta Santos citado por Branco (2013) defende que esta precisa de vivenciar diversos sentimentos, positivos e negativos, que a possam preparar para gerir a negação de uma forma natural e não como um contratempo na sua vida.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

Branco, M. E. (2013). Vida, Pensamento e Obra de João dos Santos. Lisboa: Coisas de Ler.

Cole, M., & Cole, R. S. (2001). O DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE. São Paulo: ARTMED.

Portugal, G. (2000). Educação de Bebés em Creche - Perspetivas de Formação Teóricas e Práticas. *Infância e Educação - Inestigação e Práticas Revista do Gedei* nº1, pp. 85-106.

### **Semana 4 – 29 fevereiro a 4 de março**

Durante a semana passada, os comportamentos da Raposa tornaram-se mais frequentes e inclusive, teve lugar uma alteração que considero de carácter importante, isto porque numa situação de confronto a raposa me bateu. Tal como referi no diário de

campo, ocorreu uma situação de imposição da minha parte e a raposa deu-me uma palmada na perna, o que já havia tentado fazer noutras situações, tendo sido sempre evitado com chamadas de atenção. Perante esta situação, a minha reação foi a de lhe explicar o quão triste havia ficado e que agora não gostaria de falar com ela pois estava zangada. No entanto, a resposta da Raposa foi baixar a cabeça e colocar as mãos a tapar os olhos de forma a não olhar para mim, confesso que esta não era a resposta que esperava ver. Fiquei surpreendida por a Raposa me ter feito isto, apesar de já o ter indiciado, não julguei que avançasse e chegasse mesmo a bater-me. Sinto que, perante o comportamento desafiador observado eu represento uma tentação para a Raposa e a experimentação comigo deve ter um significado de vitória para ela. O facto de estar a vivenciar esta situação pessoalmente e de a ação de bater ter sido levada a cabo para comigo, leva-me a valorizar a relação com as famílias, pois considero que a solução para este caso passe pela parceira família-escola.

Perante estes comportamentos que se têm verificado cada vez mais frequentes, e após várias tentativas de persuadir a criança a modificar o seu comportamento, a opção tomada pela educadora foi o agendamento de uma reunião com a mãe da Raposa. Na tentativa de encontrar uma solução para a situação que se tem observado, a educadora agendou uma reunião com a família, tendo em conta que a creche deverá ser um complemento da ação educativa levada a cabo pela família, esta foi a atitude mais correta, na minha opinião. Segundo Post & Hohmann (2000), a parceria entre pais e educadores deve ser uma constante na vida das crianças e embora esta possa levar o seu tempo a estabelecer-se, deve ser uma prioridade com vista à elaboração de ambientes que permitam a aprendizagem ativa da criança. A recolha de informação junto dos pais é uma forma dos educadores conseguirem analisar os comportamentos e as reações das crianças face a diversas situações. A construção de uma relação de confiança forte e estável, entre pais e educadores, bem como entre os elementos da equipa da creche é um dos objetivos do ambiente educativo (Post & Hohmann, 2000). O facto de existir este tipo de relação de confiança entre a educadora e os pais da Raposa, possibilitou que esta conversa pudesse realizar-se de uma forma tranquila, tentando, em conjunto encontrar uma solução para estes comportamentos. O conhecimento das rotinas em casa, é de extrema importância para a educadora, uma vez que com a informação de como e com

quem a criança passa o tempo em casa pode revelar a razão de certas atitudes. Devo também realçar a importância do conceito de Habitus, citado por Ferreira (2004) que nos diz que as crianças ao ingressar no JI possuem “um processo de socialização que ocorre no seio familiar” (p.66), sendo por vezes processos que diferem da realidade do contexto educativo.

Uma observação contínua do grupo, permite à educadora agir de forma imediata quando se apercebe do surgimento de mais um conflito, seja ele entre pares ou com os adultos. A percepção de quando surgem estes conflitos é um passo dado na resposta a aplicar, uma vez que, percebendo a razão do surgimento, a ação a desenvolver com a criança e com o grupo pode ser alterada de forma a evitar momentos propícios a esses conflitos. É, portanto, de realçar a relevância que uma observação consistente tem no desenvolvimento do grande grupo e de cada criança em particular, procurando, assim envolver todos os atores educativos num caminho que procura o desenvolvimento global da criança.

Perante esta situação, dei-me conta de que a observação e a recolha de dados efetuada nos primeiros dias de estágio, se reflete na maneira como eu encarei este caso. Dado ser uma família proveniente de um país do leste da Europa, é provável que tenha uma cultura diferente. Ao ter conhecimento de dados relativos a esta família, pude refletir acerca de como seriam as rotinas em casa, se a família comporta a educação da criança sozinha ou se tem algum apoio alargado ou se os pais dispõem de algum tempo livre para estar com as filhas, tudo isto se reflete na forma como a criança reage face aos desafios que lhe são propostos no dia a dia.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

Ferreira, M. (2004). A gente gosta é de brincar comos outros meninos! Em *Relações sociais entre crianças num jardim de infância* (pp. 65 - 102). Porto: Edições Afrontamento.

Post, J., & Hohmann, M. (2000). Educação de bebês em Infantários. Cuidados e Primeiras Aprendizagens. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

### **Semana 5 – 7 a 11 março**

Durante esta semana, fui-me apercebendo da importância que a rotina representa para crianças tão pequenas. A questão de quem vem trazer as crianças à escola e quem vem buscar é bastante importante, uma vez que estas crianças, apesar de tão pequenas já revelam importarem-se com essa questão. Como refiro no diário de campo do dia 7 de março, há crianças que já sabem a que horas a mãe ou pai as vem buscar, e quando essa hora se aproxima nota-se alguma ansiedade na criança. Desde tenra idade que os pais devem dizer aos seus filhos que vão trabalhar e mais tarde os irão buscar, isto ajuda a que as crianças se sintam mais seguras e apesar de não terem noção do tempo, sabem que mais tarde a mãe, o pai, ou mesmo outro familiar irá buscá-las.

De acordo com as Orientações Curriculares para a Educação Pré-escolar (OCEPE), e adaptando este documento ao contexto de creche, uma rotina é uma sequência de momentos, que a criança reconhece ao longo do dia. Toda a rotina da Creche ou Jardim de Infância desde que a criança chega até que sai, contribui para que a criança consiga prever as atividades que vai realizar e assim organizar-se internamente no decorrer do dia. A forma calorosa como os educadores recebem e/ou entregam as crianças afeta o decorrer do dia destes intervenientes, as crianças podem reagir de diversas formas à separação e ao reencontro, sendo comum tanto a separação como o reencontro representar um momento doloroso para ambos, Post & Hohmann (2000). De acordo com as mesmas autoras, o reconhecimento dos sentimentos das crianças e dos pais durante destes momentos por parte dos educadores, auxilia-nos no processo de estabilidade emocional que necessitam para dar início ao dia. A rotina que uma sala de creche apresentar, deve ser estruturada, mas ao mesmo tempo flexível o suficiente para dar resposta às necessidades de todas e de cada criança. Tal como refiro no diário de campo, para a Borboleta o momento que sucede o lanche é a hora da mãe a vir buscar o que para ela representa um tempo de ansiedade, sendo a rotina da sala consistente, a

criança reconhece aquele momento, seja no refeitório ou já na sala, como a hora de ir para casa. Neste espaço de tempo, a Borboleta mostra-se inquieta e atenta à porta do refeitório, no entanto, quando o lanche decorre mais rápido ou mesmo quando a mãe vem uns minutos mais tarde e o reencontro se dá na sala de atividades, a borboleta não revela tanta ansiedade. No meu ponto de vista a Borboleta entende a rotina da sala como uma sequência de momentos; o momento do tapete, o momento da atividade da manhã; o momento do reforço; a sessão de música ou de ginástica; o momento do almoço, o momento da higiene e sesta e o momento do lanche que representa para ela o último momento do dia. Já sucedeu em situações pontuais, a mãe necessitar de chegar mais tarde e nessas situações durante a entrega da criança, avisou a responsável que fazia o acolhimento e explicou também à criança que iria buscar mais tarde. Perante este aviso, foi visível no comportamento da Borboleta a sua descontração durante o lanche, pois foi-lhe transmitido que nesse dia poderia brincar com os/as amigos/as após o lanche, na sala ou mesmo no exterior.

Considero verdadeiramente importante o educador delinear uma rotina que responda às necessidades do grupo, de cada criança e das suas intencionalidades, tendo sempre em conta que o verdadeiro objetivo é o desenvolvimento harmonioso das crianças. Durante estas semanas de PPS I, tenho vindo a perceber o quão instituída está a rotina no grupo da sala Colmeia, são vários os momentos em que se dão ações em que é perceptível esta interiorização.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

Ministério da Educação. (1997). Orientações Curriculares para Educação Pré-Escolar. Lisboa: Ministério da Educação.

Portugal, G. (2000). Educação de Bebés em Creche - Perspetivas de Formação Teóricas e Práticas. *Infância e Educação - Inestigação e Práticas Revista do Gedei* nº1, pp. 85-106.

Portugal, G. (2011). Finalidades e práticas educativas em creche: das relações, actividades e organização dos espaços ao currículo na creche. Casa de trabalho.

Post, J., & Hohmann, M. (2000). Educação de bebés em Infantários. Cuidados e Primeiras Aprendizagens. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

### **Semana 6 – 14 a 18 março**

No decorrer deste mês foi-se falando sobre as relações entre pais e filhos. No início do mês a educadora elaborou um pequeno questionário que realizou com as crianças, sobre os seus pais e enviou para casa um igual para que os pais respondessem sobre os filhos/as. A recolha destes questionários feitos aos pais, revelou-nos bastante informação sobre a relação entre pai e filho/a e a comparação das respostas dadas pelas crianças com as respostas dos pais foi muito interessante. Com este tipo de ações consegue-se envolver as famílias na rotina da sala e da creche, e a recolha de informação que advém é mais um benefício para o trabalho de equipa entre a família e os educadores.

Enquanto futura educadora tenho como intencionalidades com as famílias:

- 1) promover o envolvimento das mesmas na sala de atividades;
- 2) estabelecer uma relação de parceria na educação das crianças;

Ao integrar este tipo de atividades, que a Natália tinha já planeadas para os festejos do dia do pai, consigo entender que género de ações se podem desenvolver com as famílias de crianças tão pequenas. Segundo Hohmann & Weikart (1997), as famílias necessitam de se sentir desejadas e integradas no contexto da creche ou JI, assim, cabe aos adultos responsáveis promover este tipo de relação. Ao longo da PPS I tenho observado a interação entre as famílias e a educadora e a AAE, durante a entrega das crianças, de manhã, todas as famílias trocam informações com a adulta da sala que faz o acolhimento, normalmente é a educadora que está presente neste momento e uma breve conversa informal é realizada entre ela e os pais das crianças. Ao final do dia, a AAE entrega as crianças que saem mais tarde e nesse momento também informa as famílias do que sucedeu durante o dia. De acordo com os autores supramencionados esta é uma

oportunidade que deve ser aproveitada pela equipa educativa, tentando, sempre que possível, efetuar esta conversa diária. A partir destas informações é possível, para a educadora, avaliar situações que se tenham passado durante o dia. Além destas conversas informais, na instituição, existe um documento de registo de entradas e saídas das crianças, neste documento, composto por uma tabela com quatro colunas, é identificado o adulto que acolhe ou entrega a criança, a hora, o grau de parentesco e uma rúbrica do familiar; existe também uma coluna onde se colocam informações diversas, sendo esta mais uma forma de comunicação entre famílias e equipa educativa. A minha relação com as famílias pode considerar-se positiva, uma vez que realizo o acolhimento, não só das crianças da sala, mas, e dado que a sala Colmeia é utilizada como sala de acolhimento, também das restantes crianças da creche e do JI, procuro fazer um acolhimento tranquilo não só para as crianças, mas também para as famílias. Na minha prática diária, tento realizar a recolha de informação sobre o bem-estar das crianças que me pode auxiliar na rotina do dia com as crianças. A nível de planeamento que envolva as famílias da sala Colmeia, está em curso os fins de semana com a Minnie, a tartaruga que temos na sala como animal de estimação. Esta partilha dos cuidados da Minnie tem-se revelado muito positiva e apreciada pelas famílias. Às segundas-feiras de manhã os pais fazem um breve relato do fim de semana com a Minnie, onde foi colocado o seu aquário, se comeu, e como se comportou a criança com a presença da tartaruga na sua casa. Este tipo de relação é bastante importante para mim, pois sinto que os familiares das crianças da sala Colmeia me sentem como um elemento da equipa educativa. Segundo as OCEPE, “ importa distinguir a relação que se estabelece com cada família” (Ministério da Educação, 1997, p. 43), tendo em consideração os benefícios de que as crianças usufruem das relações de confiança criadas entre os educadores e os pais, concluo que este é um objetivo a atingir com todas e cada família. O projeto a decorrer na sala – A Minnie – é um fio condutor dessas relações que permite, não só desenvolver o respeito pelos animais nas crianças como aumentar a confiança entre famílias e equipa educativa.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Hohmann, M., & Weikart, D. P. (1997). *Educar a Criança*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

### **Semana 7 – 21 a 24 março**

No decorrer desta semana, que antecedeu a Páscoa, foram desenvolvidas atividades relacionadas com a data festiva, no entanto, o significado desta data não foi, de todo, abordado na sala. Isto levou-me a pensar na minha prática futura, enquanto educadora, sendo tantos os dias, ou meses em que as planificações giram em torno de datas festivas estipuladas pelo calendário civil, deve o/a educador/a guiar-se por este tipo de calendarização?

Durante a minha permanência na sala Colmeia, tenho vindo a observar a planificação realizada pela educadora, tanto para poder integrar-me nessa planificação e desenvolver as minhas atividades de forma a que ambas se complementem, como para aprender como planear a médio-longo termo.

O que tenho vindo a observar nos diversos contextos de estágio por que já passámos desde a Licenciatura em educação básica, é que, na realidade os educadores seguem as datas presentes no calendário civil como orientação das atividades. Esta planificação permite que as crianças desenvolvam a sua relação com a comunidade e com os valores sociais da sociedade. Segundo as OCEPE (1997), a educação pré-escolar, neste caso a creche, tem como grande objetivo o prolongamento do ambiente familiar, desta forma é necessário ter em consideração a cultura de origem das crianças para que estas possam apropriar-se da cultura que lhes é oferecida no contexto em que se encontram. De acordo com Siraj-Blatchford, (2004) as crianças aprendem a respeitar as diferentes culturas e crenças quando são devidamente reconhecidas como o ser individual que são, pelos adultos de referência.

Em todos os contextos de estágio, e tendo em conta que foram realizados em alturas do ano diferentes, e em equipamento públicos e privados, bem como IPSS, as atividades

eram planeadas de acordo com as datas festivas. Incluindo a celebração de datas que acabaram por ser adotadas pela educação infantil em Portugal, como é o exemplo do Halloween. No entanto, e dado que a PPS I é realizada em contexto de creche, deverá o educador oferecer uma explicação simples às crianças, mas que lhes permita estruturar ideias realistas acerca das datas que se festejam?

A mais recente celebração, tal como já referi, foi a Páscoa, tendo sido desenvolvidas atividades alusivas à data sem ter havido uma explicação acerca do tema. Talvez a solução para este caso esteja na escolha da explicação a dar, deixando de parte as razões religiosas, e respeitando, assim, as crenças das famílias. Pensando nesta época em especial, resolvi efetuar uma pesquisa sobre a Páscoa, na sua maioria o que encontrei foram explicações religiosas relacionadas com a ressurreição de Cristo, no entanto, especificando pesquisa para uma vertente pagã surge a ideia da renovação. É a partir desta definição que julgo ser importante e adequado explicar a razão de celebrarmos a Páscoa com crianças tão pequenas. A articulação da Páscoa e da primavera é uma explicação bastante válida para crianças tão pequenas, recorrendo ao nascimento das flores e das plantas, bem como à época de acasalamento dos animais, nomeadamente da lebre introduz-se a ideia de renovação da vida. A simbologia atribuída ao coelhinho da páscoa e aos ovos está relacionada com a renovação da vida, daí a oferta de ovos e de coelhos de chocolate.

Esta situação fez-me refletir sobre o que fazer quando chegar a altura de elaborar o meu plano de atividades anual. Considero ser importante acompanhar o calendário civil na perspetiva de que as crianças estabeleçam uma relação cultural e se enquadrem na comunidade a que pertencem. Por outro lado, o educador deve ter a capacidade de planear de acordo com as necessidades e interesses do grupo, tendo em atenção a faixa etária, sendo que com crianças de idade de creche os significados atribuídos às datas comemorativas deverão ser simples e adequados à tenra idade.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

Ministério da Educação. (1997). Orientações Curriculares para Educação Pré-Escolar. Lisboa: Ministério da Educação.

Siraj-Blatchford, I. (2004). Manual de Desenvolvimento Curricular para a Educação De Infância. Lisboa: Texto Editora.

### **Semana 8 – 4 a 8 de abril**

No início desta semana, deu-se uma situação que me fez refletir sobre o assunto, tendo em conta o bem-estar das crianças – devem ou não estas frequentar a creche enquanto estão doentes?

Na segunda-feira houve uma criança que vomitou, os pais foram contactados e sendo uma situação pontual, a criança ficou na creche sob a vigilância mais atenta dos adultos. Na terça-feira de manhã, a criança veio para a creche e os pais apenas informaram que a criança se encontrava bem, não tendo havido nenhum episódio de vómitos em casa. Houve uma atenção redobrada relativamente a esta criança durante a manhã, tendo a criança demonstrado falta de apetite nos dois momentos de refeição. Já no momento do descanso, e quando a criança já se encontrava deitada esta sofreu uma descarga intestinal o que levou a que tivesse de tomar banho. Mais uma vez, os pais foram informados da situação e a criança manteve-se na instituição, tendo sido pedida a opção de dieta para o lanche. No dia seguinte a situação voltou a repetir-se e o único recado era o de que a criança estivera bem durante a noite, no entanto, logo a seguir ao reforço da manhã a criança tornou a vomitar, pelo que a educadora tomou a decisão de telefonar aos pais e pedir que o viessem buscar pois esta situação já se arrastava desde segunda-feira e a criança demonstrava os mesmos sintomas sem sinais de melhoras.

A maioria dos estabelecimentos possui um regulamento interno, neste caso, no regulamento está mencionada a necessidade de entrega de declaração médica, caso a criança fique doente e não frequente a creche durante cinco dias seguidos. No entanto, não está consignado no referido regulamento em que condições a criança fica impedida

de frequentar a creche. Talvez esta seja uma questão de bom-senso e por isso não esteja implicada no regulamento interno da instituição, sendo assim, uma questão de livre arbítrio para cada educadora ou coordenadora/diretora pedagógica.

A qualidade da relação estabelecida entre a família e a escola levanta, também, a questão:

Terão os pais a confiança necessária na escola/educadora para contar como esteve o seu filho em casa?

Numa relação construída com base na confiança e na partilha do que é a educação de uma criança, sentirão os pais a segurança para afirmar que o seu filho ou filha não está muito bem, mas que, neste dia, por motivos profissionais será mesmo impossível ficar em casa, mostrando a confiança na equipa educativa para cuidar da criança em caso de doença?

O conhecimento que a equipa educativa detém acerca das famílias, resultante da observação feita ao longo do ano letivo, permite que seja estabelecida uma relação de parceria que terá como objetivo o bem-estar da criança. É de salientar que o cuidar envolve uma resposta às necessidades emocionais e relacionais da criança, o que contempla não só a saúde, como a alimentação e os aspetos biológicos do corpo. São os momentos dos cuidados físicos e emocionais que permitem uma relação privilegiada do educador com a criança, contribuindo, assim, para uma relação afetiva de qualidade, sendo estes, momentos chave para que a confiança dos pais seja alcançada. Estas relações de qualidade são demonstradas pelos sinais de conforto, bem-estar e felicidade da criança, evidenciando a relação harmoniosa, de confiança e de afeto estabelecida entre o/a educador/a e a criança.

De acordo com as OCEPE (1997) o bem-estar da criança relacionado com a sua saúde individual, está interligado com a educação para a cidadania, da qual a criança usufrui para se tornar um cidadão. Compete ao educador organizar um ambiente no qual a criança se sinta bem e em segurança, desta forma, é, também da sua responsabilidade decidir quando a criança está em condições de frequentar a escola. Ninguém conhece os seus filhos melhor do que os pais, no entanto, o educador, é também, conhecedor das

crianças que complementam o seu grupo, sendo capaz de avaliar se o seu estado físico é ou não o adequado para permanecer na escola. Tendo em conta a situação profissional das famílias atualmente, há situações que podem ser consideradas de menor gravidade e, talvez, possam ser contornadas pelo educador, desde que não ponham em causa o bem-estar e a saúde das outras crianças e adultos.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

Ministério da Educação. (1997). *Orientações Curriculares para Educação Pré-Escolar*. Lisboa: Ministério da Educação.

### **Semana 9 - 11 a 15 de abril**

Após o *feedback* dado pela tutora a algumas das planificações e respetivas avaliações, foi-me proposta a reflexão em torno da questão das escolhas dadas às crianças. Ao planificar as atividades a realizar com o grupo, procuro incluir momentos em que possibilite às crianças fazer as suas escolhas, no entanto, noto que dada a rotina da própria instituição não disponho de tempo útil suficiente para que tal aconteça. Durante quatro dias da semana, a rotina instituída inclui as sessões de ginástica e de música dinamizadas por professores de empresas contratadas, minimizando, assim, o tempo de atividades planeadas pela equipa educativa. Desta forma, as atividades que se têm realizado acabam por ser mais orientadas pelo adulto do que o pretendido, por forma a rentabilizar o tempo e permitir que todas as crianças realizem as atividades. Numa rotina em que as atividades extra fossem dinamizadas num outro horário, sucedendo o lanche, por exemplo, seria mais facilitador para o grupo a exploração livre de materiais e de técnicas de expressão plástica. Penso que, de forma a promover a autonomia nas crianças no que diz respeito às suas opções de escolha, cabe-nos a nós possibilitar que isso suceda de forma natural. Para tal, uma boa organização dos espaços e dos materiais, constituindo um ambiente estimulante para a criança, será a resposta ideal para que tudo aconteça “num espaço e num tempo determinado . . .” (Cardona, 1999, p. 133). Perante a rotina da sala Colmeia posso constatar que no que diz respeito a

ações do quotidiano, as crianças encontram-se num nível de autonomia alto, uma vez que todas se calçam, puxam e descem as calças e comem sozinhas utilizando a colher. Esta é uma vertente da autonomia bastante trabalhada pela equipa educativa, notando-se nas crianças “o crescente desejo de fazerem as coisas sem ajuda” (Post & Hohmann, 2000, p. 131).

O que poderei alterar na minha dinâmica na sala para que tal situação seja revertida e as crianças, possam efetivamente ter o poder de escolher as atividades e mesmo durante as atividades orientadas pelo adulto, prende-se justamente com a organização dos materiais na sala. Embora o tempo útil para as atividades não seja muito, se os materiais estiverem à disposição das crianças, estas poderão efetuar as suas escolhas livremente. A construção de um ambiente facilitador à exploração e a novas

descobertas fará com que as crianças sejam autónomas nas suas escolhas e procurem aquilo que desejam saber e fazer. As escolhas feitas por elas próprias irão trazer-lhes novas aprendizagens e, embora, por vezes o que tínhamos planeado, acabe por não acontecer, não quer dizer que tenha sido mal planeado, apenas não surgiram as aprendizagens que se imaginava obter, mas outras serão assimiladas pela criança.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

Cardona, M. (28 de março de 1999). O Espaço e o Tempos no Jardim de Infância. *Pro-Posições*, pp. 132-138.

Post, J., & Hohmann, M. (2000). *Educação de bebés em Infantários. Cuidados e Primeiras Aprendizagens*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

### **Semana 10 - 18 a 22 de abril**

Durante esta semana foi minha intenção permitir que as crianças se exprimissem livremente ao som da música, houve situações muito engraçadas e outras que me

remetem para esta reflexão. Tal como é referido no diário de campo, a Raposa esteve durante um largo período de tempo, a dançar, no entanto, nunca saiu de perto de mim, intercedendo sempre que outra criança interagira comigo, revelando ciúmes. Sendo esta uma criança que mede forças comigo e com qualquer adulto da sala, será esta uma chamada de atenção?

Por várias vezes tenho a necessidade de avisar a Raposa que os abraços e carícias que me dá são demasiado fortes, havendo situações em que usa tanta força que me magoa. Em conversa com a N. fiquei a saber que a Raposa também lhe faz o mesmo, por várias vezes explico que gosto muito dos abraços e dos mimos que me dá, mas que gostaria mais se fossem menos fortes, que assim chega a magoar-me, ela ri-se e continua no mesmo registo. A relação com os colegas de sala não é muito pacífica, uma vez que a Raposa intercede junto dos mesmos agressivamente, beliscando ou batendo no decorrer de brincadeiras ou atividades.

Estes comportamentos da Raposa têm vindo a aumentar de frequência, o que nos leva a pensar que terá sofrido uma mudança de rotina a nível familiar. Tendo em conta que a família representa o primeiro modelo da criança, exercendo uma influência significativa no seu desenvolvimento social e cognitivo, deve esta manter uma relação privilegiada com a escola. Deste modo, é fundamental desenvolver um trabalho de parceria com as famílias e tentar encontrar, juntos, a solução para os conflitos que se têm observado com maior frequência. Sendo as “relações emocionais afectivas” (Brazelton & Greenspan, 2006, p. 28) a base para o desenvolvimento social da criança, é importante para a equipa educativa perceber de que forma os conflitos são resolvidos no seio familiar, para que possa ajustar a sua ação junto da criança e adaptar as situações que originam os conflitos. Segundo as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (1997), a relação estabelecida entre os estabelecimentos de educação, neste caso a creche, e a família, influenciam a educação da criança, tanto quanto os contextos de vida da criança. Ou seja, a constituição da sua família, o próprio equipamento educativo, a comunidade envolvente, são fatores que influenciam, também, a educação da criança. De acordo com Brazelton & Greenspan (2006) as relações que se baseiam em afeto e carinho, oferecendo um suporte ao crescimento da criança, potenciam um desenvolvimento “adequado do sistema nervoso central” (p.27).

Acompanhando o raciocínio dos autores, a criança que demonstra a capacidade de interagir rapidamente com alguém significativo para si, é, também, capaz de gerir as suas emoções e sentimentos. Assim, as suas reações esperam uma resposta, positiva ou não, mas que lhe oferece tempo para se autorregular. É comum a criança desenvolver “reações extremas . . . desproporcionadas aos acontecimentos do momento” (Brazelton & Greenspan, 2006, p. 35), o que pode significar que a criança não teve a oportunidade de usufruir de uma relação recíproca como forma de regulação.

Posto isto, é crucial para a resolução desta situação uma verdadeira relação de partilha entre a escola e a família. Não só a partilha de situações, mas também a partilha de estratégias utilizadas para a resolução de conflitos e para a diminuição das reações que se têm vindo a observar.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

Brazelton, B., & Greenspan, S. (2006). *A criança e o seu mundo*. Lisboa: Editorial presença.

Ministério da Educação. (1997). *Orientações Curriculares para Educação Pré-Escolar*. Lisboa: Ministério da Educação.

### **Semana 11 - 26 a 29 de abril**

Ao longo da PPS I tenho me vindo a aperceber de que há algumas crianças, cujos pais têm outra língua materna que não o português, que por vezes apresentam alguma dificuldade em perceber o que lhes dizemos. O caso mais notório é o da Girafa, que se encontra em Portugal há relativamente pouco tempo, sendo a sua língua materna diferente. De acordo com (Duarte, 2010) temos a capacidade de adquirir espontaneamente a língua da sociedade em que nos encontramos sem que para isso seja necessário alguém no-la ensinar, sendo esta uma capacidade que se transporta entre gerações. Em várias situações de comunicação com a Girafa, temos de ajustar a nossa linguagem, de forma a torná-la mais simples, sendo por vezes, necessário acompanhar

as palavras de gestos para que se torne perceptível para ela. É notório o esforço que a Girafa faz para nos perceber, mas ocorrem constantemente situações de visível desentendimento verbal, em que a Girafa apenas acompanha por imitação o que as outras crianças fazem. Acontece constantemente, quando alguma criança interrompe a atividade para ir à casa de banho, a Girafa preparar-se para a seguir, tal como em momentos de diálogos com o grupo a única resposta que adquirimos da sua parte é o nome.

Na mesma situação da Girafa, estão mais três crianças, no entanto não se verifica tanta confusão em relação à linguagem, uma vez que estas crianças já nasceram em Portugal, logo estão em contacto com a língua portuguesa desde o nascimento. Através das famílias também nos apercebemos da facilidade com que falam a língua portuguesa, verificando-se uma maior dificuldade com a mãe da Girafa. No entanto, uma criança da sala Colmeia, integra uma família bilingue, e demonstra facilidade em entender e em usar as duas línguas, sendo este conceito denominado “mudança de código” (Papalia, Olds, & Feldman, 2001, p. 219).

Por outro lado, o caso do Peixe, também me faz refletir sobre a aquisição da linguagem, uma vez que o peixe não fala connosco na sala. Não nos é possível avaliar o repertório do vocabulário do peixe, dado que mesmo em situações de pergunta/resposta este não nos responde. De acordo com Cole & Cole (2001) é durante o segundo ano de vida que a criança desenvolve o seu repertório de palavras, inicialmente de uma forma mais lenta e com o passar dos meses aumenta consideravelmente, sendo espectável a produção de cerca de 50 palavras aos dois anos, sendo possível aumentar de 50 palavras para aproximadamente 400 em poucas semanas (Papalia, Olds, & Feldman, 2001). Tem sido um pouco difícil perceber o repertório de que o peixe dispõe, uma vez que este em contexto de creche não comunica connosco. Existe um reforço neste ponto por parte da equipa educativa, mas não tem surtido efeito, no entanto, quando a mãe vem buscar ou deixar o Peixe, conseguimos perceber que ele forma frase simples e mantém um diálogo com a mãe. No que me diz respeito, procuro fomentar o diálogo com o Peixe em todas as situações, procurando que este se explicita verbalmente. Relativamente às crianças cuja língua materna não é o português, existe um cuidado da nossa parte em explicitar

bem e acompanhar com gestos ou com imagens de forma a que entendam o que realmente é pretendido.

Nesta altura em que as crianças aprendem palavras novas todos os dias é fundamental que se consiga englobar todas as crianças, tendo em atenção a sua língua materna.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

Cole, M., & Cole, R. S. (2001). *O DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE*. São Paulo: ARTMED.

Duarte, I. (2010). Sobre o conceito de consciência linguística. Em i. Duarte, A. Gonçalves, & M. J. Freitas, *Avaliação da consciência linguística: aspectos fonológicos e sintáticos* (pp. 11-16). Lisboa: Edições Colibri.

Papalia, D. E., Olds, S. W., & Feldman, R. D. (2001). *O Mundo da Criança*. Lisboa: McGraw-Hill de Portugal, Lda.

### **Semana 12 - 2 a 6 de maio**

Ao longo a PPS I tenho observado a forma como as crianças brincam, reparando que algumas brincam juntamente com outras, procurando os seus pares de eleição e outras se isolam e estabelecem a situação como um espaço de brincadeira individual, utilizando os brinquedos como seus companheiros nestes momentos.

Segundo Monteiro & Delgado (2014) os jogos e os brinquedos têm assumido um papel importante na sociedade e na infância, sendo vistos como suportes de desenvolvimento das crianças e necessários para que estas atinjam o seu potencial de desenvolvimento (Goldstein, 2012). Sarmiento (2004, citado por Faria, 2015) define a ludicidade como um dos pilares da cultura infantil, definindo o brincar como o papel mais sério desempenhado pelas crianças. É através da brincadeira que as crianças se exprimem e conseguem explorar o mundo ao seu redor. A situação vivenciada e descrita no diário de campo – dia 4 de maio de 2006 – exemplifica na perfeição esta definição.

O Periquito veio dizer-me que ia chamar o médico, quando olhei vi que o Elefante estava deitado no chão e à sua volta estavam a Raposa e o Periquito a gesticular e o Elefante imóvel. Aproximei-me e percebi que, na brincadeira, o Elefante tinha tido um acidente e ficou deitado no chão a aguardar pelos médicos. O Grilo aproximou-se e chamou o amigo que estava no chão, os outros impediram-no de falar com o elefante, dizendo que estava doente.

Excerto do diário de campo, 4 de maio de 2016 – exterior da instituição.

Neste caso as crianças estão a apropriar-se da realidade que observam, demonstrando que possuem uma herança cultural evidenciando os atores sociais que são e que as vivências com outros/as adultos/as, que não os/as educadores/as ou professores/as e as famílias lhes transmitem conhecimento, pronto a ser utilizado nos diversos contextos (Monteiro & Delgado, 2014). A brincadeira representa uma vantagem no desenvolvimento das crianças, nomeadamente ao nível da comunicação e da socialização, uma vez que, durante a brincadeira, as crianças vão desenvolvendo as suas habilidades de comunicação (Siraj-Blatchford, 2009), aumentando o seu repertório de vocabulário, bem como as relações entre pares e consigo próprias. O educador deve, assim, proporcionar momentos de brincadeira livre para que a criança possa expressar-se e reproduzir as suas representações que tem do mundo. A criação de relações privilegiadas descende, também deste tipo de brincadeira, uma vez que a criança seleciona os seus parceiros de brincadeira de acordo com os seus interesses.

Na minha prática, tento não interferir nestes momentos de brincadeira livre, sendo que quando sou solicitada para o fazer, procuro saber antes, junto das crianças, o que pretendem que eu faça, de modo a não ser intrusiva nas suas brincadeiras.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

Faria, E. C. (2015). Ações de crianças: práticas lúdicas no espaço-tempo. *Investigar em Educação, IIª série* (4), 113-126;

- Goldstein, J. (2012). *Play in children's development, health and well-being*. Bruxelas: Toy Industries of Europe;
- Monteiro, C. M. & Delgado, A. C. (2014). Crianças, brincar, culturas da infância e cultura lúdica: uma análise dos estudos da infância. *Saber & Educar*, 19, 106-115;
- Siraj-Blatchford, I. (2009, junho). Conceptualising progression in the pedagogy of play and sustained shared thinking in early childhood education: A Vygotskian perspective. *Educational and Child Psychology*, 26(2), 77-89.

### **Semana 13 - 9 a 13 de maio**

Algumas crianças têm demonstrado comportamentos mais difíceis de gerir, como é o caso da Raposa e recentemente do Elefante. Estão constantemente a prejudicar o funcionamento das atividades ao interromper as mesmas a fazer barulho, a tirar materiais aos colegas e muitas vezes negam fazer o que lhes pedimos. Já sucedeu a mãe do Elefante chegar à escola e perguntar à N. como se tem comportado o Elefante na creche porque em casa tem sido muito difícil de controlar.

Perante estas situações, às vezes fico na dúvida acerca da minha postura, a N. é muito assertiva e se alerta uma das crianças do seu comportamento, rapidamente age perante o mesmo. Julgo que ainda não tenho esta confiança para agir sem ter o receio de que a minha ação agrave mais os comportamentos observados. Considero que estes comportamentos são chamadas de atenção, relativamente à Raposa, sabemos que a figura modelo para ela é o pai e este passa muito pouco tempo em casa, o que se reflete nos seus comportamentos.

De acordo com Papalia, Olds, & Feldman (2001), aos dois anos, as crianças têm a necessidade de marcar o seu ponto de vista, por norma através da imposição do “não”. Isto tem acontecido um número considerável de vezes com a maioria do grupo, o que é adequado à idade em que se encontram, mas com estas duas crianças tem sido difícil de contornar. Apesar de demonstrarem que conseguem autorregular-se, o que acontece por volta dos três anos, altura em que a criança internaliza as regras de socialização, sendo que estas são essenciais para o “desenvolvimento da consciência” (Papalia, Olds, & Feldman, 2001, p. 260). Isto leva-me a crer que estas duas crianças

agem da maneira que agem porque é essa a sua vontade, sendo conscientes do que querem ou não fazer.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

Papalia, D. E., Olds, S. W., & Feldman, R. D. (2001). *O Mundo da Criança*. Lisboa: McGraw-Hill de Portugal, Lda.

### **Semana 14- 16 a 20 de maio**

Durante a minha prática enquanto estagiária da sala Colmeia, tenho introduzido alguns jogos com o intuito de desenvolver a lógica matemática. O mapa de presenças é um dos instrumentos que introduzi na sala e que se tem revelado um ótimo instrumento de trabalho. Segundo as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (Ministério da Educação, 1997), o educador deve usar-se das situações quotidianas para desenvolver o pensamento lógico matemático, sistematizando depois as noções matemáticas que daí advêm. Com a utilização do mapa de presenças, que trabalhamos de diversas maneiras, desenvolvemos maioritariamente o tempo e o espaço, uma vez que se marcam as presenças diariamente. Além de trabalharmos conceitos matemáticos, nomeadamente temporais, como os dias da semana, desenvolvem-se também as relações, dado que por várias ocasiões as fotografias das presenças são distribuídas por um elemento ao restante grupo.

A organização do material existente na sala, de acordo com (Siraj-Blatchford, 2004) é também, uma forma de desenvolver o raciocínio matemático, tendo em conta que as crianças arrumam os materiais de acordo com a sua similaridade, ou seja, fazem agrupamentos de materiais semelhantes.

As crianças pequenas trabalham a matemática em que precisem de saber o significado da palavra, nem sequer necessitam utilizá-la. Através da brincadeira é possível desenvolver diversos conceitos, em retrospectiva, posso verificar que trabalhámos imensos conceitos a partir das nossas brincadeiras e jogos. É da responsabilidade do educador que este “proporcione experiências diversificadas e apoie

a reflexão das crianças” para que as crianças possam construir “noções matemáticas” (Ministério da Educação, 1997, p. 74). Assim, considero que a planificação das atividades para este grupo de crianças proporcionou-lhes um leque variado de possibilidades de matemáticas.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

Ministério da Educação. (1997). *Orientações Curriculares para Educação Pré-Escolar*.

Lisboa: Ministério da Educação.

Siraj-Blatchford, I. (2004). *Manual de Desenvolvimento Curricular para a Educação De Infância*. Lisboa: Texto Editora.

### **Semana 15 - 23 a 27 de maio**

A socialização entre pares está, nesta faixa etária a crescer consideravelmente, no decorrer do “terceiro ano de vida, a criança interessa-se cada vez mais pelos seus pares” (Portugal, 2011, p. 10), ocorrem brincadeiras de imitação mútua e começa a surgir a cooperação entre as crianças. Nesta perspetiva, segundo o Ministério da Educação (1997), a relação que o educador de infância constrói com cada criança representa uma via para a sua integração no grupo e para o início da socialização com as restantes crianças. A par da socialização surgem, também, os conflitos, para os quais o educador deve estar preparado para agir, atuando como um mediador, permitindo que as crianças aprendam partilhar matérias, espaço e opiniões. O educador é, no contexto de creche ou jardim de infância, o modelo a seguir, assim, é da sua competência dar o exemplo ao seu grupo de como é previsível tratar o próximo, de acordo com Siraj-Blatchford (2004) “não se pode esperar que as crianças dêem aos outros aquilo que elas próprias não receberam” (p.147). Desta forma, o educador deve respeitar cada criança e toda a equipa educativa, proporcionando diariamente “experiências de tolerância, cooperação, partilha, esperar a sua vez, sensibilidade e justiça” (Siraj-Blatchford, 2004,

p. 147). É “através da interação social” (Almeida & Rossetti-Ferreira, 2014, p. 174) que a criança constrói a noção de si próprio, sendo, também um ator no desenvolvimento da individualidade dos seus pares.

Ao longo da PPS I foi visível o crescimento das relações afetivas entre as crianças e mesmo entre adultos, nomeadamente comigo. Ao início, verifiquei que as brincadeiras eram realizadas em paralelo, mas não juntamente, o que se modificou, sendo comum, neste momento, as crianças formarem pequenos grupos de brincadeira, seja em atividades livres ou orientadas. No que me diz respeito, as relações com algumas crianças foram de imediato estabelecidas, sendo que com outras levou o seu tempo, no entanto, procurei manter o espaço e dar o tempo necessários para que as crianças ganhassem confiança e pudessem estabelecer uma relação afetiva comigo. A importância da creche na construção de relações é visível na adaptação a Girafa, a última criança a integrar o grupo da sala Colmeia, que para além de ser nova na creche, é, também, nova no país, e neste momento encontra-se perfeitamente integrada no grupo e na instituição. Segundo as autoras acima mencionadas, é a partir das interações sociais que as relações afetivas se vão contruindo, sendo a creche um contexto propício para o desenvolvimento social da criança.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

- Almeida, L., & Rossetti-Ferreira, M. C. (2014). Transformações da relação afetiva entre o bebê e a educadora na creche. *Análise psicológica*, pp. 173-186.
- Portugal, G. (2011). *Finalidades práticas educativas em creche: das relações, actividades e organização dos espaços ao currículo na creche*. Casa de trabalho.
- Siraj-Blatchford, I. (2004). *Manual de Desenvolvimento Curricular para a Educação De Infância*. Lisboa: Texto Editora.

## **Semana 16 - 30 de maio a 1 de junho**

Estes últimos dias de PPS I fizeram-me refletir acerca do trabalho desenvolvido nesta sala e com este grupo de crianças. Foi, sem dúvida, um longo caminho, no qual

surgiram muitas dúvidas e inquietações que me enriqueceram e proporcionaram um grande crescimento, nada disto teria sido possível sem o trabalho de equipa desenvolvido. Desta forma, reforço a importância que o trabalho de equipa representa no contexto da educação infantil nomeadamente no contexto de creche. De acordo com Hohmann & Weikart (1997), o trabalho de equipa pressupõe que os adultos da equipa partilhem da mesma abordagem educativa, ou seja, que os valores em que se baseiam sejam os mesmos. Estes valores serão a base para um planeamento de estratégias e de avaliações dessas mesmas estratégias a desenvolver com as crianças. As Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (Ministério da Educação, 1997), remetem o trabalho de equipa para um meio de formação para todos os intervenientes na educação das crianças, através de reuniões entre os diversos atores a partilha de informação exerce uma forte componente formativa. Deve o coordenador pedagógico, encontrar a melhor maneira de promover este trabalho de equipa. As equipas podem, ainda beneficiar de um apoio externo às instituições, tendo o suporte de profissionais da área da psicologia, do ensino especial e equipas de intervenção precoce. Estes apoios externos, permitem, que a equipa educativa da instituição tenha a oportunidade de expor as situações e de receber opiniões com um certo distanciamento, o que, por vezes ajuda a repensar e a encontrar soluções para certos problemas e, acima de tudo permite uma ajuda apropriada a cada família. Citando Hohmann & Weikart (1997) “o trabalho em equipa é um processo de aprendizagem pela acção que implica um clima de apoio e respeito mútuo” (p.130). Por tudo o que vivi estas dezasseis semanas, foi este o significado de trabalho de equipa que retive, sentindo, sempre, o apoio necessário de toda a equipa desta instituição. Transporto comigo conhecimentos advindos desta parceria e sigo para mais uma etapa com a certeza de que o meu trabalho foi bem sucedido e compreendido pelas colegas.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

Hohmann, M., & Weikart, D. P. (1997). *Educar a Criança*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Ministério da Educação. (1997). *Orientações Curriculares para Educação Pré-Escolar*. Lisboa: Ministério da Educação.



## **DIÁRIO DE CAMPO**

10 de fevereiro de 2016

Hoje foi o primeiro dia da Prática profissional supervisionada, módulo I (PPS I), embora para mim não o tenha sido, fiz questão de tentar iniciar esta prática como se fosse apenas estagiária. Em nenhum dos outros dias de trabalho fiz qualquer tipo de registo, no entanto, sendo impossível evitar o contacto com o grupo da sala amarela, resolvi refletir somente hoje sobre o meu início da prática.

O dia decorreu dentro da normalidade da rotina da sala, pelo que tenho observado. Houve algumas crianças que faltaram, talvez devido às escolas públicas se encontrarem encerradas devido à paragem letiva do carnaval.

A conversa de tapete realizada no início da manhã marca o princípio das atividades, é neste momento de partilha que a educadora (N.) transmite às crianças o que vai acontecer ao longo do dia. Considero bastante importante este momento diário, principalmente por ser um momento de partilha em que as crianças têm voz ativa. Um dos pontos positivos desta situação, na minha opinião, é a N. ter o cuidado de ouvir todos e mesmo as crianças que são mais introvertidas são convidados a partilhar com o grupo. As crianças que são menos conversadoras não ficam constrangidas, uma vez que a N. lhes dirige perguntas mais simples, deste modo todas participam no momento de discussão ou de partilha sem se sentirem pressionados. Hoje no momento do tapete, todas as crianças falaram um pouco do seu carnaval e ao serem questionadas sobre a que se tinham mascarado, algumas disseram coisas que não eram verdade. A N. pôde voltar a questionar as crianças, perguntando se tinham a certeza, este confronto só pode ser possível devido à relação estabelecida com as famílias. Uma vez que a N. ao receber as crianças de manhã tem uma breve conversa com os pais, assim vai recolhendo informações que lhe podem ser úteis ao longo do dia na relação com as crianças.

11 de fevereiro de 2016

Hoje a N. organizou uma atividade alusiva ao dia dos namorados, que se celebra no dia 14 de fevereiro, explicou às crianças que não são só os namorados que podem festejar neste dia, mas também os amigos. Assim, cada criança disse com que amigo gosta mais de brincar na sala ou no recreio e carimbaram um coração para por o placard

da sala. Mais uma vez, a relação com as famílias se revelou muito importante, pois ao questionar as crianças se tinham namorado/a a maioria respondeu que era o pai ou a mãe, a N. explicou que os pais e mães são namorados um do outro. Esta conversa foi feita em grande grupo, mas a N. foi perguntando a cada criança se tinha ou não namorado/a e no caso de a criança responder que era o pai ou mãe a N. explicava que os pais eram namorados, no entanto, é necessário ter conhecimento da situação familiar para não se dizer factos que podem não ser verdade. Nesta questão relativa aos pais serem namorados, pode dar-se o caso de haver pais que não são um casal e ao dizer às crianças que o pai e a mãe são namorados estaremos a enganar as crianças. As informações relativas às famílias podem parecer não ter grande interesse para que o dia da criança decorra sem percalços, mas há situações que nos ajudam a ser melhores profissionais.

12 de fevereiro de 2016

Nestes dias tenho tido um pequeno debate comigo mesma, face à postura de promoção da autonomia dos adultos da sala. Durante as refeições, e as horas de levantar, é visível a destreza das crianças quanto a comer sozinhas e a vestir-se ou calçar-se. No entanto durante estes momentos algumas das crianças ainda pedem ajuda, ao que lhes é transmitido pela N. e ajudante de ação educativa que têm de tentar e que conseguem sozinhos. Confesso que a minha tendência é a de ajudar, talvez por ser o elemento novo na sala me sinta tentada a agradar as crianças. É algo com que me tenho debatido durante os dias de observação.

Hoje perguntei à N. o que pensava de fazer um mapa de presenças para a sala, esta explicou-me que não costuma utilizar em grupos tão novos, mas que podemos tentar. Expliquei a ideia de realizar a marcação de presenças com cartões com as fotografias das crianças e a N. aceitou e concordou em fazermos isso na próxima semana.

15 de fevereiro de 2016

A manhã começou com a conversa de tapete, após duas das crianças terem arrumado os brinquedos que estavam em cima das mesas. A N. perguntou às crianças sobre o seu fim de semana e depois explicou que iriam fazer um trabalho comigo. Passou-me a palavra e eu comecei por lembrar que já tínhamos falado sobre o mapa de presenças e que para o fazermos tínhamos de preparar algum material. Expliquei, mostrando o material que íamos utilizar e disse que enquanto uns meninos/as faziam construções numa das mesas, na outra eu estaria a ajudar outros. A N. propôs que fizesse uma atividade paralela para que todos estivessem ocupados. Enquanto eu fazia a atividade numa mesa a N. decorou com as mãos das crianças as capas para guardar os seus trabalhos. Hoje oito crianças esponjaram a cartolina de amarelo, sendo que nem todas fizeram as capas de trabalho pois já haviam feito noutra dia. Devido à organização das atividades extra, apenas à quinta-feira a manhã está totalmente livre. Assim, tive de dividir a atividade em vários momentos, tendo também em atenção o reduzido tempo de concentração de crianças tão pequenas.

16 de fevereiro de 2016

Durante a manhã algumas das crianças que ontem não tinham feito a atividade, fizeram-na antes da sessão de música. Hoje foi o dia de tirar as fotografias para fazer os cartões a utilizar no mapa de presenças. Durante o momento de tapete, expliquei que iríamos tirar fotografias e que depois eu colaria essas fotos nas cartolinas que tínhamos pintado no dia anterior. Todos gostaram da ideia, durante a manhã e por ser uma terça feira, as crianças tiveram a atividade de música e depois disso, fui chamando um a um para tirar a fotografia.

“ - Abelha vamos tirar uma fotografia?

- Não quero! (Abelha)

- Não queres? Lembraste que a Vera disse que hoje tirávamos fotografias para depois colocar no mapa das presenças quando é que os/as meninos/as estão na escola?

- Sim...(Abelha)

- E então, não te queres sentar ali na cadeira como os amigos têm feito? Podes ficar a ver e depois tirar ou podes ser tu agora e eu tiro a fotografia, depois posso deixar-te ver aqui no visor.

- Sim, quero. (Abelha)

(Nota de campo, 16 de fevereiro de 2016 - tapete).

Hoje, tivemos a oportunidade de assistir à atividade de música, na qual a Raposa permaneceu inquieta e ignorou as intenções do professor de cantar ou reproduzir gestos. A seguir à música a N. ausentou-se da sala e propôs que eu mostrasse um livro com imagens popups. Senti que ao início o grupo estava um pouco agitado, mas rapidamente se concentrou e participou na interação desenvolvida.

O Gafanhoto queixou-se de dor de barriga e a N. perguntou se eu podia levá-lo à casa de banho, apesar de ainda usar fralda, já houve um momento em que continha os esfíncteres diurnos, eu levei-o à casa de banho e ele conseguiu fazer cocó na sanita.

“-Vera já fiz! Fiz cocó na sanita. (Gafanhoto)

- Boa, muito bem. Estás um menino muito crescido.

- Pois estou. (Gafanhoto)

- Agora queres vir sempre à sanita quando tiveres vontade?

- Sim. (Gafanhoto)”

(Nota de campo, 16 de fevereiro de 2016, casa de banho)

Durante o almoço, o Gafanhoto queixou-se de dor de barriga e não quis comer, fez cocó (diarreia) na fralda, a AAE (S.) foi mudar-lhe a fralda. A N. foi telefonar à mãe e fiquei no refeitório com o grupo a terminar a refeição, todos comeram tranquilos não havendo alterações de comportamento. A mãe decidiu que a bisavó iria buscar o Gafanhoto, mas quando a senhora chegou ao JI este já estava a dormir, então, decidiu-se deixá-lo descansar e a bisavó foi buscá-lo às 15h.

19 de fevereiro de 2016

Após dois dias de ausência devido a problemas familiares, regresssei na sexta feira ao JI e as crianças receberam-me da mesma maneira, dando a entender que já me entendem como elemento da equipa. Nos últimos dois dias a N. iniciou a abordagem à cor verde, começou com uma história na qual existiam diversos animais verdes. A conversa no tapete desenrolou-se à volta do livro que leram e dos animais que nele contavam. A proposta para o dia de hoje foi a pintura, com diversas técnicas, dos animais que constavam na história – crocodilo, lagarto, tartaruga, cobra e o sapo. A N. preparou os materiais e dividiu o grupo pelas duas mesas redondas, deixando a mesa quadrada para a realização destas pinturas. As técnicas disponibilizadas pela N. foram a pintura com corda enrolada num rolo de plasticina, papel de bolas, peça de lego e lápis de cor. As crianças escolheram os animais que queriam pintar e a técnica a utilizar.

Durante a hora do dormitório em conversa com a N. decidimos que esta era uma boa altura para levar a tartaruga para a sala, uma vez que estavam a falar da cor verde e que até tinham aprendido quais os animais que são verdes. Ficou decidido que na terça-feira eu levo a tartaruga, pois nesse dia iremos todos vestidos de verde. Combinámos que devemos falar com os pais antes de propor a ida da Minnie para casa das crianças ao fim de semana.

A seguir ao lanche fomos para o espaço exterior do JI e ao observar o comportamento da Raposa que continua a ser de provocação para comigo, perguntei à S. se notava alguma alteração desde que eu integrei a equipa. A S. informou-me que a Raposa frequentava uma ama antes de ingressar no JI, em setembro e que o comportamento dela sempre foi assim, sempre a provocar e que demonstrava grandes dificuldades em cumprir regras. Numa altura em que a Raposa esteve uma semana de férias com os pais o seu comportamento modificou-se, ficando mais calma, no entanto, passado algum tempo voltou a comportar-se da mesma maneira. Assim, em análise ao comportamento que a Raposa tem tido comigo considero que não será problemático, uma vez que é uma característica que já possuía.

22 de fevereiro de 2016

Hoje a N. fez um jogo com as crianças, quando se dirigiram para o tapete, ao contrário dos outros dias, os brinquedos ficaram em cima das mesas. Depois da conversa inicial, na qual a N. lembrou que existem tons de verde diferentes, o escuro e o claro, esta pediu a cada criança que se levantasse e fosse à mesa buscar um brinquedo verde. A Formiga hesitou um pouco na sua escolha, mas decidiu-se e aparentemente a sua dúvida prendia-se com a tonalidade de verde a escolher, uma vez que estavam diversos brinquedos na mesa, uns verdes escuros ou outros verdes claros. Foi notória a sua indecisão, pois por várias vezes ia pegar num brinquedo verde escuro e hesitava virando a sua atenção para outro brinquedo noutra tonalidade de verde. No geral todo o grupo identificou o brinquedo verde e fez a diferenciação entre verde escuro e verde claro. A N. lembrou, também, as crianças de que amanhã devem vir vestidos com uma peça verde. Na hora de almoço, o Periquito demora sempre muito a comer a sopa, o que, na maioria das vezes acaba por fazer numa mesa de outra sala. A razão da N. tomar esta atitude prende-se com o facto de, em casa, as irmãs mais velhas o ajudarem sempre a comer, comprometendo, assim a sua autonomia na hora da refeição.

23 de fevereiro de 2016

Durante o acolhimento, as crianças vinham mostrar que vinham vestidas de verde. Houve três crianças que não vieram vestidas de verde, mas a situação foi solucionada utilizando roupa de reserva do JI para duas delas e a outra tinha na sua mochila uma camisola verde. Já no tapete, a N. foi chamando as crianças individualmente e perguntando a cada o que tinha vestido verde, e ao mesmo tempo perguntava às restantes crianças se sabiam o que os amigos tinham verde e se era verde escuro ou verde claro. Também as adultas da sala foram vestidas de verde e as crianças identificaram a peça em questão e a tonalidade do verde. No fim desta atividade a N. pediu que todos fizessem uma roda e anunciou que eu tinha uma surpresa para eles. Levei o aquário dentro de um saco opaco e perguntei se alguém sabia o que estava lá dentro.

- “- O que acham que está aqui dentro? Será verde?  
- Sim é verde. – (Coruja)  
- É a tartaruga. – Gafanhoto  
- Achas que é a tartaruga Gafanhoto? Lembram-se como ela se chama?  
- Vou mostrar à N.  
- Ah é mesmo verde. – N.  
- Querem ver?” (Nota de campo, 23 de fevereiro de 2016, tapete)

Quando mostrei a Minnie todos ficaram felizes e começaram a juntar a roda para a ver melhor. Pedi que se chegassem para trás e passei como aquário perto de cada menino/a para que todos tivessem oportunidade de ver bem. Depois expliquei que agora a Minnie vai ficar na nossa sala e que temos de tratar dela. Temos de lhe dar comida todos os dias e a casa dela precisa de ser lavada todas as semanas, mas para isso eu vou precisar de um/a ajudante. Mostrei a embalagem de comida da tartaruga e expliquei que é um tipo de camarão muito pequenino, deixei que todos vissem e cheirassem. O Gafanhoto começou a dizer que seria ele a dar de comida à Minnie, expliquei que cada dia será um/ menino/a diferente e que para tal devem portar-se bem na hora do almoço. Uma vez que a Minnie tem o hábito de comer à hora de almoço, achámos apropriado que depois de estarem preparados para dormir a sesta, seja uma criança a dar comida à Minnie. No entanto, hoje para que todos observassem como se coloca a comida no aquário, demos comida no momento de tapete. Como o Gafanhoto se mostrou tão entusiasmado com a tartaruga, considerámos que poderia ser ele a dar hoje a comida.

Decidimos que durante o dia a Minnie permanecerá num móvel presente na área da casa, onde poderá apanhar luz natural e no final do dia a colocaremos numa estante junto da bancada de muda, onde ficará mais segura.

Quando fomos almoçar a S. chegou e algumas crianças contaram-lhe o que tínhamos na sala. Ao voltar para a sala a seguir ao almoço o Gafanhoto iniciou um diálogo com a S.:

“- Eu quero ter uma tartaruga em casa. – Gafanhoto  
- Tens de pedir à mãe e ao pai para ires à loja dos animais. – S.  
- Não, eu quero levar a da Vera para casa. – Gafanhoto  
- A da Vera fica aqui na sala, se queres uma na tua casa tens de pedir aos pais  
– S..”

(Nota de campo, 23 de fevereiro de 2016, bancada de muda).

A S. ainda não tinha sido informada acerca da ideia de cada criança poder levar a Minnie ao fim de semana, e respondeu ao Gafanhoto que teria de pedir aos pais para ter uma tartaruga em casa. Depois de estarem todos deitados expliquei à S. que gostaria que cada um levasse a Minnie no fim de semana, mas que para tal teríamos de falar com os pais. A S. prontificou-se a conversar com os pais no final do dia de modo a percebermos se este projeto será viável ou não.

24 de fevereiro de 2016

Durante a manhã, em conversa com a S. e com a N. fiquei a saber que as famílias aderiram muito bem a levar a Minnie para casa no fim de semana. Dado que pelo menos 3 famílias pediram para levar já no próximo fim de semana, houve a necessidade de fazer uma tabela para organizar os fins de semana, de modo a que todos saibam quando poderão levar a Minnie. Como as crianças ficaram responsáveis de dar comida à Minnie todos os dias, na tabela marcaremos, também, o nome da criança que alimenta a Minnie a cada dia, bem como o nome de quem ajuda a lavar o aquário semanalmente. Deste modo, todas as crianças terão a sua oportunidade, sem que haja repetições sem todos terem tido o seu momento.

Antes de irmos almoçar a N. fez um jogo com as crianças, em que tinha uma caixa de madeira com dois buracos onde as crianças punham as mãos e tinham de, através do tato e sem ver, adivinhar que objeto estava lá dentro. O Coelho não quis fazer esta atividade, mostrou receio em colocar as mãos sem ver no que iria tocar. A maior parte das crianças mostrou-se interessado no jogo, mas todos tentavam espreitar pela lateral da caixa para tentar ver o que lá estava, a N. colocou um lençol a tapar toda a caixa de modo a que não conseguissem ver.

A seguir ao lanche e enquanto três meninos terminavam de comer o pão, perguntei ao grupo se gostaria de ver a Minnie na minha mão, fora do aquário. Todos disseram que sim e eu tirei a tartaruga do aquário, sequei-a e coloquei em cima de uma das mesas. A Coruja e o Grilo ficaram assustados e disseram que têm medo, recolhi a Minnie e mostrei apenas aos outros que estavam tranquilos.

O Elefante disse “Eu não tenho medo, põe aqui Vera”

(Nota de campo, 24 de fevereiro de 2016, mesas da sala Colmeia)

Expliquei que como os amigos estavam com medo, primeiro viam só na minha mão e noutro dia eu colocaria na mesa para todos a verem a andar. Visto que estas duas crianças se mostraram assustadas com a Minnie fora do aquário, perguntei se queriam levá-la para casa, a Coruja primeiro disse que não, mas depois já disse que sim. Eu perguntei se ela gostava de ver a Minnie na casinha dela e ela respondeu-me que sim, então eu disse que poderia levar num fim de semana e que não é preciso tirar do seu aquário. O Grilo disse que gosta da Minnie e que quer levá-la para casa no fim de semana, depois de eu a colocar no aquário não se mostrou incomodado.

Penso que será benéfico ir mostrando ao grupo a Minnie fora do seu aquário e aos poucos ir aproximando das duas crianças que mostraram medo. Deixar que passem algumas semanas até serem estes a ajudar-me na lavagem do aquário, para que ganhem mais confiança e se vão ambientando com a tartaruga. O facto de o aquário estar num local onde as crianças o podem observar a qualquer altura, pode ajudara a que estas crianças percam o medo. O mais importante é que todos compreendam que a Minnie é inofensiva e que, se não se sentirem confiantes não serão pressionados para lhe tocarem.

Na parte da tarde, fiquei durante mais um pouco para elaborar a tabela e aos poucos a Raposa veio para perto de mim observar o que estava a fazer. Comecei a explicar que era para sabermos quem é que dava comida à Minnie, quem me ajudava a lavar a sua casa e quem a levaria para casa o fim de semana. Esta aproximação levou a que a Raposa se acalmasse um pouco e deixou de brincar onde estava para ficar ao meu lado, de pé a ver o que estava a fazer. Quando outras crianças se aperceberam do que estava a fazer aproximaram-se e nesse momento a Raposa não deixou que se encostassem a mim, dizendo que “aqui sou eu, eu estava aqui”. Expliquei que não deve empurrar os amigos e que se todos se chegassem para trás um pouco, conseguiriam ver melhor, assim fizeram, mas a Raposa foi-se mexendo até que ficou encostada às minhas pernas.

(Nota de campo, 24 de fevereiro de 2016, mesas da sala Colmeia)

25 de fevereiro de 2016

Durante a conversa e tapete, a N. explicou que hoje iríamos colorir as maçãs de verde, mas que também existem maçãs vermelhas. Mostrou os lápis de cor que iam usar e perguntou de que cor eram, as crianças identificaram verde escuro e verde claro. Anteriormente tinha conversado com a N. sobre o mapa dos cuidados da Minnie,

informei que já estava feito e sugeri que fizéssemos tartarugas com uma rolha e com pintura de dedos. A N. explicou às crianças que iriam fazer comigo uma atividade para poderem saber quem é que vai tratar da Minnie. No final da manhã, a N. sugeriu fazer um sorteio com os nomes das crianças para ficarem a saber quem são os primeiros a levar a Minnie para casa, dada o entusiasmo das crianças e dos pais, esta foi a solução encontrada para que ninguém ficasse aborrecido. No entanto no momento em retirei o primeiro papel do saco, o Gafanhoto ficou muito desiludido, tendo demonstrado esta emoção, com uma cara triste e ao fazer beicinho. Neste momento a N. explicou que ele já tinha dado comida à Minnie e que todos vão poder levá-la para casa.

Fizemos tartarugas pequeninas com a técnica de carimbo da rolha de cortiça e pintura de dedos. Apesar desta atividade não estar inicialmente programada surgiu da necessidade da elaboração do mapa para organizar as crianças nos cuidados da Minnie. Construí a tabela e pedi ajuda às crianças para a decorar, uma vez que vai fazer parte da sala e que servirá de controlo para as diversas tarefas que há a fazer com a Minnie.

Enquanto umas crianças faziam as tartarugas com as rolhas e pintura de dedo, a N. estava noutra mesa com outro pequeno grupo a colorir maçãs de verde, a maçã de verde claro e a folha de verde escuro.

Numa outra mesa redonda, estavam as restantes crianças, que iam trocando com os que terminavam as tarefas a decorrer. Estas crianças estavam a brincar com o jogo de encaixe que pertence a uma das salas de pré-escolar, do qual eles gostam muito. Quando

“Vera traz a tua lupa e vamos ver pegadas (peças que estavam espalhadas) – Gafanhoto”

(Nota de campo, 25 de fevereiro de 2016, mesas da sala amarela).

terminámos a atividade das tartarugas, dirigi-me à mesa redonda e fui fazendo construções com eles e perguntando o que já tinham feito. O Tigre pediu que lhe fizesse uns óculos com as peças, eu fiz-lhe e depois o Gafanhoto pediu também, mas como as peças estava a cair fiz só com duas peças e disse que era uma lupa para procurar pistas e pegadas de dinossauros. Quando chegou a altura de arrumar o Gafanhoto veio ter comigo e disse-me para procurar pistas com ele.

A Tartaruguinha foi a menina escolhida para me ajudar a lavar a casa da tartaruga, foi comigo à casa de banho e acompanhou todo o processo.

“- Tartaruguinha, agora vou por aqui água quentinha e tu lavas a casa da Minnie com esta esponja está bem?

- Eu lavo? Assim? Está quentinha. – (Tartaruguinha)

- Está boa a água? Lava aqui nos cantinhos. Eu vou lavar a pedra da Minnie.

- Já está. – (Tartaruguinha)

- Agora eu lavo a Minnie e vamos por aqui dentro.”

(Nota de campo, 25 de fevereiro de 2016, casa de banho).

26 de fevereiro de 2016

Hoje durante a conversa no tapete foi introduzido o saquinho das surpresas, a N. disse às crianças que eu tinha uma surpresa para eles e que todas as sextas-feiras vou levar aquele saco – saco das surpresas – com alguma surpresa para eles. A N. explicou que a sexta-feira é o último dia da semana, o último dia antes de ficarmos em casa no fim de semana. Ficaram muito curiosos e pedi que fizessem uma roda no tapete e dei início a uma conversa tentando que adivinhassem o que estava no saco.

“- Vou abanar o saco, oiçam com atenção a ver se descobrem o que é. Vou ajudar um bocadinho, é verde.

- É um sapo! Gato

- Um sapo? Ouve o barulho...os sapos não fazem este barulho.

- Ponham a mão, sem ver e tentem lá adivinhar o que é. Vocês já brincaram com uma igual, mas era cor de rosa. Tinham rolos e formas para trabalhar.

- Plasticina?

- Boa, muito bem, é plasticina, mas verde. Vejam lá, é verde claro ou escuro?

- Claro. Todos”

(Nota de campo, 26 de fevereiro de 2016, tapete)

Após esta explicação as crianças foram distribuídas pelas mesas e dividi a plasticina por todas, depois distribuí utensílios de modelagem e disse que tinham de partilhar com os amigos.

Quando chegou a hora de comer a fruta e de se preparem para a atividade de música, jantaram a plasticina no centro da mesa e depois voltaram a brincar com a plasticina. Hoje uma das crianças fazia anos e como tal, os pais levaram para o JI um bolo, sumo e chapéus e coroas de festa. Ao lanche, que foi feito na sala, por ser sexta feira, fizemos a festinha e todos se divertiram. Os pais da criança compareceram na sala e confraternizaram com todas as crianças durante o período que durou o lanche.

Quando terminaram o lanche perguntei a cada criança para que local gostaria de ir brincar, distribuí as crianças pelas áreas escolhidas e fiquei a observar, participando

“- Vera olha, faz uma lupa para ti. – Gafanhoto

- Fizeste uma lupa Gafanhoto? É para quê esta lupa?

- Vamos procurar pegadas de dinossauro, faz uma para ti. – Gafanhoto

- Vou fazer, e onde é que procuramos?

- Aqui no chão e nas mesas. – Gafanhoto”

(Nota de campo, 26 de fevereiro de 2016, mesas da sala amarela)

nas brincadeiras quando solicitada. O Gafanhoto veio pedir-me para trocar da garagem para a mesa de jogos, eu disse que teria de falar com um/a amigo/a da mesa e ver se alguém queria trocar. O J.A. aceitou a troca e o Gafanhoto foi fazer construções.

O Gafanhoto recuperou a brincadeira que tínhamos tido no dia anterior, construiu a sua lupa e pediu-me que eu fizesse uma para mim e que o acompanhasse na exploração pela sala.

29 de fevereiro de 2016

Hoje a Minnie regressou de casa do Gato, o pai vinha muito satisfeito com a experiência, embora tenha ficado um pouco preocupado por a Minnie não ter comido. Pude descansá-lo nesse aspeto explicando que quando está muito frio ela não tem muito apetite. Perguntei ao Gato se tinha gostado de ter a Minnie em casa dele e respondeu-me que sim, com um grande sorriso na cara.

Durante a conversa de tapete a N. iniciou um género de entrevista às crianças sobre os seus pais, as perguntas eram, entre outras:

- O nome do pai;
- Onde trabalha ou no que trabalha;
- O que o pai faz em casa (se faz comida, se dá banho, se brinca com a criança)
- O que o pai gosta de comer.

As crianças que hoje responderam, conseguiram chegar a um resultado positivo, embora na pergunta relativa ao trabalho, tenham precisado de alguma ajuda. A N. fez a pergunta e perante a hesitação da criança ajudava, dando pistas, por exemplo:

“O pai trabalha com o computador? – N.”

(Nota de campo, 29 de fevereiro de 2016, tapete).

As crianças a partir desse auxílio conseguiam identificar o trabalho do pai.

Numa das situações surgiu um momento engraçado pois a criança estava a responder e como as adultas não conseguiam compreender a resposta, resolveu a questão cantando.

“Periquito, onde é que o pai vai comprar o pão? – N.

- Na pinga. – Periquito

- Onde? – Ed.

- No pinga. – Periquito

- Não percebo, diz lá outra vez Periquito

- Pinga doce venha cá. – Periquito (a cantar.)”

(Nota de campo, 29 de fevereiro de 2016, tapete)

Esta foi uma situação muito interessante pois revelou o conhecimento da criança relativamente ao local onde o pai compra o pão e perante uma adversidade conseguiu resolver a situação de modo a fazer-se entender.

Quando as crianças tiveram a atividade de ginástica, as que não frequentam ficaram comigo e com a S. no refeitório onde brincaram com alguns jogos de encaixe, a Raposa esteve mais calma durante este momento, partilhando com o Periquito algumas peças do jogo.

Quando a ginástica terminou o grupo reuniu-se na sala verde e aqui a Raposa já esteve mais agitada, tendo de tê-la chamado à atenção por diversas vezes. Uma das vezes esta optou por ignorar a minha chamada para colocar o babete, tendo eu de ir buscá-la e ao explicar que não deve ignorar os pedidos dos adultos e não deve estar a empurrar os/as amigos/as no tapete, esta insistiu em virar a cara e colocar a língua de fora, disse-lhe que teria de sentar-se na cadeira longe dos amigos. Sentada na cadeira ao meu lado, continuou com o comportamento provocador, como estava próxima de mim, esteve constantemente a mexer nas minhas pernas, e nas minhas botas, ignorando quando lhe dizia para não o fazer.

Durante a preparação para o almoço, quando colocávamos os babetes perguntei ao Gafanhoto se se recordava do que tínhamos combinado na sexta feira, e se ele gostaria de ir à casa de banho. Este respondeu que não queria, mas depois de nova

pergunta aceitou e quando fomos à casa de banho, tirou a fralda e sentou-se na sanita sem dificuldade.

“- o xixi não sai. – Gafanhoto

- Tens de esperar um bocadinho e pensar que és um menino crescido.

- Eu estou a pensar que sou crescido e ele não sai. – Gafanhoto

- Olha esperamos um bocadinho, se não conseguires fazer, quando terminar o almoço tentas outra vez. Olha Gafanhoto a Coruja vem aí, esperamos até ela se despachar.

- Já está, já fiz xixi. Ele já chegou. – Gafanhoto

- Boa, muito bem. Agora vou pôr-te outra fralda e depois do almoço voltas a fazer na sanita, combinado?

- Sim, vamos por esta fralda *malandrecas*. – Gafanhoto”

(Nota de campo, 29 de fevereiro de 2016, casa de banho)

1 de março de 2016

Durante a conversa de tapete a N. informou as crianças que hoje eu tinha uma novidade para a sala, uma coisa que íamos fazer todos os dias. A partir deste momento passou-me a palavra e dei início à explicação do mapa de presenças.

Comecei por mostrar o cesto onde estavam os cartões com as fotografias e nome das crianças. O Papagaio começou a perguntar onde estava a sua fotografia e então mostrei os cartões de todos e fui questionando o grupo sobre as fotografias. Ao longo do processo fui relembrando como tinham pintado os cartões onde estão coladas as fotografias. O Coelho disse que tínhamos pintado com amarelo e eu perguntei se se lembravam da esponja e disseram que sim.

Quando começámos a marcar as presenças, eu fui marcando o dia de segunda feira enquanto questionava as crianças, - “Papagaio vieste à escola ontem?” - e explicava que quando vimos para a escola colocamos a fotografia por baixo das outras. Fui chamando, mas apercebemo-nos de que os cartões não podem ficar todos juntos,

pois são muitos e torna-se complicado encontrar as fotografias, perdendo muito tempo nesta tarefa. Separei, então, os cartões para um só dia e assim as crianças procuravam a sua fotografia com maior facilidade. Posteriormente os cartões serão separados por dias, para que se possa procurar e encontrar mais facilmente. A Raposa estava a desrespeitar e a N. chamou-a a atenção, no entanto este comportamento continuou e a N. disse-lhe que teria de sair do tapete e que não marcaria a sua presença, desta forma a mãe também iria saber que ela não se tinha comportado bem. Quando terminamos de preencher os dias de segunda e terça-feira, voltei a lembrar que todas as manhãs vamos fazer esta tarefa e que assim sabíamos quem estava ou não na escola.

Após este momento, a N. voltou a questionar as crianças sobre o pai. Na pergunta sobre a idade, a grande maioria responde que o pai tem dois anos, mas que é grande. Hoje o professor de música faltou e não houve a atividade prevista, como estava bom tempo fomos para o recreio com as crianças.

No espaço exterior as crianças espalharam-se e brincaram com os triciclos e carrinhos, as meninas juntaram-se dentro das casinhas e por vezes quiseram levar os carros lá para dentro. Expliquei que não se pode levar carros para dentro das casas e elas tiraram, mas deixaram à porta.

2 de março de 2016

A conversa no tapete hoje já foi precedida da marcação das presenças no mapa, no entanto, em conversa com a N., estamos a ponderar mudar este momento para depois das atividades extra. Com exceção da quinta feira todas as manhãs são ocupadas por atividades o que reduz o tempo útil de ação, estamos a pensar qual será o melhor momento para que todos marquem a presença e não se “roube” tempo para desenvolver outras atividades. Hoje as crianças já procuraram sozinhas a sua fotografia de entre o conjunto das 17 crianças, dirigiram-se ao mapa e colocaram no dia correspondente – quarta-feira. Eu fui sempre acompanhando, conversando com eles e relembrando que têm de colocar por baixo da sua fotografia e não ao lado.

Registo do primeiro dia de marcação de presenças:	
Papagaio	Colocou sozinho, mas no espaço do lado.
Leão	Colocou sozinho.
Periquito	Colocou por baixo do seu nome mas saltou de quarta-feira para quinta-feira.
Grilo	Colocou no dia certo mas ao lado do seu.
Peixe	Colocou ao lado do seu.
Tigre	Colocou bem.
Gafanhoto	Colocou bem.
Borboleta	Colocou bem.
Abelha	Colocou bem
Tartaruginha	Não soube onde colocar, ficou parada a olhar e não teve intenção de colocar em nenhum espaço.
Gato	Não marcou porque esteve sempre a provocar com um comportamento desapropriado para o tapete.
Elefante	Não marcou porque não esteve sentado no tapete como a N. lhe disse por várias vezes.
Raposa	Não marcou porque não esteve sentado no tapete como a N. lhe disse por várias vezes.
Formiga	Marcou depois da história, pois chegou atrasada e já estávamos outro momento.
Coruja	Marcou depois da história, pois chegou atrasada e já estávamos outro momento.

“ - Abelha, vem agora tu marcar a tua presença. – Vera  
- Não concordo que seja a Abelha agora, não estava sentada com as pernas cruzadas. – N.  
- Não estavas bem sentada Abelha? – Vera  
- Não (a olhar para baixo) – Abelha  
- Então, agora vou chamar outro amigo e tu vais te sentar, bem sentada, como a N. ensinou a estar no tapete e depois quando eu vir que estás bem volto a chamar-te. – Vera”  
(Nota de campo, 2 de março de 2016, tapete)

Quando a N. deu início à conversa de tapete depois da marcação das presenças, a Coruja entrou.

“Vera a Coruja não pôs a presença. – Papagaio  
Pois não Papagaio, depois vamos marcar quando terminarmos a história.”  
(Nota de campo, 2 de março de 2016, tapete).

Aqui foi visível que para o Papagaio a marcação de presenças está claramente percebida, quando estamos na escola marcamos, mas como a amiga chegou mais tarde, não teve oportunidade de o fazer no momento certo.

A N. explicou que o dia do pai está quase a chegar e que vamos fazer alguns

“Todos sentados, perninhas cruzadas, cabelinho atrás das orelhas e um fecho na boca, deita fora chave” – N.

(Nota de campo, 2 de março de 2016, tapete)

trabalhos relacionados com o dia, mas que vão ser surpresas para os pais. Então, disse aos/às meninos/as que hoje ia contar-lhes a História “O meu papá é fantástico” e que gostaria que eles tomassem muita atenção para depois lhe dizerem se os seus pais faziam alguma das coisas que constam na história. A N. deu início ao ritual que antecede o momento da história:

Todos repetiram os gestos da N. e esta começou a contar a história, neste momento a Raposa permaneceu bem sentada, sem interferir com os colegas sentados ao seu redor, foi respondendo às perguntas que a N. ia fazendo ao longo da história. O Periquito respondeu a todas as perguntas feitas pela N., sendo que estas foram dirigidas a todo o grupo. Durante toda a história o Gato mostrou-se irrequieto e sem concentração, quando eram feitas perguntas ria-se e não respondia, esteve sentado numa cadeira ao lado do tapete porque não se mantinha quieto ao lado dos colegas. A meio da história a N. interrompeu para dizer ao Tigre que tinha de cruzar as pernas, este manteve-se de pernas esticadas incomodando o amigo do lado, a N. disse-lhe para se sentar numa cadeira pois não estava a cumprir as regras do tapete.

3 de março de 2016

Hoje dei início à dinamização das histórias, pedi às crianças que se sentassem em roda, sentei-me também na roda e comecei a mostrar a capa do livro e a contar a história. De seguida deu-se início ao trabalho para o dia do pai. As crianças escolheram as cores das palhinhas que colaram no rolo de papel e escolheram, também a cor da tinta com que esponjaram a cartolina. Durante esta atividade, que foi realizada individualmente pelas crianças, com o apoio da N., as restantes estavam distribuídas pelas mesas a fazer construções com legos e outros jogos de encaixe. Com o aproximar da hora do reforço da manhã, pedi que arrumassem os brinquedos e marcámos as presenças no mapa de presenças. A dinâmica de procurar as fotografias de entre apenas um conjunto diário revelou-se uma mais valia para esta rotina, uma vez que as crianças conseguem encontrar a sua fotografia mais facilmente. A colocação das presenças no mapa, hoje foi mais rápida, no entanto, o Peixe ainda demonstrou dificuldade em colocar a sua presença. Identifica a sua fotografia no mapa, mas não segue a coluna vertical para colocar o cartão por baixo dos outros, onde existir um espaço é onde coloca o seu cartão. Tenho acompanhado este momento diariamente de modo a que o Peixe consiga, não só identificar a sua fotografia, mas também colocar o seu cartão no local correto. No geral o grupo tem marcado as presenças com facilidade, no entanto, sinto que algumas crianças se sentem confusas quando existem faltas no mapa, e tendem a colocar o cartão no espaço que se encontra vazio, talvez pondere sobre a criação de um cartão que represente a falta, como a imagem de uma casa.

Depois do momento da fruta distribuí plasticina verde pelas duas mesas e a N. foi chamando cada criança para fazer a prenda do dia do pai. Devido ao comportamento da Raposa, a N. agendou uma reunião com a mãe, deste modo pôde expor as suas preocupações e tentar encontrar uma estratégia conjunta para ultrapassar esta situação que se tem vindo a observar.

Eu e a S. encaminhámos o grupo para o refeitório e o comportamento que consideramos inadequado voltou a ser experimentado pela Raposa.

Quando chegámos ao refeitório as crianças sentaram-se nos seus lugares, que, apesar de não estarem marcados, são basicamente sempre os mesmos. A Raposa invariavelmente tem de sentar-se com uma cadeira de intervalo dos colegas, caso contrário passa o tempo da refeição a magoar o/a companheiro/a. Hoje empurrou todos os que estavam à sua frente para chegar ao seu lugar e, uma vez lá, voltou a percorrer o caminho contrário voltando a empurrar todos. Perante isto, disse-lhe que voltasse para o seu lugar e que não empurrasse os/as amigos/as, a Raposa ignorou-me e continuou a fazer o mesmo. Dirigi-me a ela e peguei no seu braço para a acompanhar ao seu lugar, neste momento a Raposa levantou a mão e deu-me uma palmada na perna. Dirigi-me a ela com firmeza e disse-lhe que não tornava a bater-me e sentei-a no seu lugar. Já sentada expliquei que estava muito triste com ela e que não queria conversar mais com ela, visto ela ter-me batido. Mostrou-se indiferente perante esta conversa e colocou a cabeça em cima das mãos, escondendo a cara.

(Nota de campo, 3 de março, refeitório)

4 de março de 2016

Hoje durante o dormitório, reuni com a N. para planificarmos as próximas semanas, desta forma, conseguimos interligar as nossas ideias complementando os trabalhos. Tendo em consideração as datas comemorativas que se aproximam, planeámos organizar uma atividade para a páscoa, e uma atividade de motricidade grossa. Relativamente ao dia do pai, como a N. já iniciou a prenda para oferecer aos Pais, ficou decidido que eu irei realizar com as crianças um postal para juntar ao presente. Decidimos, também, que na próxima semana irei continuar a leitura das histórias relativas ao dia do pai. Esta dinamização terá o apoio de fantoches e/ ou peluches que representem as personagens presentes nas histórias.

7 de março de 2016

Hoje a mãe da raposa disse que esta devia ficar com o pai, pois é o dia da sua folga, no entanto devido a um contratempo o pai teve de a trazer para a creche.

Às segundas-feiras vou passar a dar apoio ao professor de ginástica durante a sessão. Hoje foi o primeiro dia e tentei dar apoio sem atrapalhar o professor. A sessão estava organizada em momentos distintos, primeiro as crianças fizeram um jogo de movimento, no qual tinham de se movimentar de acordo com os animais que o professor ia dizendo (saltos de canguru, coelho, aranha, cobra...). De seguida o professor organizou o espaço com três colchões e uma mesa com uma cadeira e um colchão alto. As crianças tinham de subir para a cadeira e daí para a mesa e saltar a dois pés para o colchão. Depois realizavam enrolamento à frente inclinado, com ajuda do professor, no outro colchão enrolamento à frente em plano direito e no terceiro faziam a ponte. Numa outra variante, no segundo colchão, as crianças faziam o enrolamento atrás. Após estes exercícios o professor distribuiu arcos pelas crianças e exemplificou como fazê-los rodar na cintura. As crianças imitaram o professor e seguiram as suas instruções, empurrar o arco a direito e tentar apanhar antes deste cair no chão, deixar cair o arco à sua frente e saltar para dentro a dois pés, pegar e fazer passar o corpo por dentro do mesmo, saindo pela cabeça. Apesar de não estar a par das atividades que o professor tinha preparadas para hoje, tentei apoiar as crianças que precisavam nos locais que poderiam representar mais dificuldade para as mesmas. Como se está a realizar a prenda para o dia do pai, a história de hoje foi contada após a sessão de ginástica.

No decorrer do dia de hoje apercebi-me durante o momento do lanche que a Borboleta, estava constantemente a desviar-se de mim para olhar para a porta.

“Borboleta, estás à espera de alguém?

- Sim

- Sim? Estás à espera de quem?

- Da mamã.

- Ai é? A mamã vem buscar-te agora?

- Sim

- Como é que sabes que a mamã vem agora?

- Porque ela vem agora.

- Ela vem sempre que estás a lanchar?

- Sim (a sorrir)”

(Nota de campo, 7 de março de 2016, refeitório)

8 de março de 2016

Após a marcação das presenças, a Raposa disse-me, “agora vais contar a história”, o que revela a sua atenção para a rotina que se tem seguido. Durante a sessão de música, as crianças que não frequentam foram comigo e com a S. para o refeitório, onde numa mesa tinham vários livros que podiam explorar livremente. O Periquito folheou os livros muito depressa, não se concentrando nas imagens e rapidamente esgotou os livros de que dispunha para ver. Por seu lado, o Gafanhoto viu as imagens de um livro atentamente e iniciou o seu conto:

“O sol brilha muito, vai à piscina e à praia.

Tem uma bola... vitória, vitória, acabou-se a história”

A seguir o periquito fez um comboio com os livros, encostando-os

um a um e cantou canção que é usual cantar quando nos

deslocamos da sala para o refeitório ou no percurso inverso”

(Nota de campo, 8 de março, refeitório)

“Lá vai o comboio, lá vai a apitar...”

9 de março de 2016

Hoje tivemos uma surpresa do grupo da sala dos 4 anos. Dado que esta semana o grupo está reduzido devido a estarem muitas crianças em casa com varicela, as que estão no JI decidiram decorar uma pedra com desenhos e vieram à nossa sala oferecer para o aquário da Minnie. Todos agradeceram muito aos amigos e à educadora, mas explicámos que a Minnie já tem a sua pedra dentro do aquário e que está habituada a ela, no entanto deixámos a pedra decorada no móvel junto ao aquário da Minnie.

Devido ao acolhimento das restantes salas ser efetuado na sala Colmeia, as crianças que chegam ao JI antes das 9 horas conhecem a Minnie e todas gostam de ir espreitar o seu aquário quando chegam. Esta situação levou a que surgisse este momento entre salas sem ter sido planeado. Mesmo as crianças da sala de um ano já reconhecem a Minnie como um elemento da sala Colmeia, sendo comum, os pais antes de as entregarem na sua sala, terem de se dirigir à sala Colmeia para dizer bom dia à Minnie.

10 de março de 2016

Hoje dei início à atividade para o placard do dia do pai. De manhã, e dado ser uma quinta-feira, fiz a rotina do tapete, marcámos as presenças e expliquei a atividade ainda no tapete. Relembrei as crianças de que teríamos uma visita na sala, para que não ficassem surpreendidos quando a Professora Marina entrasse na sala. De seguida a N. distribuiu o restante grupo pelas mesas redondas e modelaram plasticina.

Dei início à atividade e numa mesa com três crianças de cada vez, fomos pintando as cartolinas com a técnica do berlinde. As crianças que terminavam trocavam com um/a colega da mesa ao lado, sendo que estas ficavam a observar enquanto os/as colegas que lá estavam faziam a atividade. Esta sequência foi-se repetindo e a dada

Na rua, a Raposa dirigiu-se a mim com o intuito de me bater, baixei-me e disse-lhe que não gostava que ela fizesse isso. Ela entrou para dentro de uma das casinhas e segui-a, perguntei se queria jogar à bola comigo. Não me respondeu e saiu à minha frente indo buscar uma bola que trouxe para perto de mim. Perguntei se ia jogar comigo e ela disse-me que sim. Dirigi-me para uma das pontas do recreio e ela seguiu-me, colocou a bola no chão e deu um xuto, eu fiz o mesmo e como a bola seguiu além da posição dela, foi buscá-la, mas não voltou a jogar comigo indo brincar com outros/as meninos/as.

(Nota de campo, 10 de março de 2016, espaço exterior)

altura o Periquito dá por terminado o seu trabalho e diz para a Coruja: “Agora é a tua vez”, o que demonstra que esteve a observar a dinâmica de realização deste trabalho. Hoje realizámos a atividade com oito crianças, aproveitámos o bom tempo que se fazia sentir e deixámos o trabalho para acabar no dia seguinte e fomos ao recreio antes do almoço.

11 de março de 2016

Hoje a N. começou a fazer o postal para colocar a fotografia das crianças para oferecer aos pais. Optou por utilizar a técnica já utilizada noutra atividade, o carimbo com rolha de cortiça. Com as crianças a fazer construções de legos nas mesas redondas, a N. foi chamando um a um para realizar a pintura do postal, na mesa branca da área da casinha. Aqui as crianças pegaram na rolha e molhavam no prato com tinta branca e de seguida carimbavam uma folha amarela, com a ajuda da N. de modo a formar um coração. Durante esta atividade a N. foi sempre conversando com as crianças, informando que o postal será para juntar à prenda do pai e dando feedback positivo face as suas prestações. Na hora da sessão de música, houve a necessidade de ajudar na sala de berçário, sendo que regressei à sala no momento da sesta.

14 de março de 2016

As crianças que não realizaram a atividade com a técnica do berlinde na quinta-feira passada, fizeram-no hoje, isto porque, devido à falta de pessoal na instituição, foi necessário mobilizar-me para outra sala. Na sexta-feira, o tempo em que estive na sala Colmeia, foi em momentos que não permitiam a organização do grupo para realizar atividades de expressão plástica. Assim, hoje retomei o trabalho alusivo ao dia do pai, lembrando os que já tinham feito, mostrando a pintura com berlindes e explicando a atividade aos que iriam fazer. Enquanto realizei o trabalho numa das mesas redondas

A seguir à fruta quando perguntei se alguém precisava de ir à casa de banho, o Gafanhoto disse que queria ir. Tirei-lhe a fralda e ele foi à casa de banho tal como os amigos, quando voltou disse-me que não queria por a fralda. Só voltou a por fralda para a sesta e quando acordou foi novamente à casa de banho e ficou sem fralda até o pai o vir buscar.

(Nota de campo, 14 de março de 2016, sala Colmeia)

com seis crianças, a N. e a S. estiveram com o restante grupo noutra das mesas a fazer modelagem de plasticina. À medida que iam terminando a pintura com berlindes, as crianças dirigiam-se ao tapete onde realizavam construções com um jogo de encaixes. Só quando a primeira criança do grupo de seis que estava na mesa terminou o seu trabalho é que me apercebi que a outra mesa estava completa, então a solução encontrada foi a de criar outra atividade, neste caso o jogo de encaixe no tapete.

15 de março de 2016

Durante o momento de tapete e depois de marcar as presenças com as crianças, coloquei dentro do saco das surpresas um frasco de tinta, um balão, um garfo e os corações que recortei da cartolina pintada com a técnica do berlinde. Fui tirando um objeto de cada vez e perguntei ao grupo o que eram e se sabiam para que serviam. Todos foram respondendo e associando o objeto à sua função, por fim perguntei se poderíamos fazer outra coisa com aqueles objetos, alguns ficaram expectantes e informei de que iríamos pintar com aqueles objetos para fazer um sol para dar aos pais. Durante esta atividade, dividi as crianças em duas mesas e enquanto uns faziam o reforço da manhã, na outra mesa as crianças começaram a fazer o sol para dar aos pais. Ao longo da atividade apercebi-me de que o facto de estarmos a fazer um sol, teve de ser uma tarefa mais orientada, o que não deixou espaço para uma exploração livre e individual dos materiais.

16 de março de 2016

O trabalho iniciado ontem, foi hoje terminado depois da marcação das presenças e antes da ginástica. Ontem já me tinha apercebido de que as crianças gostariam de explorar mais a pintura como balão e hoje voltei a confirmar com as crianças que faltava fazer. Após a sessão de ginástica, tinha pensado contar uma história na sala, mas dado que a sala é utilizada pelas crianças da outra sala dos dois anos, optei por fazê-lo

Então e vocês ajudam os pais?

- Eu disse ao pai, eu ajudo e o pai disse não! – Coruja

O pai disse não? Tens de dizer ao pai que já estás a ficar crescida e há coisas em que podes ajudar.

– Mas o pai disse não. – Coruja

(Nota de campo, 16 de março de 2016, tapete do corredor)

no tapete

do corredor, antes de se realizar a higiene que antecede o almoço. Foi um risco, dado a exposição que o local tem, sendo um local de passagem, no entanto, as crianças

mantiveram-se com atenção e concentradas na história. As crianças gostaram tanto da história que me pediram que repetisse, então contei duas vezes a história e no final, voltaram a pedir para ler. Desta vez mostrei as imagens com maior pormenor, aproximando-me das crianças para que pudessem observar bem todos os detalhes da ilustração.

18 de março de 2016

Na quinta-feira, por razões pessoais, não pude comparecer no local de estágio, no entanto, tendo conversado com a N., sobre a minha ideia de explorar a pintura com o balão mais livremente, esta N. decidiu decorar com as crianças uns ovos da páscoa em papel manteiga. A N. delineou um ovo grande numa folha e as crianças preencheram de várias cores com a técnica do balão.

Hoje, dado que a Raposa foi das primeiras a terminar de comer e não houve conflitos ente ela e as outras crianças, quando acordou da sesta e se calçou, perguntei se gostaria de ir comigo lavar o aquário da Minnie. A Raposa ficou muito contente e foi ao armário buscar a caixa com a esponja da Minnie e fomos as duas para a casa de banho. Aqui, expliquei-lhe que iria tirar a Minnie do aquário e que seria ela a lavá-lo com a esponja que estava dentro da caixa. Esta revelou um à vontade muito grande com a tartaruga, tendo-lhe pegado e estando perfeitamente confiante com ela nas mãos. Quando estávamos a voltar para a sala disse-lhe que tinha sido uma ajudante muito especial e que a Minnie estava muito feliz por ela lhe ter pegado e lavado a casa, esta sorriu e seguiu para a sala.

A seguir ao lanche disse às crianças que podiam escolher a área para onde ir brincar, embora não pudessem estar mais do que quatro na área da casinha. As crianças escolheram e uns minutos depois a Coruja veio pedir-me para ir para o tapete fazer um puzzle, eu disse-lhe que tinha de pedir ao Coelho e ao Gafanhoto se a deixavam brincar com eles e que tinha de arrumar os bonecos da casinha. Ela assim o fez e antes de se dirigir ao tapete veio dizer-me que tinha arrumado não os seus bonecos, mas também os da Formiga para que esta pudesse ir fazer o puzzle também.

21 de março de 2016

Durante a manhã de hoje a N. esteve a fazer esponjagem com as crianças para a elaboração de um postal para a páscoa. Além desta atividade realizou, com os dois meninos que tiveram varicela e não vieram à escola a semana passada, os trabalhos alusivos ao dia do pai. Enquanto decorriam estas atividades dois a dois, o restante grupo esteve sentado à mesa e decidi dinamizar um jogo com estes. Com peças de lego de cor verde, vermelho, azul e amarela, pedi a algumas crianças que identificassem na sala outros objetos de cada cor. O Gato, que foi o primeiro a realizar a tarefa pedida, precisou de ajuda e o Gafanhoto prontificou-se a ajudar, rapidamente identificou vários objetos e os mostrou ao amigo. As crianças a quem eu não pedi diretamente que procurassem outros objetos, foram ajudando os/as amigos/as, dizendo objetos que

- “Quem é que sabe o nome de um fruto amarelo?

- Banana – Periquito

- E mais? O que conhecem mais amarelo?

- A nossa sala é amarela – Coruja

- O gato da parede também – Gafanhoto

- Então e uma coisa que nós fizemos no outro dia?

- O sol –

(Nota de campo, 21 de março de 2016, mesas de atividade)

conhecem dessa cor.

Após o lanche, e enquanto aguardávamos que algumas crianças terminassem de comer o pão, sugeri ao grupo que fizéssemos umas massagens. Pedi que metade do grupo se sentasse e mostrei como os restantes deviam sentar-se – por trás do/a amigo/a com as pernas afastadas. Depois sentei-me por trás da Raposa, que estava encarregue de massajar o Elefante e demonstrei como deviam fazer, todos me seguiram e fizeram aos seus pares. Quando uma das crianças saiu, o Elefante deslocou-se para o par dessa criança e pedi ao Peixe que se sentasse por trás da Raposa e que fosse ele a fazer a

Quando o Grilo veio buscar a fotografia, propositadamente tirei uma de uma criança que não estava presente, a reação foi a de olhar para a fotografia e logo de seguida para mim. Perguntei o que se passava e ele disse, este é o Coelho e não está cá. Tirei uma fotografia de uma criança presente e ele dirigiu-se à mesma e deu um abraço.

(Nota de campo, 21 de março de 2016, tapete)

massagem à amiga, este assim o fez. Sentei-me em frente a todos e exemplifiquei o modo e em que parte do corpo deveriam fazer os movimentos. A Raposa interrompeu e disse que não queria fazer mais. O Peixe, que acabou por ficar sozinho, virou-se para o par que estava ao seu lado e continuou a fazer a massagem à Formiga. Quando as crianças demonstraram desinteresse na atividade, pedi que se sentassem no tapete de pernas cruzadas e com um dos cestos das presenças na mão chamei a Raposa e tirei uma fotografia ao acaso, dei-lha e pedi que entregasse ao/à amigo/a correspondente com um beijinho e um abraço. A Raposa dirigiu-se ao amigo e deu-lhe a fotografia e um beijinho, pedi que se sentasse e que o amigo que tinha agora a fotografia ma devolvesse. Voltei a tirar uma fotografia e deu-se o mesmo procedimento, que se repetiu por todos.

22 de março de 2016

Hoje foi dia de fazer ovinhos de gelatina, a seguir à sessão de música e antes do almoço organizei o grupo de forma a que todos conseguissem ver o que íamos fazer. As crianças já estavam à espera da atividade, uma vez que ontem ao final da tarde lhes mostrei os ovos vazios e informei que hoje iríamos fazer gelatina. Enquanto preparava os materiais, pude contar com a ajuda da educadora e da AAE na gestão do grupo, estando sentados em roda à volta da mesa a curiosidade era grande e alguns queriam levantar-se para ver o que estava na mesa. De forma a prevenir acidentes, coloquei o jarro elétrico em cima de um móvel onde as crianças não chegam, pus a quantidade de água necessária e liguei o aparelho. O barulho característico destes aparelhos fez-se ouvir e sem que o esperássemos aconteceu uma situação que passo a relatar:

A borboleta disse que precisava de fazer xixi, e quase instantaneamente começou a fazer na cadeira em que estava sentada, o que não é uma situação normal para a criança em questão. No entanto, após a S. lhe ter trocado a roupa e esta ter-se voltado a sentar no seu lugar, perguntei se gostaria de vir colocar água no preparado de gelatina, esta assentiu e encheu a caneca de água e verteu-a na taça grande sem demonstrar qualquer sentimento de medo.

(Nota de campo, 22 de março de 2016, mesas de atividade)

Enquanto decorria a atividade e quando eu voltei a mostrar ao grupo os ovos vazios, explicando que os iríamos encher com a gelatina líquida, a N. perguntou ao grupo se sabia quem é que põe os ovos. A coruja respondeu que era o coelhinho da páscoa, neste momento, a N. explicou que o coelhinho da páscoa só trazia ovos de chocolate e que o animal que põe os ovos é a galinha.

23 de março de 2016

Hoje, a seguir ao almoço, as crianças tiveram a oportunidade de comer os ovos de gelatina, foi muito engraçado de ver o quão excitados estavam para o fazer. As crianças que iam acabando a refeição, iam abrindo o seu ovo, tendo eu explicado antes, que tinham de bater com o ovo na mesa para que a casca estalasse para depois a retirarem. O facto de terem de comer com as mãos, também suscitou algum desconforto para algumas crianças, tendo hesitado no momento em que retiraram a casca do ovo. Há duas crianças que não gostam de gelatina e não quiseram sequer tirar a casca do ovo. Esta foi uma atividade muito enriquecedora para mim, pois apercebi-me da satisfação com que as crianças se embrenharam ao executá-la, tanto ao fazer a gelatina, como no momento de a comerem.

Na parte da tarde, a seguir ao lanche, propus que fizéssemos um desenho, ao que as crianças aderiram muito bem, mas rapidamente se dispersaram, tendo algumas feito um ou dois traços na folha. Ao aperceber-me que não estavam interessados, pedi ajuda para retirarmos as cadeiras em volta das mesas e a arrastar as mesas para os cantos da sala. Coloquei música e expliquei que íamos fazer um jogo de dança, que cada menino/a tinha uma cadeira e quando a música parasse, todos teriam de se sentar. Explorámos o jogo com as cadeiras no centro da sala, dando eu indicações de como deveriam dançar, uma vez que a tendência foi a de correr à volta da sala. Após um tempo alterei o jogo e deixei apenas duas cadeiras para se sentarem quando a música parasse. Com esta variação do jogo as crianças tornaram-se mais competitivas, tendo a Coruja mostrado alguma frustração quando não alcançava a cadeira antes dos/as colegas. A meio do jogo a mãe da Raposa entrou para a vir buscar, expliquei o que estávamos a fazer, e fizemos uma pequena demonstração para que a mãe pudesse ver o jogo. A mãe aproveitou este

momento para me perguntar como estava a minha relação com a Raposa, dadas as tentativas desta me bater e de contrariar tudo o que lhe peço para fazer. Expliquei-lhe que durante a última semana e meia, os seus comportamentos para comigo estavam a melhorar, demonstrando por varias vezes carinho e afeto através de abraços e beijinhos quando estamos no tapete ou em momentos de trocas de atividades.

4 de abril de 2016

Na sexta-feira passada passámos a ter uma nova amiga, à qual vamos dar o nome de Girafa. A Girafa está em Portugal, há apenas sete meses e vem da Moldávia. Não percebe muito bem o português e por vezes fica difícil de fazer entender o que pretendemos que faça. Hoje fez a sua primeira sessão de ginástica e não seguiu os exercícios que o professor indicava, talvez por não entender o que lhe era pedido. Em algumas situações observava os/as amigos/as e imitava o que estes faziam. Mas nos momentos em que o professor pedia que se sentassem para mudar a disposição do material e indicar novos exercícios, esta não cumpria a ordem e dispersava do grupo. Mostra-se muito curiosa com tudo o que se passa à sua volta, sendo que nos momentos de tapete, levanta-se e vai explorar a sala e os materiais dispostos.

A N. começou por dinamizar a história A lagartinha muito comilona, e eu acompanhei a leitura a seu lado, desta forma pude observar o comportamento das crianças no tapete e perceber quem se mantinha concentrado. Como a N. na sexta-feira tinha começado a fazer uma lagarta com a técnica do balão com as crianças, começou por mostrar alguns dos trabalhos realizados e comparou com a ilustração da capa para que as crianças pudessem verificar a semelhança. A seguir à história a N. deu continuidade ao trabalho e foi chamando as crianças uma a uma para que fizessem uma lagartinha tal como a da história. As restantes crianças ficaram dispostas pelas duas mesas redondas, numa mesa foi colocado um jogo de encaixe que tem umas peças em forma de “elos” de correntes, e noutra das mesas as crianças modelaram plasticina

Durante a modelagem de plasticina, a Raposa foi fazendo bolinhas, várias pequenas e umas maiores, no final alinou as bolinhas todas e anunciou que tinha feito uma lagartinha de plasticina.

(Nota de campo, 4 de abril de 2016, mesas de atividades)

verde.

A seguir à ginástica, o grupo esteve uns minutos na sala verde com alguns elementos dessa sala, dado duas crianças terem chegado depois do momento da história e uma ter entrado já a meio, perguntei se queriam ouvir a história da lagartinha novamente. A resposta foi positiva e contei a história para o grupo da sala Colmeia e para os quatro colegas da sala verde. Como as crianças já tinham ouvido a história anteriormente, pude verificar quem tinha retido a informação presente na história.

Durante o almoço, que hoje era omelete com salsicha, o Leão demonstrou alguma relutância em experimentar alimentos novos, no início não quis experimentar o ovo, dizia que não gostava e chorou. A N. insistiu um pouco e explicou que dentro do ovo estava a salsicha e batata e ele acabou por aceitar e comer. Como o Grilo fez 3 anos na semana anterior, mas esteve de férias, hoje os seus pais trouxeram morangos para a sobremesa, a situação voltou a repetir-se com o Leão, negando provar o fruto que, aparentemente, era novidade para ele. Na hora do lanche, cantou-se os parabéns ao Grilo e a seguir ao leite e ao pão, as crianças comeram um pedaço de bolo, mais uma vez o Leão não quis provar o bolo.

5 de abril de 2016

Hoje foi dia de sessão de música, e como é hábito as duas crianças que não estão inscritas nesta modalidade extra ficam comigo durante esse tempo, noutra divisão da instituição. Hoje ficámos no tapete do corredor, onde coloquei uma caixa cheia de peças de legos de diferentes. A dada altura, o Periquito pegou em duas peças e juntou-as, veio mostrar-me, pois eram diferentes da maioria que estava dentro da caixa. Pedi-lhe que procurasse mais iguais e perguntei porque eram estas diferentes das demais que se encontravam na caixa, ao que me respondeu mostrando que o formato do encaixe é mais comprido do que o da maioria das peças. O Periquito fez uma categorização das peças de lego pela sua forma, sendo que não era uma característica muito fácil de identificar, mas surpreendeu-me ao responder à questão colocada.

Enquanto estávamos a fazer construções e a selecionar peças de lego, ao tentar separar duas peças o Gafanhoto pediu ajuda e eu perguntei: “Então não tens força?”, ele tentou tirar e não conseguiu, então eu dei um jeitinho e ele prosseguiu. O Periquito que estava ao lado na sua seleção começou a falar:

- Eu sou forte! – periquito
- Ai és? Porquê? – Vera
- Porque como a sopa depressa... - Periquito
- Comes? Vou ver à hora do almoço se comes a sopa depressa. – Vera
- A “minha papá” vai ficar feliz!!! – Periquito
- Vai? Porquê? – Vera
- Porque eu como a sopa. – Periquito

(Nota de campo, 5 de abril de 2016, tapete do corredor)

Esta conversa tida com o Periquito deu-me a entender que os pais provavelmente têm conversado com ele sobre o momento da refeição. O Periquito é uma das crianças que demora imenso tempo a comer, por não querer comer sozinho, em conversa com os pais e mesmo com ele percebemos que a irmã mais velha lhe dá as refeições. Em todas as refeições alguém tem de se sentar ao seu lado e ir dizendo que pegue na colher, caso contrário ele fica sentado e não tem qualquer tipo de reação, no entanto se lhe dermos a comida à boca, come tudo rapidamente.

Ainda enquanto decorria a sessão de música, o Periquito levantou-se com um ar espantado perguntou:

- O que é isto? – Periquito
- O quê? – Vera
- Isto, ouve... – Periquito
- Ah isto é o Zé (professor de música). – Vera
- O Zé está a tocar maracas assim (imitou o gesto de tocar as maracas) –

Periquito

(Nota de campo, 5 de abril de 2016, tapete do corredor)

Já na sala, marcámos as presenças e no final, verificámos quem não estava na escola, as crianças querem sempre colocar o símbolo da casinha no lugar dos amigos eu não estão. Tenho verificado que com este novo símbolo para as faltas, é muito mais fácil para marcar as presenças, no entanto tenho observado que o Elefante e o Peixe ainda têm alguma dificuldade neste processo. Procuram o cartão com a sua fotografia no cesto e identificam o local no mapa, mas depois colocam a fotografia noutra amigo/a.

6 de abril de 2016

Hoje enquanto as crianças iam chegando, a N. foi terminando a lagartinha com cada um individualmente, faltava fazer os olhos, a boca e as antenas, as crianças utilizaram a pintura de dedos para o fazer. No momento do tapete, a N. continuou o acabamento do trabalho e eu dei início à marcação das presenças, a Girafa, que já tem assistido à marcação das presenças pela parte dos/as colegas estava irrequieta e queria mexer nos cestos dos cartões. Aproveitei o momento para lhe tirar uma fotografia para que logo faça os seus cartões e amanhã já possa fazer a marcação tal como as outras crianças. Quando todos terminaram e como vem sendo hábito questionei que meninos/as faltavam hoje, responderam identificando esses elementos nas fotografias, pedi à Girafa que identificasse a Abelha pois sei que mantêm uma relação de amizade fora da escola. Pedi à Girafa que colocasse o símbolo da casinha no local da Abelha e ajudei-a, mostrou-se satisfeita por ter participado neste momento da rotina. Como noto que para a Girafa é difícil identificar os nomes das crianças da sala, prossegui com o jogo dos abraços, em que cada criança vem tirar uma fotografia, aleatoriamente, do cesto e vai entregar à respetiva criança dando-lhe um abraço ou um beijo. Este jogo que promove as relações entre pares, é, também, nesta fase de adaptação, um grande auxílio para a Girafa reconhecer os amigos e amigas da sala. Cada criança quando retira a fotografia do cesto tem de dizer o nome do/a amigo/a em voz alta e dirigir-se ao/à mesmo/a para lha entregar.

A seguir ao reforço da manhã, enquanto o grupo aguardava que o professor de ginástica chegasse, o Peixe vomitou, sendo que já o tinha feito na segunda-feira e ontem teve uma situação de descarga intestinal no momento do descanso. Na entrega do Peixe, esta manhã, a mãe informou a colega de que o Peixe tinha passado bem a noite, o que

levou a que este fizesse o reforço normal, tal como as outras crianças. Após este episódio, a N. entrou em contacto com a mãe informando que seria melhor vir buscar o Peixe, uma vez que este é já o terceiro dia em que o menino apresenta sinais de não estar bem.

Durante a sessão de ginástica, o Coelho esteve um pouco ausente, nos momentos iniciais isolou-se dos outros e quando o chamei e sentei no meu colo disse-me que estava triste.

- Então Coelho, o que se passa? –Vera

- Tou triste – Coelho

- Vem cá, diz-me o que se passa. – Vera

- Quero o pai - Coelho

- Vamos agora fazer ginástica e depois de dormir o pai vem buscar-te, pode ser? –Vera

-Sim – Coelho

O Coelho fez a sessão de ginástica bem disposto e não voltou a falar do pai. Ontem como foi o seu aniversário, o Coelho ficou em casa com os pais, tendo vindo à sala na hora do lanche para cantar os parabéns com os/as amigos/as. Talvez por esse motivo tenha ficado mais carente hoje.

(nota de campo, 6 de abril de 2016, sala de atividades)

A seguir ao lanche comecei a preparar a atividade a realizar amanhã, assim pedi à Coruja que fosse comigo buscar terra a um canteiro.

Durante o percurso e dado que me dirigi ao edifício onde funcionam as salas de Pré-escolar, que fica da parte da frente do edifício principal a Coruja pergunta-me:

- Vera, não vamos sair da escola, pois não? – Coruja

- Vão, vamos ali à sala da P. buscar ferramenta. – Vera

- Um dia a minha saiu da escola sozinha, ralhei muito com ela. – Coruja

- A tua mãe ou a tua filha? (a Coruja diz-nos que tem dois filhos: o Aberto e a vera e conta-nos episódios como se da realidade se tratasse) – Vera

- A minha mãe, veio buscar-me e saiu sozinha, não se pode sair sozinha da escola, fiquei muito zangada com ela. – Coruja

- Tens razão, não se pode sair sozinha da escola, mas a mãe já é crescida e os crescidos têm muita atenção aos carros e podem andar sozinhos na rua. Mas nós não vamos sair da escola, vamos só aqui buscar um ancinho e uma pá para escavar a terra. – Vera

- Está bem, posso usar esse? ( A apontar para o ancinho) – Coruja

- Sim. nodes mas vou te mostrar primeiro como é. – Vera

7 de abril de 2016

Hoje o dia foi dedicado à realização de atividades relacionadas com a primavera. A forma com que decidi introduzir a atividade principal, foi a projeção de uma história na parede. Foi um momento de grande entusiasmo, uma vez que por termos tido a necessidade de tirar as mesas da sala do seu lugar e de colocar o tapete no centro da sala de modo a que as crianças ficassem viradas para a parede, estas ficaram bastante expectantes sobre o que iria acontecer. Enquanto ligava o computador e o projetor, fui perguntando se alguém sabia o que íamos fazer, as respostas foram variadas:

“- Vamos ver bonecos. – Leão

- É o mickey – Girafa

- Vamos ver um filme? – Periquito”

Após a dinamização da história dirigimo-nos ao exterior e semeámos alpista em vasos pequenos que distribuí por cada criança. Foi uma manhã muito animada para as crianças, que exploraram a terra e as sementes ao realizar a atividade. Durante o processo, fui sempre explicando às crianças o que estávamos a fazer e o porquê, até que a Coruja me disse que faz castelos gigantes com a areia, eu iniciei uma conversa de comparação entre a areia e a terra e o grupo todo interagiu e soube indicar, com o meu auxílio, as diferenças entre a terra e a areia da praia.

- Eu faço castelos gigantes com areia – Coruja

- Mas essa areia é diferente desta que temos aqui, não é? Vejam bem a cor desta terra, a outra é igual? – Vera

- Não – Gafanhoto, Periquito, Tartaruginha

- É mais clara ou mais escura? – Vera

- Clara. – Coelho

- Pois é. A areia da praia é mais clara e mais, que outra diferença há? Acham que a areia da praia é assim grossa como esta? – vera

- Não, é fina. – Periquito

- Pois, e uma coisa muito importante, com esta terra nós plantamos e semeamos legumes e flores e na praia não há coisas semeadas porque aquela areia não é fértil, não deixa as plantas e os legumes crescerem. – Vera

(Nota de campo, 7 de abril de 2016, recreio)

8 de abril de 2016

Hoje durante a conversa de tapete trouxe o saco das surpresas para apresentar os bichinhos da seda ao grupo. Comecei por dizer ao grupo que o que estava dentro do saco se mexia e arrastava pelo chão para andar. Fui dando pistas e o grupo foi dizendo palavras para tentar adivinhar o que seria a surpresa do dia. Rapidamente chegaram à resposta certa e assim, fui mostrando, primeiro às crianças que se encontravam na fila da frente e depois às restantes. Depois da sessão de música fomos apanhar folhas da amoreira. Para as crianças esta saída pedestre foi uma estreia, tendo o grupo se portado bastante bem na rua. Apesar de se revelarem muito curiosos relativamente ao caminho que fizemos, e às paragens nas passeadeiras, o grupo manteve-se unido e fez um comboio a pares, o que também foi uma novidade para eles.

11 de abril de 2016

Hoje tivemos um momento diferente na sala de atividades, como a borboleta fez anos no fim de semana, a mãe pediu para que viesse à sala uma senhora fazer pinturas faciais às crianças. Assim, hoje o lanche realizou-se na sala, e teve muitas guloseimas - batatas fritas, pipocas, sumo e bolo - no entanto, sempre que há uma festa, é oferecido o pão às crianças. O Peixe que tem várias restrições alimentares, só comeu um pouco de pão e acabou por comer imensas pipocas, por ser o que não lhe fazia mal, deixámos que isso acontecesse, normalmente nas festas de aniversário ele nunca pode comer bolo e desta vez tinha opção de escolha. Para a realização das pinturas faciais, anteriormente foi pedido aos encarregados de educação que dessem, ou não, autorização. As crianças que revelaram bastante vontade em ser pintadas depois já estavam a dizer que não queriam, no entanto, a profissional chamou os que estavam menos recetivos e foi conversando e dando ideias de pinturas que poderiam fazer e todos fizeram e ficaram felizes. Para muitos esta foi uma primeira vez e talvez por isso estivessem algo receosos para o fazer.

12 de abril de 2016

Hoje contei a história A aranha e eu, as crianças interagiram comigo ao longo da história enquanto ia perguntando onde se situavam as partes do corpo. Foi um momento de alguma agitação, tendo em conta que era o momento da história, no entanto o que eu pretendia era que as crianças me indicassem as partes do corpo que eram faladas na história no seu próprio corpo, logo esta agitação era expectável. A maioria das crianças revelou a capacidade de passar de um momento mais mexido para um mais calmo com relativa facilidade, no entanto algumas tiveram bastante dificuldade em controlar-se, tendo que ser chamadas à atenção. A história compara as diferentes partes do corpo com a textura e a forma de várias frutas, umas mais comuns que outras e aproveitei, também este facto para falar das frutas que iam surgindo nas ilustrações. Quando, no livro, o autor mencionou que a aranha chegou às maminhas da criança, o Periquito disse: “Vera, tenho duas” ao que lhe expliquei que todos nós temos duas maminhas. Antes do reforço da manhã, as crianças começaram a fazer enfiamentos, expliquei o que era para fazer e deixei que começassem por explorar livremente. Após a sessão de

música voltámos a fazer enfiamentos, mas desta vez, as crianças que estavam a fazer enfiamentos com as peças trocaram e fizeram com os escorredores e os escovilhões. Hoje a Raposa voltou à creche, depois de ter estado uma semana em casa com varicela, foi um regresso calmo e a Raposa mostrou-se interessada nas atividades que estavam a decorrer.

13 de abril de 2016

Hoje a educadora não esteve presente, tendo sido eu a assumir o grupo o dia inteiro. Comecei por marcar as presenças com as crianças e como era dia de ginástica expliquei logo ao grupo o que iríamos começar a fazer, aproveitei o tempo da sessão de ginástica para iniciar a atividade com as quatro crianças que não realizam a sessão.

Ao iniciar a explicação da atividade, a Raposa começou a fazer sons e a remexer-se para cima dos/as colgas que estavam ao seu lado. Parei a explicação e pedi que viesse ter comigo, expliquei que se não estava interessada no trabalho que íamos fazer, podia sair do tapete e não ouvir, mas que tinha de deixar os/as amigos/as ouvirem. Esta acenou com a cabeça, perguntei se queria fazer a teia gigante e ela disse que sim, então pedi que se sentasse e me deixasse terminar a explicação. Esta assim o fez.

(Nota de campo, 13 de abril de 2016, tapete da sala de atividades)

A seguir à ginástica mostrei ao grupo o trabalho que os colegas já tinham feito e organizei as mesas para que todos fizessem esta parte da atividade. Como tinha estado com quatro crianças a realizar a pintura de dedo, sabia que para a maioria das crianças seria fácil realizar esta ação sem a minha ajuda, então distribuí os pratos de papel e um guardanapo de papel para poderem limpar o dedo a seguir. Foi gratificante ver que todos gostaram de se sentir autónomos neste aspeto, dado que eu apenas fui passando a tinta de criança em criança, indicando o que tinham de fazer. A Tartaruginha quando me aproximei do seu lugar disse-me “eu quero fazer sozinha”.

No refeitório, sentei-me numa cadeira no topo da mesa e ao meu lado estava o gafanhoto, que começou um diálogo comigo:

- Vera, sabes que vai ser o aniversário do meu pai? – Gafanhoto
- Vai? O pai faz anos? – Vera
- Sim, é o aniversário dele, eu vou soprar as velas. – Gafanhoto
- Então, mas ele é que faz anos e tu é que sopras as velas? – Vera
- Somos os dois, sabes? Ele também sopra. – Gafanhoto
- E quantos anos faz o pai, sabes? – Vera
- Estes (mostrou dois dedos) – Gafanhoto

(Nota de campo, 13 de abril de 2016, refeitório)

14 de abril de 2016

Durante a manhã de hoje explorámos conceitos espaciais através do jogo da teia de aranha, para dar continuidade à história do início da semana, propus fazermos uma teia gigante na sala. As crianças ficaram bastantes entusiasmadas e aderiram muito bem. Optei por envolver as crianças na organização da sala para o jogo, desta forma foi-me mais fácil controlar o grupo, dado encontrava-me sozinha. Esta foi uma atividade que me elucidou bastante acerca das dificuldades espaciais que as crianças apresentam, dado que, pelo que percebi, o andar é algo tão natural que quando eu pedia que andassem para a frente as crianças ficavam paradas a perceber o que eu tinha dito.

15 de abril de 2016

Durante o acolhimento fui acabando os trabalhos que faltavam fazer dos dias anteriores, as crianças encontravam-se nas mesas com os brinquedos de casa, legos e livros. Durante este momento houve alturas em que existiram conflitos entre duas ou três crianças devido à partilha dos brinquedos que trouxeram de casa. A N. interveio e explicou que quem trouxe os brinquedos deve ficar responsável por eles, mas se surgir confusão, estes serão guardados e não poderão brincar com eles na sala. A seguir ao reforço da manhã e enquanto aguardávamos que chegasse o professor de música, marcámos as presenças e organizámos o material necessário para que as crianças que não têm esta atividade extra fosse tratar dos animais presentes na sala. Durante este tempo, o grupo cantou a canção A dona aranha, explicando à N. o que tínhamos feito no dia anterior. Assim, a Borboleta, o Periquito e o Gafanhoto foram comigo para a casa de banho e ajudaram a lavar o aquário da Minnie e a própria tartaruga. De seguida limpámos, também, a caixa dos bichos de ceda, as crianças estiveram em interação com os animais, pegando em ambos e observando-os de perto.

Durante o dormitório, conversei com a N. sobre a planificação das próximas semanas, tendo em conta que se aproxima o dia da mãe. Assim, falámos sobre a prenda, o postal e o que fazer para colocar nos placards da sala. À semelhança do que se passou no dia do pai, iremos recolher os registos das crianças sobre as mães e, também das mães sobre

os/as filhos/as. Serão utilizadas diversas técnicas de expressão plástica na elaboração do presente, postal e placard.

18 de abril de 2016

Durante o acolhimento a N. deu início às atividades de expressão plástica para a prenda do dia da mãe. Enquanto isso, eu fui recebendo as crianças e falando com algumas acerca da identificação das partes do corpo que ouvimos falar na história A aranha e eu, de forma a poder registar o que cada uma identificou.

Ao planificar a sequência de atividades a realizar para o dia da mãe, a N. tinha pensado fazer o postal utilizando o fundo de garrafas de plástico formando uma flor, mas sendo numa base de pequena dimensão não fica muito explícito, então dei a sugestão de se fazer uma receita de tinta caseira que fica em formato 3D. Amanhã iremos experimentar

Hoje, e depois de já ter conversado com a N. e com os pais do Papagaio, falei com ele sobre o facto de ele usar a fralda no caminho para casa e de casa para escola. Cominamos que sempre que chegasse à escola, depois de vestir a bata, deveria ir à casa de banho tirar a fralda e ir à sanita fazer as necessidades.

- Quando eu chegar à escola eu vou sozinho tirar a fralda, Vera. – Papagaio

- Fica combinado, Papagaio, não te esqueças. – Vera

- Não me esqueço. – Papagaio

(Nota de campo, 18 de abril de 2016, sala de atividades)

para ver o resultado e se é viável para as crianças trabalharem.

Hoje como estavam poucas crianças, tomou-se a decisão de juntar os dois grupos de dois anos para a sessão de ginástica. Fiquei a dar apoio ao professor, tal como é habitual. No decorrer da sessão, num exercício em que as crianças tinham de saltar do colchão para o chão, uma criança da sala verde, prendeu o ténis no colchão e bateu com a testa no chão. Isto aconteceu comigo ajoelhada em frente a ele, pois estava a dar apoio justamente nesse local. Numa fração de segundos ele desequilibrou-se e caiu, o que me

fez pensar que numa sessão dinamizada só por uma pessoa esta escolha de tarefas não oferecia muita segurança às crianças.

19 de abril de 2016

Durante a sessão de música, fiquei com o Gafanhoto, o Periquito e a Borboleta no refeitório e perguntei se gostariam de ouvir música. As crianças encontravam-se sentadas e expliquei que iria por a música e eles podiam ouvir e se quisessem, dançar. Ao início ficaram sentados, mas de imediato se levantaram e ocuparam o espaço com movimentos livres que passaram a ser de imitação uns dos outros. O Gafanhoto foi bastante expressivo e numa altura em que coloquei Strauss, este começou a dançar em bicos de pés e a esticar a perna como se dançasse ballet.

Quando regressámos à sala, as crianças fizeram enfiamentos, e no decorrer da atividade, surgiu-me uma dúvida que já tinha tido anteriormente. O Peixe não faz os enfiamentos e ainda não consegui perceber se não o faz por não conseguir ou por não querer fazer. Sentei-me ao seu lado e pedi que enfiasse o cordel na peça, ele começou a fazê-lo e assim que enfiou a ponta do cordel na peça, desistiu, após insistir com ele para que puxasse do outro lado, largou o cordel e começou a empilhar as peças.

(Nota de campo, 19 de abril de 2016, mesas de atividades)

20 de abril de 2016

Hoje experimentámos a fazer a tinta 3D, juntei os ingredientes e dirigimo-nos ao refeitório para experimentar. Numa cartolina coloquei umas bolinhas de tinta, mostrei às crianças e coloquei no micro-ondas, quando retirei, verificámos que se tinha formado o efeito pretendido. Decidimos, então utilizar esta técnica no postal para dar às mães.

A seguir à ginástica, estivemos um pouco na sala verde, enquanto fui vestindo as batas, verifiquei que as crianças estavam um pouco agitadas, pedi que cantassem umas canções enquanto terminávamos de vestir. As crianças começaram a cantar A dona aranha e quando terminaram o Papagaio, pediu que cantássemos a outra versão que começa com: Há uma aranhinha muito pequenina...

Comecei a cantar e as crianças seguiram-me, embora algumas ainda não consigam cantar esta canção por inteiro.

Julguei pertinente falar sobre os bichos da seda, uma vez que em minha casa já começaram a fazer casulo, desta forma as crianças estarão mais alerta para a observação deste processo. Voltei a rever a história d'a lagartinha muito comilona de uma forma muito geral e com a participação das crianças. As crianças iam terminando as minhas frases e dado que realizei esta tarefa de forma bastante expressiva, imitando os possíveis gestos efetuados pela lagarta nas diferentes situações, este foi um momento muito divertido para o grupo.

21 de abril de 2016

Hoje as crianças continuaram a fazer o trabalho para o dia da mãe, exploraram as garrafas de plástico e seguidamente pintaram com a base das mesmas numa folha de papel manteiga. Desta forma irão formar um bouquet de flores para o placard, nesta composição irão, também, colar pequenas bolas de papel crepe no centro das flores. Quando perguntei à Raposa as partes do corpo, relativa, ainda à história A Aranha e eu, verifiquei que, aparentemente, há algumas palavras que ela ainda não percebe, dada a diferença da língua, é importante perguntar aos pais se em casa falam português ou a sua língua materna.

No momento do recreio levei a coluna para o exterior e coloquei música e as crianças, rapidamente se juntaram em frente ao aparelho e começaram a dançar. Ao início foi uma dança envolta de muita excitação, talvez por ter sido a primeira vez (desde que eu estou no local) que ouviram música na rua. Aos poucos as crianças foram dispersando, houve um pequeno grupo que nunca saiu do espaço onde se encontrava a coluna, dançando ora sozinhos, ora em pares ou em roda com mais do que duas crianças. A Raposa esteve sempre a requisitar a minha companhia para dançar, mas interagindo, também, com as restantes crianças. As crianças iam brincando e dançando, escolhendo livremente o que queriam fazer.

22 de abril de 2016

Na continuação das preparações para o dia da mãe, a N. foi recolhendo junto das crianças, individualmente, o registo acerca das mães. As mães também já estão a devolver os seus registos relativos aos/às filhos/as, e pelos registos percebe-se o seu entusiasmo ao participar nesta atividade. As crianças revelam-se muito entusiasmadas ao falar das mães, tal como aconteceu quando se tratou dos pais, no geral as respostas são idênticas às que deram nos registos para o dia do pai, nomeadamente as idades das mães – 2 ou 3 anos – em conformidade com os registos obtidos do dia do pai. No momento do recreio, as crianças revelam grande interesse em andar nos carros e motas que existem no espaço, sendo frequente representarem personagens enquanto andam no carro/mota.

Enquanto eu estava perto da casa de telhado azul, o Periquito passou por mim e disse-me:

- Vera, vou buscar o *Mickey* – periquito
- Onde é que vais buscar o *Mickey*? – Vera
- À casa dele. – Periquito
- Vais como? A pé? – Vera
- Não, vou de carro... neste. – Periquito

Este diálogo repetiu-se várias vezes, o periquito passava por mim, parava e dizia-me a mesma coisa.

(Nota de campo, 22 de abril de 2016, recreio)

Esta situação já se havia repetido noutros dias, o Periquito invoca muitas vezes o Mickey para as suas brincadeiras.

Depois de uns dias sem regarmos o nosso jardim, hoje foi dia de o fazer e para grande alegria das crianças, há vasos que estão cheios de folhinhas verdes. Optámos por ficar uns dias sem regar porque a terra estava muito molhada e não estava a crescer nada,

verificámos hoje que teremos de regar com menos frequência pois depois de esperarmos uns dias sem regar, finalmente começaram a nascer as plantas.

26 de abril de 2016

Hoje quando cheguei à instituição pude confirmar que os bichos da seda já tinham construído os seus casulos, estando apenas um a terminar, então no momento de tapete que precedeu a sessão de música mostrei às crianças, o que estava na caixa, e o Gafanhoto e o Periquito disseram muito rápido que eram casulos e que depois sairiam borboletas de lá. Como estão algumas crianças a faltar a N. pediu ao professor se o Periquito e o Gafanhoto podiam participar na sessão de música, assim ficámos todos na sala. Tenho observado que nas últimas sessões, as crianças têm se revelado mais agitadas nestes momentos. Talvez por estar a chegar o final do ano e já terem mais confiança com o professor, fazem brincadeiras que destabilizam a sessão, como é o exemplo de esconder os instrumentos atrás das costas quando o professor os pede para arrumar.

Antes do almoço ainda fomos dar uma corrida ao recreio, aqui o Papagaio disse-me que vai, juntamente com a família, de autocarro, de avião e noutra autocarro. Perguntei-lhe se vai de férias e ele disse-me que sim, explicando novamente a ordem dos meios de transporte a utilizar.

27 de abril de 2016

Como hoje só vieram onze crianças, decidimos levar o grupo todo até ao refeitório para fazer o postal do dia da mãe. A Raposa esteve por momentos sentada numa mesa à parte do grupo, pois estava a bater em quem se encontrava à sua frente, foi chamada à atenção e explicou-se-lhe que não pode estar a bater nas outras crianças e assim que a N. prosseguiu com a atividade esta voltou a fazer o mesmo. Depois de uns minutos afastada do grupo regressou mais calma e realizou a tarefa, tendo, no entanto, ficado para o final.

Quando estávamos a fazer as flores nos postais, a N. começou com as crianças que estavam numa ponta da mesa e eu fiz do outro lado.

Quando chegou a vez do Periquito fazer, foi perceptível o seu entusiasmo ao realizar este trabalho, pois quando terminou perguntou-me: é só isto, Vera? –  
Periquito

Vamos depois fazer umas borboletas e vamos utilizar esta tinta, pode ser? –  
Vera

(Nota de campo, 27 de abril de 2016, refeitório)

Hoje as crianças comeram a fruta no refeitório, uma vez que já se encontravam no espaço e a sala precisava ser preparada para a sessão de ginástica. Quando acompanhei o grupo na sessão, pude verificar que o Tigre esteve muito desatento, não quis realizar os exercícios propostos pelo professor e quando os outros estavam a realizá-los, este andava a correr pela sala, interferindo com o bom funcionamento da sessão. Ao observar este comportamento e depois de lhe ter pedido inúmeras vezes que parasse de correr na sala, solicitei que fizesse o exercício onde eu estava a auxiliar, este acedeu, mas disse-me que não conseguia fazer, sem sequer tentar. Disse-lhe que para dizer que não consegue, tem antes de tentar, ao que ele me respondeu com um pedido de ajuda. Também a Tartaruginha revela bastante receio em experimentar as situações propostas pelo professor, mas sendo esta a sétima sessão em que participa é de esperar que não se sinta tão confiante. Para a realização das tarefas solicita sempre a minha ajuda, não aceitando, na maior parte das vezes a ajuda do professor, e depois de fazer uma vez, está constantemente a pedir “outra vez”. Sente-se, no entanto, muita tensão corporal na realização dos exercícios, o que tento minimizar brincando um pouco com ela antes de a ajudar a realizar as tarefas.

28 de abril de 2016

Hoje levei a cabo a dinamização da história A minha mãe, de Anthony Browne, a partir de cartões plastificados para que as crianças possam manusear sem estragar. Ao entregar os cartões às crianças fui perguntando o que estes tinham, a Abelha respondeu prontamente – A mãe – um dos cartões que lhe tinha calhado era o que tinha a ilustração da mãe a beber de uma caneca. As outras crianças começaram a dizer que também tinham a mãe nos seus cartões e mostraram-se curiosos quanto aos cartões que os/as amigos/as tinham. Depois de recolher os cartões e contar a história, decidimos fazer um estendal no placard do dia da mãe, então todos se sentaram no corredor e com a participação de todos pendurámos os cartões por ordem.

No momento do almoço, sentei-me ao lado da Tartaruginha porque estava a demorar a

Durante a preparação da corda e enquanto fui pedindo às crianças que me dessem os cartões pela ordem, o Gafanhoto esteve sempre a interromper a atividade com brincadeiras com o/a amigo/a do lado. Já no momento do tapete esteve bastante irrequieto, e quando era chamado à atenção punha constantemente a língua de fora. A seguir a esta atividade fomos brincar para o exterior e quando regressámos à sala, o comportamento do Gafanhoto voltou a ser o mesmo, perante esta insistência a N. disse que hoje não almoçaria junto dos colegas, ficando na mesa ao lado.

(Nota de campo, 28 de abril de 2016, sala Colmeia)

comer a sopa, ao seu lado estavam o Periquito e o Gato que por norma, são sempre os últimos a acabar de comer, sendo mesmo necessário, por vezes, terminar a refeição junto com o grupo que entra a seguir ao grupo da sala Colmeia. Tenho tentado ajudá-los a adquirir a sua autonomia neste momento, incentivando a comer dizendo que já são crescidos e contando o número de colheres que colocam na boca, lembrando que quem termina de comer em primeiro poderá alimentar a Minnie, mas não tem surtido efeito, sendo a S. que consegue fazer com que estes comam sozinhos, apesar de ficarem sempre para últimos. Já a Tartaruginha aceita bem a minha persuasão, sendo apenas necessário ficar ao seu lado enquanto conto as colheres que vai comendo.

29 de abril de 2016

Hoje a S. esteve a tentar recolher o registo do Peixe sobre a mãe, depois de várias tentativas da N., este continua sem dizer nada, no entanto, sabemos que esta situação se dá aqui na creche e que em casa também não é muito falador. No entanto, já assistimos a conversas com outras crianças, ou mesmo monólogos em momentos de atividades.

Ficámos a saber que o Sapo – que está a faltar desde o final de janeiro – vai regressar na próxima semana, o grupo revela saudades deste amigo, sendo que no momento da marcação das presenças por várias vezes têm falado dele e questionado quando volta. Na parte da tarde, a seguir ao lanche o grupo foi para o recreio, como estava bom tempo levei a Minnie para apanhar sol. Já na rua, há um grupo de crianças (Raposa, Elefante, Tartaruginha e Peixe) que não sai de perto da Minnie, impedindo até as outras crianças de conseguirem ver a tartaruga. As crianças das outras salas também se revelam muito curiosas quanto à Minnie, tal como já referi anteriormente um dos meninos da sala de um ano, todos os dias vem à sala Colmeia dar os bons dias à Minnie antes de entrar na sua sala.

2 de maio de 2016

Hoje foi um dia especial para o grupo, pois o Sapo regressou, depois de ter faltado cerca de três meses. Durante a manhã apresentei-me ao Sapo e pedi ao grupo que dissesse quem eu sou e como me chamo. Quando marcámos as presenças pedi que a Raposa ajudasse o Sapo marcar a sua presença, e juntos explicámos que quando temos a fotografia no mapa é sinal de que estamos na escola. A seguir à marcação das presenças mostrei as peças de legos e identificámos as cores, após isto relembrei um jogo que fizemos há algum tempo, que consistia em procurar brinquedos ou outros objetos pela sala, da cor correspondente à peça de lego que eu entregasse às crianças. Desta vez a associação da cor da peça terá de ser feita numa caixa de ovos e com a ajuda de uns cartões previamente pintados. Combinei com as crianças que para fazerem este jogo comigo tinham de escolher outro para poderem fazer enquanto dois amigos faziam,

Ao mostrar a caixa de 6 peças, perguntei onde colocaríamos as peças vermelhas e a Borboleta respondeu prontamente, tanto com as peças vermelhas como com as azuis e as amarelas. Mais tarde, quando estávamos na mesa de atividades a realizar esta mesma tarefa, mas com a caixa de 12 peças, a Borboleta demonstrou alguma dificuldade em completar o cartão dado.

(Nota de campo, 2 de maio de 2016, mesa de atividades)

dado só haverem duas caixas, as crianças escolherem fazer puzzles/jogos de encaixe.

Hoje foi um dia importante também pelo facto de se ter começado o desfralde de três crianças, o Gato, o Grilo e o Leão tinham planeado iniciar hoje o treino do controlo dos esfíncteres, apesar de o Leão ter faltado, faz parte deste pequeno grupo de treino. As famílias colaboraram com a equipa da sala, trazendo bastantes mudas de roupa, e até mesmo chinelos (cros) para que as crianças possam trocar-se as vezes que forem necessárias. A primeira vez que foram à casa de banho, foram acompanhados pela N., o Grilo apesar de ter urinado na sanita, não estava muito feliz. O Gato não fez nada na sanita e minutos mais tarde, no recreio acabou por fazer na roupa, foi trocado e relembrado

de que já é crescido e vai passar a usar fraldas, tendo de pedir para ir à casa de banho. A seguir à sessão de ginástica, o Coelho pediu para ir à casa de banho e perguntei aos dois meninos que estão a iniciar o treino se queriam vir também, ambos disseram que sim, mas não fizeram nada na sanita e voltámos para o recreio.

No momento de levantar da sesta, as crianças calçam-se e vão à casa de banho, voltando de seguida para vestir a bata e sentam-se à mesa à espera que todos fiquem prontos para irmos lanchar. Neste momento de espera, em que as crianças, normalmente se encontram a conversar e a brincar entre elas, a Coruja está a cantar e diz para os amigos que se encontram ao eu lado:

- Esta é a minha música preferida – Coruja
- Qual? – Gafanhoto
- Esta! Da Elsa! – Coruja
- Já passou, já passou... - Gafanhoto
- A minha é a do *Mickey* – Periquito
- Eu não goto dessa – Coruja

(Nota de campo, 2 de maio de 2016, sala de atividades)



3 de maio de 2016

Hoje a rotina diária foi ligeiramente alterada devido ao facto de termos presentes na instituição dois fotógrafos que farão os registos das crianças ao longo do dia. Como hoje o Papagaio fez anos e está de férias, veio à sala, depois da sessão de música para comemorar o seu aniversário com os amigos. Este foi um momento em que o papagaio revelou felicidade pois quando chegou encontrou o seu amigo Sapo, que regressou ontem à creche, depois de mais de três meses ausente.

O Papagaio chegou ao recreio pela mão da N. quando o grupo estava na sessão de música. Quando chegou à rua, apenas os três colegas que não frequentam a sessão de música se encontravam no espaço. Quando se aproximou de mim, pedi-lhe um beijo e um abraço, este acedeu muito satisfeito e perguntou onde estava o Sapo, porque queria vê-lo. Quando entrámos na sala depois da sessão de música terminar, o Papagaio dirigiu-se ao Sapo e deu-lhe beijinhos e abraços e foi dizer aos pais que o amigo já tinha regressado. Quando se sentou, pediu que o Sapo ficasse ao seu lado, na hora de distribuir o bolo, enquanto percorria as mesas a ver a quem já tinha dado ficou muito apoquentado porque se apercebeu que ainda não lhe tinha dado bolo. Após todos comerem os pais anunciaram a sua saída, o Papagaio veio despedir-se de nós, adultas, e foi imediatamente a seguir abraçar o Sapo e dar-lhe beijinhos.

(Nota de campo, 3 de maio de 2016, sala de atividades)

Dada a alteração da rotina, também hoje, na hora do almoço fomos um pouco mais compreensivas, ajudando aqueles que costumam, por hábito demorar mais a comer. O Gato perante esta situação, quando se apercebeu que eu lhe ia dar a sopa, colocou as mãos para baixo, eu dei-lhe duas ou três colheres e disse que agora tinha de comer o resto sozinho, ele respondeu que já não tinha fome. Esta situação faz-me pensar que em casa continuam a dar a refeição ao Gato, em vez de o deixarem comer sozinho. Perante isto, é aceitável que todos os dias tenhamos uma batalha pela frente na hora da refeição, pois só na creche é que se insiste para a criança desenvolva a sua competência de pegar na colher e levar alimentos sólidos ou líquidos à boca, sem entornar. Talvez seja

benéfico alterar a estratégia com o Gato e no início ajudar e deixá-lo terminar sozinho, dado que ao contrário não está a surtir o efeito esperado.

4 de maio de 2016

Hoje a S. ficou a dar auxílio ao grupo durante a sessão de ginástica, esta sessão foi registada fotograficamente como parte da rotina das crianças, pois durante esta semana os fotógrafos estarão na instituição e irão fazer o registo dos dias das crianças.

Enquanto estava no recreio com as crianças que não realizam a atividade de ginástica, observei a Raposa a pegar num pau pequeno e a fingir pintar na parede. Começou numa ponta do edifício e percorreu-o como se de papel se tratasse, ondeando pela parede com o pau. Durante largos minutos esta ação foi repetida, percorrendo o espaço de um lado para outro. Quando a N. chegou ao exterior, a raposa passou por ela e arranhou-a com o pau, a N. chamou-a para lhe perguntar porque tinha feito isso e ela continuou a andar como se não tivesse ouvido. A N. foi chamá-la e mostrou-lhe o que tinha feito na sua mão, esta encolheu os ombros e não verbalizou nada. A N. explicou que não pode arranhar as pessoas e que devido ao seu ato ia ficar sem o pau.

Quando terminou a ginástica o grupo dirigiu-se ao exterior e rapidamente e se dispersou pelo espaço e apropriou dos brinquedos espalhados. Poucos minutos passados o Periquito veio dizer-me que ia chamar o médico, quando olhei vi que o Elefante estava deitado no chão e à sua volta estavam a Raposa e o Periquito a gesticular e o Elefante imóvel. Aproximei-me e percebi que, na brincadeira, o Elefante havia tido um acidente e ficou deitado no chão e aguardavam pelos médicos. O Grilo aproximou-se e chamou o amigo que estava no chão, os outros impediram-no de falar com o elefante, dizendo que estava doente. O grilo virou as costas e continuou a brincar na sainha onde estava antes.

Hoje ao almoço, pela primeira vez o Periquito comeu a sopa todas sozinho sem que fosse necessário a intervenção verbal dos adultos da sala. Comeu, também bastante depressa o segundo prato e quando terminou chamou a N. e disse: “ N. sou lindo! Comi tudo”.

5 de maio de 2016

Hoje durante a manhã, houve imensa agitação na sala devido à presença do fotógrafo. Houve situações de teste por parte da Raposa, que por se encontrar uma pessoa estranha na sala, esteve constantemente a desafiar a autoridade da equipa educativa. Depois de algumas chamadas de atenção, a N. chamou a Raposa à parte e acabou por colocá-la sentada no tapete durante algum tempo. Esta situação acontece muito quando temos a presença de alguém que não é da sala, há sempre comportamentos que, penso eu, são chamadas de atenção por parte da raposa. Também acontece eu interagir com outra criança que se encontra próxima da Raposa esta interferir, colocando-se no meio de mim e da outra criança, parecendo demonstrar ciúmes. A meio da manhã a S. viu que o Peixe estava muito parado, nem querendo tirar as fotografias, quando se aproximou dele apercebeu-se de que estava com febre, quando fez a verificação da temperatura, viu que este apresentava algumas borbulhas espalhadas pelo corpo. A N. entrou em contacto com a mãe e esta disse que o avô o iria buscar antes da sesta, no entanto quando o senhor Chegou à creche o peixe havia adormecido na cadeira enquanto esperava e a S. deitou-o numa cama. Para que não se acordasse e visto que estava a chover, o senhor perguntou se podia ir buscá-lo às 15h, hora a que normalmente termina o tempo de repouso. O Peixe fez o período de descanso tranquilo e só acordou quando o avô voltou para o ir buscar, mais tarde a mãe confirmou de que se tratava de varicela.

6 de maio de 2016

Hoje o grupo esteve, juntamente com a equipa educativa a arrumar os jogos da sala. Desta forma separaram e selecionaram as peças de legos e os restantes jogos. Apesar de não ter sido possível desenvolver a atividade planeada para esta semana com toas as crianças, este momento que surgiu por necessidade de funcionamento da sala, acabou por se articular com o que tinha planeado. Para a próxima semana serão, também, separados os trabalhos realizados pelas crianças ao longo do ano letivo.

Hoje o grilo saiu a meio da manhã por termos encontrado borbulhas idênticas às de varicela, pelo que o pai o veio buscar para o levar ao médico. Quando me dirigi à casa de banho com o Gato – uma das crianças que iniciou o controlo dos esfíncteres – este perguntou-me:

- Onde é que foi o Grilo? – Gato

- Foi ao médico – Vera

- Porquê? – Gato

- Porque tem borbulhas –vera

- Onde? – Gato

- Nas costas e na barriga. Tu também já tiveste, lembras-te? – Vera

- Fiquei em casa. – Gato

- Pois foi, se o Grilo também tiver varicela, vai ficar em casa uns dias e depois volta. – Vera

O Gato costuma ser muito observador nestas situações, já que sempre que alguma das adultas sai da sala por qualquer razão, ele pergunta sempre à pessoa que fica com o grupo, onde é que a N. (S. ou V.) vai? Ou o que é que a N., S. ou V. foi fazer?

A seguir ao lanche o Sapo foi comigo lavar o aquário da Minnie, foi a primeira vez que o fez e esteve muito descontraído com o facto de a Minnie ficar fora do aquário, perguntando se podia lavar a tartaruga também.

9 de maio de 2016

Esta manhã, enquanto o grupo praticava a atividade de ginástica, dirigi-me ao refeitório com 4 das crianças que não realizam a atividade. Aqui explorámos juntos, as caixas de ovos com os cartões e as peças de lego. A Raposa e a Borboleta, que já tinham realizado a atividade anteriormente pediram-me para voltar a fazer e fomos alternando entre os três, pois o Gato ainda estava a comer a fruta do reforço da manhã. Durante o tempo que estivemos no refeitório, fomos trocando os cartões e a dada altura como só há duas caixas, a Raposa colocou um dos cartões me cima da mesa e fez a correspondência das peças diretamente no cartão. Esta foi uma variante ao jogo que eu tinha preparado e assim os três puderam jogar em simultâneo.

Durante o repouso o Elefante não dormiu e esteve o tempo todo a fazer sons e a mexer-se incomodando a amiga que estava deitada na cama ao lado da sua, quando lhe pedi que não fizesse barulho, olhou para mim e riu-se continuando o que estava a fazer. Voltei a pedir-lhe que não incomodasse a amiga que queria dormir e com a agitação dele não conseguia, este voltou a fazer uma cara de quem não quer saber e por um momento ficou sossegado, mas nem um minuto depois e estava novamente a “conversar”. Durante a ginástica, também a S. relatou que o seu comportamento para com o professor não foi o mais adequado, desobedecendo ao que lhe era pedido e ignorando as propostas feitas.

10 de maio de 2016

Hoje a N. conversou com as crianças sobre o significado da família, explicou que há a família mais próxima e outra mais alargada. Assim, foi perguntando a cada criança quem é que vive na sua casa, as respostas foram variadas e uma das crianças incluiu, também, o animal de estimação. A N. informou as crianças que vamos ter a festa da família na próxima semana e que haverá surpresas para as crianças e para os pais. Para que a nossa escola fique bonita e todas as famílias gostem do que vêm, sugeri fazerem uma casa com o desenho das pessoas que vivem nas suas casas.

Esta atividade foi orientada pela N., como foi realizada em pequenos grupos, eu fiquei com o restante grupo a realizar outras atividades. Para que as crianças fizessem a figura

humana a N. desenhou dentro de uma casa a figura humana correspondente ao pai, à mãe e a uma criança, depois foi perguntando às crianças quem é que faz parte da sua família. As crianças desenharam as figuras humanas seguindo o exemplo dado pela educadora.

Há cerca de duas semanas a mãe da formiga falou com a N. e sugeriu que se tirasse a fralda na sesta, uma vez que esta acordava muitas vezes seca. Assim começámos a deitá-la sem fralda e nos primeiros dias correu bem, agora nos últimos dias têm acontecido alguns descuidos. Juntas, considerámos que, talvez seja melhor acordar a Formiga por volta das 14h30min., porque nos apercebemos que o descuido acontece muito perto da hora de acordar.

Quando estávamos na mesa do almoço, o Periquito disse para a S. :

“- Sabes que eu sou o *Mickey*? – Periquito

- Ai és? – S.

- Sim, e o pai é o pateta e a mãe a *Minnie*. – Periquito

- Hum muito bem e as manas? São quem? – S.

- A C. é a margarida e a B. é o pato *Donald*. – Periquito

Já por várias vezes, o Periquito diz que é o *Mickey*, no entanto, nunca tinha associado um personagem de desenhos animados a cada elemento da família.

(Nota de campo, 10 de maio de 2016, refeitório)

11 de maio de 2016

Hoje foi dia de fazer desenho livre, a seguir à marcação das presenças perguntei se todos gostaram de desenhar as famílias no dia anterior, (os que já fizeram) todos disseram que sim, então eu expliquei que hoje o desenho seria sobre o que quisessem e pedi que se sentassem à mesa. Houve uma grande diferença entre o que aconteceu ontem e o que aconteceu hoje, ontem as crianças desenharam a forma da figura humana e hoje a grande maioria cobriu a folha de “riscos”, alguns já evidenciaram a garatuja, mas nenhum deles fez a figura humana nas linhas por que ontem se guiaram. Durante as produções fui perguntando às crianças o que estavam a desenhar, e fiz o registo numa folha à parte. Ao recolher os desenhos perguntei ao grupo se posso mostrar estes desenhos aos professores da minha escola.

- “Posso levar os vossos desenhos para os professores da minha escola verem? Lembram-se da professora M. que veio cá brincar connosco? Ela gostaria muito de ver os vossos desenhos. – vera

- É a tua prima? – Coruja

- Ela vai gostar? – Periquito

- Gafanhoto e Abelha, lembram-se quando estavam na cama e estive aqui a professora M.? É a ela que vou mostrar os vossos desenhos.” – Vera

(Nota de campo, 11 de maio de 2016)

Na sessão de ginástica reparei que a Tartaruginha se sente muito mais confiante, já faz o enrolamento à frente sozinha e sobe para planos elevados sem necessitar de ajuda. O Sapo, na primeira sessão de ginástica que fez, queixou-se que lhe doía a perna a que foi sujeito a intervenção cirúrgica, no entanto, hoje mostrou-se bastante confiante e realizou todos os exercícios que o professor lhe pediu. O pai, quando lhe foi comunicado que o filho se havia queixado na sessão anterior, pediu que tivéssemos algum cuidado apenas com saltos, pois segundo indicação médica, estas sessões de movimento irão ajudar à sua recuperação.

12 de maio de 2016

A manhã hoje foi destinada à realização da pintura das borboletas com tinta 3D. As crianças puderam colorir as suas borboletas pintando com pincel e escolhendo as cores que entendiam. Paralelamente a esta atividade a N. foi terminando com as crianças os desenhos das famílias para colocar no placard da sala. O interesse em fazer este trabalho foi notório, pois como se trouxe o micro-ondas para a sala de modo a realizar todos os passos da atividade na sala, as crianças estavam bastante entusiasmadas. O facto de poderem ser elas a colocar a borboleta depois de pintada no micro-ondas e ficarem sentadas à espera que tocasse para abrir a porta e ver o resultado surtiu um efeito organizativo no grupo.

- Vera, vou tirar o avental, está bem? – Tigre

- Porquê? – Vera

- Para dar à Formiga. – Tigre

- Já acabaste? – Vera

- Vou pôr no micro-ondas. – Tigre

Enquanto disse à Formiga que a seguir seria a sua vez, o tigre percebeu que ela ocuparia o seu lugar quando terminasse o trabalho, então levantando-se, tomou a iniciativa de tirar o avental para dar à amiga.

(Nota de Campo, 12 de maio 2016, mesas de atividade)

13 de maio de 2016

Hoje foi dia de ultimar os preparativos para a festa do dia da família. A sala foi decorada com as borboletas que fizemos no dia anterior, que por sugestão das crianças foram colocadas num dos placards da sala. Expuseram-se os trabalhos que o grupo realizou sobre a família, bem como as fotografias de família, no placard do corredor.

16 de maio de 2016

Hoje as crianças estavam bastante entusiasmadas pelo facto de as famílias virem à sala, durante a tarde para realizarem atividades em conjunto. Enquanto organizámos a sala, as crianças iam dizendo umas às outras quem é que vinha à escola para brincar. Quando terminou o lanche já estavam duas famílias prontas para vir brincar para a sala. A tarde decorreu muito bem, as famílias foram chegando e realizavam as atividades com os filhos e saíam satisfeitos com a fotografia polaroide a perpetuar o momento.

Houve três situações que me chamaram a atenção, a primeira foi relativa ao comportamento do Papagaio. A mãe e o avô foram os primeiros a chegar e após terem feito todas as atividades, e quererem ir embora, ficaram imenso tempo porque o Papagaio não queria ir e então iam repetindo as atividades. Em conversa com a N. a mãe contou que em casa sucede o mesmo, o Papagaio chama os pais para brincar e, entretanto, não lhes permite entrar na brincadeira, exigindo que ambos fiquem simplesmente a vê-lo brincar. Mesmo que os pais digam que precisam de fazer algo, isso remete para uma birra e acabam por ceder às suas exigências. A N. informou que o facto de ele querer ser sempre o primeiro na realização das atividades, é um dos pontos que trabalhamos aqui na sala. Outra situação que remete para o mesmo tipo de comportamento, foi com a família do Coelho. Os avós chegaram, seguidos do pai e foram realizando as atividades enquanto aguardavam pela mãe para tirar a fotografia, no entanto, quando a mãe chegou o comportamento do Coelho mudou e este começou a fazer birras. A mãe, antes de ir embora veio falar comigo e perguntou se o Coelho se comportava assim na creche, explicando quem casa, sempre que a mãe chega há uma sucessão de birras, o que não acontece quando está com outros familiares. Por outro lado, o Elefante que revela uma grande teimosia, a mãe mostrou-se bastante assertiva e sempre à altura dos desafios que este lhe apresentava, sem deixar de brincar com ele, informou-o dos limites e quando este tentou ultrapassá-los a mãe pôs um fim à situação. Quando chegaram os pais e a irmã da Raposa, esta começou a dizer que não queria fazer nada e não cedeu às abordagens dos pais, até na fotografia esta ficou de costas. Os pais acabaram por ir para a sala da M., que frequenta a sala dos 4 anos e não realizaram atividade nenhuma.

17 de maio de 2016

Ontem quando cheguei à creche verifiquei que as borboletas já tinham saído dos casulos, hoje enquanto aguardávamos que todos estivessem prontos para o lanche, as crianças foram observar as borboletas. Neste momento, todos se mostravam empolgados e discutiam sobre a posse da caixa, desenrolou-se um diálogo entre o Gafanhoto e o Papagaio.

- Estas borboletas estavam dentro do casulo. – Gafanhoto
  - Olha o buraco ali ...– Papagaio
  - Pois é, elas fizeram muita força e saíram. – Gafanhoto
  - Dá-me a caixa, deixa-me ver... aqueles que estão ali. – Gafanhoto
- (Nota de campo, 17 de maio de 2016, sala de atividades)

Durante a tarde de ontem, duas mães mostraram-se interessadas em iniciar o treino do bacio e hoje o Tigre e o Elefante começaram a aventura de andar de cuecas. Estavam ambos muito entusiasmados e o dia correu bem, havendo um descuido do Elefante só da parte da tarde.

18 de maio de 2016

O Papagaio hoje contou-nos que ontem molhou a cadeira do carro do pai, quando foi para casa. O pai disse que, dado ele ter ido à casa de banho quando o veio buscar, julgou não ser necessário colocar fralda, no entanto, quando chegaram a casa o Papagaio já tinha feito xixi nas cuecas. Quando o Coelho chegou à escola, hoje de manhã a primeira coisa que fez foi ir buscar a caixa dos bichos da seda e ver se já havia mais borboletas, e ficou muito contente quando verificou que mais uma borboleta tinha saído do casulo. Durante a sessão de ginástica, a Coruja, enquanto subia para cima de uma mesa a fim de realizar a atividade que o professor indicou, parou e olhou para mim e disse-me:

“- Vera, hoje não te dei um abraço. – Coruja

- Então e queres me dar o abraço agora? Em cima da mesa? – Vera

- Sim, eu quero porque eu esqueci-me” – Coruja

Nota de campo, 18 de maio de 2016, sala de atividades

Durante as últimas sessões de ginástica, a Tartaruginha mostrou-se muito confiante ao fazer os exercícios, e por diversas vezes quando termina, congratula-se por o ter conseguido: “Consegui Vera!”

19 de maio de 2016

Hoje fizemos a atividade da pesca dos conjuntos de imagens, foi uma emoção para as crianças voltar a fazer esta atividade, e para os que não tinham experimentado, a reação foi muito positiva. Quando já tínhamos iniciado a professora M. chegou e juntou-se a nós, a Formiga quando a viu entrar disse: “Vera é a tua professora!”.

A atividade foi desenvolvida aos pares e o restante grupo encontrava-se distribuído pelas mesas de trabalho a modelar massa com a N. O Papagaio enquanto realizava a atividade, esteve constantemente a dizer que queria levar a chucha para o mano, enquanto eu lhe explicava que o mano iria precisar de uma chucha a sério e não de uma fotografia. Por várias vezes ele insistiu nessa ideia, ignorando as outras imagens dos conjuntos.

20 de maio de 2016

Hoje a N. esteve a ouvir algumas músicas com as crianças para escolhermos, juntos, a música que querem ensaiar para a festa de final de ano. Após algumas danças, penso que terá sido encontrada a vencedora, na próxima semana iremos tornar a ouvir e decide-se se avançamos e que papéis terão as crianças neste projeto.

Temos reparado que a Girafa, por vezes, reage por imitação do grupo e se alguém se levanta, esta levanta-se também, notando-se que pensava que era para todos o fazerem. Hoje esta situação voltou a acontecer quando a S. disse ao Coelho que podia ir à casa de banho, a Girafa levantou-se e quando viu que mais ninguém se levantou, percebeu que não era suposto seguir o colega e voltou à atividade que estava a fazer.

Por vezes o Gafanhoto inicia conversas connosco (adultas) que revelam que consegue muito persuasivo e argumentativo para conseguir aquilo que pretende. A seguir ao lanche o Gafanhoto chamou-me para falar comigo:

- Vera, posso falar contigo, posso? - Gafanhoto

- Sim, diz... - Vera

- Não, podes vir aqui ao pé de mim? - Vera

- Pronto, diz lá. - Vera

- Eu acho que hoje me portei muito bem e que por isso mereço dar comer à tartaruga, não achas? - Gafanhoto

- Eu concordo que tu te portaste bem, mas hoje será a Formiga a dar comida à Minnie, também ela se portou muito bem e comeu a sopa toda muito rápido, o que não costuma acontecer. Não achas que ela merece? - Vera

- Sim, pode ser ela a dar. Noutro dia sou eu, está bem? - Gafanhoto

(Nota de campo, sala de atividades, 20 de maio de 2016)

23 de maio de 2016

Hoje fizemos mais um desenho livre, as crianças mostraram-se interessadas quando lhes perguntei se queriam fazer um desenho. Quando coloquei as folhas em cima da mesa, muitas delas já tinham escolhido os lápis com que queriam pintar. Após o desenho, fiz o registo narrativo do que desenharam. Durante a sessão de ginástica a Coruja lembrou-se novamente de que não me tinha dado um beijo e dirigiu-se a mim como intuito de mo dar. Parou à minha frente e disse: “Vera eu não te dei um beijo.” Aceitei o seu beijo e ela continuou o seu exercício. A Formiga costuma ficar sempre no refeitório para terminar de comer enquanto o restante grupo se dirige à casa de banho para fazer a higiene, no entanto, desde há cerca de uma semana para cá, que a Formiga tem sido das primeiras a acabar de comer, mostrando-se bastante orgulhosa. No primeiro dia em que tal aconteceu a Formiga teve a oportunidade de dar comida à Minnie, pois, tal como combinámos na sala, quem se portar bem à mesa do almoço ganha o direito de o fazer. O que acontece é que as crianças que costumam acabar sempre em primeiro, passam a fazer uma rotatividade, caso contrário seriam sempre os mesmos dois (Grilo e Borboleta) a cumprir a tarefa de alimentar a Minnie.

A Raposa tem-se revelado cada vez mais agressiva a falar, tanto com os adultos como com as crianças. A N. está muito preocupada com esta situação pois já tentou várias abordagens e com nenhuma delas conseguiu modificar o comportamento da Raposa. Hoje como foi o dia de receber os pais ao final do dia, aproveitou e expôs a sua preocupação aos pais, quando vieram buscar a menina. Ficou acordado que falariam com a psicóloga para tentar encontrar uma solução.

24 de maio de 2016

Enquanto marcávamos as presenças, as crianças foram identificando os amigos que não estavam na escola. Neste momento, é visível a compreensão que as crianças têm do instrumento que utilizamos para marcar as presenças. Quando estamos a marcar as presenças as crianças vão dizendo quem está e quem não está, no final pedem para colocar casinha no lugar dos amigos que estão a faltar. Mesmo o Sapo, que regressou há pouco tempo, já sabe que quando falta alguém, temos de colocar a casa no seu lugar. Esta é, também, uma atividade que desenvolvo com a Girafa para que ela identifique os amigos pelo nome, uma vez que quando faltam lhe peço que vá colocar a casinha no lugar de determinada criança, desta forma ajuda a associar o nome à imagem da criança em questão.

- Quem vem agora por o babete é uma menina que usa sempre, sempre, sempre, todos os dias, um laço na cabeça. – N.  
- É a Borboleta. – Gafanhoto  
- Agora uma menina que já não usa fralda para dormir e está muito crescida – N.  
- Sou eu – Tartaruginha  
- Boa, muito bem, e agora pode vir... a menina que hoje chegou mais tarde porque foi ao sr. doutor – N.  
- Ahhh... fui eu... – Formiga  
(Nota de campo, 24 de maio de 2016, tapete da sala de atividades)

Estes jogos de socialização são dinamizados várias vezes por mim e pela N., hoje antes do almoço a colocação dos babetes foi feita segundo indicação da N. sobre as crianças, sem utilizar os nomes para ver quem associava as características à pessoa.

25 de maio de 2016

Esta semana temos tido algumas crianças doentes, de maneira que se tem notado na sala, na realização de atividades. Hoje para a sessão de ginástica só estavam oito crianças, pelo que não foi necessário ficar a auxiliar o professor. Quando estivemos no

refeitório ofereci uma caixa com diversas peças de jogos para as crianças brincarem. Prontamente cada um selecionou as peças com que queria brincar, colocando-as à sua frente e começando a construir objetos. A Borboleta separou umas peças de encaixe redondas e começou a construir um comboio, ao fim de um tempo, depois de dizer as cores todas, disse: “vou fazer uma cadeira, é uma festa”. Posto isto, começou a juntar as peças e fez várias cadeiras, começando por juntar peças da mesma cor e posteriormente peças de cor diferente. Quando lhe perguntei o que faltava, disse-me “bonecas”. Quando terminou a ginástica pensámos em repetir o desenho livre com as crianças, uma vez que a sala estaria ocupada pela outra sala de 2 anos na sessão de ginástica decidimos fazê-lo na mesa comprida do refeitório. O grupo ficou bastante entusiasmado por realizar esta atividade num local em que não é normal acontecer. A Raposa ficou sentada numa ponta da mesa, e sempre que eu passava por ela, agarrava-me com força, sendo necessário pedir que me soltasse.

27 de maio de 2016

Hoje resolvi fazer marcação de presenças de uma forma diferente, uma vez que estão a faltar bastantes crianças. Esta alteração foi, em grande parte, uma estratégia para envolver a Raposa numa tarefa, impedindo-a de estar no tapete, local onde normalmente acaba por magoar os colegas. Assim, pedi que me trouxesse o cesto com as fotografias de 5º feira e fui retirando as fotografias uma a uma e pedi-lhe que fosse entregar à respetiva criança para que esta marcasse a presença. Este foi um momento em que a Raposa se manteve concentrada e não se mostrou agressiva para com os colegas de sala. Após todos marcarem a sua presença, pedi que me dissessem quem é que estava a faltar, as crianças foram dizendo os nomes de quem faltava e podiam ir colocar a casa no lugar da respetiva criança. Durante a sessão de música, as crianças que não frequentam foram para o exterior, quando a sessão terminou as restantes juntaram-se a nós.

Cá fora, a Formiga e a Coruja vieram chamar-me e perguntar se eu queria um sumo. Dirigi-me para onde me indicaram a “loja” e quando cheguei vi que tinham virado o escorrega de lado. Estavam o Periquito, o Coelho e o Gafanhoto em cima da lateral do escorrega e o Grilo e o Tigre em baixo com o próprio escorrega a separá-los como se se tratasse de um balcão. Quando cheguei perguntei porque tinham virado o escorrega, o Periquito responde-me:

- Não é um escorrega Vera, é uma loja, tu queres alguma coisa? – Periquito
  - Sendo assim quero um sumo de fruta, que frutas há? – Vera
  - Bananas – Grilo
  - Maçãs e peras – Formiga e Coruja
  - Então quero um sumo de pera e banana, com uma palhinha. – Vera
- (Nota de campo, 27 de maio de 2016, exterior da instituição)

30 de maio de 2016

Durante a sessão de ginástica a Coruja e o Gafanhoto vieram ter comigo e disseram-me que são namorados.

- Vera, eu a Coruja agora somos namorados. – Gafanhoto

- Ai são? E quando é que decidiram isso? – Vera

- Foi agora mesmo. – Gafanhoto

Durante toda a sessão andaram de mãos dadas e o que um fazia o outro fazia também, tive mesmo de pedir que largassem as mãos para que pudessem fazer os exercícios que o professor dizia.

(Nota de campo, 30 de maio de 2016, sala de atividades)

Durante a refeição, como tem sido habitual, quem termina de comer primeiro e se porta melhor, dá comida à Minnie. Hoje a Raposa, terminou a sopa em primeiro e disse-lhe que se não batesse à Abelha, coisa que estava a tentar fazer, seria ela a alimentar a Minnie. Este incentivo não resultou, pois, passado pouco tempo a Raposa já estava a tentar bater novamente na amiga que estava sentada ao seu lado, voltei a avisá-la e disse que se continuasse com aquele comportamento outro colega daria comida à tartaruga. Durante algum tempo a Raposa esteve mais calma, e assim, foi ela a dar comida à Minnie. Durante este tempo, o sapo esteve constantemente a chamar-me para dizer que estava quase a terminar a sopa, para que fosse ele a dar comida à Minnie, mas expliquei-lhe que já tinham terminado mais três colegas, e que para ser ele teria de começar a comer quando chegamos ao refeitório e nos sentamos.

A seguir à minha pausa para o almoço, quando cheguei à sala a Raposa já estava a dormir, o que não costuma acontecer, sendo das últimas a adormecer. Hoje a Raposa chegou mais cedo do que o habitual e vinha ao colo do pai, o que eu ainda não tinha presenciado.

31 de maio de 2016

Hoje houve sessão de música e como algumas crianças estavam a faltar pedimos ao professor se o Gafanhoto podia assistir, tendo em conta que na última vez que assistiu desafiou o professor ao esconder os instrumentos no momento de os entregar, a N. chamou-o à parte e lembrou-o desse episódio, dizendo que não poderá repetir-se. O

- Vera, eu vou portar-me bem e não vou esconder os instrumentos do Z. -  
Gafanhoto

- Tens de te lembrar disso, porque és convidado para a música e não podes  
destabilizar - Vera

- Sim, eu sei Vera, eu não faço mais. - Gafanhoto

(Nota de campo, 31 de maio de 2016, sala de atividades)

Gafanhoto assentiu e de seguida veio dizer-me:

Esta situação tem-se repetido várias vezes, o Gafanhoto após conversar com a N. e a S. sobre qualquer assunto, dirige-se a mim com a mesma conversa, como que a tentar obter uma resposta diferente. O que mais tem acontecido, é durante a refeição, sempre que termina de comer o Gafanhoto chama e pergunta se pode ser ele a dar comida à Minnie, o que não pode acontecer todos os dias porque todos devem ter a oportunidade de o fazer. Nestas situações, o que acontece é o Gafanhoto perguntar a uma de nós e se a resposta for negativa, ele chama outro adulto e faz a mesma pergunta, à qual a resposta é a mesma.

A seguir à sessão de música ofereci um material novo para as crianças explorarem - blocos de madeira - foi uma experiência engraçada porque a maioria começou a empilhar as peças, fazendo torres. Houve algumas crianças que, face à quantidade de peças, juntaram-se aos pares para poderem ter mais peças.

1 de junho de 2016

Hoje o dia foi dedicado ao dia da criança, como tal, preparámos algumas surpresas para o grupo da sala colmeia.

Durante a manhã, enquanto brincavam no exterior com música de fundo, as crianças vinham ter comigo e eram presenteadas com uma pintura corporal (optei por não fazer na face devido ao calor). Estavam muito entusiasmadas e praticamente não saíam de perto de mim, enquanto esperavam a sua vez. Enquanto o grupo da ginástica realizou a sessão com o professor, os que não têm continuaram na rua a brincar e a dançar. Quando o grupo voltou a estar todo junto, foi a altura de fazer sumo de laranja para o almoço. Como o espremedor era elétrico, algumas crianças não tinham força para segurar a laranja e desse modo eu auxiliei quem precisou de ajuda.

A grande surpresa foi quando colocámos as mesas e cadeiras na rua para podermos almoçar ao ar livre. As crianças adoraram a ideia e aproveitaram ao máximo o picnic improvisado. Como lembrança deste dia, preparámos um pequeno bouquet feito com bolachas caseiras para cada criança levar para casa. Foi uma pequena recordação que marcou tanto o dia da criança como o último dia de estágio. Apesar de eu poder continuar na companhia deste grupo, é noutra registo que o farei e assim, este dia marcou o fim deste percurso maravilhoso.

## Anexo D - Escalas de envolvimento e do bem-estar

Tabela D 1 *Grelha de avaliação segundo as escalas do envolvimento e do bem estar*

<b>Gafanhoto</b> <b>Observação: brincadeira livre</b>	<b>Nº de adultos: 3</b>	<b>Bem-Estar/ Envolvimento</b>	<b>Borboleta</b> <b>Observação: hora de arrumar</b>	<b>Nº de adultos: 3</b>	<b>Bem-Estar/ Envolvimento</b>
Data: 6 maio	Horas: 16h25m	BE: 5	Data: 10 maio	Horas: 10h13m	BE: 5
No momento de brincadeira livre na sala, o Gafanhoto optou por brincar na área da casa, demonstrando total envolvimento na sua brincadeira, procurando os brinquedos de que necessita para dar continuidade à sua imaginação.			A criança encontra-se a arrumar as peças de lego após ter estado a brincar. Enquanto dois colegas arrumam também, a Borboleta diverte-se ao fazê-lo, sorrindo e mostrando sinais de relaxamento enquanto realiza a tarefa.		
O Gafanhoto revela estar divertido, é expressivo e espontâneo, conversa com ele próprio e mostra-se aberto aos estímulos que o ambiente proporciona.		EN: 5	Quando termina dirige-se ao adulto expressando satisfação ao anunciar que já terminou. Mostra níveis de grande concentração no que está a fazer, procurando as peças em cima, à volta e por baixo da mesa, mostrando-se atenta aos pormenores.		EN : 5

<b>Gafanhoto</b> <b>Nº de adultos: 2</b> <b>Observação: Sessão de música</b>	<b>Bem-estar/ Envolvimento</b>	<b>Borboleta</b> <b>Nº de adultos: 1</b> <b>Observação: material de construção(peças de encaixe)</b>	<b>Bem-estar/ Envolvimento</b>
<b>Data: 13 maio</b> <b>Horas: 10h42m</b>		<b>Data: 25 maio</b> <b>Horas:10h35m</b>	
<b>Durante a sessão de música, o Gafanhoto está envolvido na atividade, ainda que durante alguns instantes a atenção seja mais superficial. Nota-se o desafio presente na tentativa de realizar todos os gestos que o professor indica.</b>	BE: 4	Na atividade construção com jogos de encaixe, a Borboleta mostrou estar confiante e segura no que estava a fazer. Não forma demonstrados sinais de stress ou tensão e a criança aparentava estar divertida.	BE: 5
<b>É notável o divertimento na realização da atividade, sendo expressivo, sorrindo e ao brincar com os sons da música, no entanto, estes sinais não estão presentes ao longo de todo o tempo de observação.</b>	EN: 4	A criança demonstra satisfação por participar na atividade, revelando concentração e precisão no que faz. Denota-se um envolvimento na atividade, não sendo observados momentos de distração.	EN:5

## **Anexo E - Portefólio do Papagaio**

# PORTEFÓLIO DO PAPAGAIO

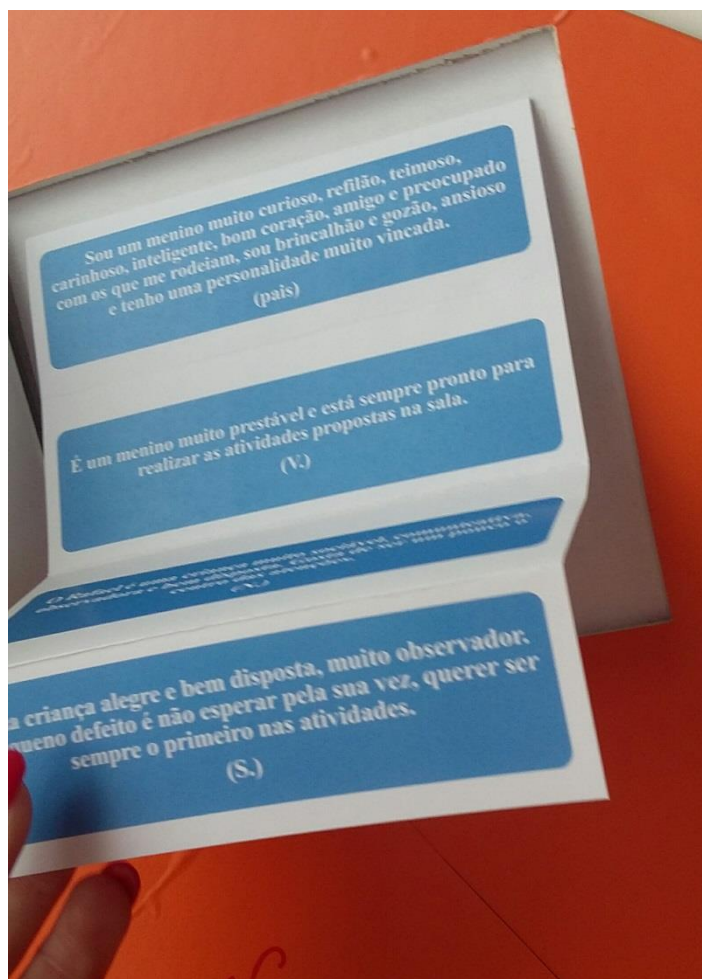


**SALA COLMEIA  
2016**

# MONTA O PUZZLE PARA DESCOBRIRES QUEM SOU



# Como é o Papagaio aos olhos da família e da equipa educativa



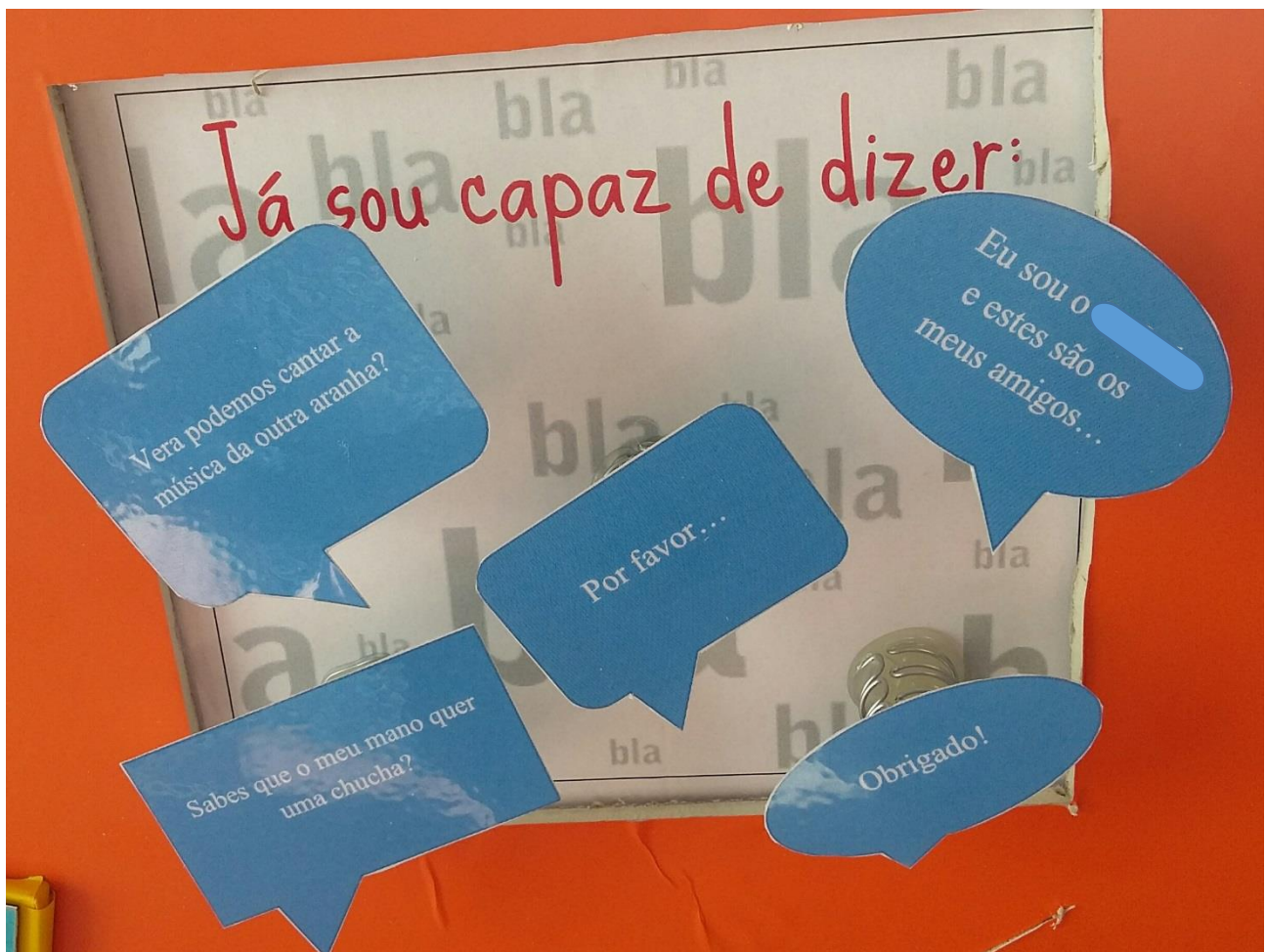
# DESENVOLVIMENTO MOTOR

Estou tão crescido...

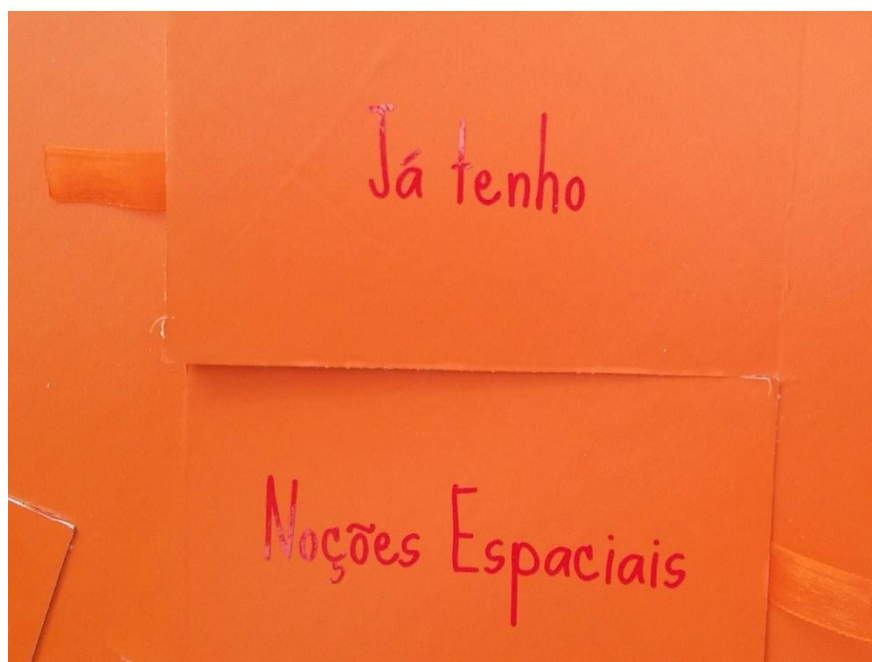
A brincar exploro  
o meu corpo e todas as  
potencialidades  
que ele me oferece...



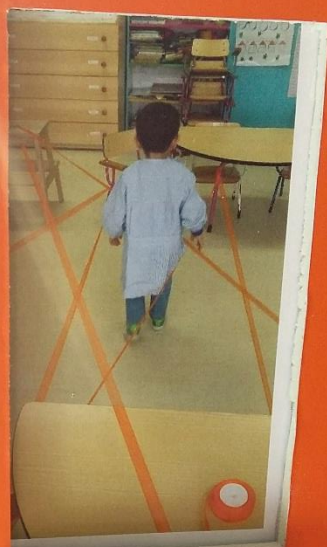
# DESENVOLVIMENTO DA LINGUAGEM



# DESENVOLVIMENTO COGNITIVO



Já tenho

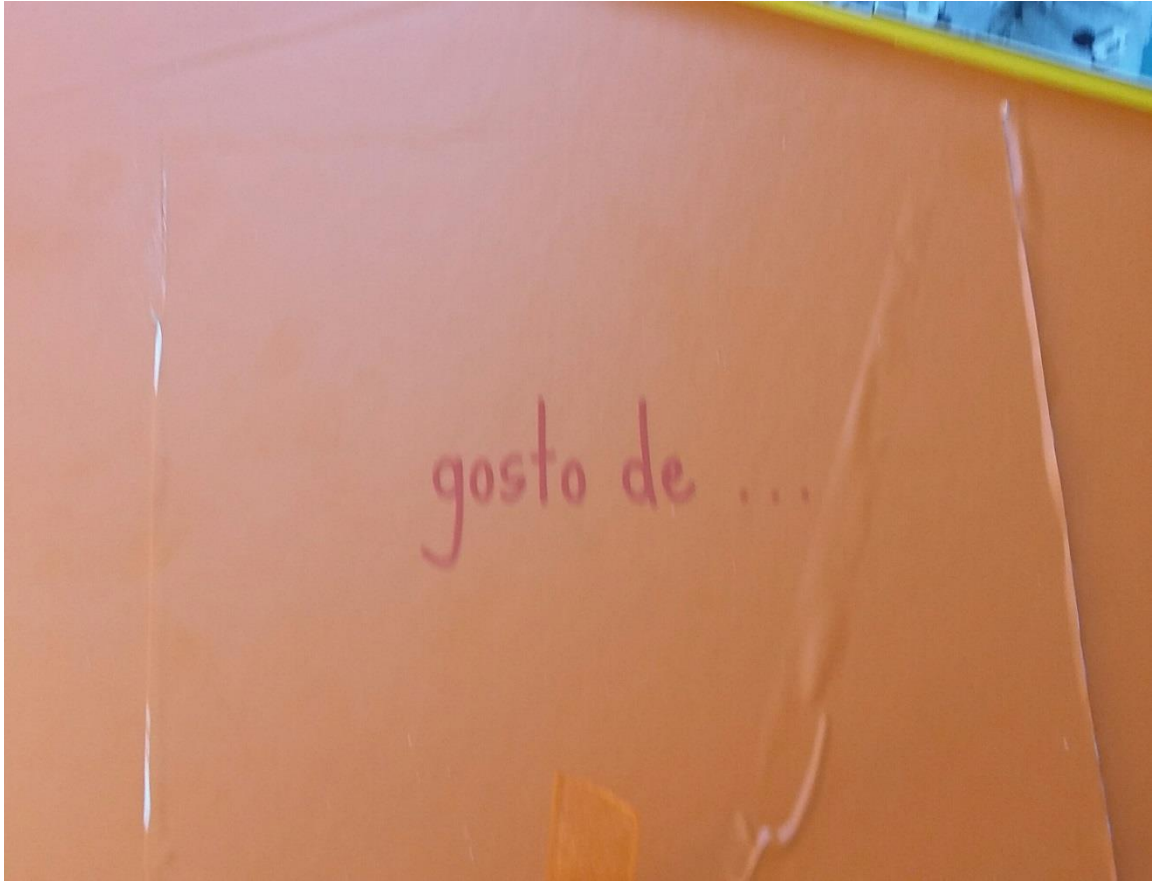


Para Trás!

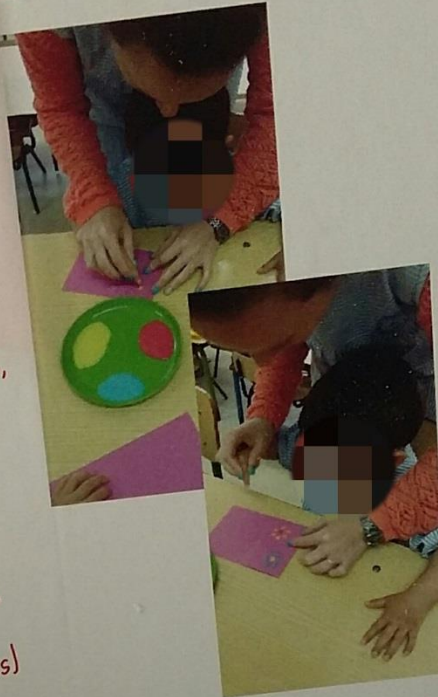
Para a Frente!

## COMPETÊNCIAS SOCIAIS E RELAÇÕES COM PARES

Meus Fofos



Gosto de brincar com legos,  
bolas saltitonas,  
andar de bicicleta,  
saltar na cama, ir aos parques,  
brincar com ferramentas,  
plasticina, pintar,  
ajudar o pai na cozinha e  
a mãe nas limpezas. (pais)



Gosta de brincar na casinha,  
fazer jogos de madeira  
e no recreio adora jogar à bola. (S.)  
Gosta de legos e de brincar  
na casinha. (N.)



Legos e jogos de encaixe,  
no recreio gosta de andar  
no carro amarelo  
e de jogar com a bola. (V.)



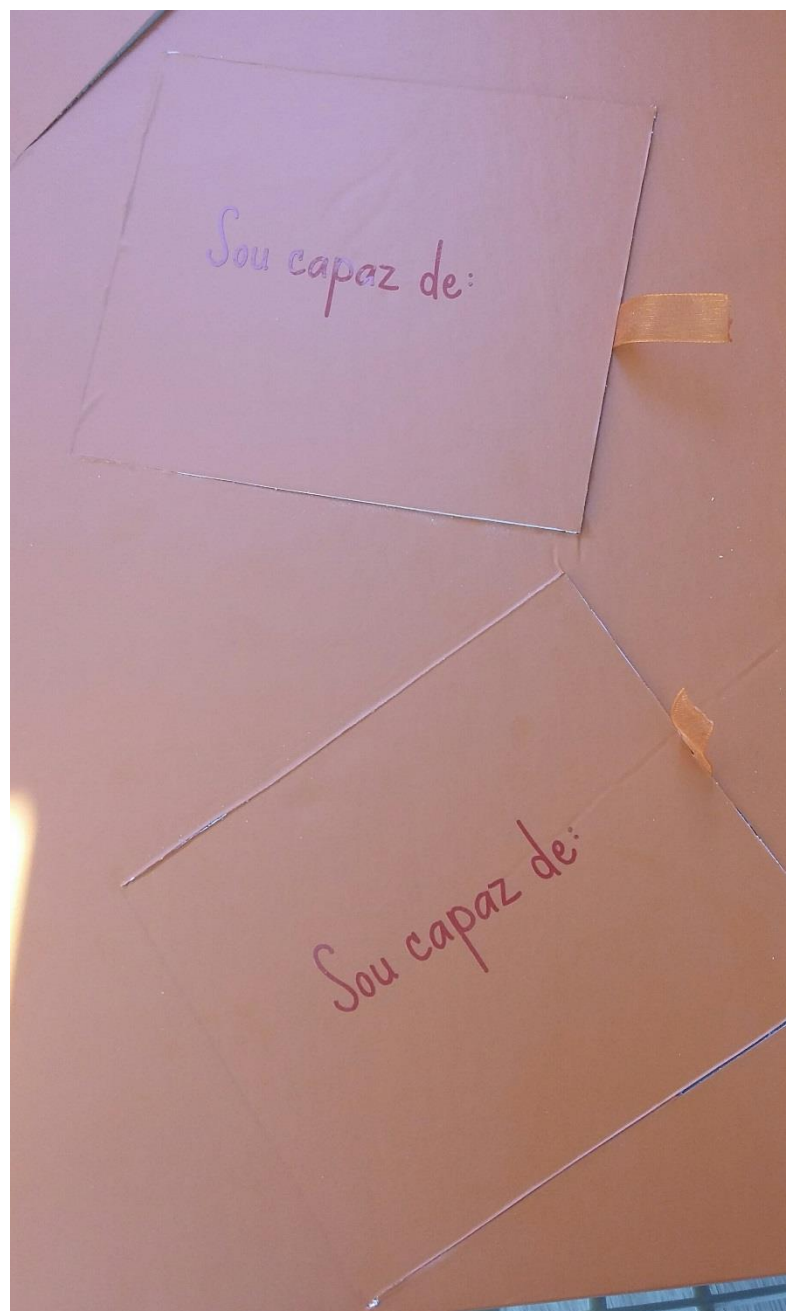
Sou amigo de...

Gosta de brincar em grupo,  
tem um bom relacionamento  
com os outros. (S)

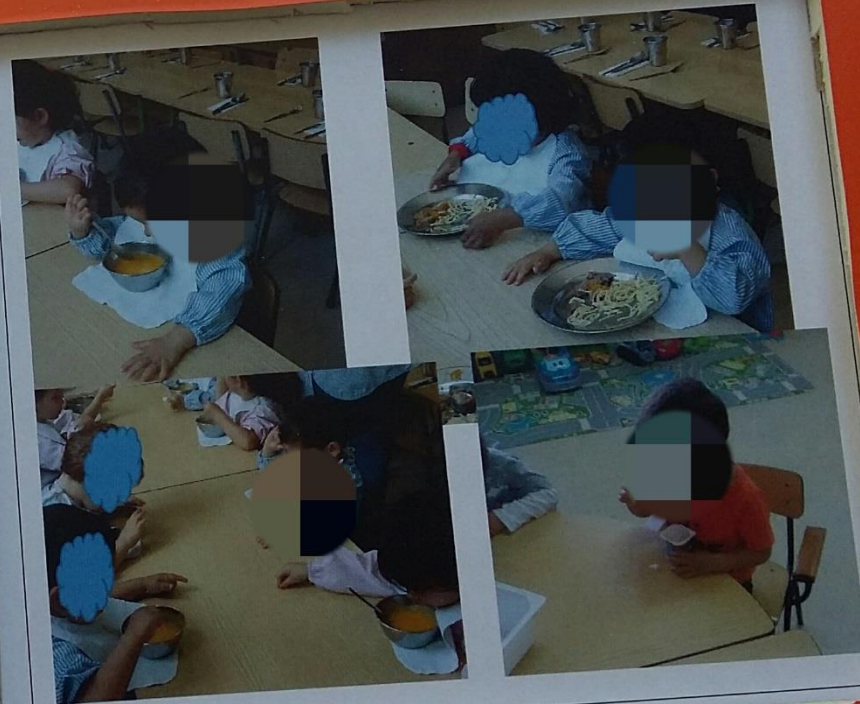
Já tem alguns amigos de eleição  
com quem gosta particularmente  
de brincar e preocupa-se com os outros. (N)



# AUTONOMIA



Comer sozinho...



# Fazer a minha higiene

Em casa pede para ir à casa de banho,  
vamos com ele para ajudá-lo.

Na rua ainda não pede porque usa fralda. (pais)





No âmbito da prática profissional supervisionada em creche (PPS I) do Mestrado em Educação Pré-escolar, da Escola Superior de Educação de Lisboa irei desenvolver um portefólio individual com uma das crianças da sala amarela. Este portefólio trata-se de um documento de avaliação construído em conjunto com a criança e respetiva família, bem como com a educadora responsável pelo grupo. É importante referir que todos os nomes serão codificados, tal como as fotografias utilizadas serão desfocadas de forma preservar a identidade da instituição e dos intervenientes envolvidos.

Agradeço, desde já, a disponibilidade e informo que no final da PPS I, o portefólio será entregue à família.

A Estagiária  
Vera Cruz Silva

---

Eu, \_\_\_\_\_, encarregado de educação de \_\_\_\_\_, autorizo/ ~~não autorizo~~ (riscar o que não interessa) a estagiária Vera Cruz Silva a desenvolver um portefólio individual com o meu educando.

\_\_\_\_\_  
(O Encarregado de Educação)

## **Percurso de desenvolvimento:**

Questionário colocado à família:

### **Como descrevem o percurso de desenvolvimento do *Papagaio*?**

- Desde pequenino que é muito curioso, muito afetivo e tem mostrado vontade em aprender sempre mais com o que lhe dá mais luta. Tem estado sempre “um passo” à frente das coisas para a idade dele.

### **Consideram que o *Papagaio* se adaptou bem à creche e às respetivas salas que frequentou?**

- Sim. O *Papagaio* é uma criança que se adaptou bastante bem à escola, sempre ficou na escola com vontade, sem ser contrariado, sem birras. Quando o vamos buscar ainda quer ficar a brincar.

### **Qual a opinião que têm acerca da permanência do *Papagaio* na creche? Consideram uma mais valia para o seu desenvolvimento?**

- É sem dúvida uma mais valia, notamos uma grande diferença quando o *Papagaio* foi para a creche. A relação com os outros meninos, o descobrir as coisas, querer aprender mais e desenvolveu bastante a comunicação.

### **Como me alimento em casa? Como sozinho ou com ajuda?**

Em casa não come sozinho, só quer comer com ajuda, se tiver nos dias muito bem-disposto ou com algum interesse como sozinho.

### **Em casa, dirijo-me à casa de banho sozinho? E quando saio à rua?**

Em casa pede para ir à casa de banho, vamos com ele para ajudá-lo. Na rua ainda não pede porque usa fralda.

## Questionário respondido pela família

Quem sou eu?

Visto pela minha família

Sou o [redacted] e tenho 3 Anos.

Como eu sou...

Sou um menino muito curioso, feliz, teimoso, engraçado, inteligente, bom jogador, amigo e participativo com os que me rodeiam, sou brincalhão e gozoso.

Gosto de brincar com... lencinho e tenho uma personalidade muito legos, bolas saltitonas, zanca de bicicleta, saltar fora na cama, ir aos parques, brincar com peleznantes, vineta Plástica, pintar, ajudar o pai na cozinha e a mãe nas limpezas, etc.

Como me relaciono com os adultos?

Sou um menino seletivo nas pessoas com quem me relaciono. Mas no geral gosto bastante de brincar com os adultos porque me percebem bem.

Como me relaciono com as outras crianças?

Relaciono-me bastante bem com crianças mais velhas com os meninos da minha idade, tenho mais dificuldade pelo facto de não me acompanharem nas brincadeiras.

Como me relaciono com os brinquedos?

Gosto de explorar certos brinquedos específicos como puzzles, brincar com peleznantes imitando os adultos. Tenta perceber para que servem, gosto de brincar com violin, conserto - se apenas com um.

Quando estou contente...  
É um menino bem disposto, fazem tudo de mim, zelo bem as coisas, gosto de ajudar e participar nas tarefas.

Quando me sinto zangado...

Não é um menino fácil quando o contrariam, faz birra e chora, mas depois de ver que está errado pede desculpa e passa sem lencinho.

Quando tenho fome...

Não é uma criança que gosta muito de comer. As vezes é preciso muita paciência.

Quando estou doente...

É uma experiência que se nota logo quando está doente porque quebra.

É bastante cooperativo na doença?

Como me alimento em casa? Como sozinho ou com ajuda?

Em casa não como sozinho, só que como com ajuda. Se tiver nos zizus muito bem disposto ou com algum interesse como sozinho.

Em casa, dirijo-me à casa de banho sozinho? E quando saio à rua?

Em casa não posso ir à casa de banho, vamos com ele para ajudá-lo. Na rua não posso porque use fraldas.

## Questionário respondido pela equipa educativa

Quem sou eu? (O Papagaio visto pela equipa educativa)

o [redacted] um menino com 3 anos, pequeno mas muito engraçadinho

Sou o [redacted] tenho 3 anos de idade do tempo e passo um mês em um ponto pequeno.

Como eu sou...

É uma criança alegre e bem disposta muito observadora.

O pequeno defeito é não esperar pela sua vez, quer ser sempre o primeiro nas actividades, um pouco tímido.

O [redacted] é uma criança muito social, comunicativa, observativa e bem disposta. Gosta de ser um pouco o centro das atenções.

Gosto de brincar com...

Gosta de brincar na cozinha, fazer jogos de madeira e no recreio gosta de jogar à bola.

Legos e na cozinha.

Como me relaciono com os adultos?

Tem um bom relacionamento com os adultos, gosta muito de conversar.

Muito extrovertido, gosta de conversar.

Como me relaciono com as outras crianças?

Gosta de brincar em grupo tem um bom relacionamento com os outros

Já tem alguns amigos de eleição com quem gosta particularmente de brincar e preocupa-se dos outros.

Como me relaciono com os brinquedos?

Tem bom relacionamento.

Já vai partilhando

Quando estou contente...

É muito bem disposto, gosta de espalhar a alegria e cantar

Super bem disposto, conversador, adora cantar.

Quando me sinto zangado...

Tem mau feio e por vezes tem mesmo de ser repreendido.

Tímido e ansioso.

**Quando tenho fome...**

Peço para comer...

**Quando estou doente...**

nota-se logo fica quieto no seu lugar sem conversas.

Fica muito parado, sem brincar, sem falar, percebemos logo que não está bem.

## **Questionário respondido pela estagiária**

### **Quem sou eu?**

É um menino muito prestável está sempre ponto para realizar as atividades propostas na sala. É das crianças que mais fala na sala, sendo quase o relações-públicas do local, quando alguém novo vem à sala, el afaz aas apresentações de toda a gente.

### **Como eu sou...**

Muito extrovertido, sempre bem disposto e muito curioso.

### **Gosto de brincar com...**

Legos e jogos de encaixe, no recreio gosta de andar no carro amarelo e de jogar com a bola.

### **Como me relaciono com os adultos?**

Tem um discurso muito correto, sabe conversar com os adultos e dizer o que sente. É uma criança que exige muita atenção do adulto e por isso mantém uma relação saudável com os adultos da sala.

### **Como me relaciono com as outras crianças?**

Muito bem, por vezes existem conflitos por querer ser ele a decidir o que fazer, mas também sabe ceder e brincar ao que os amigos dizem.

### **Como me relaciono com os brinquedos?**

Gosta de brincar com muitos brinquedos e por vezes tem alguma dificuldade em partilhá-los com os amigos, embora seja passageiro, pois rapidamente encontra soluções para que brinquem todos sem problemas.

### **Quando estou contente...**

É muito sorridente, não para de falar, parece um verdadeiro papagaio. Canta muito e sabe as canções todas que cantamos na sala e na sessão e música.

### **Quando me sinto zangado...**

Amua, cruza os braços e fica com uma expressão de desiludido. Por vezes faz umas birras, mas depois de uma conversa consegue entender que não é através desse comportamento que conseguirá exprimir-se.

### **Quando tenho fome...**

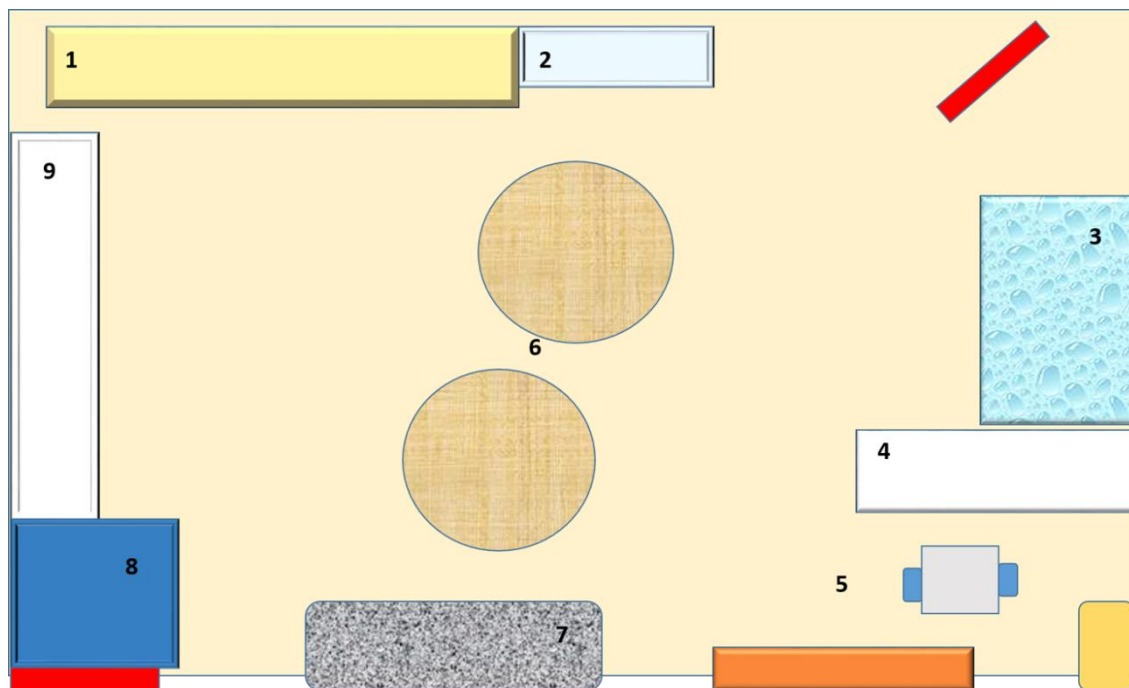
Sabe dizer quando tem fome, embora seja um menino que não come muito. Demora muito tempo a comer e muitas vezes necessita de ajuda.

### **Quando estou doente...**

Nota-se logo quando está doente, fica muito parado e triste.

## Anexo F - Planta da sala Colmeia

Figura F 1 *Planta da sala Colmeia*



Legenda:

1- bancada de mudas

2- área da biblioteca

3- área do tapete

4- área de jogos de construção

5- área da casa

6- mesas de atividades

7- área da garagem

8- piscina de bolas

9- armário de material

## Anexo G - Princípios éticos, deontológicos e profissionais

Tabela G 1 *Relação dos princípios éticos e deontológicos observados na prática*

Cumprimentos verificados na investigação	Tomás (2011)	APEI (s.d.)
<p>Todas as decisões, planificações e conclusões são discutidas com a equipa educativa, que é um apoio indiscutível neste percurso. Com as crianças há sempre uma conversa prévia acerca do que pretendo fazer e como o vamos realizar.</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Objetivos do trabalho</li> <li>• Decisões acerca de quais as crianças a envolver e a excluir</li> <li>• Fundamentos</li> <li>• Planificação e definição dos objetivos e métodos da investigação</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Respeitar cada criança . . . numa perspetiva de inclusão e de igualdade de oportunidades . . .</li> <li>• Responder com qualidade às necessidades educativas das crianças, promovendo para isso todas as condições que estiverem ao seu alcance</li> <li>• Garantir os interesses das crianças</li> <li>• Contribuir para o debate, a inovação e a procura de práticas de qualidade</li> </ul>
<p>A todos os intervenientes foi colocada a questão de querer ou não participar nesta investigação, às crianças foi explicado que as suas fotografias e produções seriam apresentadas, mas sem mostrar os nomes ou as caras. Todas as fotografias são desfocadas e nomes codificados, crianças, adultos e instituição. Foi elaborado um documento de consentimento informado com a família da criança escolhida para a realização do portefólio.</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Respeito pela privacidade e confidencialidade</li> <li>• Consentimento informado</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Garantir o sigilo profissional, respeitando a privacidade de cada criança</li> <li>• Manter o sigilo relativamente às informações sobre a família salvo exceções [<i>sic</i>] que ponham em risco a integridade da criança</li> </ul>

<p>Penso não existirem custos subjacentes a esta investigação, uma vez que é algo que faz parte da rotina das crianças, são atividades planeadas e dinamizadas dentro do espaço existente para atividades orientadas. A nível de benefícios, espera-se que as crianças adquiram competências na área de desenvolvimento motor, pessoal e social com as atividades propostas. O impacto possível a identificar nas crianças será uma socialização entre pares, resultante da partilha de materiais.</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Custos e benefícios</li> <li>• Possível impacto nas crianças</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Promover a aprendizagem e a socialização numa vida grupo cooperada, estimulante, lúdica, situada na comunidade e aberta ao mundo</li> <li>• Garantir que os interesses das crianças estão acima de interesses pessoais e institucionais</li> </ul>
<p>Todos os resultados serão expostos aos intervenientes, as produções das crianças serão expostas para que todos as possam ver. O portefólio da criança será entregue aos pais e a equipa educativa terá um exemplar do relatório da PPS I. Desta forma é garantido acesso a todos os resultados e conclusões para todos os intervenientes.</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Uso e relato das conclusões</li> <li>• Informação às crianças e adultos envolvidos</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Partilhar informações relevantes, dentro dos limites da confidencialidade</li> <li>•</li> </ul>

## Anexo H - Protocolo de consentimento informado

---



No âmbito da prática profissional supervisionada em creche (PPS I) do Mestrado em Educação Pré-escolar, da Escola Superior de Educação de Lisboa irei desenvolver um portefólio individual com uma das crianças da sala amarela. Este portefólio trata-se de um documento de avaliação construído em conjunto com a criança e respetiva família, bem como com a educadora responsável pelo grupo. É importante referir que todos os nomes serão codificados, tal como as fotografias utilizadas serão desfocadas de forma preservar a identidade da instituição e dos intervenientes envolvidos.

Agradeço, desde já, a disponibilidade e informo que no final da PPS I, o portefólio será entregue à família.

A Estagiária  
Vera Cruz Silva

---

Eu, \_\_\_\_\_, encarregado de educação de \_\_\_\_\_, autorizo/ ~~não autorizo~~ (riscar o que não interessa) a estagiária Vera Cruz Silva a desenvolver um portefólio individual com o meu educando.

\_\_\_\_\_  
(O Encarregado de Educação)